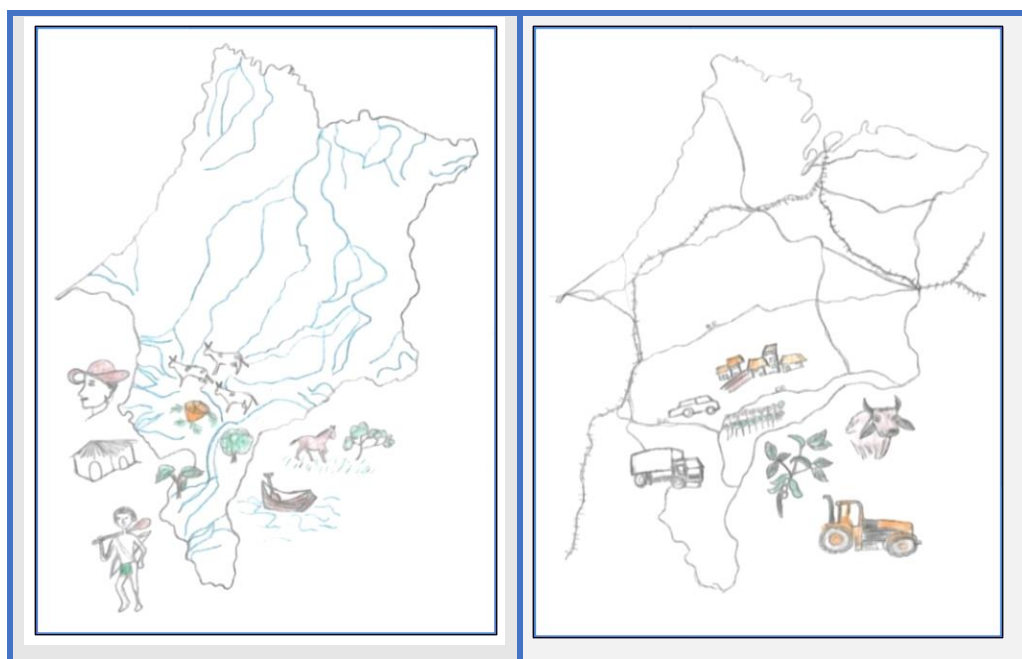




UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROSIMARY GOMES ROCHA



SER E VIVER O SERTÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE SERTANEJA NO SUL DO
MARANHÃO (1950-2017)

RECIFE
2017

ROSIMARY GOMES ROCHA

**SER E VIVER O SERTÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE SERTANEJA NO SUL DO
MARANHÃO (1950-2017)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Geografia.

Área de concentração: Regionalização e Análise Regional

Orientador: Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

**RECIFE
2017**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

R672s Rocha, Rosimary Gomes.
 Ser e viver o Sertão : memória e identidade sertaneja no sul do Maranhão
(1950-2017) / Rosimary Gomes Rocha. – 2017.
 287 f. : il. ; 30 cm.

 Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-graduação em Geografia, 2017.
 Inclui referências, apêndices e anexos.

 1. Geografia. 2. Geografia - Maranhão. 3 Maranhão - História. 4. Cerrados. 5.
Sertanejos. 6. Identidade social. 7. Memória I. Maciel, Caio Augusto Amorim
(Orientador). II. Título

910 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-263)

ROSIMARY GOMES ROCHA

**SER E VIVER O SERTÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE SERTANEJA NO SUL DO
MARANHÃO (1950-2017)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Aprovada em: 06/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (Examinador Externo)
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Tanya Maria Pires Brandão (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

À Emanuela, que me motiva a sonhar.

AGRADECIMENTOS

Quantas vezes na vida me surpreendeu a maneira como, entre multidões de pessoas que existem no mundo, acabamos encontrando aquelas que de algum modo possuíam as tábuas do nosso destino, como se pertencêssemos a uma mesma organização secreta, ou aos capítulos de um mesmo livro! Nunca pude saber se reconhecemos essas pessoas porque já as procurávamos, ou as procuramos porque elas já rondavam o nosso destino.

(Ernesto Sabato)

É com base nas palavras de Ernesto Sabato, que expresso aqui meus agradecimentos. Pois minha caminhada tem sido costurada por meio de encontros, desencontros e escolhas. Encontro com anjos vestidos de pessoas e de escolhas sobre a forma de Ver, Ser e Agir. Ou seja, nossa existência está amparada pelo companheirismo, que não quer dizer, necessariamente, que compartilhemos um mesmo pensar com todos que nos rodeia, e, nem ao menos, que essas pessoas precisem compartilhar o mesmo pensamento e forma de agir nossa, mas que é por meio do diferente e do não concordar que vamos aprimorando o olhar e o pensar acerca do mundo, da vida.

Desta feita, um doutorado, que envolve bem mais do que a pesquisa e a escrita de uma tese, nunca é produzido sozinho, para que ele seja materializado há uma coletividade envolvida, estando presentes, além dos sujeitos que se inserem como objeto da pesquisa, nossos professores, família, amigos já feitos antes e os que surgem durante, dentre outras pessoas e instituições.

Nesse sentido, agradeço imensamente às instituições e pessoas que contribuíram e que, de certa forma, conduziram-me à concretude de tal empreitada. Dentre os quais destaco, os sujeitos envolvidos diretamente na pesquisa, os sertanejos. Especialmente aos que me receberam gentilmente em suas casas e de forma harmoniosa e com momentos que aguçaram nossas emoções, rememoraram suas trajetórias de vida, os marcos e lugares que fizeram/fazem parte de suas experiências. São eles: Dona Maria Nascimento, Sr. João Bandeira, Dona Maria do Carmo Maciel, Sr. Antônio Maciel e Sr. Francisco Barros. Assim como os vindos de fora, Sr. Everton dos Santos (paranaense) e Sr. Paulo Rosa (mineiro) por nos dispor de tempo para contribuir com a construção desse trabalho, por meio da concessão de entrevista a nós.

À minha família, especialmente à minha mãe Carmelita, minha filha Emanuela, meu irmão Roberto e às demais irmãs, pai, sobrinhas, tios e primos. Essa pesquisa é para nós, que somos sertanejos, conta nossa história!

Aos colegas do doutoramento, com alguns tive momentos de conflitos, válidos para o amadurecimento, com outros tive o prazer do encontro amigável e que permanecerão comigo, em minha memória, por toda a vida. Estes têm em suas mãos, baseadas nas conversas e nos debates, parte da responsabilidade na escrita e aprimoramento da tese, como também, no meu bem estar, durante essa fase, que lhe são próprias, as inquietações, dúvidas, anseios, angústias, crescimento e amadurecimento, tanto no que concerne ao intelectual, como ao psicossocial. Dentre muitos, cito, durante minha estada em Recife: Laryssa, Diego, Livânea, Marlene, Débora, Ivete, Marcos Allan e Ronaldo. E em Goiânia: Aline, Ana Carolina, Paulo Wendell, Ana Paula, Rose, Ingrid, Eliseu, Elisabete, Lídia, Franciane, Sélvia, Lorrane, Júlio César, Gilmar, Tatielle, Alex, Rosa, dentre outros, que também foram significativos.

Aos amigos, parceiros da vida, já existentes fora do convívio da Pós-Graduação, que contribuíram não só nesse momento, mas em todos os outros, quando não muito, torcendo pelo meu sucesso. Assim, agradeço imensamente à Rutiléia, Shéryda, Janyeid, Sandra, Marcos, Francisco Lima, Ronaldo, Ubiratane, Flávia, Francisco Vale.

Aos colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas do Campus de Grajaú, meu muito obrigada à Mônica, José Maria, Rone César, Luciano, Francisco, Ramon, Marcos Nicolau, Ubiratane e Luís Eduardo por terem sido favoráveis ao meu afastamento para as atividades da pesquisa.

Agradeço às Instituições envolvidas nesse trabalho e que proporcionaram sua realização: à Universidade Federal de Pernambuco, por meio do Programa de Pós-graduação em Geografia, local de meu doutoramento, ao Iesa – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal do Goiás, onde fui muito bem recebida e que pude, por meio do LABOTER – Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais, participar das atividades proporcionadas por essa Instituição. E de forma, a não ter preço, agradeço à Universidade Federal do Maranhão/Campus de Grajaú, pela minha liberação das atividades laborais e pela concessão da bolsa Capes Pródoutoral.

Ao grupo de Estudos Dona Alzira: Espaço, Sujeito e Existência. Foi com seus membros que aprendi a dar um valor maior à simplicidade, ao enxergamento do outro, à solidariedade. Como também, à seriedade na pesquisa.

À Adalberto Franklin (*in memoriam*) e Raimundo Santos pelas conversas acerca do Sertão Maranhense e pelos materiais disponibilizados.

Ao meu orientador, professor Dr. Caio Augusto Maciel, pelas dicas, puxões de orelha, leituras e correções textuais, pela relação amigável e sempre pronto a me atender nos momento de desespero.

À professora Dra. Maria Geralda de Almeida, com que convivi e aprendi acerca da Cultura, da Identidade e do Sertão. Sua experiência nos ajudou bastante sobre o pensar e o agir academicamente.

Ao professor Dr. Eguimar Chaveiro Felício, que me recebeu de braços abertos no IESA, inserindo-me junto ao grupo Dona Alzira: espaço, sujeito e existência, que com efeito, me abriu as portas para o conhecimento de pessoas e ideias sobre o mundo e para o mundo. Não tenho como agradecer imensa generosidade!

Só quem sai ao meio-dia, desesperado e faminto, está pronto para o Encontro. Só quem se liberta das altas muralhas do medo, estará pronto para encontrar, dentro de si, alguém melhor do que ele. Pois a existência só está oculta para ser revelada – a quem tenha olhos, sentidos e visões para vê-la e entendê-la em sua maravilhosa significação.

Brasigóis Felício

RESUMO

A formação histórica do Sul do Maranhão caracteriza-se pela sua apropriação por diferentes sujeitos, forjando identidades que os interligam ao meio biofísico em que se encontram. São populações indígenas, sertanejos, comunidades quilombolas e sulistas sojicultores que elaboram suas vidas através de estratégias socioespaciais, principalmente no âmbito rural. Como são grupos diversos, as suas atuações tendem a ser divergentes, embora, em alguns casos, os interesses sejam os mesmos, sendo tão somente as estratégias de (re)construção socioespacial diferenciadas. Como recorte metodológico, elegemos pensar o constructo socioespacial a partir dos sertanejos na efetivação desse local como lugar em que a existência está relacionada à corrente de criadores de gado que chegaram no século XVIII apropriando-se dos campos naturais da região. Para tanto, reportamo-nos aos fatores históricos que demonstram a primazia do Cerrado, bioma aí preponderante, que exerce/exerceu influência nas práticas dos sujeitos que, ao longo de suas trajetórias, costuram um lugar no qual a subjetividade é revelada pelas nuances contidas materialmente no espaço geográfico. Quando colocamos a natureza e o social em relevo, estamos enveredando pelo pensamento de que o sujeito reproduz o espaço continuamente, no entanto os fatores da natureza não são vistos apenas pela sua materialidade, exercem simbologias que influenciam no processo de apropriação social e que acabam forjando identidades. Dessa forma, vai se tecendo o pensar, o agir, o viver, ou seja, o lugar, o mundo. Dessa feita, tomamos, como forma de desvendamento do Sertão sul-maranhense, os conceitos de Cultura, Memória, Identidade e Lugar, como pressupostos para as re-existências, os modos de vida e as representações dos sertanejos. Temos, como objetivo geral, reconhecer o Sertão sul-maranhense a partir das relações históricas e geográficas, que dão pressuposto à constituição de uma identidade sertaneja, bem como interpretar as trajetórias e as transformações vivenciadas pelos sujeitos sertanejos, nos últimos 50 anos, com base no resgate da memória. No plano metodológico, procuramos interpretar o que está posto tendo em vista o enlace entre passado, presente e futuro, mediante a memória dos sertanejos como recurso principal. Isso porque as narrativas construídas por eles (sertanejos) nos possibilitaram apreender experiências espaciais e temporais de suas trajetórias, a forma como se organizam, seus desejos, suas práticas e, ainda, como se enxergam enquanto sujeitos possuidores de singularidades e conflitos. Pudemos, assim, identificar que, na trajetória dos mais velhos, existe uma relação de experiências que consubstanciam modos de ver e de fazer que remetem ao passado, mas não desvinculados do presente. As mudanças no Sertão são bem visíveis, vão desde a relação da materialidade traduzida na estrutura das casas, das estradas, nos meios de deslocamento, na substituição da vegetação original por pastagens para o gado, por campos de soja, estendendo-se aos rios que secam por conta da escassez de chuvas, como também perpassam pela subjetividade dos sertanejos, atravessada por conflitos consigo mesmo, acerca de seu lugar no mundo, como com o “outro”.

Palavras-chaves: Sertão sul-maranhense. Cerrado. Sertanejos. Memória e Identidade

ABSTRACT

The historical formation of the Southern Maranhão is characterized by its appropriation by different subjects, forging identities that interconnect them to the biophysical milieu in which they are. They are indigenous populations, sertanejos (hinterland people), quilombo communities and southern soy farmers that elaborate their lives through social-spatial strategies, mainly in the rural scope. As diverse groups, their actions tend to be divergent, although, in some cases, the interests are the same, being only the social-spatial (re)construction strategies differentiated. As a methodological cutout, we choose to think of the social-spatial construct from the sertanejos in the realization of this place as a place where existence is related to the current of cattle breeders who arrived in the XVIII century appropriating the natural fields of the region. For this purpose, we refer to the historical factors that demonstrate the primacy of the Cerrado Savannah, a biome prevailing there that exerts/exerted influence on the practices of the subjects who, along their trajectories, stitch together a place in which subjectively is revealed by the nuances contained materially in geographical space. When we place nature and social in relief, we are embarking on the thought that the subject reproduces space continuously, yet the factors of nature are not only seen by their materiality, they exert symbolologies that influence the process of social appropriation and that they end up forging identities. In this way, it is going to weave the thinking, the acting, the living, that is, the place, the world. By this made, we took the concepts of Culture, Memory, Identity and Place as presuppositions for the re-existences, the ways of life and the representations of the sertanejos, as a way of unraveling the Southern Maranhão Hinterland. We have, as a general aim, to recognize the Southern Maranhão Hinterland from the historical and geographical relations, which presuppose the constitution of the sertanejo identity, as well as to interpret the trajectories and transformations experienced by sertanejos subjects in the last 50 years, based on the rescue from memory. At the methodological level, we seek to interpret what is put in view of the link between past, present and future, through the memory of sertanejos as the main resource. This is because the narratives constructed by them (sertanejos) have enabled us to apprehend spatial and temporal experiences of their trajectories, the way they organize themselves, their desires, their practices and also how they see themselves as subjects possessing singularities and conflicts. We have thus been able to identify that in the trajectory of the elders there is a relation of experiences that consubstantiate ways of seeing and going that refer to the past, but not unrelated to the present. The changes in the Serão are very visible, ranging from the relation of materiality translated in the structure of the houses, roads, means of displacement, the replacement of the original vegetation by cattle pastures, by soybean fields, extending to the rivers that they dry up because of scarcity of rainfall, as well as the subjectivity of the sertanejos, crossed by conflicts with themselves,, about their place in the world, as with the other.

Key-words: Southern Maranhão Hinterland. Cerrado Savannah. Sertanejos; Memory and Identity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ocupação e Povoamento do Sul do Maranhão	31
Figura 2 - Organização do espaço rural no sul do Maranhão	32
Figura 3 - Municípios nos quais foi realizada a Pesquisa de Campo	40
Figura 4 - Burro com carga de mandioca	46
Figura 5 - Grupos de pesquisa em Geografia – Temática: Cultura	68
Figura 6 - Grupos de pesquisa em Geografia – Temática: Sertão	69
Figura 7 - Grupos de pesquisa em Geografia – Temática: Sujeito	71
Figura 8 - Grupos de pesquisa em Geografia – Temática: Memória	73
Figura 9 - Ponte sobre o riacho Arraia – divisa dos municípios de Lajeado Novo e Montes-Altos	74
Figura 10 - Ruína da casa da torre de Garcia d'Ávila	76
Figura 11 - Mapa do roteiro de desbravamento da Casa da Torre	77
Figura 12 - Localização do Sertão de Pastos Bons	79
Figura 13 - Igreja de São Bento – Pastos Bons/MA	81
Figura 14 - Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara – Carolina/MA	81
Figura 15 - Catedral de Nosso Senhor do Bonfim – Grajaú/MA	81
Figura 16 - Igreja Matriz de Santo Antônio – Balsas/MA	81
Figura 17 - Evolução da Fragmentação dos municípios maranhense nos períodos de 1870, 1950, 1991 e 2010	83
Figura 18 - Barco Estrela Branca em navegação pelo rio Grajaú, no primeiro quartel do século XX	87
Figura 19 - Municípios criados a partir do desmembramento do município de Grajaú-MA	91
Figura 20 - Cancela aberta	94
Figura 21 - Expansão da frente pastoril	99
Figura 22 - Localização aproximada das principais tribos indígenas – Sertão de Pastos Bons – Séculos XVIII e XIX	101
Figura 23 - Mapa de densidade populacional do estado do Maranhão (2010)	106
Figura 24 - Na parte frente, trabalho do vaqueiro com o gado. E detrás pode ser visto o curral feito de troncos de madeira e coberto por palha.	115
Figura 25 - Moradia sertaneja no Sul do Maranhão	115
Figura 26 - Utensílios domésticos dos sertanejos - 1-Pilão; 2-Cadeira de couro; 3-Couro curtido; 4- Sertanejo demonstrando os processos de curtição do couro	116
Figura 27 - A imagem retrata o dia do sepultamento do Sr. Moisés Rebelo Bandeira, no ano de 1983. Figura de grande representação política e econômica na região	117
Figura 28 - Porto de Rotas de Navegação do Estado do Maranhão - Séculos XVIII, XIX e meados do século XX)	121
Figura 29 - Vilas e rotas comerciais no século XIX – Sertão de Pastos Bons	122
Figura 30 - Estrada vicinal, que corta o Sertão, ligando os municípios de Lajeado Novo e Montes Altos	124
Figura 31 - Recorte de jornal constando poema de Cristino José Limeira em referência à casa de palha, moradia típica sertaneja até meados do século XX.	129
Figura 32 - Mosaico de figuras (Menino montado a cavalo, cercada para prender galinha, Almofada de birros, Cemitério no pátio da fazenda.	131

Figura 33 – Etapas da produção da roça de toco no Sertão maranhense tendo como base as falas dos sujeitos entrevistados.	144
Figura 34 - Reunião ocorrida na residência do Sr. e da Sra. Maciel para prática da reza.	148
Figura 35 - Uso de trator no manejo da terra	159
Figura 36 - Sistema de irrigação, usado no plantio de frutas na propriedade do Sr. Nescival Rocha.	160
Figura 37 - Pote e filtro de barro, copos de alumínio - utensílios utilizados para armazenar água para beber, postos em móvel de madeira	165
Figura 38 - Máquina de costura manual, ano de 1970	165
Figura 39 - Carnes de gado secando ao sol	166
Figura 40 - Canteiro de plantação de verduras; logo atrás, pés de frutas cultivados no quintal da casa	16
Figura 41 - Redes estendidas na sala de estar, usadas para dormir	166
Figura 42 - Pé de pequiheiro no meio da lavoura de soja	175
Figura 43 - Variação nos modos e meios de produção agrícola em Balsas de 1970 até os dias atuais	182
Figura 44 - Trecho do riacho Arraia que separa os municípios de Lajeado Novo e Montes-Altos/MA	188
Figura 45 - Antena de TV, poste de energia elétrica e casa construída em uma propriedade sertaneja	188
Figura 46 - Televisor em residências sertanejas	189
Figura 47 - Campo de soja cortado por estrada	190
Figura 48 - Rede de energia elétrica, pequena lavoura irrigada	190
Figura 49 - Roça de toco	190
Figura 50 - Uso de trator em pequena propriedade que faz cultivo irrigado	191
Figura 51 - Chiqueiro para prender galinhas	191
Figura 52 - Fogão à lenha e carvão	192
Figura 53 - Galinhas criadas soltas nos quintais das casas	193
Figura 54 e 55 - Reunião na casa de sertanejos para celebrar o fim de mais um ano	194
Figura 56 - Criação de gado a solta nas chapadas do Sul do Maranhão	212
Figura 57 - Produção de soja nas chapadas do Sul do Maranhão	213
Figura 58 - Vaqueiro em trabalho com o gado montado numa motocicleta	213
Figura 59 - Sertanejo a caminho da roça	216

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 - Períodos de visitas e trabalhos de campo – Sertão sul-maranhense	40
Quadro 02 - Caracterização dos locais em que se deu as pesquisas no Sertão sul-maranhense, considerando suas localizações geográficas, histórico de situamento, paisagens, práticas agropecuárias.	41
Quadro 03 - Terras indígenas no Maranhão – Área, População, Etnia, Municípios.	104
Quadro 04 - Espécies de árvores/plantas e frutos citados na Pesquisa de Campo e seus usos	157
Quadro 05 - Relatos dos depoentes acerca do que significa ser sertanejo	163
Quadro 06 - Quadro conceitual dos conflitos referentes à vida no Sertão	174
Quadro 07 - Elementos presentes no espaço sertanejo constituidoras de representação simbólica	200
Quadro 08 - Representação dos sujeitos sobre o Sertão e o sertanejo	211
Quadro 09 - O viver no Sertão sul-maranhense: o ontem e o hoje	214
Tabela 01 - Proporção populacional residentes na zona urbana e rural, no Brasil, Maranhão e Grajaú, nos períodos de 1960, 1970, 1991, 2000 e 2010 (%)	91
Tabela 02 - Produção de soja, milho, arroz, mandioca e feijão em toneladas, nos anos de 1974, 1982, 1991, 2000 e 2006, 2010 e 2015 no município de Grajaú-MA	92
Tabela 03 - Variação da produção bovina no município de Grajaú-MA	93

ABREVIATURAS E SIGLAS

IESA - Instituto de Estudos Sócio Ambientais

NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações

NEPEC - Núcleo de Pesquisas em Espaço e Cultura

PRONAF - Programa Nacional de Agricultura familiar

SIGEOLITEART - Simpósio de Geografia Literatura e Arte

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFG - Universidade Federal do Goiás

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

PERCURSOS TRILHADOS: pelo sertão adentro	17
INTRODUÇÃO	26
O Sertão sul-maranhense – espaço geográfico em (des)reconstrução	27
Pressuposto da Pesquisa	28
Problematização	31
Justificativa para a Pesquisa	33
Caminhos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa	35
Trabalho de Campo	39
Estrutura da Tese	44
1 CULTURA, SERTÃO, SUJEITO E MEMÓRIA: avanços na pesquisa geográfica no Brasil e seus desdobramentos conceituais	46
1.1 Desdobramentos conceituais	47
1.2 Cultura e Representação Sertaneja	47
1.3 Lugar e identidade: conceitos para se pensar o sertão e o sertanejo	55
1.4 Sujeito e (re)existências socioespaciais	60
1.5 A Memória como recurso de desvelamento da identidade sertaneja	62
1.6 Grupos de estudos no Brasil: Cultura, Sertão, Sujeito e Memória	66
1.6.1 Grupos de estudo em Cultura	67
1.6.2 Grupos de estudo sobre Sertão	69
1.6.3 A pesquisa sobre o Sujeito	70
1.6.4 Grupos de estudo sobre Memória	72
2 DE SERTÃO ADENTRO: os lugares da pesquisa	74
2.1 O Sertão de Pastos Bons	75
2.2 Grajaú: o <i>lugar</i> foco da pesquisa no sertão maranhense	84
3 COMPONENTES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNDO SERTANEJO SUL-MARANHENSE: singrando rios, rasgando matas e serras, esfacelando vidas	94
3.1 Formas ocupacionais e de domínio: singrando rios, esfacelando vidas	96
3.2 O lugar da Natureza: o ajustamento de formas de vida	109
3.3 Componentes sociais	113
3.4 Os caminhos da conquista: formando trilhas, devassando matas e rios	119

3.5	A identidade sertaneja no Sul do Maranhão: construindo existências	124
4	Ser e Viver o Sertão: lugar de experiência e tradução identitária	132
4.1	<i>O lugar: Ser e Viver o/no Sertão a partir da memória sertaneja</i>	133
4.2	<i>Permanências e rupturas: a trajetória no Sertão nas falas dos sujeitos</i>	149
4.3	<i>O olhar para si: porque sou sertanejo</i>	161
4.4	O convívio com o outro	169
5	OS TEMPOS SÃO OUTROS: outro Sertão	175
5.1	A dialética socioespacial no Sul do Maranhão na contemporaneidade	177
5.2	O espaço-tempo no Sertão	186
5.3	O sertanejo maranhense: sujeitos do atraso ou figuras representativas de um lugar	194
5.4	O que é o Sertão sul-maranhense hoje	204
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
	REFERÊNCIAS	224
	APÊNDICE A: Roteiro de entrevista	232
	APÊNDICE B: Termo de consentimento para recolher, gravar e publicar informações referentes às entrevistas	234
	ANEXO A: Entrevista concedida por Adalberto Franklin	236
	ANEXO B: Entrevista concedida por João Gomes Bandeira	251
	ANEXO C: Entrevista concedida pela Sra. Maria do Carmo Gomes Maciel e Antônio Maciel	263
	ANEXO D: Entrevista concedida por Nescival Ribeiro Rocha	271
	ANEXO E: Entrevista concedida por Maria Do Nascimento Barros	277
	ANEXO F: Entrevista concedida pelo Senhor Paulo Rosa De Andrade	281
	ANEXO G: Entrevista concedida pelo Everton dos Santos	285

PERCURSOS TRILHADOS: pelo sertão adentro

Sou hoje um caçador de achadouros da infância.
Vou meio dementado e enxada às costas
cavar no meu quintal
vestígios dos meninos que fomos.

Manoel de Barros

As motivações pessoais que nos lançaram à empreitada de uma pesquisa sobre o entendimento das transformações na vida e no ser sertanejo no Sul do Maranhão e nas identidades constituídas ao longo do tempo estão estritamente ligadas ao nosso pertencer. Ou seja, embora desde os onze anos de idade tenhamos tido a necessidade de alçar novos voos e partir para a cidade, o que é de mais íntimo na nossa existência ficou nesse lugar “sertão”, lembranças de infância que causam frisson, nostalgia e certeza de que a vida é “movimento”. A propósito, a rememoração do que fomos nos traz a ideia do que somos e do que seremos e forma as perspectivas em relação ao mundo.

De fato, carregamos uma história dentro de nós, uma matriz cultural que nos acompanha e vai sendo construída continuamente por experiências vividas. Essas experiências não se fazem sós, há um cabedal de elementos composto por pessoas, lugares, trajetórias. Em outras palavras, temos uma raiz, por nossa participação na existência de uma coletividade. Dessa forma, escrever esta tese tem um significado estreito com o nosso ser; precisou, pois, de um encontro conosco mesma, com os familiares e com a significância da vida e do existir. Em todas as linhas, encontra-se a nossa existência, da família e do lugar que nascemos. Em todas as leituras feitas, sobretudo sobre memória, trouxemos para o pensamento as vivências, a história da família, vivida e ouvida, os caminhos da infância.

As lembranças se imortalizaram nas figuras de nossos avós, pais, irmãos, primos, na casa e nos quintais cheios de árvores frutíferas, nas brincadeiras, nos sabores, nos cheiros e no sentir dos pés nas enxurradas depois da chuva, nos cascalhos do verão, na lida de nosso pai na roça e com o gado, na mãe fazendo o desjejum com o leite trazido ainda morno do curral, enquanto gatos miavam ao seu redor ansiando por um prato desse leite.

Não há uma cronologia exata das lembranças, que percorrem um ritmo de ano após ano. Na verdade, as imagens são dispersas e estão amparadas de acordo com sua significância, sejam elas pessoas, paisagens e acontecimentos.

Entendemos que para que possamos compreender a dinâmica social e espacial com base na rememoração, o máximo que podemos fazer é nos aproximar da experiência do outro, escutar para falar da situação, mas sabendo que nunca saberemos, de fato, o que o outro sente, pensa, olha, pois cada um tem a sua maneira de perceber o mundo. E é por isso que é preciso se afastar do objeto para compreendê-lo, sendo, então, possível renunciar a uma abordagem essencialista. Entretanto, o afastar-se não significa abandonar, renunciar e negar, mas voltar de forma mais segura, o que nos proporciona uma imersão no objeto e na forma como essas experiências de infância e de origem se dispõem ao nosso olhar.

O olhar que trazemos, hoje, acerca do espaço vivido dos sertanejos configura-se por um acúmulo de experiências vividas na nossa trajetória, que inclui a nossa saída do Sertão com onze anos de idade para a cidade de Imperatriz, para estudar o então “ginásio” e todos outros espaços experienciados, resultados de mudanças de cidades por conta de trabalho e por busca de formação acadêmica. Assim, tivemos em todo esse tempo um enfrentamento com “outros”, com encontros e desencontros. Nessa perspectiva, a nossa interpretação de “sertão”, que vivenciamos de forma profícua na infância, não cabe mais na realidade existente agora, nem ao menos podemos tecê-la tendo como pressupostos os retornos que fazemos a esse lugar de forma física em certos intervalos de tempo ou pela nossa memória imagética. Nesse sentido, cabe a nós fazer uma (re)interpretação das imagens tecidas por interlocutores.

Atevemo-nos a dizer que, por diversas vezes, um sentimento profundo de saudade da infância nos veio à tona, sempre relembando da simplicidade dos momentos vividos, em que a família se constitua o bem mais precioso e o advento do consumo ainda não fazia parte de nosso cotidiano, pois nos bastava ter no máximo seis a oito peças de roupas, um chinelo para o dia a dia, um sapato para ir aos adjuntos. O abastecimento alimentar em sua quase totalidade era produzido na própria propriedade, a água existia em abundância, sendo que o sertão ainda não se constituía em um território de “rios secos”. E os animais de estimação, principalmente os cães, eram grandes companheiros das idas e vindas, assim como para ajudar na caça e nos cuidados com o gado. Neste sentido, o sertão retrçado nesta tese se

configura em um “espaço da nostalgia”, visto que não temos como dissociá-lo de nossas experiências.

Por um lado, rememoramos um tempo e um espaço que já não existem mais, idealizado e até sacralizado, por outro lado esquecemo-nos das ínfimas contradições que estavam postas e que estão reveladas pelos sertanejos ao longo de toda a pesquisa. Nesse enfoque, concordamos com Suely Rolnik, ao proferir que “o modo de ser das coisas possui uma tensão fecunda”, já que na essência do sujeito está o conflito, que, ao mesmo tempo em que gera inquietude, reorganiza o seu entorno e, por conseguinte, o próprio Ser e o Viver.

No percurso de construção do pensamento relacionado à pesquisa, momentos vivenciados em família tornaram-se importantes, pois daí foi possível, por meio dos gestos, das conversas, das atitudes, refletir um pouco mais sobre o mundo do sertanejo, mundo esse não alheio a nós, porém que passou a ter uma significância que exigiu mais atenção ao nosso olhar, em todos os sentidos.

Discorremos, a seguir, de forma breve, como se deram alguns desses momentos e, também, como percebemos os lugares sob uma observação empírica. Nesse contexto, no dia 27/7/15, acompanhada de nossa mãe, de nossa irmã Regina e de nossa filha, fomos ao sertão fazer uma visita na casa de minha tia de 83 anos.

Pela estrada de chão, atravessam pequenos riachos e grotas, permitindo a nossa passagem por pequenas pontes feitas de madeira. Na viagem, por diversas vezes, cruzamos com pessoas, principalmente do sexo masculino, indo em direção à cidade de Lajeado Novo, usando, como transporte, a motocicleta, a qual tem substituído, em grande parte, o uso do lombo de cavalos. A vegetação original foi substituída por pastagens onde o gado mata a fome, que, em sua maioria, é da raça nelore e de cor branca. Segundo meu pai, que voltou conosco, quase não há mais gado amarelo, um e outro somente.

Apesar de termos nascido e morado nesse lugar até os onze anos de idade e sempre retornando em período de férias escolares, agora a percepção é outra. Tentamos olhar para cada pedaço do caminho, cada configuração das casas, fala das pessoas de uma forma a perceber a singularidade de um modo de vida. Muita coisa mudou desde que saí de lá, inclusive nós, que não passamos intactos diante das transformações do mundo e da inexorável passagem do tempo. Por isso, o olhar da criança de outrora é entrelaçado com o olhar do adulto de agora.

Não há mais tanta gente, o urbano chegou com a antena de celular, a parabólica e o motor que produz energia. O sertanejo vive uma ligação muito forte com a cidade, quase diária. Ou diária, em se tratando dos filhos que estudam na cidade, para onde vão e de onde voltam todos os dias, pois um transporte fornecido pela prefeitura traslada diariamente as crianças.

Na casa de nossa tia, passamos algumas horas ouvindo a conversa entre minha mãe (71 anos), minha tia e seu marido de 82 anos. Hora e outra falam sobre a infância, seus pais, a obediência aos mais velhos, sobre como eram as coisas na época em que os pais eram vivos. Ouvimos atentamente o relato de que a mãe delas proibia que as moças da casa comessem certos tipos de alimentos, por exemplo as caças (animais da mata: cutia, tatu, pássaros), pois faziam mal às mulheres, por serem reimosos¹.

No almoço, foram oferecidos arroz, feijão, galinha caipira, salada, farinha e suco artificial. Logo após, foram armadas as redes, onde pudemos descansar. Mais tarde, foram servidos, no lanche da tarde, abóbora cozida, banana cozida, leite e coalhada. É costume comer-se a banana e a abóbora madura cozidas, amassadas no prato e misturadas ao leite. A coalhada de leite é escorrida e come-se com farinha e açúcar.

Na volta, passamos na casa de um primo. Sua esposa nos serviu suco de caju engarrafado, que se compra na cidade. Tal primo trabalha na roça e cria gados, foi vaqueiro de seu pai por alguns anos. Com muito esforço, construiu sua casa de telha e tijolos e, mais recentemente, fruto de muita economia, comprou uma caminhonete Hilux, realizando, assim, um sonho.

Ao sairmos de sua residência, dando prosseguimento à nossa viagem de retorno para casa, atravessamos com muita dificuldade uma ponte de madeira, que está bem estragada, por onde, diariamente, circulam automóveis, inclusive caminhões pesados. O que denota a falta de compromisso das autoridades para com os moradores locais e para quem necessite circular por aquelas bandas. O riacho, que, em nossa infância, conhecemos e de cujas águas fizemos uso para banho e demais necessidades, hoje, apresenta-se bastante raso.

Nossa mãe falou, ainda, sobre como eram antigamente as enchentes desse rio, presenciadas na infância e na juventude. Conforme ela, era um mar de água.

¹ Um alimento “reimoso” para os sertanejos, significa não fazer bem para a saúde, que pode vir a provocar certas doenças para quem o ingere.

Relatou que seu pai perdeu vários bois e uma égua numa grande enchente que houve. Está escancarado que as mudanças na natureza não isentam o Sertão.

Um dos aspectos mais comentados é a falta de segurança, os roubos e outros tipos de violência a que estão expostos os sertanejos. Já não se pode dormir na área externa da casa, nem deixar objetos na parte de fora. O gado também some.

Em um outro trabalho de campo, realizado em abril de 2016, fizemos uma visita às localidades de Piranhas, Matuzalém e Sobradinho, município de Grajaú, para observações e entrevistas temáticas. Acompanharam-nos, nesse percurso, o Sr. Raimundo Nonato, graduado em Ciências Humanas/Geografia pela UFMA – Campus de Grajaú– e Marcos Nicolau, amigo e colega de trabalho junto à UFMA.

Foi necessário alugar uma PickUp Strada com tração nas rodas traseiras, devido às más condições das estradas, em grande parte formadas por bancos de areia. Durante o trajeto, pudemos ver o que as transformações tecnológicas provocaram na paisagem do Cerrado, grande parte foi substituída pelas plantações de soja, milho e sorgo. Cruzamos várias vezes por pessoas pilotando suas motos e só foi visto um senhor montado no lombo de uma mula, selada por cangaia e carregando jacar.

Também está presente na localidade a rede de energia elétrica, que chega até as comunidades e fazendas, contribuindo para que as pessoas estejam interligadas aos outros espaços, mundialmente falando, principalmente, por meio da televisão. Consequentemente, ocorre uma mudança de práticas, como o uso da lâmpada elétrica, substituindo a lamparina a querosene, o uso da geladeira para conservar os alimentos, do liquidificador, entre outros objetos.

Em alguns trechos, vimos placas com dizeres “proibida a caça e a pesca, propriedade privada”, denotando uma mudança na forma de sociabilidade dos sujeitos, pois, uns vinte anos atrás, eram praticamente inexistentes tais proibições, em razão de que, mesmo estando as terras nas mãos de “donos”, as pessoas entendiam o uso dos rios e das matas. Além da produção da agricultura mecanizada, presenciamos também carvoarias, onde são queimadas as árvores do Cerrado, que são cortadas em virtude do desmatamento para o plantio da monocultura.

Já na propriedade Piranhas, pertencente a quatro irmãos, sendo três mulheres e um homem, todos na faixa de 60 a 70 anos, que nasceram e residem na localidade, presenciamos um modo de vida bem sertanejo, em que faz parte o fazer, o acreditar, o ser, o viver. Fomos recebidos de maneira afetuosa, com conversas agradáveis e o

oferecimento de uma xícara de café, prática recorrente em todas as casas de sertanejos quando chega uma visita. Chamaram atenção as mobílias rústicas, como potes na bilheira, que serve para armazenar água, máquina de costura manual, bancos de madeira e cadeiras de couro de gado, misturadas a utensílios modernos, como televisão e geladeira. O quintal é cheio de árvores frutíferas, plantas medicinais e animais, tanto de estimação quanto para o abastecimento alimentar. Convivendo com os quatro irmãos, há um senhor, que cuida do gado e da roça; o gado é criado em pastagens e também soltos na chapada.

Seguindo estrada adentro, chegamos a Matusalém, uma comunidade na qual residem diversas famílias, que vivem do trabalho no roçado, do Bolsa Família e da criação de algumas cabeças de gado, galinhas e porcos. Nesse local, existe uma escola para atender as crianças, no entanto, na maior parte do ano, não há aula, por falta de professor. E quando há, é apenas um para atender de forma multisseriada e multidisciplinar.

Em Sobradinho, último ponto de nossa viagem, estivemos na propriedade do Sr. Francisco Barros, presidente da associação local, a qual tem, como recurso principal, um pequeno trator. Ao derredor tanto de Matusalém, como de Sobradinho, encontram-se comunidades indígenas, que convivem diariamente com os moradores locais.

Portanto, por meio da visita a tais localidades, das conversas empreendidas e da observação das paisagens e do modo de vida dos sujeitos, compreendemos que há uma mistura, uma combinação de práticas/lógicas anteriores com as atuais, embora não possamos dizer, de fato, por quanto tempo ainda haverá formas de pensar e de fazer que remetam ao Sertão. Isso é um componente que acompanha a mudança de geração, cada uma com suas próprias lógicas.

Seguiram-se outros trabalhos de campo, também fundamentais para que pudéssemos estimular as memórias, lapidar o pensamento e construir uma escrita acerca da realidade investigada. Certo é que, durante os dias em que se deu a caminhada, não só pelas estradas do Sertão, mas nos pensamentos que nos cercaram e que trouxeram à tona as paisagens, as pessoas, os animais, pudemos contemplar a essência da vida, que podia estar precedida pela existência ou não. Assim corroboramos Maurice Halbwachs (1968, p. 17), quando, da escrita do livro *Memória Coletiva*, fez a seguinte colocação: “Em todos esses momentos, em todas

essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo.”

Não é de nosso interesse dar um ar de melancolia à escrita deste trabalho. Na verdade, ele é um instrumento por meio do qual se permite a valoração do nosso lugar, do conhecimento dos sujeitos daí pertencentes, enquanto sertaneja que necessita migrar várias vezes em busca de estudar e/ou de trabalhar. Embora não desprendamos dos laços que nos amarram ao lugar em que nascemos, certamente adquirimos costumes ligados a um modo de vida citadino, trazendo na memória as dificuldades enfrentadas nesse processo de migrar, da precisão de aprender a conviver com o diferente, o readaptar-se, sempre.

Lembramos, assim, da forma com que foi acontecendo o nosso processo de formação, quando íamos para a escola, pela primeira vez, aos seis anos de idade. Lá em casa, nós todos já chegávamos ao nosso primeiro dia de aula sabendo ler o ABC e alguns pequenos textos, pois nossa mãe nos ensinava, e, ai de nós, caso não aprendêssemos. Foi dessa maneira o nosso enveredar pelo mundo do estudar, numa escola improvisada numa das fazendas sertanejas, cujas paredes e cobertura eram de palha, e os bancos eram tamboretes de couro de vaca. A mesa era uma tábua que se estendia de um lado ao outro da sala, dividida pelas várias crianças sentadas umas ao lado das outras. Nossas mochilas escolares eram sacos de açúcar vazios, nosso lanche era leite com farinha e frutas do quintal. Não podíamos perder ou estragar nossos lápis, cadernos e canetas, pois não havia onde comprar, a não ser na cidade, aonde nossos pais iam vez ou outra. Caso perdêssemos, apanhávamos na certa.

Acima de tudo, éramos felizes. Não conhecíamos outra realidade, então não fazíamos comparação. Não nos faltava nada, nossos pais tinham a terra para plantar o alimento e criar o gado. Tínhamos a água do rio para matarmos nossa sede e a dos demais animais, que também nos servia para o banho, lavagem das roupas e demais utilidades. As árvores serviam para nossas brincadeiras, assim como os animais de estimação: gatos, cães, papagaios, periquitos etc...

Em decorrência da necessidade de prosseguir com os estudos, mudamos para Imperatriz aos onze anos de idade, ficando por lá até o término da faculdade em Geografia, pela UEMA-Universidade Estadual do Maranhão. No ano de 2002, migramos para Araguaína-TO, para trabalharmos como professora da educação básica do estado, até o ano de 2003, quando, por meio de remoção do trabalho,

passamos a residir em Augustinópolis-TO, entre os anos de 2004 e 2005. A mudança de lotação assentava-se no intuito de ficar mais próxima de Imperatriz.

Em 2006, obtivemos a aprovação para cursar o mestrado em Geografia pelo IESA/UFG, e, por conta disso, passamos a residir em Goiânia até final de 2007, para depois retornarmos a Augustinópolis. Já no ano de 2010, conseguimos uma transferência para a cidade de Bela Vista-TO, às margens do rio Tocantins, localizada na margem oposta à cidade de Imperatriz. Ainda em fevereiro de 2010, fomos aprovada no concurso para a UFMA – Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú, no qual assumimos o cargo de professora do Curso de Ciências Humanas no mês de agosto do mesmo ano, onde continuamos atuando até o presente momento.

No ano de 2014, iniciamos o doutoramento pela UFPE- Universidade Federal de Pernambuco. E no ano de 2015, passamos a integrar o Grupo Dona Alzira: Espaço, Sujeito e Existência, vinculado ao LABOTER – Laboratório de Estudos Territoriais do IESA/UFG-Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Com o término do doutorado, retornaremos às atividades laborais na Ufma/Campus de Grajaú.

Deste modo, são nessas idas e vindas que vão se construindo em nós experiências acerca do que é a vida, que vão interferir diretamente sobre as nossas escolhas, sobre o que faz sentido de fato, que se encontram conservadas na memória e acumuladas no hoje, na atualidade, na realidade, de onde resulta que a vida é constitutivamente a experiência da vida (ORTEGA e GASSET, 1982c)

Podemos considerar que as linhas que se seguem foram compostas por elementos que foram e estão sendo construídos, porquanto o tempo é mudança. O que corrobora para entendermos que a vida humana é dotada de historicidade, historicidade essa que está mergulhada no tempo, em um passado que não nos pertence e em um futuro que não nos pertencerá. No entanto, não se descarta que a vida presente é feita num entrelaçamento com vidas anteriores.

Sobre esses componentes, Ortega e Gasset (1982c, p. 49) estabelecem:

O homem é o que ele tem passado, o que tem feito. Puderam passar-lhe e pôde ter feito outras coisas, mas eis aí que o que efetivamente lhe tem acontecido e tem feito constitui uma inexorável trajetória de experiência que carrega nas suas costas, como o andarilho carrega o farnel de seus pertences. Esse peregrino do ser, esse emigrante substancial, é o homem. Por isso carece de sentido impor limites àquilo que o homem é capaz de ser. Nessa limitação principal de suas possibilidades, própria daqueles que não

têm natureza, somente existe uma linha fixa, preestabelecida e indicada, que pode orientar-nos e que apenas tem um limite: o passado. As experiências de vida realizadas estreitam o futuro do homem. Se não sabemos o que ele vai ser, sabemos o que não vai ser. Vive-se em vista do passado.

Tais colocações apontam para a importância das narrativas como fator que nos traz a diferença entre passado e presente, para que, dessa forma compreendamos como o passado se manifesta dentro de nós. Destarte há que se colocar que a historicidade é transformadora e nós somos seres repletos de infinitas possibilidades.

INTRODUÇÃO

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível.

Martins (2015)

Todo o nosso caminhar durante a busca de compreensão sobre o sertanejo foi amparado no olhar da simplicidade travestida pelo modo de viver, que condiz com as paisagens das formas geográficas produzidas, pela maneira afetuosa como nos recebem em suas casas, pelas falas e dependência de pouco luxo para sobrevivência, enfim, pela necessidade de um mergulho profundo na busca da compreensão da existência humana. Isso porque, mesmo diante de um cenário que nos apresenta, primeiramente, como lento e de certa forma rústico, não podemos deixar de considerar que a temporalidade sertaneja e o espaço como um todo são prenhos de várias temporalidades que se entrelaçam.

Importante esclarecer que estamos considerando aqui, como sertanejo maranhense, os sujeitos que são originários dos que adentraram a região no século XVIII, com rebanhos bovinos vindos do litoral baiano e pernambucano, e que, portanto, colonizaram o território sul-maranhense empreendendo guerras contra os indígenas, já habitantes na localidade. Dessa forma, ao longo do tempo, por razões de distanciamento dos centros urbanos, dificuldades de locomoção pela inexistência de estradas e meios de transportes que não fossem os lombos dos animais, era necessário que o modo de vida se construísse juntamente à natureza, fazendo com que esses sujeitos retirassem dela grande parte do sustento da vida, ou que produzissem, com base em técnicas rudimentares, seus roçados, suas casas, os currais e tantos outros apetrechos.

As condições ambientais e conflituosas colaboraram para a construção de um modo de vida singular dos sertanejos, com base em práticas sociais, econômicas, políticas e culturais, que vão sendo modificadas ao longo do tempo, na medida em que uma geração se sobrepõe à outra e que novos valores vão sendo colocados, remodelando o espaço.

Portanto, o sertanejo sul-maranhense não se apresenta enquanto algo autoevidente, essencial e sem nuances. Esse sertanejo não é equivalente ao descrito

por José de Alencar, em *Sertões*, não é o mesmo de Guimarães Rosa, em *Grande Sertões Veredas*, como também não é igual ao sertanejo habitante do Pajeú pernambucano. Estes não carregam consigo marcas de um processo histórico e geográfico que os ligam ao Sertão sul-maranhense enquanto seu *lugar de existência*. Nesse sentido:

Ao tomar o sertão como lócus de estudo é importante lembrar que a existência do sertão requer, impreterivelmente, a existência dos sertões. O lugar sertão constitui um amplo e heterogêneo espaço em que múltiplas e diversas relações sociais, culturais e políticas imbricam-se e conjugam diferentes lógicas e modos de ser, viver, sentir e pensar que fazem do sertão o lugar dos sertões (LOPES, 2012, p. 334).

A concepção de Lopes (2012), sobre as lógicas que constituem o espaço sertão, direciona-nos a adotar o entendimento de como se coloca o espaço diante da sociedade. Sublinhado por Albuquerque Júnior:

O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35)

Dessa maneira, é preciso entender que os sujeitos que nos falam e que dão vida a este trabalho carregam consigo marcas de acontecimentos do que viram, do que viveram e de sonhos e desejos por ainda realizar. É na labuta diária que se constrói o existir no mundo. “Porque o mundo não está apenas fora de nós, mas também no mais recôndito de nosso coração”, como bem assevera Sabato (2008, p. 54).

As linhas que se seguem foram traçadas com o intuito de demonstrar o espaço “Sertão sul-maranhense” em suas relações sociais, estruturais, políticas e culturais, tendo em vista o saber, o estar, o viver e o ser. O “viver” é enxergado numa perspectiva de processo social, portador de uma trajetória, e o “ser, enquanto sujeito que se reelabora diante das transformações socioespaciais, possui uma consciência histórica, valores sociais e culturais. Logo, re-existe.

O Sertão sul - maranhense– um espaço geográfico em (des)reconstrução

O Sertão sul-maranhense² aqui referenciado não é o Sertão da seca, do inóspito, de clima árduo, predominando a Caatinga. Mas o relacionado ao deserto, ao caracterizado por ser não habitado, incivilizado, lugar de selvagens e distante do litoral. É o Sertão de muitos rios e riachos, com clima ameno e tendo como vegetação predominante o Cerrado, possuidor de extensas pastagens naturais para o gado. Esse mesmo Sertão convive, na atualidade, com a implantação da lógica do agronegócio em todo o Cerrado brasileiro, modificando toda a sua sociobiodiversidade, o que implicou no surgimento de campos de monocultura de soja e eucaliptos. Consequentemente, a vegetação original é retirada, os rios secam e as populações do campo perdem seus territórios, isto é, a vida morre.

De região pobre, inóspita e atrasada, segundo o imaginário social, o Sul do Maranhão passou a despertar o interesse dos empreendedores da monocultura, no final da década de 1970 (ROCHA, 2009) em função da plantação de soja, resultando na migração de *gaúchos* – denominação genérica que os habitantes do Sul do Maranhão usam para designar pessoas provenientes das regiões Sul e Sudeste do país: catarinenses, paranaenses, gaúchos, paulistas, capixabas e mineiros.

Os produtores de soja na região foram atraídos pelo governo do estado, que os beneficiou com obras de infraestrutura e lhes deram condições de adquirir terras a preços muito baixos, o que gerou grandes investimentos em projetos agrícolas, com produção voltada para a exportação. Nesse viés, as terras, que antes eram destinadas à criação de gado à solta, produção de policultivo em roças de toco e lugar de uma gama diversificada de animais e vegetais, tornaram-se, atualmente, território do agronegócio, uma região economicamente “desenvolvida”.

Sobre os estudos desenvolvidos acerca do Sertão sul-maranhense, damos destaque a importantes obras desenvolvidas no âmbito da historiografia regional, que nos fornecem importante material para o desvendamento da ocupação territorial, dos fatores físicos, biológicos, sociais, econômicos e culturais, a saber: O Sertão (2000), de Carlota Carvalho; Memórias dos Sertões de Pastos Bons (2002), de Francisco de Paula Ribeiro; O Caminho do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão (1992), de Maria do Socorro Cabral; A Esfinge de Grajaú (1993), de Dunshee de

² O espaço/sertão focado neste trabalho é o Sul do Maranhão, também conhecido como Alto Sertão, devido às características do relevo aí presentes. Tal relevo configura-se como o mais alto do estado, mas vai perdendo altitude à medida que se direciona para o norte maranhense, até chegar ao nível do mar.

Abranches; *Os gaúchos descobrem o Brasil: projetos agropecuários contra a agricultura camponesa* (2008), de Maristela de Paula Andrade.

No que diz respeito às dissertações e às teses escritas, destacamos: *Varando Mundos: navegação do vale do rio Grajaú* (2007), de Alan Kardec Pachêco Filho; *A construção da Identidade Sertaneja Maranhense* (2014), de Raimundo Lima dos Santos; *Cruentas Guerras: índios e portugueses nos sertões do Maranhão; Piauí (primeira metade do século XVIII)* (2011), de Vanice Siqueira de Melo; *O Grão e o Casco: representações e práticas da colonização no sul do Maranhão na primeira metade do século XIX* (2010), de Edmilson Rosa Bezerra; *Modernização da Agricultura e (Re)ordenamento Territorial nos Gerais de Balsas-Ma* (2009), de Rosimary Gomes Rocha; *O Rural e o Urbano na Cidade de Balsas (MA): transformações socioespaciais no pós 1980* (2011), de Francisco Lima Mota, entre outras.

Os estudos supracitados se destacam, em sua maioria, por contemplarem uma orientação histórica, e, quando inseridos no âmbito geográfico, caracterizam-se por estarem enveredados para a análise do território por uma perspectiva da modernização da agricultura, inserida na região no final do século XX. O que não desmerece a importância desses trabalhos, mas que suscita em nós a necessidade de interpretar como que se estabelece a re-existência dos sujeitos “sertanejos” diante dos elementos que dão luz às transformações nesse espaço geográfico.

Pressuposto da pesquisa

O Sertão sul-maranhense se configura como um espaço de fronteira econômica, social e política e que tem sofrido transformações, mormente a partir da década de 1960, quando da abertura de estradas e incentivos governamentais para a ocupação desse espaço por correntes migratórias de outros estados do país. O que agravou o problema da posse da terra, bem como incentivou a implantação de um novo modelo de produção, voltado para a exportação. Assim, vê-se, em um período de mais ou menos 50 anos, um (re)modelamento do espaço, com mudança na paisagem (principalmente por questões antrópicas) e na vida dos sertanejos.

Sobre os sertanejos, estes estão vinculados à forma de ocupação do Maranhão, que, na parte Centro-Sul, ocorreu como efeito da criação do gado à solta nas chapadas, ainda no século XVIII. A denominação de sertão aí existente é

desvinculada da construção imagética acerca do contexto do semiárido, estando relacionada à sua condição de incivilidade e de semi-isolamento, que aconteceu até 1960. Esses dois últimos aspectos não são uma particularidade do sertão maranhense, são evidentes, também, no interior dos outros estados nordestinos.

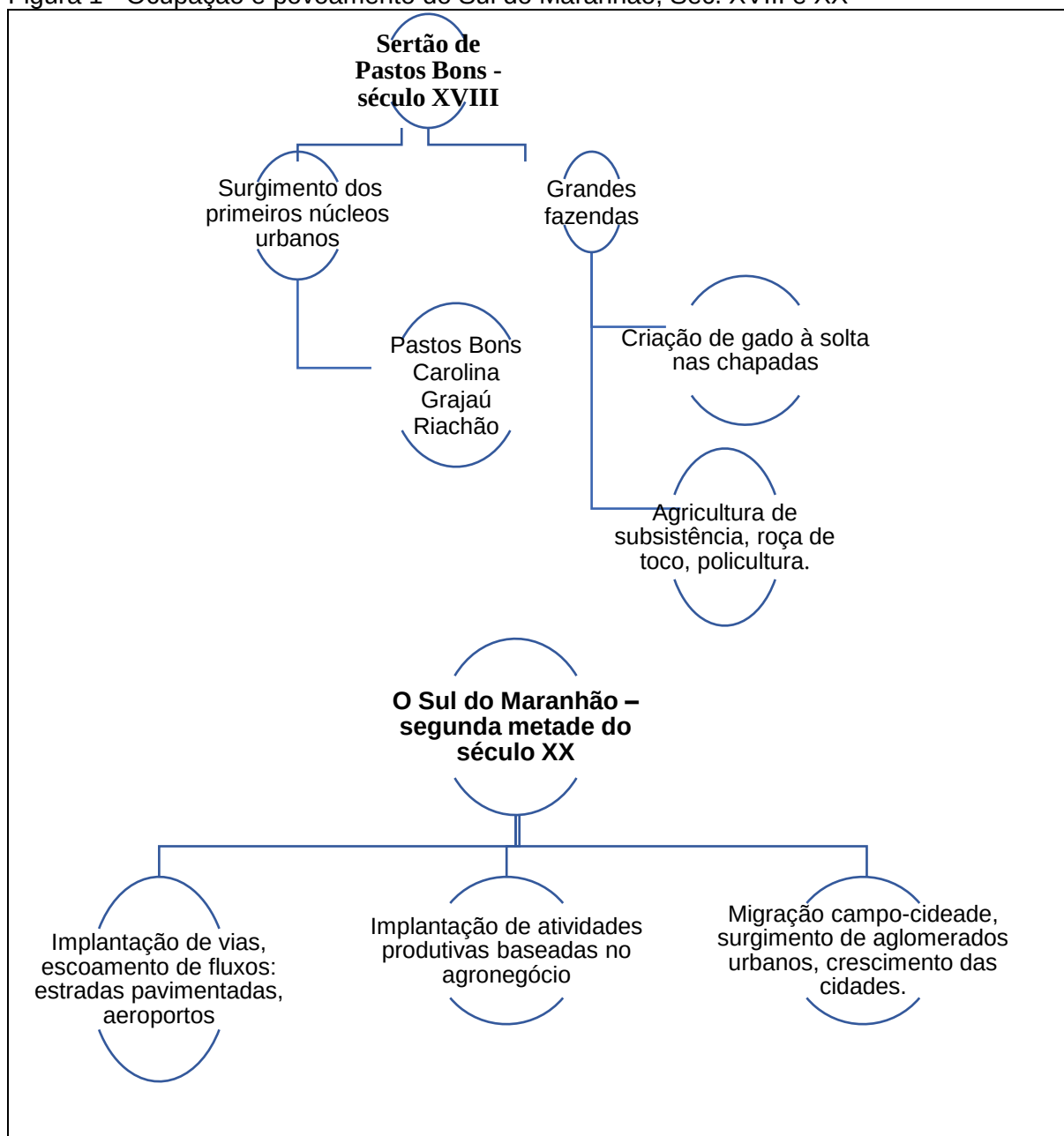
Portanto, o Maranhão caracteriza-se, quanto à cobertura fitogeográfica, por estar localizado numa área de transição e por ser possuidor de uma diversidade vegetal, constando de áreas de Cerrado, Mata dos Cocais, Floresta Amazônica, Campos, Dunas e Mangues. Tendo suas linhas divisórias com outros estados, em quase sua totalidade, feitas por caudalosos rios, formadores de bacias limítrofes: Bacia do Parnaíba, Bacia do Tocantins e Bacia do Gurupi, é o estado nordestino com maior potencial hídrico.

Ademais, a proximidade com a região amazônica lhe proporciona a existência de uma grande riqueza hídrica, com rios perenes e bom índice de chuvas. Os componentes fitogeográficos presentes no Sul do Maranhão são de extrema importância para explicar a colonização ganadeira que aí se processou, pois constava de pastagens naturais, clima ameno e abundantes rios. Por essa via, uma sociedade se formou, com base no patriarcalismo, sendo a figura do grande fazendeiro o ator principal, juntamente com uma gama de agregados (Figura 1).

Essa forma reocupacional dizimou grande parte dos indígenas, tendo o gado e não a terra como o fator principal na composição da grande fazenda. Fazendeiro rico era quem possuía muitas cabeças bovinas. Tais relações existiram fortemente até 1960, quando fatos novos começam a existir na região, condizentes com aberturas e pavimentações de estradas, chegada do agronegócio e valorização da terra. Assim, novos fixos e fluxos marcam a entrada desse espaço em um novo tempo.

Vê-se que os sertanejos também se reestruturam socialmente, culturalmente e economicamente, já que representam seu mundo, o sertão, mas o mundo muda o sujeito. Por consequência, o sertão não é mais o *de-sertão*, e sim um lugar vinculado às escalas nacional e global, aonde pode se chegar e de onde pode se sair quando quiser, onde o tempo já experimenta da instantaneidade pela figura do celular, da televisão, da internet, e o capital comanda grande parte das dimensões da vida.

Figura 1 - Ocupação e povoamento do Sul do Maranhão, Séc. XVIII e XX



Fonte.: Organizado pela autora, 2015

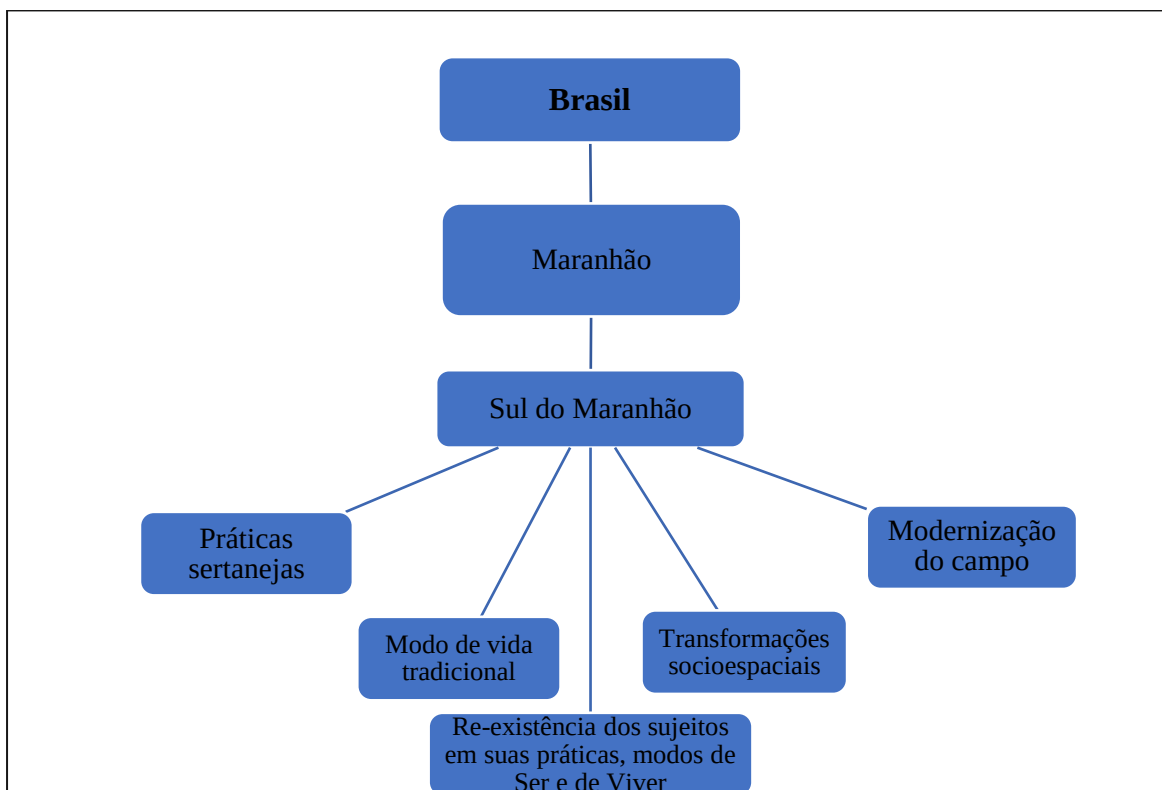
Problematização

O Sul do Maranhão tornou-se parte de uma totalidade que atende aos anseios do capital globalizante, o que acarretou transformações territoriais, com o incremento da especialização produtiva, a aceleração das formas de circulação e de seu papel crescente na regulação das atividades aí localizadas, bem como o fortalecimento da divisão social do trabalho, dentre outros aspectos (SANTOS, 2001). Destarte, novos objetos são dispostos no território para atender a uma nova funcionalidade desse

espaço, mas isso não fez com que as práticas, as ações e as simbologias sertanejas desaparecessem por completo. Há, sim, um processo de apreensão de novos contornos socioespaciais, que fazem com que não seja mais possível falar em um modelo de vida desvinculado do desenvolvimento das forças produtivas.

Com efeito, tendo em vista os pressupostos colocados anteriormente sobre a organização socioespacial na região em pauta. Mediante todo um contexto histórico formador dos componentes culturais, com base em um modelo de vida ligado por formas econômicas e políticas que consubstanciaram a estruturação das complexas relações do ver, do pensar e do agir sertanejo, esses sujeitos re-existem em suas práticas, modos de Ser e de Viver (Figura 2).

Figura 2 - Organização do espaço rural no Sul do Maranhão



Fonte.: Organizado pela autora, 2015

Portanto, diante do elucidado, surge a inquietude da busca do entendimento de como pode-se pensar acerca do modo de vida “tradicional” se levarmos em conta os aparatos tecnológicos usados no trabalho, no cotidiano, o tempo dos acontecimentos, a produção dos alimentos, os medicamentos utilizados etc.. Nesse contexto emblemático, surge a questão central:

- Como é a relação identitária do sertanejo (Ser e Viver) hoje, com seu lugar, o Sertão, tendo em vista as mudanças ocorridas na dinâmica socioespacial?

Outros questionamentos também emergem, a saber:

- Quais os pressupostos históricos e geográficos que estruturam a re-existência do sertão no Sul do MA?
- De que forma ocorrem as relações, o *fazer* sertanejo e/ou as espacialidades que condicionam as dimensões estruturantes da vida?
- Como se enxergam enquanto sujeitos movidos pelo mundo?
- Quais os conflitos inerentes ao ser *sertanejo* hoje?

Essas indagações são norteadoras das reflexões que nos condicionaram à busca de entendimento de como é o Ser e o Viver sertanejo sul-maranhense diante do redimensionamento da organização política, econômica e cultural aos moldes do produtivismo, que levou à reestruturação dos modos de vida mediante um modelo organizacional interligado diretamente ao urbano. Por conseguinte, reiteramos que a dinâmica do espaço geográfico supõe adaptação permanente (Santos, 2001), o que nos condiciona a indagar sobre qual pressuposto podemos utilizar para interpretar as práticas culturais realizadas pelos sujeitos e realizadoras dos sujeitos.

Justificativa para a pesquisa

Como já explicitado, as mudanças espaciais e existenciais são uma constante no Sul do Maranhão, incluindo novos elementos modernizadores, sujeitos migrantes, lavoura mecanizada, asfaltamento de estradas, êxodo rural, forte vinculação com a cidade, rios secos etc.. Daí novas ressignificações culturais e identitárias surgem, porquanto das trajetórias dos sujeitos e de suas experiências resultam as significações que são demonstradas por suas práticas. Nesse sentido, o espaço “sertão” sul-maranhense passa por modificações, mas é reinventado e se adapta à existência dos sertanejos, que o constroem através do modo de perceberem o espaço e a si mesmos, estando a memória como um cabedal que interfere nas relações identitárias.

O interesse em interpretar o Sertão e os sertanejos, tendo como abordagem suas representações de mundo, deve-se à nossa condição existencial, membro de

uma família de sertanejos maranhenses que estão na região por várias gerações e tendo como base de vida o trabalho na roça de toco e a criação de gado à solta nas chapadas.

Optamos pela busca do entendimento das relações materiais e imateriais dos sujeitos sertanejos. Uma vez que o estudo das relações socioculturais do lugar é de grande valia, consideramos que esses componentes devam ser entendidos à luz de uma construção contínua. Isso porque tanto o tempo quanto o espaço são constituídos por movimento. Portanto, à luz desses aspectos, contemplamos as dimensões da existência nos processos objetivos e subjetivos que acontecem no lugar.

Por outro lado, acreditamos ser função da Geografia entender as peculiaridades que dão vida aos lugares e às questões que envolvem sua estruturação. E, diante do que foi apresentado, vemos a necessidade de um estudo geográfico sobre os elementos postos em relevo, a fim de interpretar o mundo sertanejo, tendo como referência a vida, o modo como esta é condicionada pelas movimentações espaciais, ou seja, como vivem, se organizam e se percebem no mundo. Logo, por meio desta pesquisa, tendo a memória como recurso metodológico principal, poderemos reconhecer, nas narrativas existenciais, de uma maneira diferente, a sociobiodiversidade do Sertão maranhense, composto por elementos que envolvem componentes políticos, econômicos, culturais e os ligados ao psíquico e aos laços identitários entre sujeitos e lugares.

Como objetivo geral, visamos reconhecer o Sertão sul-maranhense a partir das relações históricas e geográficas que promovem a constituição de uma identidade sertaneja, bem como interpretar as trajetórias e as transformações vivenciadas pelos sujeitos sertanejos, nos últimos 50 anos, com base no resgate da memória. Em relação aos objetivos específicos, temos como pretensão:

- Tecer, de forma analítica, uma discussão acerca dos elementos que dão sustentação à pesquisa, ou seja, Sertão, Sujeito, Lugar, Identidade e Memória.
- Correlacionar o processo de ocupação do Sul do Maranhão (sertão) pela corrente de criadores de gado, no século XVIII, com os componentes da Natureza e do Social, que dão origem a uma identidade sertaneja e a um conjunto complexo de tramas socioespaciais.

- Interpretar o sertanejo enquanto sujeito (o Ser) e os modos de vida (o Viver), traduzidos no lugar, relacionados às experiências adquiridas em suas trajetórias.
- Demonstrar o que significa e como se organiza a vida do sertanejo na contemporaneidade, isto é, como se caracteriza as relações sociais com o “novo” espaço-tempo.

Caminhos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa

Para Teixeira (2001, p. 82), “os objetivos da ciência consistem em afirmar que é possível o alcance do conhecimento dos objetos reais situados no tempo e no espaço”. Dessa forma, compreendemos que o espaço passa a ser visível a partir de sua instância social, ao evidenciar as relações existentes nos elementos econômicos, políticos e culturais e ser representado materialmente e imaterialmente.

Nossa pesquisa de tese está focada no Sertão sul-maranhense e direciona-se para a busca de entendimento da identidade sertaneja representada pelos modos de vida, pelas singularidades contidas nas re-existências e pelos aspectos socioculturais em suas relações com o lugar vinculado às trajetórias no e do espaço geográfico (sertão).

Para isso, com a objetividade e a subjetividade em relevo, trabalhamos a cultura concentrando-se numa abordagem do sujeito, na sua maneira de olhar o mundo e de agir interligado com o lugar, ponto movediço da existência e da construção de uma identidade. Nesse sentido, entra em debate a questão das práticas pela dimensão espacial, ou seja, baseada nas representações e na interação com o meio ambiente.

Esse processo de desenvolvimento do trabalho encontra sustentáculo em Berdoulay (2002, p. 48), ao inferir:

Si las representaciones constituyen una conjunto de imágenes producidas por la sociedad, también y al mismo tiempo, son nutridas, elaboradas y re-elaboradas em el nivel individual. Es lo que constituye el imaginário, [...] un conjunto movedizo de imágenes movilizadas y modificadas por el sujeto en el curso de su actuar. Este conjunto resulta de la actividad imaginativa del sujeto y no deber ser considerado a priori como algo estático.

Assim, revelar a realidade é um constructo que se faz mediante uma análise acurada dos fatos históricos e geográficos de constituição do humano, levando em conta uma diversidade cultural em que o espaço se constitui uma fonte viva para o pensamento geográfico (BERDOULAY, 2012). Conforme afirma o autor, e vale sempre reiterar, o imaginário geográfico não é estático.

Com vistas a desenvolver o tema proposto, utilizar-se-á a abordagem qualitativa, dentro da Geografia Humana, pois tal caminho possibilita ao pesquisador(a), tendo a cultura como referencial teórico, compreender melhor os elementos encontrados durante a pesquisa, proporcionando uma interpretação do objeto. No que tange à cultura, Berdoulay (2012, p. 102) adverte que, “embora esse termo seja altamente polissêmico, ele revela uma percepção da diversidade dos modos de vida, dos costumes, dos símbolos ou das práticas que os seres humanos utilizam nas diversas esferas de sua vida pessoal ou coletiva”.

Sobre a pesquisa qualitativa, Matos & Pessôa (2009, p. 279) corroboram que “Os estudos qualitativos costumam ser direcionados ao longo de seu desenvolvimento. Por ser uma pesquisa concebida, principalmente numa perspectiva compreensiva, a coleta de dados é baseada em métodos que não implicam quantificação, e sim, a interpretação do fenômeno estudado”.

Ainda pelo ponto de vista de Matos & Pessôa (2009), nas técnicas da pesquisa qualitativa, os procedimentos mais utilizados são “entrevista, observação, observação participante, análise do discurso, pesquisa ação e estudo de caso” (p. 283). Para o desenvolvimento deste projeto, priorizaremos a entrevista pela rememoração dos fatos pelos entrevistados; a observação; a descrição com o uso do diário de campo dos elementos identificados na pesquisa, como forma de organizar as ideias; registros fotográficos; mapa falado das trajetórias e croquis representativos da estrutura espacial em épocas determinadas.

A memória compõe aqui um importante procedimento para se obter a opinião dos sertanejos acerca do espaço vivido, revelando como os acontecimentos, a vivência e a experiência interferem no modo de vida, além de trazer novidades não constantes em escritos históricos e documentais relacionados à dinâmica socioespacial da região pesquisada. Tudo isso é necessário para que compreendamos o Sertão, as representações e as relações identitárias dos sujeitos.

Dessa maneira, a história oral revela ser um procedimento metodológico que:

[...] busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e, dessa forma, permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. [...] privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (MATOS & SENNA (?) *apud* ALBERTI, 1989, p. 52).

É importante ressaltar que o campo da memória privilegia não somente os acontecimentos passados, mas o presente e, a partir daí, vai formando uma concepção sobre o futuro, “privilegiando o entendimento de que o processo de construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória atende a um processo permanente do vivido” (MONTENEGRO, 2013, p. 19).

Nessa conjectura, uma pesquisa sobre o modo de vida, as identidades e trajetória sertaneja no Sul do Maranhão deve elencar a história de vida e a opinião dos próprios sujeitos aí inclusos, diretamente consultados, sem, no entanto, excluir o ponto de vista de outros atores sociais, tampouco as fontes clássicas (arquivos de órgãos públicos, arquivos privados, imprensa etc.), e os estudos já realizados neste campo. De tal modo, a preocupação teórica subjacente ao presente trabalho se dirige, sobretudo, à necessidade de inserir a “*visão dos de dentro*”, para que se chegue, baseado no diálogo da historicidade, da rememoração, das trajetórias e identidades, ao desvelamento dos saberes daquilo que se mostra nos espaços geográficos onde a vida acontece.

O diário de campo servirá para registrarmos as rememorações constituídas em narrativas de história de vida e do lugar pelos sujeitos elencados na pesquisa, bem como para a realização de uma descrição do que a percepção e o olhar do pesquisador alcançar.

Registraremos como os homens e mulheres caracterizam e vivenciam o seu mundo, espaço de vida, suas subjetividades e redes de solidariedade e como se percebem sob as novas nuances socioespaciais: suas linguagens, seus desejos e suas emoções. Pois, como nos alerta Santos (2002, p. 315), “uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam”.

Como procedimento técnico para desenvolver o tema proposto, lançamos mão de levantamentos bibliográficos em livros, artigos, teses, dissertações, anuário

estatístico, de sites, de jornais sobre o teórico e o empírico e de mapas históricos e geográficos.

No concernente aos pontos (lugares) presentes no âmbito da efetivação da pesquisa, nós os escolhemos devido ao fato de tais locais serem provenientes de antigas fazendas e que, por isso, contam com marcas no espaço, que, por sua vez, nos contam muito sobre a vida, as representações e o tempo. Relativo aos sujeitos, buscamos referência sertaneja por meio dos velhos descendentes de famílias que tenham trajetória de vida atrelada ao ser do sertão. Também recorremos aos mais novos (filhos e netos) para que se tenha entendimento de como se processam as mudanças no tempo, nas ações e nas percepções.

Partindo do pressuposto de que não há destruição, mas construção e reconstrução, entende-se que é necessário dialogar com as lógicas já existentes e surgidas posteriormente, discutindo o sujeito nesse processo. Além disso, há outros sujeitos importantes na construção territorial sul-maranhense, que, juntamente com os sertanejos, constroem relações conflitantes, prenhas de estranhamentos. Estes, diante da mistura das gentes, vão transmitindo empréstimos de culturas; são os indígenas, os gaúchos e recentemente algumas comunidades quilombolas, as quais ainda buscam reconhecimento oficial de seus territórios.

Deste modo, para que possamos nos situar acerca da representação que esses sujeitos possuem sobre o espaço em análise, é necessário que discutamos a situação do indígena diante do processo colonizador dos Sertões e como se encontra sua situação no imaginário sertanejo. Semelhante discussão será feita no concernente ao sojicultor gaúcho, de forma que analisemos a maneira como o sertanejo enxerga o “outro” e quais elementos emprestados deste fazem parte de suas vidas.

Trilhando por esse caminho, puderam ser feitas as observações do cotidiano, conversas temáticas, para apreendermos os modos de vida, as experiências e as representações acerca do mundo, tendo como ponto de partida o lugar.

A seguir, estão os pontos centrais elencados para se entender o sertão.

- Interpretar o Sertão sul-maranhense e os sertanejos por meio da historiografia regional e da memória coletiva – história oral. Para isso, será necessário: elencar pessoas idosas (avós), jovens (filhos e netos) para falarem dos lugares, vivência, relações com a natureza, trabalho, sociabilidade, experiências, conflitos e percepções. Trazer uma leitura capaz de ser reconhecida pela memória dos sujeitos (de 50 anos);

- As relações com as cidades e o progressivo encurtamento das distâncias;
- As técnicas de trabalho e a relação com os elementos e o tempo da natureza;
- Os componentes culturais (religião, comida, festas, habitat);
- Trazer para a pesquisa a concepção do que é ser sertanejo, dito por eles mesmos, seus modos de vida e pelos teóricos do Sertão sul-maranhense;
- As relações tecidas com os indígenas e com os gaúchos no decorrer de suas trajetórias. Desta forma, identificar os componentes conflitantes e culturais resultantes do imbricamento desses sujeitos.

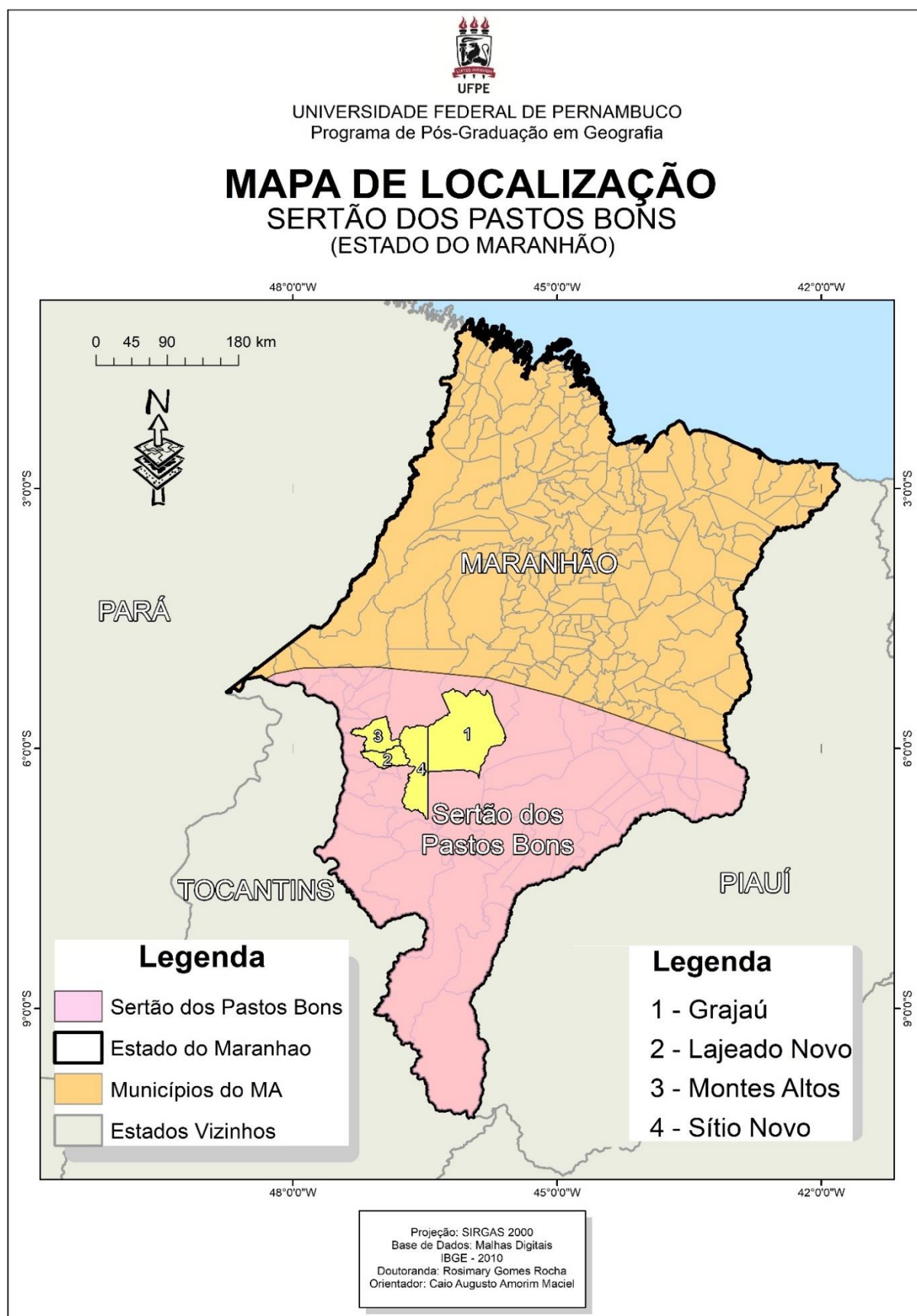
Trabalho de Campo

Em se tratando da realização da Pesquisa de Campo, não percorremos toda a região sul-maranhense, que se encontra inserida no que foi todo o território de Pastos Bons, mas procuramos buscar elementos em Grajaú e lugares circunvizinhos, por exemplo Montes-Altos, Lajeado Novo e Sítio Novo, municípios caracterizados pela resistência da Cultura vinculada ao Sertão e pela presença de territórios indígenas (Figura 3). Esse espaço tem, ainda, sofrido ressignificações reestruturantes com a inserção da sojicultura e instalação de materialidades favorecedoras das ações modernizantes no território.

A escolha por verticalizar os lugares da pesquisa nos possibilitou uma aproximação com os sujeitos e uma abstração maior sobre como estão estruturadas suas vidas. Nesse processo, em que se requer uma criação de uma certa intimidade, estabelece-se uma espécie de troca entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, ou seja, uma dimensão social e afetiva, que nos faz entender que o trabalho de campo é uma vivência (BRANDÃO, 2007) subjetiva.

Dentro desse contexto, Brandão (2007, p. 14) assevera que, para um bom desenvolvimento do trabalho científico, é necessário “conviver, espreitar dentro do contexto o que eu (*o autor*) (grifo meu) chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu (*o autor*) (grifo meu) me deixo envolver”.

Figura 3 - Municípios nos quais foi realizada a Pesquisa de Campo



Fonte: Organizado pela autora, 2017

Então, seguindo por esse caminho, buscamos, em um primeiro momento, realizar visitas a fazendas e lugares, participar de reuniões festivas e ouvir conversas do cotidiano que pudessem nos levar a entender um pouco da organização e dinamicidade do Sertão, a fim de que, depois, pudéssemos adentrar com as entrevistas, objetivando ouvir os relatos dos sujeitos incluídos na pesquisa, conforme Quadro 01.

Quadro 01 - Períodos de visitas e trabalhos de campo – Sertão sul-maranhense

Período de visitas	Atividade desenvolvida	Objetivo
Julho de 2014	Observação in loco da natureza, estruturação do espaço sertão e cotidiano dos sujeitos.	Tecer um olhar acerca de elementos que dão nuances à re-existência sertaneja e às transformações estruturais que sofre esse espaço.
Janeiro de 2015	Visitas feitas a adjuntos realizados no Sertão, a saber: missas, reuniões comemorativas de familiares e fúnebres.	Entender como ocorrem as relações sociais quanto à solidariedade, a valores e a saberes.
Julho de 2015	Visita às Fazendas Alegria e Lote 10, localizadas nos municípios de Lajeado Novo e de Montes Altos.	Conversar informalmente e fazer registros fotográficos de componentes reveladores de um modo de vida no Sertão.
Abril de 2016	Visita às Localidades de Piranhas, Matuzalém e Sobradinho no município de Grajaú, para observações e entrevistas temáticas.	Conversar informalmente e fazer registros fotográficos de componentes reveladores de um modo de vida no Sertão.
Janeiro de 2017	Visitas às localidades, fazenda Alegria, fazenda Lote 10, fazenda Piranhas, nos municípios de Montes Altos, Lajeado Novo e Grajaú para registros fotográficos e entrevistas.	Entrevistar sujeitos que moram no Sertão, fazer registros fotográficos.
	Entrevista com o pesquisador Adalberto Franklin.	Entender os processos que regeram a apropriação e formação do espaço sul-maranhense.
Julho de 2017	Entrevista com um senhor mineiro, que migrou para Grajaú na década de 1970; Entrevista com um sojicultor, migrante sulista.	Analisar o ponto de vista de sujeitos migrantes no concernente aos componentes que formam a região.

Org.: A autora, 2017.

Aos poucos, fomos definindo nosso roteiro, o que nos proporcionou trilhar etapas. Estas se iniciam com a identificação e a seleção daqueles a serem pesquisados, o que foi feito por intermédio de pessoas conhecedoras da região, as quais ajudaram a indicar sujeitos e lugares. Os perfis dos escolhidos atendem a determinados requisitos, quais sejam:

- Camponeses lavradores, vaqueiros e sojicultores

- Fazendas com criação de gado de forma extensiva e semi-intensiva, e uma fazenda de soja;

Tais lugares foram selecionados por terem as seguintes caracterizações:

1. Relação histórica, social, econômica, política e cultural com o Sertão;
2. Práticas de uso da natureza, no que tange ao cultivo, à construção, à criação de animais (especialmente o gado), à conservação ou não e à relevância no conhecimento dos tipos vegetais e animais;
3. Possibilidade de desenvolver um trabalho com os sujeitos levando em conta suas memórias das experiências vivenciadas em sua trajetória de vida no Sertão, o que requer o uso da oralidade.

Durante os trabalhos de Campo, fomos tecendo as informações básicas acerca dos entrevistados e sobre os lugares pesquisados, como suas localizações geográficas, histórias e paisagens.

Antes de apresentarmos os resultados da temática deste trabalho, pensamos ser importante relacionarmos informações e características dos locais investigados. Para isso, organizamos o quadro seguinte (Quadro 02), constando os elementos já dimensionados, bem como as práticas agropecuárias que dão sustentação ao fazer-se sujeito sertanejo. Já os resultados da Pesquisa estarão dispostos em cada uma das partes temáticas dos capítulos.

Quadro 02 – Caracterização dos locais em que se deram as pesquisas no Sertão sul-maranhense, considerando suas localizações geográficas, a história, a paisagem e práticas agropecuárias.

Localidades visitadas	Localização geográfica e principais características organizacionais	A sua história	Práticas agropecuárias
Fazenda 1	A Fazenda Alegria está localizada no Município de Montes Altos e é banhada pelo riacho Clementino. Para chegar até a localidade, saindo da cidade de Lajeado Novo, percorre-se uma estrada de chão vicinal, que liga este município ao de Montes Altos. Pelo caminho, atravessam-se pequenos córregos com pontes de madeiras, em sua maior parte em péssimo estado de conservação, e outras pequenas fazendas de gado. A organização tem como base a sede da	A propriedade foi adquirida por meio de compra no ano de 1983. Pertencia a uma família que morava na localidade até a velhice dos patriarcas, tendo eles mudado para a cidade de Imperatriz-MA após a venda.	Criação de gado como principal fonte econômica para a venda e abastecimento familiar. Criação de galinhas, porcos. No quintal, produzem-se várias espécies frutíferas e ervas medicinais.

	propriedade, constando de casa construída de telha e tijolos, casa de mantimentos (o sal para o gado, por exemplo) e instrumentos de labuta com o rebanho, como selas e arreios. Há energia elétrica que foi instalada no ano de 2015 e um poço artesiano para abastecimento doméstico. Há, ao lado, a casa do vaqueiro e, bem próximo da residência, o curral que serve para prender o gado. Os capins para a criação do gado são o principal elemento de formação e alimentação do rebanho.		
Fazenda 2	A propriedade, Lote 10, localiza-se na parte oeste do município de Lajeado Novo. Para se chegar à localidade, percorre-se uma estrada de chão em estado razoável para o tráfego de carros. Nessa área, há um adensamento da população, já que consta da presença de um assentamento e de vários sítios com centenas de metros a alguns quilômetros de distância um do outro. A casa é de telha e alvenaria. Há energia elétrica na propriedade e um curral de madeira serrada e coberto de telha brasilit. Existe um poço artesiano que serve para o abastecimento doméstico e para regar o plantio da roça.	A propriedade foi adquirida por meio de compra no ano de 2009.	Criação de mais ou menos uma centena de cabeças de gado, cuja venda é feita esporadicamente. Cultivos de mamões, abóboras, bananas e inhames com o recurso da irrigação, para a negociação comercial. Criação doméstica de galinhas e porcos.
Fazenda 3	A fazenda Piranhas está situada na parte sul do Município de Grajaú, é banhada pelo riacho Piranhas. Da cidade de Grajaú à localidade, percorre-se trecho da estrada que liga essa cidade à cidade de Formosa da Serra Negra, sendo que um outro trecho é feito por estrada de chão	A propriedade foi adquirida pelos avós dos atuais proprietários e foi sendo repassada pelo sistema de herança familiar.	Criação de gados para o abastecimento alimentar na propriedade e vendas. Criações de porcos, galinhas e ovelhas. Cultivo de árvores frutíferas e plantas medicinais.

	e que atravessa o rio Mearim, onde uma ponte de madeira serve de travessia. Pelo caminho, até chegar à fazenda, observa-se a presença de lavouras de soja, milho e sorgo. Na sede da propriedade, há a casa principal de morada da família, alguns barracões onde se guardam os instrumentos de trabalho. A casa é rústica, tendo sido construída quase cem anos atrás. Há, numa distância aproximada de uns cinquenta metros, a casa do vaqueiro e, ao lado, o curral de troncos de madeiras. Na parte da frente da propriedade, há um cemitério, onde estão enterradas pessoas da família.		
Fazenda 4	A Comunidade do Sobradinho, município de Grajaú, é dividida em lotes. Aí reside o Sr. Francisco Barros e sua esposa. Os moradores têm uma associação, a qual possui um trator que serve para exercer determinados trabalhos, como transportar o que é produzido e troncos de madeira. Ao redor da localidade, há reservas indígenas.	A propriedade foi adquirida por meio da compra há vinte e dois anos.	Plantação de arroz, milho, feijão e mandioca, criação de poucas cabeças de gado e de animais pequenos.

Fonte: pesquisa de Campo.
Org.: A autora, 2017

Estrutura da Tese

Pensamos que, para alcançar uma estrutura capaz de oferecer uma interpretação acerca da proposta por nós estabelecida, precisamos seguir uma ordem que dê conta de explicar os conceitos e os elementos alçados como pertinentes para pensar o recorte espaço-temporal, bem como todas as dinâmicas históricas e geográficas elencadas aqui.

De acordo com o mencionado, esta tese encontra-se dividida em cinco capítulos. No primeiro, abordamos os desdobramentos conceituais apreciados na pesquisa, que são: Cultura; Lugar e Identidade; Sertão; Sujeito e Memória, partindo de leituras essenciais para a apreensão do mundo em totalização e embasadas por estudiosos da temática tanto na geografia quanto em áreas afins. Demonstramos, ainda, por meio de mapas e de forma descritiva, as dinâmicas abordadas por Grupos de Estudos credenciados ao CNPq com foco nesses conceitos, sendo eles do campo da Geografia.

No segundo capítulo, apresentamos o Sertão de Pastos Bons, a desreestrutuação desse espaço geográfico, os primeiros pontos estabelecidos pelos criadores do gado, povoados e municípios surgidos por essa ocupação, como também os municípios em que se darão a pesquisa e a explicação que justifica a escolha desses lugares.

Os fatores condicionantes, tanto históricos, quanto geográficos, da ocupação sertaneja na região sul-maranhense estão dispostos no terceiro capítulo, elencados de forma que haja um entendimento de como e por que se deu o estabelecimento de uma sociedade tendo a economia ganadeira como pressuposto principal. Ganham relevância, também, os desdobramentos disso para as comunidades indígenas vigentes na localidade, sendo a natureza elemento norteador desse processo. Surge daí uma identidade vinculada a costumes específicos do lugar.

No concernente ao quarto capítulo, o Ser e o Viver o Sertão são o bojo da discussão. Dessa forma, partindo das falas dos sujeitos sertanejos sobre suas experiências e trajetórias, como o morar, o trabalhar, as festas (adjunto), religiosas ou não, as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e com a natureza, foi possível apreender e interpretar as identidades constituídas, as permanências, as rupturas no tempo e no espaço, como enxergam a si e ao outro.

No quinto e último capítulo, tratamos da multiplicidade socioespacial existente no Sul do Maranhão advinda de novas relações de produção. Ou seja, os eventos aí demarcados desencadearam transformações no espaço e nos modos de vida dos sujeitos sertanejos. Vale ressaltar que os eventos se dão no encontro entre horizontalidades e verticalidades e mudam toda uma existência. Portanto, apresentamos o que é o Sertão sul-maranhense hoje, buscando referências no passado e no próprio presente.

1 - CULTURA, SERTÃO, SUJEITO E MEMÓRIA: avanços na pesquisa geográfica no Brasil e seus desdobramentos conceituais

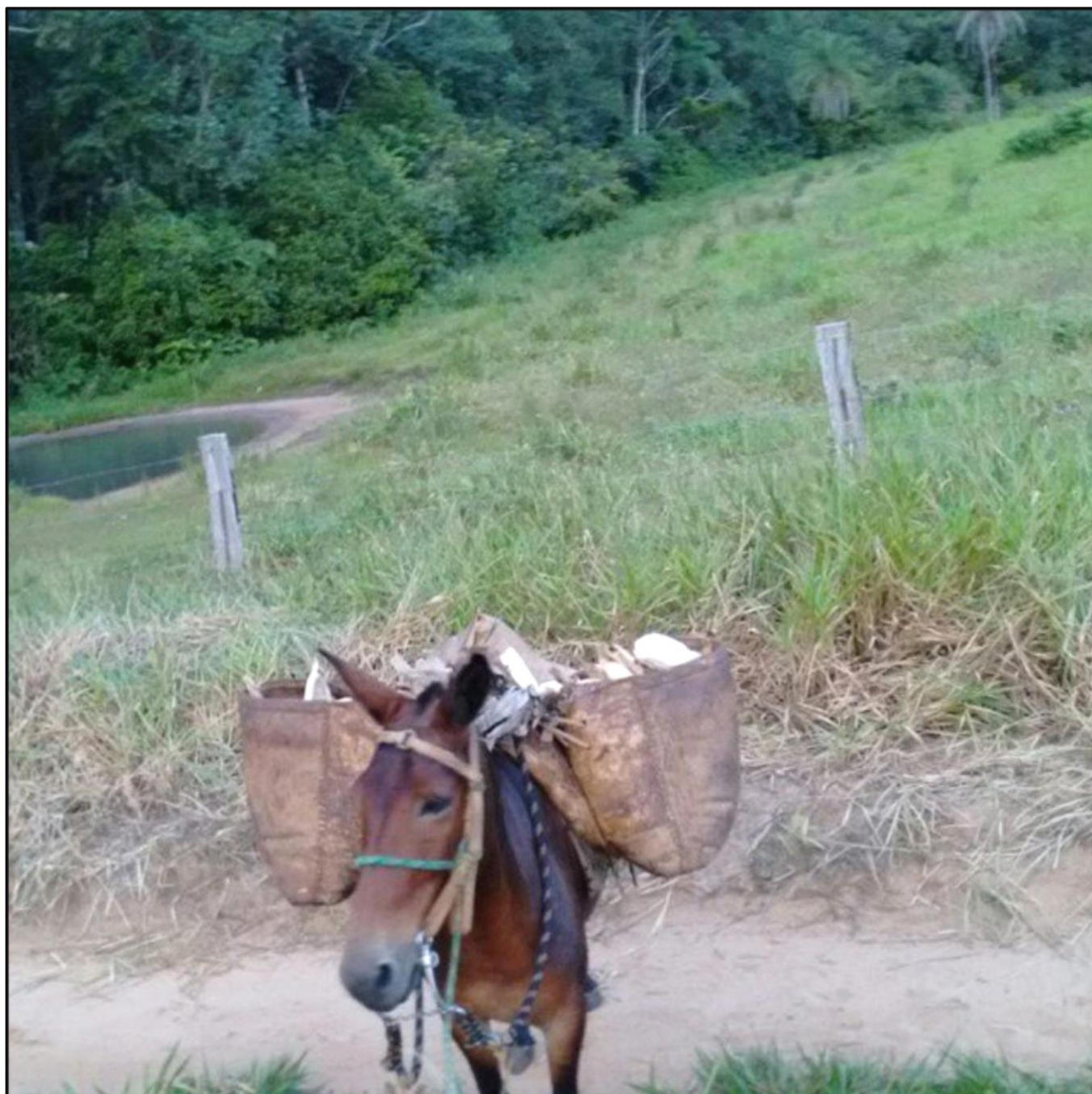


Figura 4 - Burro com carga de mandioca
Fonte: A autora, 2014

1 - CULTURA, SERTÃO, SUJEITO E MEMÓRIA: desdobramentos conceituais e avanços na pesquisa geográfica no Brasil

1.1.Desdobramentos conceituais

Cultura, Sertão, Sujeito e Memória são os conceitos por nós elencados como centrais para o desenrolar da pesquisa, tendo em vista os objetivos propostos. O que nos permite direcionar o olhar de forma a apreender não só a materialidade que está posta, mas também o que pode está encoberto a priori, no caso, as leis que regem um conjunto de elementos que são responsáveis pelos componentes estruturais da sociedade em sua totalidade.

Tendo como propósito relacionar os conceitos citados acima com o objeto de nossa pesquisa, traçamos, a seguir, um diálogo sobre a forma como tais conceitos nos amparam na nossa forma de perceber o Sertão maranhense e os sertanejos aí presentes.

1.2 Cultura e Representação Sertaneja

De acordo com Almeida (2008), as identidades territoriais e a etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro evidenciam as dimensões culturais construídas no sertão³, lugar onde estariam nossas raízes e, como efeito do entendimento do sertanejo, entenderíamos a nós mesmos. Nesse sentido, o vínculo com a referência espacial e/ou a região enquanto espaço vivido (FRÉMONT, 1980) são elementos que possuem uma grande significação para a apreensão das representações através da análise da relação entre cultura e significado⁴.

Entendemos que, nas ações do sujeito, que envolvem o comer, o vestir, o trabalhar, o gostar, o odiar, o querer e o não querer etc., que se mostram a nós

³ Ao tomar o sertão como lócus de estudo, é importante lembrar que a existência do sertão requer, impreterivelmente, a existência dos sertões. O lugar sertão constitui um amplo e heterogêneo espaço em que múltiplas e diversas relações sociais, culturais e políticas imbricam-se e conjugam diferentes lógicas e modos de ser, viver, sentir e pensar que fazem do sertão o lugar dos sertões (LOPES, 2012, p. 334).

⁴ Geograficamente, o termo sertão refere-se aos chamados sertões nordestinos – desde o norte de Minas Gerais abrangendo os estados centrais do Nordeste até o Piauí – e ao sertão brasileiro, considerando os estados de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte de Mato Grosso (ALMEIDA, 2008, P. 17).

mediante representações socioespaciais, está inserido o pertencimento cultural a um dado lugar. Ao direcionarmos o olhar para a cultura como um elemento não naturalizado, que não é estática, damos sentido a experiências espaciais, estando essas experiências marcadas por vínculos referenciais. Portanto, o vínculo simbólico e afetivo abarca as condições materiais e objetivas que incidem nas cognições sobre valores, crenças, atitudes, memórias, preferências, significados e concepções acerca do mundo traduzido no cotidiano.

Esses componentes estão relacionados a um processo cultural, traduzido por e pela representação, que Hall (2008, p. 17) explica da seguinte forma:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Reportando-nos para a representação do sertanejo como um processo cultural, ele está situado em uma vida social simples, apesar de sua existência estar atravessada por mecanismos de dominação globalizantes. A simplicidade referenciada diz respeito à forma de moradia, sem muito luxo, à maneira de tratar as outras pessoas, quase sempre com afetuosidade e atenção, aos objetos que servem de manejo do trabalho, seja doméstico ou na produção de bens, aos costumes ligados à natureza. Tais características ainda os definem, embora suas vidas já não compreendam somente o uso de técnicas cujo uso da força física é preponderante, como a enxada, a foice, o machado; a criação de animais para a venda e abastecimento alimentar próprios; o íntimo convívio com a natureza e seu tempo lunar e climático; relações sociais de parentesco e compadrio. Suas vidas englobam necessidades de conexões com outros locais, fora de sua morada. Além disso, novos desejos surgem, o que denota mudanças não só materiais no uso do espaço e nas técnicas, como também nas subjetividades⁵.

⁵ As subjetividades encontram-se hoje atravessadas por uma infinidade cambiante de fluxos heterogêneos, tomadas por intensidades as mais variadas. Nessas condições, revela-se sua natureza de sistema complexo, heterogenético e distante do equilíbrio. Mais do que subjetividades, o que temos são processos de individuação ou subjetivação - complexa operação de agenciamento de intensidades, que não esgota tais intensidades e seu potencial de gerar outros devires. O indivíduo está sempre implicado no exercício de sua individuação, no contexto de um sistema metaestável de singularidades pré-individuais e impessoais. Faz-se necessário constituir uma teoria da subjetividade que comporte tais singularidades e sua potência de transfiguração, de modo a apreendê-la em sua dupla face:

A simplicidade desses sujeitos se conserva pela cotidianidade de suas trajetórias, em que as sociabilidades são tecidas por tempos menos fluidos que em espaços constantes de intensas movimentações. São homens e mulheres comuns, que guardam consigo modos de vida próprios, mas atravessados por fragmentações e estranhamentos oriundos dos caminhos percorridos. Re-existem e, por isso, re-inventam-se, pois “nossas privações são a nossa riqueza e o nosso desafio” (MARTINS, 2015, p. 11), o que faz com que as mudanças contínuas, que, em grande parte, retiram direito, reiteram construções frente às diversidades contemporâneas.

De conquistadores da região denominada de “Pastos Bons” no Sul do estado do Maranhão, que deu origem ao município com esse mesmo nome e depois a vários outros, frutos de desmembramentos territoriais, os sertanejos sul-maranhenses carregaram, ao longo da vida, peculiaridades ligadas à natureza desse sertão, caracterizado pela predominância de caudalosos rios, vegetação de Cerrado, ricas pastagens naturais. É um lugar longínquo da costa brasileira e dos acontecimentos sociais político-administrativas do país. E por esse distanciamento da costa, coube à região a denominação de *sertão*, lugar “deserto”, longínquo e habitado apenas por animais bravos e ferozes, como também por indígenas submetidos aos ditames impostos pela conquista, fato esse que será melhor detalhado ao longo deste trabalho.

Acerca do surgimento do sertão, Almeida (2003, p. 74), esclarece:

A origem da palavra sertão seria contemporânea ao descobrimento. [...]. Aos portugueses não passaram despercebidas as grandes distâncias, as imensas vastidões, a raridade de marcas humanas, implicando um isolamento físico, psíquico e cultural nos ambientes dos chapadões, cerrados e caatingas, parecido com os da África. De fonte etimológica duvidosa, a crença geral é a de que essa palavra foi uma invenção dos portugueses para definir o “desertão” africano, por onde se aventuravam antes das navegações. O termo seria, portanto, uma corruptela de grande deserto, deserto... sertão. (p. 74).

Nesse entrelaçamento entre natureza, semi-isolamento, relações conflituosas com os indígenas pela posse do território, criação de gado de forma extensiva e cultivo de roçados, formou-se a base do patriarcalismo, uma sociedade de homens e mulheres pautada pela forma simples de viver, embora com desejos carregados de ambição pelo possuir.

sedimentação estrutural e agitação caótica. Impossível fazê-lo sem enfrentar o caos na própria subjetividade e acolher os múltiplos e estranhos eus que aí se perfilam. (ROLNIK, 1996)

Ao nos reportarmos ao escritos sobre os primórdios dessa região, verificamos que suas simplicidades estão expressas nos alimentos consumidos, no vestir, no morar, nas técnicas e nas relações de trabalho, portanto em seus modos de vida. Isso nos faz concordar com Vera Maria Tietzmann Silva, que, ao escrever o prefácio da 2ª edição do livro *Sertão sem fim* de Bariani Ortêncio, assevera que “*sertão* é mais do que uma palavra em literatura: é imagem prenhe de significações”.

Ao longo do tempo, suas simplicidades não foram apagadas, tão somente formaram, com as mudanças socioespaciais, novos contornos. Seus jeitos e trejeitos dizem muito sobre si. Sua linguagem possui, em alguns casos, significados próprios. E o morar, o vestir, o comer e o pensar, agora, estão profundamente condicionados ao espaço urbano, apesar de isso ocorrer com menos fetichização do que é pintado. Sua vida é atravessada pelas lutas, pelos desejos, pelas necessidades, pelas realizações e pelas re-existências. Ademais, o outro é figura presente, sendo que a partir dele (o outro) os sertanejos conseguem perceber-se e compreender sua condição, sua existência. O outro (o índio, o sojicultor, o cidadão letrado) permitem-lhes o autoconhecimento. Por esse viés, ora o sertanejo coloca-se como figura superior, ora inferior.

Várias e múltiplas são as representações nos escritos sobre a categoria sertão. Porém, converge, nos relatos e nas histórias que envolvem esse lugar, a definição de espaço vazio, não só demograficamente, mas vazio de leis e/ou de normas civilizatórias. Um lugar inóspito e carente de conhecimento acerca das coisas boas do mundo, que precisa ser “ocupado”. No entanto, esse discurso pensa o espaço segundo uma homogeneidade que não existe, pois uma análise mais profunda do Brasil permite verificar claramente as grandes diversidades do país, de dimensão territorial, com existência de uma pluralidade de relações políticas, econômicas, sociais e culturais em todo o espaço, em todas as regiões.

Neste sentido, de acordo com Amado (1995, p. 07):

No início do século XIX, “sertão” estava de tal modo integrado à língua usada no Brasil, que os viajantes estrangeiros em visita ao país registraram a palavra, utilizando-a várias vezes em seus relatos: Pohl (1976), por exemplo, mencionou os “vastíssimos sertões”, e chamou a atenção para “essa área perdida, escondida, esse sertão das Gerais”, enquanto Saint Hilaire (1937) usou “sertão”, sempre designando “as áreas despovoadas do interior do Brasil. Quando digo ‘despovoadas’, refiro-me evidentemente aos habitantes civilizados, pois de gentios e animais bravios está povoada até em acesso”. “sertão” ou “certão”, usada tanto no singular quanto no plural, constituía no Brasil noção difundida, carregada de significados. De modo geral, denotava “terras sem fé, lei ou rei”, áreas extensas e distantes das do litoral, de

natureza ainda indomada, habitadas por índios "selvagens" e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente. Nesse sentido, "sertão" foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil - espaços vazios, desconhecidos, longínquos e pouco habitados. Por isso, desde os primeiros anos da Colônia, acentuando-se com o passar do tempo, "litoral" e "sertão" representaram categorias ao mesmo tempo opostas e complementares. Opostas, porque uma expressava o reverso da outra: litoral (ou "costa", palavra mais usada no século XVI) referia-se não somente à existência física da faixa de terra junto ao mar, mas também a um espaço conhecido, delimitado, colonizado ou em processo de colonização, habitado por outros povos (índios, negros), mas dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura e da civilização. Para o colonizador, "sertão" constituiu o espaço do outro, o espaço por excelência da alteridade.

O relato, acima, prova que o Sertão não foi necessariamente um espaço vazio, inóspito, carente culturalmente, mas um espaço que agrega, em seu interior, encontros culturais e econômicos que constituíram a região e que são elementos fundantes da sociedade que ocupa esta faixa territorial que é o sertão em sua totalidade regional (LOPES 2012).

Para Askenazi (2010, p. 295), "as possíveis caracterizações da região por seus aspectos geográficos (desértica, boscosa etc.), ou por critérios da vida social (região econômica, fronteira, histórica, cultural) estão sempre mediadas pela experiência e ação social". Nesse sentido, a escolha do Sul do Maranhão como espaço a ser priorizado neste trabalho se deve ao fato de que corresponde à área que atendeu às necessidades dos criadores de gado no final do século XVII. Sua paisagem se configura como elemento geográfico fundamental na caracterização dos anseios dos vaqueiros e que por ser habitada, somente, pelas comunidades indígenas, consideradas fator de obstrução, foram energeticamente combatidas, nos campos bélico, econômico, cultural e simbólico. (SANTOS, 2012, p. 122).

Por esse entendimento, estamos dando ênfase à construção da região culturalmente, buscando demonstrar outros componentes, por exemplo históricos, materializados no espaço. Giménez (2000, p. 639) assegura que "enquanto constructo cultural, a região é produto do meio ambiente físico, da história e da cultura". Nesse sentido, a necessidade de superar o objetivismo positivista e de colocar em relevo a subjetividade dos sujeitos conduz a se pensar a região como vivida e percebida (FRÉMONT, 1980; GIMÉNEZ, 2000).

Em relação ao importante papel dado à natureza (meio ambiente físico) na região sul-maranhense, Santos (2012, p, 21) enfatiza:

Apesar de um pouco simplista, tal afirmação, é plausível concordar com parte dela, no momento em que a construção identitária no Maranhão se edifica na exclusão do nativo. Por força de um destino, o sertão nasce e cresce expulsando o índio para a implantação das fazendas de gado. Os “Pastos Bons”, como ficou conhecido o sertão maranhense, passam a ter existência social a partir do instante em que surge o gado para consumir esses pastos. Não apenas o pasto, como também o clima, vegetação, as águas e todos os elementos geográficos passam a ter um novo sentido, re-significado pelo colonizador, pelo criador de gado e pelo re-povoador; todos aos serviços de uma nova organização social.

Mesmo passando a existir uma nova organização social, não podemos desconsiderar o papel da cultura indígena na região. Apesar das relações tensas que ocorrem até os dias de hoje, há a mistura de raças e de saberes. Claro que o colonizador, que se apresentou como o “estranho” mediante sua chegada, vai interferir na lógica local até então estruturada.

De acordo com o direcionado a todo o interior do Brasil, o sertão era assim um de-sertão, espaços vazios, desconhecidos, longínquos e pouco habitados (AMADO 1995). Para o colonizador, “sertão” constituiu o espaço do outro, o espaço por excelência da alteridade, erigindo assim suas próprias identidades (AMADO,1995). Foi caracterizado por “vazio” demograficamente, disponível para o estabelecimento das grandes fazendas de gado e portador de componentes ecologicamente apropriados.

Vicentini (2007, p. 189) destaca que o Sertão pode ser enxergado mediante várias perspectivas:

A que associa a noção de sertão com terra desconhecida, inóspita, ignorada e bárbara, como fez Euclides da Cunha; a que associa sertão à ruralidade e ao campo, com estudos da sociologia rural ou a produção intelectual da literatura regionalista, por exemplo; a que associa o sertão à noção de fronteira econômica e que faz com que os planejamentos governamentais o encarem como terra a conquistar para construir o futuro da nação; a que associa o sertão à identidade da nação e cria com ela o povo étnico brasileiro e as suas principais características culturais e raciais diferenciadas do conjunto das outras nações; a que associa o sertão ao subdesenvolvimento e ao primitivismo, merecedores de uma colonização civilizatória, para só citar algumas.

Em sua definição de Sertão, Almeida associa-o à cultura, a uma significação:

A construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de “ver” o mundo. O olhar, o ato de contemplar a natureza, não é uma atitude natural. Pelo contrário, ele é resultante de uma instituição da cultura que inventou essa contemplação e lhe deu uma significação e valor. Ora, partindo do pressuposto de que as

culturas são diversas, no tempo e no espaço, a contemplação reveste-se, pois, dessa pluralidade do olhar (ALMEIDA, 2003 p. 71).

Pelas perspectivas colocadas, o Sertão pode ter muitas formas e sentidos, dependendo exclusivamente do olhar, ou seja, no Sertão há várias geografias, formando, dessa forma, uma totalidade (SAHR, 2009).

Em seu livro sobre paisagem na geografia cultural, “short Loan: landscape”, John Wylie esclarece que “vemos as coisas não são somente pela função biológica de nossos olhos. A maneira que vemos as coisas é uma forma cultural; nós vemos o mundo por perspectivas culturais e particulares, como fomos socializados e educados” (WYLIE, 2007, p. 6) (*tradução nossa*). Nesse sentido, “o efeito de “viver aqui ou ali” é mais que a simples questão de onde estamos, pois inclui como vivemos, onde trabalhamos, com quem nos relacionamos, como transcorre nosso tempo, como nos sentimos em relação aos outros, que recursos temos e até com que podemos contar” (GOMÉZ, 2011, p. 28).

Os sertanejos têm suas vidas atreladas ao modo de vida rural, que co-existe nas sociedades modernas, como um espaço específico e diferenciado. No entanto, segundo Wanderley (2001, p. 32), “isso não quer dizer a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução”. Acrescenta “que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba” (WANDERLEY, p. 32). O rural é visto, então, como lugar de onde se vê e se vive o mundo. Não podendo mais conferir, imagetivamente, para o pensamento citadino, em espaço longínquo e despovoado, com uma economia agrária e subdesenvolvida, de associações comunitárias entre seus membros, de pensamentos míticos e psíquico mais ritualizado, local de vida heroica ou trágica (VICENTINI, 2007).

Seguindo esse pensamento, não concordamos com SAHR (2009) sobre sua compreensão do Sertão, que, segundo ele, apresenta características geográficas predominantes das espacialidades do mundo caboclo. Esse autor estabelece que: “o mundo do Sertão é profundo, intensamente interligado entre as esferas, mas recluso e fechado para fora. Por esses aspectos, a sua maior característica é a solidão vertical e não a solidariedade horizontal; a solidão como característica primária do caboclo

coincide com a saudade e o desejo fracassado, resultando em nômades infelizes” (p. 271).

O autor utiliza-se do termo caboclo para se referir aos sujeitos e classifica o seu mundo como fechado e escondido. Entretanto, mesmo nos anos nos quais eram difíceis as locomoções e o trabalho dependia basicamente da força humana, os sertanejos conseguiam produzir os bens necessários à vida, mantinham fortes valores familiares e de sociabilidade. Se no presente o espaço Sertão tem sido reestruturado pela lógica de ocupação dos espaços “vazios”, se seus próprios sujeitos rejeitam a denominação de arcaicos e atrasados, se si apropriam dos costumes e objetos citadinos, transparecidos em suas formas e relações culturais, não é convincente, e sim questionável, a ideia de que esse lugar transpareceu solidão e não solidariedade.

Vicentini (2007) corrobora esse questionamento, também já feito por Guimarães Rosa, que estabelece: “o sertão é o homem”, e o que existe é “homem humano”, carregado de cultura e história, atravessando o espaço, o tempo, as emoções, as experiências. Tal afirmação tem bases históricas e aponta para o entendimento da contínua transformação espacial, não havendo uma forma estática, incapaz de sofrer mudanças. De tal modo, o Sertão não se reduz a um lugar fechado e delimitado, uma imensidão espacial à espera de seus ocupantes, o oposto do litoral. Ele está configurado pelo estabelecimento de estruturas maleáveis, composto por assentamentos agrários, pequenas e grandes cidades, fazendas, pequenos sítios, uso da energia elétrica, do celular, da televisão e por estradas de rodagem, que fazem a ligação com as cidades funcionais.

Mello (2014 p. 65) destaca que “o lugar transcende a materialidade, mas não está dissociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos”. O que nos leva a entender que a efetivação da materialidade é intermediada pela imaterialidade, ou seja, pela subjetividade, em que a cultura tem papel relevante para a construção das representações sertanejas.

Dessa maneira, mesmo com a inserção dos elementos da modernidade, que impõe lógicas modernas, alguns componentes não se perdem, fazendo com que o espaço Sertanejo seja portador de cargas residuais reinventadas e, até diante do esvaziamento desse espaço, em consequência da migração por seus habitantes para áreas urbanas próximas – devido à diversas necessidades, como médica –, esse lugar continua sendo lugar de vida, de trabalho, de festas. Os vínculos de pertencimento

continuam ser na terra. Destarte o Sertão está sendo esvaziado, todavia os sujeitos aí se reúnem em função do lugar.

1.3. Lugar e Identidade: conceitos para se pensar o Sertão e o sertanejo

Castells (1999, p. 22) mostra que as identidades se constituem com a “fonte de significados e experiência de um povo”; e acrescenta, ainda, que toda identidade é construída e que, para sua compreensão, devemos levar em conta os elementos seguintes: Como ela foi construída? A partir de que ela foi construída? Por quem? Com qual objetivo?. Sendo que nessas condições é possível compreender que existem finalidades nas ações empreendidas, o que nos leva a comungar com as ideias de Lap (2004, p. 93), para o qual a identidade “existe e muda com a própria existência e desenvolvimento de cada *comunidade* (grifo nosso)”, ou seja, pelo viés que estamos trabalhando *o sujeito*.

Portanto, não pode ser deixada de fora do debate a identidade cultural, que, no caso dos sertanejos, não se apresenta de forma unívoca, sendo que muitos laços identitários se manifestam na convivência com o lugar, mas são marcadas pela multiplicidade de representações (ALMEIDA, 2008). Destarte ela é relacional, pois depende para existir de algo fora dela, de uma identidade que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista, sendo sua construção tanto simbólica quanto social (HALL, 2008).

A formação do Sul do Maranhão está relacionada à sua apropriação por diferentes sujeitos, forjando identidades que os interligam ao meio biofísico no qual se encontram. São populações indígenas, sertanejos (roceiros e criadores de gado), comunidades quilombolas – algumas ainda não registradas oficialmente – e sulistas sojicultores que elaboram suas vidas baseadas em estratégias de reprodução socioespacial, isso se estivermos colocando em relevo apenas o espaço rural, pois, no espaço urbano, há uma grande diversidade de sujeitos com trajetórias e identidades múltiplas e diferenciadas. Assim, as suas atuações tendem a ser diferentes e divergentes, embora, em alguns casos, os interesses sejam os mesmos, sendo tão somente as estratégias de (re)construção do espaço aplicadas por práticas diferenciadas, incluindo aí a discussão dos valores culturais e a subjetividade dos grupos.

No âmbito deste trabalho, elencamos o papel da natureza e do social, por serem importantes para a apropriação dessa região, conhecida como Sertão. Para isso, reportamo-nos aos fatores históricos que demonstram a primazia do Cerrado, bioma aí preponderante e que exerce influência nos modos de vida dos sujeitos sertanejos, na caracterização das identidades e da trajetória socioespacial do lugar, em que a subjetividade é revelada pelas nuances contidas nas práticas materializadas espacialmente. Dessa forma, vai se tecendo o pensar, o agir, o viver, ou seja, o lugar, o mundo. Esses componentes são postos por Berdoulay (2012, p. 47) quando aponta que “em efeito a espacialidade dos seres humanos provoca que se construa como tais no processo mesmo de sua interação com o entorno: modelam os lugares que lhes permitam sustentar essa interação e, reciprocamente, se veem transformados por eles”. E adiciona: “lugar e sujeito aparecem assim inextricavelmente ligados; se instituem mutuamente” (p. 47).

As identidades dão visibilidade à existência de singularidades, a despeito de o lugar ser composto por múltiplas identidades, resultado das diversidades no olhar dos sujeitos, pertencentes a diferentes classes sociais, valores étnicos, saberes e aspirações. Vislumbramos, sob a ótica da geografia, a região como espaço vivido, preconizado por Armand Frémont, para o qual:

A região integra lugares vividos e espaços sociais com o mínimo de coerência e de especificidade que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação regional), e que a distinguem por certas representações na percepção dos habitantes ou dos estranhos às imagens regionais. A região é menos nitidamente conhecida e percebida do que os lugares do cotidiano ou os espaços sociais da familiaridade (FRÉMONT, 1980, p. 167).

Por conseguinte, identidade e lugar são conceitos privilegiados para a re-existência sertaneja no Sul do Maranhão, o que faz com que estudar o Sertão seja mais do que demonstrar a materialidade, mas dar visibilidade ao invisível. Com isso, recorreremos a Almeida (2013, p. 45), para quem “as geografias da invisibilidade – que aí estão sem estar – marcam nossos espaços existenciais tanto quanto as geografias visíveis e cartografáveis”.

A significação que um determinado grupo social constrói acerca do seu espaço de vivência, de suas técnicas de trabalho, no modo de se relacionar com a natureza e de sua sociabilidade é repleto de simbologias que se dão mediante vínculos de pertencimento. Fazer parte de um lugar encontra sentido na perspectiva de que existe o outro, o qual não é pertencente a esse lugar e que está além da fronteira, pois as

ações, os modos de vida, as temporalidades não são iguais. Nessa perspectiva, a identidade se caracteriza por/pela diferença (ALMEIDA, 2009; GENIS, 2004; HALL, 1997; CRUZ, 2007). Só existe identificação em relação ao ser diferente, o que, conseqüentemente, instiga conflitos e fronteiras psicológicas e sociais.

Nas palavras de Cruz (2007, p. 26):

O sentido de pertença, os laços de solidariedade e de unidade que constituem os nossos sentimentos de pertencimento e de reconhecimento como indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território não é algo natural ou essencial, é uma construção histórica, relacional e contrastiva, já que consciência de pertencimento e identidade não são uma “coisa em si” ou “um estado ou significado fixo”, mas uma relação, uma “posição relacional”, uma posição-de-sujeito construída na e pela diferença.

Compartilhando da mesma ideia, Penna (1992 p. 60) ratifica que “deste modo as identidades sociais, por sua vez, demarcando as fronteiras do grupo (seus *limites*) e estabelecendo tanto a coesão do “nós” quanto a diferenciação em relação aos “outros” indicam com quem e como interagir”. Destarte, os conflitos são postos em relevo, já que a diferença inclui embates por interesses divergentes. Nesse movimento, a questão da aceitação da cultura do outro, seja total ou parcial, encontra-se, na maioria das vezes, através de um jogo de forças estabelecidas direta ou indiretamente⁶.

Quando fizemos a escolha de colocarmos o sertão sul-maranhense e os sertanejos como lugar e sujeitos de nossa investigação, almejamos estudar, interpretar e explicar as trajetórias, experiências de vida e significações subjetivas, a fim de que, por esse caminho, possamos abstrair as identidades e as re-existências constituídas historicamente. Ou seja, o ponto de partida se dá por entendermos que as identidades dos sujeitos são construídas em cima de significações socioespaciais e que, conforme a mudança temporal dos elementos que nos são impostos continuamente, há também a mobilidade identitária. Nesse sentido, Lap (2004 p. 95) assinala que “a identidade flui continuamente como um rio, unindo passado, presente e futuro”.

⁶Uma construção que se relata, não é algo que se descobre, pois cria tomando elementos do todo social e a identidade como singularidade, isto é, a identidade se entende como o que nos diferencia dos outros que não são como nós. A preservação da identidade passa a ser um elemento importante para evitar ser absorvido por outra cultura (pode ser entendido como autenticidade). A identidade também é uma construção que se relata, porém, que implica tanto na leitura e releitura do passado, como a abertura para um projeto (projetar-se para o futuro). (GENIS, 2004, p.27).

O espaço está sempre em movimento, e as forças da ação do capital são seus principais vetores de transformações, que atua no sentido de priorizar a produção exacerbada de mercadorias, utilizando-se dos recursos da natureza. Santos (2005) chama a atenção para o vínculo existente entre o lugar e o mundo, elucidando que “hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais [...]”. (p.117) e que a “unidade é o próprio do Planeta e da História, e a diversidade é o próprio dos Lugares” (p. 118). Por esse entendimento, o autor conclui:

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente. Um subespaço é uma área contínua do acontecer homólogo ou complementar, do acontecer paralelo ou hierárquico. Em todos esses casos, trata-se de um acontecer solidário, que define um subespaço, região ou lugar. (SANTOS, 2005, p. 119).

O espaço muda e, com ele (espaço), os sujeitos, de forma cada vez mais rápida, o que faz com que as experiências, hoje, sejam de um espaço e de um tempo acelerado. Assim, concordamos com Penna (1992 p. 56), para quem:

As identidades são maleáveis no tempo e no espaço, são alteradas pelo indivíduo e pelo grupo conforme as circunstâncias, os fatores. Diante da dinâmica de articulação de identidades sociais diferenciadas, é preciso abandonar qualquer enfoque da identidade que a conceba necessariamente como monolítica, única ou estável, ou ainda como dotada de existência própria.

Diante do discutido, percebe-se que as experiências vivenciadas pelos sujeitos constroem a cultura, experiências essas que ultrapassam fronteiras.

A cultura sertaneja sul-maranhense contém uma relação histórica com a natureza, não determinista, mas salutar para a atividade econômica ganadeira nos primórdios, para a alimentação e medicamentos. Com o passar do tempo, novos elementos vão sendo impostos com ar de modernidade, destruindo saberes e acentuando o uso do território. No entanto, o viés modernizador que chega ao Sertão nas últimas décadas do século XX não desvincula o pertencer ao lugar, e isso nos dá a competência de tratar da identidade sertaneja, que se caracteriza por ser regional, pelas práticas no espaço, que estabelece vínculos relacionais e modos de vida. Consoante indica Relph (2012, p 27), “é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora”.

Isso, por sua vez, nos condiciona a enveredarmos pelo caminho do estabelecimento das identidades sociais e, mais especificamente, da identidade regional, através de seu caráter simbólico de constituição (HAESBAERT, 1997). Sendo as práticas culturais e a identidade decorrentes do modo de vida e dos bens simbólicos que o indivíduo consome (ou eventualmente produz), a presença física no território regional deixa de ser fator preponderante, pois práticas culturais podem ser preservadas em outros espaços, recuperadas pela memória ou recriadas. (PENNA, 1992, p. 73).

O forte vínculo faz-se pelo contexto histórico, já que os sujeitos, que são os sertanejos, foram criando mediante trajetórias familiares, relações de pertencimento, de poder e de referência identitária com esse lugar. As dimensões significativas, que na realidade são o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou o nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos das transformações (OLIVEIRA, 2012, p. 16). É a partir do seu “situamento” que os sujeitos conseguem enxergar a si mesmos e ao mundo e inferir suas ações num espaço concreto e em um tempo específico. Como bem expressa Chaveiro (2012, p. 251), “É pela ação que se pratica o lugar pela vivência, desenvolvendo símbolos, manuseando coisas, desferindo representações que alimentam o devir”. E acrescenta:

O lugar é um feixe ininterrupto de relações e, portanto, de práticas espaciais de diferentes sujeitos que, em sua luta diária pela existência, com valores e símbolos, com sensações e sentimentos, com intencionalidades e motivações, com a sua produção de sentido, transformam o corpo num ator de suas plataformas. Convém sintetizar: os lugares são arenas vitais para – e pela – ação das corporeidades, por onde o mundo torna factível, encarnado, real e possível. (p.251)

O autor estabelece, ainda, ser o corpo imprescindível para a materialização das ações no lugar e, dessa forma, os sujeitos experienciam a vida por meio do corpo. Portanto, as marcas das transformações e das significâncias do lugar têm uma estreita relação com o comportamento do corpo. Logo, “nos lugares, o sujeito existe e o mundo mostra a sua identidade. Viver é, nessa condição, sentir o mundo, pensá-lo e exercê-lo com o corpo exposto ao movimento, isto é, ao tempo, como tempo, temporalizando ruas e bairros, esquinas, bares, instituições, etc.” (CHAVEIRO, 2012, p. 275). Seguindo essa mesma linha de pensamento, Bailly e Scariati (?) utilizam o conceito de seres-lugares, que são os sentimentos e as atitudes expressas no lugar, sendo que

são os seres-lugares que conferem identidade ao lugar (p.65). Importante ressaltar que a imagem acerca do lugar, conduzida pela paisagem, contribui para que o sujeito o enxergue como aconchego e um centro de significados, que levamos dentro de nós. (OLIVEIRA, 2012; TUAN, 1995).

Considerando os vieses apontados pelos autores estudiosos do lugar e da identidade, apreendemos esses conceitos como participantes de um movimento histórico em contínuo processo de construção, elencados em atributos econômicos, políticos e socioculturais, que ocasionam remodelações, reestruturações e o surgimento de novos valores, atitudes, comportamentos e representações sobre o ser, o viver e o estar.

1.4. Sujeito e (re)existências socioespaciais

O espaço geográfico traduzido em um lugar nos revela múltiplas intencionalidades e determinações. É o entrelaçamento que existe entre os sujeitos sociais, seus modos de vida e representações espaciais, ancoradas em subjetividades singulares, mas não desligadas das universalidades, que essas relações estabelecem um devir e um estar no mundo.

Pensar o sujeito, hoje, é vê-lo mediante um prisma atravessado por uma multiplicidade de tempos sociais, mas que não deixa de carregar consigo, nas suas labutas, nos corpos e em seus rostos, as marcas das experiências adquiridas ao longo de suas trajetórias. Essas experiências, costuradas por e pelas relações sociais, fazem com que esse sujeito movimente a sua forma de pensar e de agir no e sobre o mundo, traduzido no seu espaço de vivência, que se caracteriza, de fato, por ser o seu mundo, e estar amparado pelas facetas impostas pelas determinações, podendo sê-las de ordem econômica, política e socioculturais.

O espaço geográfico se institui como a categoria central da geografia, caracterizado por não ser inerte aos acontecimentos. E é no espaço, concretude da vida, que os conceitos como lugar, território e paisagem ganham materialidade. Diante disso, Massey (2009) nos revela, claramente, como está instituída essa importante categoria, que se apresenta como palco dos encontros, desencontros, conflitos e desejos, ou seja, das contradições reveladas nas ações materiais e imateriais. Para a autora,

Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através das interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. *Segundo*, compreendemos o espaço como a esfera das possibilidades da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto das inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. *Terceiro*, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se (MASSEY, 2009, p. 30).

Para existir o espaço, há que existir o social, visto que é fruto de ações e de intencionalidades que podem ser de ordem econômica, política e cultural. Não podemos desconsiderar o sujeito como tendo papel ativo para as reelaborações que perpassam a existência humana. Só que não basta considerá-lo, temos que apreendê-lo numa esfera ampla de possibilidades, que resultam das relações históricas de sociabilidade e engajamento político, religioso, cultural e de classe social. Por essa perspectiva, devemos entender que a experiência do sujeito com o mundo situa-se no centro da atenção (BERDOULAY, 2012), para a instituição do olhar, da ação, do sentir-se.

Nessa linha de pensamento, Berdoulay (2012) nos dá uma explicação da necessidade do entendimento do papel do sujeito diante das multiplicidades contidas no espaço geográfico:

O mundo contemporâneo não há feito mais que ampliar as tensões que têm como fonte as multipertências, a fragmentação correlativa dos espaços de referência. Estas fontes de tensão exigem uma inversão acentuada por parte do sujeito. Ele é quem tem que dar coerência ao mundo e, de igual maneira, construir e reconstruir sua identidade. Já não é possível estudar separado o sujeito e o espaço. É por ele que se pode atualizar a noção de lugar, para não dissociá-los e captá-los em um mesmo movimento (p. 15).

É baseado na análise do sujeito com o seu mundo, indo além de seu entorno, que buscaremos reconhecer o sertanejo estabelecido no Sul do Maranhão, como participante de relações prenas de movimento espaciais, que causam desestabilidades, conflitos e mudanças nas formas do entender, do agir, do movimentar-se e certamente de ver a si próprio e ao(s) outro(s). Por esse ponto de vista, em que o sujeito ocupa lugar central nas análises e discussões no âmbito da geografia, a identidade se constitui um fato fundamental para a compreensão das

relações espaciais, voltado para o entendimento de que esse sujeito e sua relação com o espaço encontram-se caracterizados pela fragmentação (BERDOULAY e ENTRINKIN, 2012).

Então, segundo essa vertente, o grande desafio, ao analisar as identidades constituídas em um dado espaço, é lançar mão das mutações transformadoras que possibilitam a existência de uma tensão entre o ser e o fazer-se no mundo, que não estão apenas no âmago da objetividade, mas também do subjetivo fruto da experiência. E para isso, faz-se necessário apreender as mediações que são tecidas entre o homem e a natureza, o que nos conduz a pensar o lugar pela perspectiva de Berdoulay e Entrinkin (2012), que é próximo ao “espaço social” e, “sobretudo, a uma vontade de apreender as construções espaciais ligadas à atividade do sujeito, inclusive na produção do próprio sujeito” (p. 103).

Sobre o papel do sujeito como ser ativo, Berdoulay e Entrinkin (2012) colocam ser esse, de fato, a condição para a apreensão do espaço enquanto reelaborado e transformado numa interação que atinge a si e ao mundo em que está inserido. E afirmam:

É no jogo do distanciamento do sujeito, ativo e autônomo, em relação ao seu ambiente que prende nossa atenção, a fim de apreendemos a construção do “entre-dois”, que constitui em nossa perspectiva, o lugar. Este exprime um trabalho do sujeito sobre o mundo e sobre sua relação com o mundo; ele é, assim, tensão a dois títulos, mas também tensão entre sua própria singularidade, que ele constrói, e sua inscrição no universal. É preciso, portanto, recolocar o sujeito na perspectiva das relações que a consciência de si mesmo mantém com o lugar (BERDOULAY e ENTRINKIN, 2012, p. 103).

Neste sentido, ao se refletir sobre o sujeito no âmbito das discussões como responsáveis por suas ações, deve-se considerar as intencionalidades nessas ações, geralmente amparadas em questões que estão postas além das racionalidades, sobressaindo-se também os valores que são um dado da experiência e que levam à identidade socioespacial. Assim, as representações assumem papel relevante para a análise de tais identidades assumidas por um grupo.

1.5 A Memória como recurso de desvelamento da identidade sertaneja

Candau (2011), ao discutir memória e identidade, assegura que esses dois conceitos estão indissolivelmente ligados, estando facultada à memória alimentar a identidade. O autor, por essa perspectiva, postula que os sujeitos atravessam, em seu caminhar, uma construção, que ocasiona em remodelações do próprio Ser, e que a reconstituição de um passado pela rememoração é feito pela narrativa do sujeito sobre si, tendo como ancoragem o seu ponto de vista do agora, do lugar em que está posicionado, do estar. A identidade é vinculada, pois leva em conta o “situamento”, seja ele de classe social, cultural e político.

Partindo do ponto de vista de que a identidade se apresenta dentro do quadro da mobilidade, flexibilidade e hibridização, do não-acabado, faz-se necessário, consoante Souza (2014, p. 98), “recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo”. Por essa via, com efeito da significância dada ao passado, é determinada, no presente, a identificação e re-afirmação do Ser, que o coloca num patamar de semelhança ou diferença entre este ou aquele, dentro de uma âmbito geral da sociedade. Ainda de acordo com as palavras de Souza (2014, p. 114):

[...] a construção identitária mobiliza necessariamente o arsenal memorial do indivíduo e a busca memorial apresenta viés identitário. Essa relação de mão dupla, no entanto, é marcada por conflitos entre o que deve ou não compor o processo memorial-identitário. Envolve, assim, o confronto e a escolha de versões do passado. A imbricação observada, portanto, se configura em meio a conflitos e tensões.

Dentro dos conflitos e tensões, há os interesses, que irão demandar qual imagem será reproduzida e a posição do sujeito ao assumir aquela imagem, que são condizentes com os elementos objetivos e subjetivos apresentados e experienciados ao longo da vida. Conforme Bosi (1994, p.48), “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea”. Isso porque, segundo a autora, há a “memória-hábito, memória dos mecanismos motores”, resultado de esquemas que o corpo guarda e, desta forma, interagem sobre o comportamento do indivíduo, atuando automaticamente na sua ação sobre as coisas. Por outro lado, existem as “lembranças isoladas, singulares”, que constituiriam autênticas ressurreições do passado desatreladas de quaisquer hábitos (48). Por essa perspectiva, as práticas socioespaciais, o agir, o olhar para si e para o mundo, encontram na memória uma via de fortalecimento.

Acompanhar a trilha do desvendamento identitário no sertão é revisitá-lo com todos os seus sujeitos em suas práticas cotidianas e estratégias de sobrevivência. A trilha aqui proposta foi construída com a intenção de buscar, através da rememoração, os fatos históricos e geográficos que nos deem sustentação para traçar um diálogo sobre o sertão com os sertanejos, que traga como pressuposto a compreensão das identidades constituídas nesse lugar e os movimentos que foram se formando em decorrência das determinações gerais impostas ao espaço geográfico.

Assim, entrevistando idosos que nasceram e têm toda a sua existência no sertão maranhense, procuramos conhecer suas histórias de vida, incluindo componentes da sociabilidade, do trabalho, das técnicas, dos fixos e dos fluxos impostos ao território. Dessa forma, poder-se-á construir o quadro histórico e geográfico, compreendendo quais elementos de determinados eventos marcaram suas vidas e que, por isso, mantêm-se preservados em suas memórias.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p. 82).

Os sujeitos aos quais chegamos para nos presentear com suas narrativas não as fizeram sós. Em seus relatos, estiveram sempre presente o grupo de que fizeram e/ou fazem parte em cada momento de suas vidas, principalmente o familiar. Assim, analisar essas narrativas por meio da memória coletiva, correlacionada por Halbwachs (1968), faz-se necessária para o entendimento das significações inscritas nos modos de pensar, permeado de fragmentações, pluralidades, singularidades e subjetividades, sem linhas de separação, sem uma linearidade obrigatória. Grosso modo, as narrativas são mais psicológicas do que cronológicas, porquanto a memória não se prende a um fio retilíneo.

O autor parte do pressuposto de que “a memória não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam” (HALBWACHS, 1968, p. 04). Dessa feita, concebe-se que a memória coletiva se solidifica na continuidade, porque

só retém do passado o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Logo, a memória é o vivido, o experimentado, não individualmente, mas como produto da interação social e deve ser vista sempre como memórias coletivas múltiplas, de diferentes grupos sociais situados⁷ num contexto espacial e temporal.

O espaço-tempo privilegiado é de 50 a 60 anos, seleção que ajudará a demonstrar a realidade deste momento. No entanto, em relação à leitura ocupacional sertaneja, correlacionada aos ditames de intencionalidade e apoderamento territorial, um retorno aos fatores históricos é obrigatório. Como o espaço e o tempo são mutáveis, entendemos que a análise dos fatos a nós relatados dos anos 50 do século passado até os dias de hoje nos colocará numa situação de entendimentos da trajetória sertaneja. A cronologia apresenta-se, assim, como pano de fundo para vermos as mudanças sob o olhar da interação entre passado, presente e futuro. O que vai de encontro ao entendimento de que o espaço geográfico é movimento ininterrupto e, por isso, nunca se chega à realidade.

Com base nas narrativas, entendemos a relação do tempo com o espaço, que pode se apresentar com o efeito de saudades do que não existe mais: relações sociais, estrutura do espaço, relações culturais, saberes, sabores. O tempo, na fala dos sujeitos, clarifica-nos acerca do espaço vivido, do cotidiano e da subjetividade. Na verdade, a construção de um lugar pelos sertanejos, no Sul do Maranhão, guarda especificidades com a forma de ocupação dessa região, que está relacionada à chegada de criadores bovinos, que foram atraídos pelos fatores propícios da natureza: verdejantes pastos, clima agradável, presença de perenes e caudalosos rios e pelo “vazio” demográfico (CARLOTA, 2000, CABRAL, 1996, RIBEIRO, 2002).

Em se tratando das relações históricas guardadas entre o sertanejo de hoje, vinculado aos costumes citadinos, e ao sertanejo de ontem, fechado em si por conta das dificuldades de vínculo social, econômico e político, dotado de modos de vida arcaicos. Há uma diferenciação no modo de ver o mundo, nos desejos, nas relações sociais e nos elementos culturais, que estão ligados ao modo de vida global. Há o desejo do novo, da inserção do moderno.

⁷ Se o ser humano é situado – onde o corpo se funda como experiência de vida num jogo relacional incessante -, a sua situação define um pouco o conteúdo de sua condição de sujeito como espacial e historicamente fundado. Poder-se-ia compreender aqui que não há período histórico vazio, banal, sem relações de sentido, como não há corpo sem uma densidade histórica que faculta a existência e os lugares. (CHAVEIRO, 2012, p. 265)

Notamos, em conversas informais com sertanejos idosos que residem, desde o nascimento, na localidade, que os espaços da infância, da mocidade e dos caminhos trilhados permanecem guardados na memória, como a casa onde nasceu e viveu a infância, as festividades religiosas, o trabalho na roça e nos afazeres domésticos, além das relações de sociabilidade com os irmãos, pais, tios, padrinhos e com os demais do grupo. Existe toda uma trajetória de reestruturação espacial e da vida que é reconstruída pela memória desses sujeitos, o que nos permite compreender o que foi e o que é o sertão e o ser sertanejo.

É mister trazer a lume que a espacialidade construída pelos sertanejos encontra-se preenhe de suas subjetividades e de suas relações identitárias, permitindo-nos enxergar a objetividade impressa no espaço geográfico. Os sertanejos sul-maranhenses têm construído um lugar, lugar predominantemente rural ou em pequenos aglomerados urbanos cujas práticas são muito mais rurais que urbanas. Destaca-se a fronteira existente na região, que se caracteriza muito mais por ser social do que econômica, pela existência de conflitos inerentes a sua própria existência nesse tempo de fluidez intensa e pela presença do outro.

Ao refletir sobre esses elementos, buscamos compreender o mundo que qualifica o *Sertão* e os *sertanejos* no/do Sul do Maranhão. Daí emerge as seguintes questões: quais realidades materiais e imateriais existentes no Sertão para que possamos concebê-lo como um ente dotado de singularidades? A partir de que elementos culturais e identitários podemos entender os sertanejos enquanto sujeitos? Como os sertanejos sul-maranhenses lidam com o outro (por exemplo, a agroindústria)?

1.6. Grupos de Estudos no Brasil: Cultura, Sertão, Sujeito e Memória

Os Grupos de Estudos no Brasil representam um grande avanço científico experimentado nos últimos anos, que não ficaram restritos apenas às Ciências Exatas, abrangendo também a área de Humanas. No âmbito da ciência geográfica, tal avanço se deu pela disseminação de cursos de pós-graduação *Lato Sensu* (especialização) e pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado), o que permitiu uma impulsão na pesquisa científica.

O nosso propósito aqui é demonstrar, por meio de mapas, como estão alocados os grupos de Pesquisa na Geografia cadastrados no CNPq e que têm como foco a

Cultura, o Sertão, o Sujeito e a Memória. Elencamos a quantidade de grupos existente por estado e a síntese da linha de pesquisa seguida por eles. Essa metodologia que usamos serve para que referenciemos que o estudo sobre Sertão, foco do nosso trabalho, que encontra suporte na análise da identidade cultural de uma região, está norteado pelo estudo do sujeito, sobretudo relacionado à sua existência. Acrescenta-se, ainda, a memória enquanto importante recurso para evidenciarmos a construção socioespacial sul-maranhense.

Tomamos, então, as pesquisas cuja abordagem, sob o prisma da memória como embasamento teórico e conceitual, volta-se para as práticas, o modo de vida, as identidades culturais, as re-existências dos sujeitos.

1.6.1. Grupos de estudo em Cultura

Conforme demonstrado na Figura 5, em universidades brasileiras, os grupos de estudo na Geografia que apresentam a Cultura como tema central chegam-se a vinte e três. Aparecem temas diversos: Turismo, Paisagem, Patrimônio Cultural, Cartografia Sociocultural, Memória, Grupos Étnicos, Povos Indígenas, Religião e Populações Tradicionais, Festas, Cultura Hip-Hop, Geossímbolos, Identidades Regionais no Nordeste, Paradigmas da Convivência e da Adaptação; Festas Juninas, Manifestações Culturais em Bairros Populares, entre outros.

As pesquisas desenvolvidas estão direcionadas para a dinâmica de grupos sociais no espaço geográfico a partir de seus costumes, modos de vida, ressignificações, identidades, percepções, práticas socioculturais, imaginário, subjetividades etc. Também direcionam o olhar para o entendimento da política, da literatura e da arte pela ótica da geografia. A propósito, os conceitos de lugar, território e paisagem são imprescindíveis para o entendimento dos componentes culturais no tempo e no espaço.

Deste modo, em razão da amplitude das pesquisas, espaços de diálogos foram criados por meio de Colóquios, Workshops, Congressos e Seminários. Podemos citar o NEER – Núcleo de Estudos em Espaço e Representações; NEPEC – Núcleo de Pesquisas em Espaço e Cultura; SIGEOLITEART – Simpósio de Geografia Literatura e Arte, além de outros não menos relevantes. Ademais, existem revistas direcionadas para a temática: Espaço e Cultura da UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Geograficidade da UFF – Universidade Federal Fluminense.

Figura 5 - Grupos de Pesquisa em Geografia Temática: Cultura



Org.: A autora, 2015

Muitos estudos culturais foram negligenciados no Brasil até ao final da década de 1980. Até então, os elementos da Cultura eram tratados em estudos regionais, mas não eram priorizados. Foi a partir da heterogeneidade cultural no Brasil e através das redes estabelecidas com geógrafos norte-americanos e europeus que foi possível haver o despertar pela dimensão cultural do espaço (CORRÊA E ROSENDHAL, 2005).

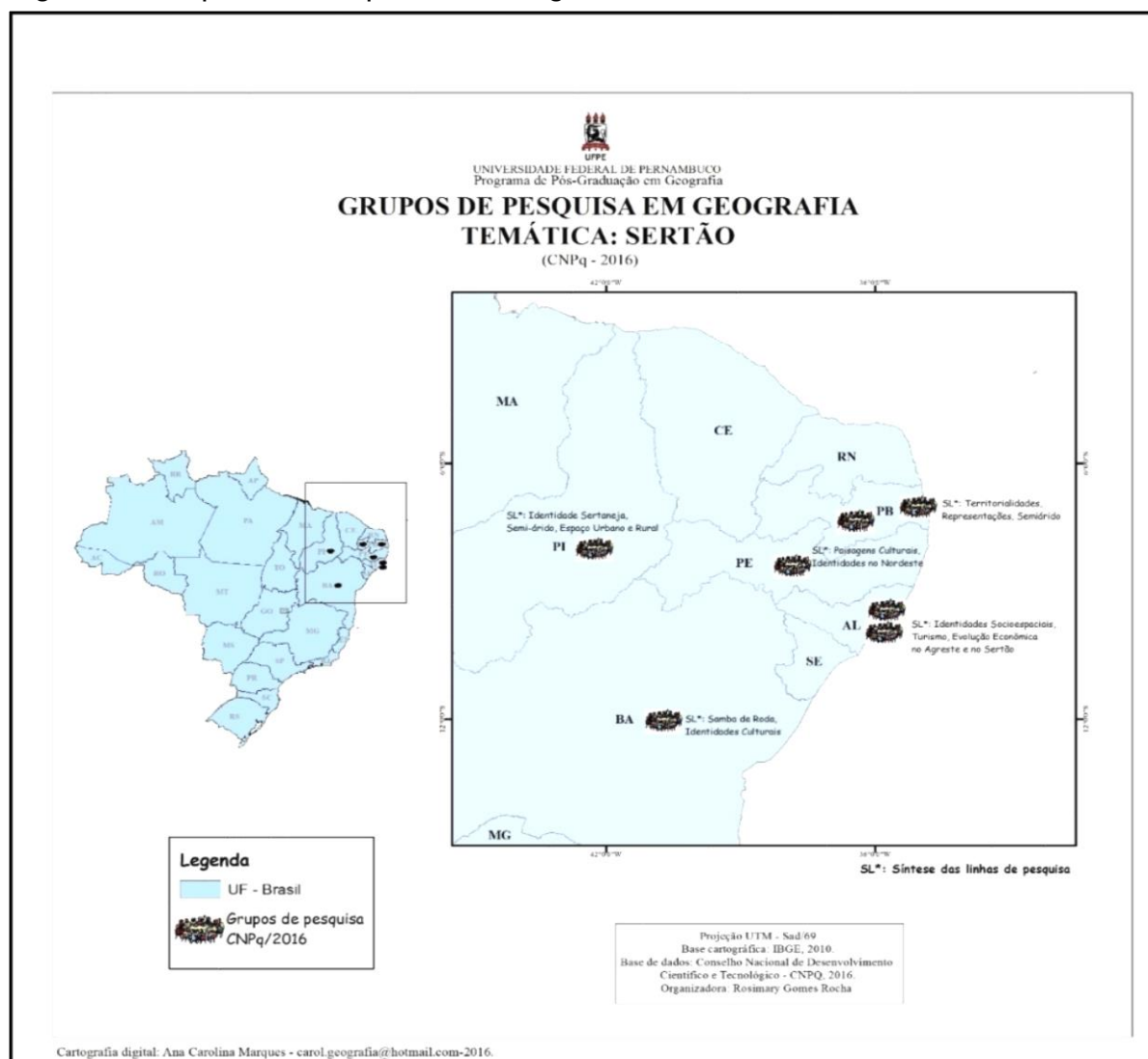
Não priorizaremos aqui uma construção acerca do desenvolvimento da Geografia Cultural no Brasil, seus autores, obras e filiações, mesmo porque importantes estudiosos já o fizeram. No entanto, faz-se pertinente colocar que é a

partir dos anos de 1990 que geógrafos brasileiros passam, de fato, a direcionar um olhar para o espaço geográfico, enriquecendo, conseqüentemente, a análise e a compreensão das relações socioespaciais, bem como das transformações que acarretam numa outra paisagem cultural.

1.6.2. Grupos de estudo sobre Sertão

No Brasil, os grupos de pesquisas acerca de Sertão estão concentrados na região Nordeste, de acordo com o exposto na Figura 6. Suas abordagens estão voltadas para o entendimento das Identidades e das Socioespacialidades, o Turismo, as Territorialidades e as Representações, o Semi-Árido Nordestino e as Paisagens Culturais.

Figura 6 - Grupos de Pesquisa em Geografia Temática: Sertão



Org.: A autora, 2015

A respeito da concentração espacial das pesquisas sobre Sertão em Universidades da região Nordeste, vemos tal aspecto como falho, já que, no Brasil, o Sertão abrange outras regiões, e sua conotação é diferente da que se refere ao Nordeste, que é a de região semiárida. Segundo caracteriza Vera Maria Tietzmann Silva, no prefácio da 2ª edição de *Sertão Sem Fim*, de Bariani Ortêncio:

Geograficamente, o sertão se estende como uma grande mancha de contornos imprecisos no interior do Brasil, cobrindo grandes áreas das regiões Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste. Sua hipotética etimologia encontra apoio na secura de seus terrenos inóspitos – espaços áridos ou selvagens – como na baixa densidade de população espaços desertos de gente (ORTÊNCIO, 2011, p. 14).

Isso não quer dizer que as pesquisas inexistam em universidades de outras regiões, mas elas estão vinculadas a grupos com uma temática mais abrangente, geralmente inseridos nas linhas dos grupos de Cultura. O que faz com que o estudo do mundo sertanejo não esteja em evidência. Muitas vezes, o estudo é feito a partir de outras conotações, por exemplo “mundo rural”, “espaço agrário”. No caso desse último enfoque, ele está voltado quase sempre para o entendimento da agricultura familiar em contraste com o agronegócio.

1.6.3 A pesquisa sobre o sujeito

Atualmente, os estudos geográficos estão dando ênfase ao sujeito, buscando superar a análise das estratégias dos atores focadas apenas no espaço, em que não estão presentes as relações afetivas, subjetivas e de intencionalidades. Assim, está indo além das circunstâncias materiais. Pela perspectiva do sujeito, os valores estão postos e incidem sobre as decisões que presidem as transformações das paisagens e a organização socioespacial, sendo possível apreender as tensões ideológicas. Nesse contexto, consoante Berdoulay e Entrinkin (2012, p. 99), “mesmo se as escolhas dependem do contexto espaço-temporal no qual elas são feitas, como permite caracterizá-lo o estudo das paisagens e da organização territorial, não resta dúvida de que a parte ativa do sujeito deve ser apreendida no seio da análise”.

Vê-se, então, a importância do estudo do sujeito, por nos ajudar a compreender a especificidade espaço-temporal, de modo que a experiência seja colocada em relevo, já que é por meio desta que o sujeito constrói sua re-existência. Apesar de os

geógrafos terem se voltado para a análise espacial por esse viés, ainda são poucos os grupos de estudos no Brasil que têm o sujeito como foco, de acordo com o representado no mapa 04. No entanto, ele já se encontra presente nos vários discursos dos que buscam uma compreensão das relações que se estabelecem nos lugares.

Tais tendências estão amparadas na busca de compreensão do mundo vivido dos grupos humanos, que, mesmo sendo simbolicamente construído, é material e, por isso, sua objetividade não deve ser negada. Seguindo essa trilha, a Figura 7 nos mostra que temas como Conflitos Territoriais, Movimentos Sociais, Povos Tradicionais, Literatura, Arte, Espaço e Existência são alguns dos que priorizam o entendimento do sujeito em suas análises.

Figura 7 - Grupos de Pesquisa em Geografia Temática: Sujeito



Org.: A autora, 2015

Destarte, acordamos com Berdoulay e Entrinkin (2012, p. 112), quando inferem que “como sujeitos, os seres humanos constroem lugares – de pertencimento e de identidade – e, como são, também, moldados por tais lugares, eles constroem obstáculos à tendência pós-moderna e metropolitana de ver cada lugar como o resumo de todos os outros”.

1.6.4 Grupos de estudo sobre Memória

As pesquisas geográficas que elencam a memória (Figura 8) têm avançado de forma significativa nas ciências humanas. E a geografia vem fazendo a sua parte, já que o esforço de análise do espaço geográfico a partir de suas transformações, ocorridas na contemporaneidade, somente acontece se tomarmos partido dos elementos históricos. Dentro desse processo, encontram-se as identidades, mutáveis de acordo com a mobilidade espaço-temporal.

Logo, a busca por esse caminho tem contribuído para o surgimento de vários grupos, tendo a memória como elemento chave para as pesquisas. Tais grupo têm como foco de estudo, entre outras, as seguintes linhas: Cultura, Patrimônio Cultural, Cidades, Dinâmicas Territoriais, Espaço, Reforma Agrária, Práticas, Representações Sociais, Estudos Urbanos e Regionais, Identidade, Gênero, Ensino de Geografia, Educação Ambiental, Povos Tradicionais, Planejamento, Sustentabilidade, Arte, Migrações, Turismo, Comunidades Vulneráveis, Conflitos, Geografia, Literatura, Saberes Populares.

Nesse sentido, as práticas e as formas de ver o mundo pelos sujeitos inserem-se na lógica de situamento e, à medida que vão experienciando mundos novos, seus olhares vão mudando, assim toda a sua consciência histórica vai sendo recriada, promovendo o constructo de suas memórias. O que nos faz pensar que a memória aparelha as identidades, ou seja, a memória é fortalecedora da identidade (CANDAU, 2011). Conforme o estabelecido, a partir do momento em que ocorrem transformações no mundo e, portanto, no espaço geográfico, há mudanças na forma de Ser e de Viver dos sujeitos. Sua memória estará em conformidade com a sua posição atual, dessa forma a identidade é móvel.

Figura 8 - Grupos de Pesquisa em Geografia Temática: Memória



Org.: A autora, 2015

Candau (2011, p. 16) afirma que “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”. Em suma, entender as relações sociais, hoje, perpassa a análise dos acontecimentos históricos e geográficos contidos em manuais, livros, arquivos estatísticos, mapas, anuários etc. Requer também o entendimento pelas vozes dos sujeitos, pelos seus entendimentos de mundo, mediante a memória e a história oral, um rico campo de estudo do geográfico.

2 - DE SERTÃO ADENTRO: os lugares da pesquisa



Figura 9 - Ponte sobre o riacho Arraia, divisa dos municípios de Lajeado Novo e Montes-Altos
Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2017

2 - DE SERTÃO ADENTRO: os lugares da pesquisa

Este capítulo contém uma apresentação acerca de Pastos Bons, quando de seu espraiamento por todo o centro-sul do Maranhão, seu desmembramento no concernente aos primeiros municípios e uma descrição histórica da formação de Grajaú. Este município apresentou importante entreposto comercial na região e com efervescência política, cultural e social, destacando-se enquanto cidade sertaneja e, portanto, local de conflitos e contradições no processo de efetivação do poderio coronelista no território. Por isso, é um lugar rico de memória de trajetórias familiares e, no presente, ainda guarda fragmentos desses resquícios.

É nesse espaço que está envolto o trabalho de campo, já que procuramos fazê-lo a partir de uma escala norteadora, partindo do pressuposto de que, para entender o Sertão sul-maranhense, não há a necessidade de percorrê-lo por completo, mas pautar o trabalho empírico em localidades que contenham história estrutural de forte vinculação com a apropriação territorial pelos vaqueiros, isto é, com bases sertanejas e marcas identitárias desse processo colonizador.

Assim, o trabalho de campo, como observação paisagística, entrevistas e recolhimento de demais dados, realizou-se, prioritariamente, no município de Grajaú, embora sendo estendida a municípios circunvizinhos, como Montes Altos, Sítio Novo e Lajeado Novo. Isso se deu pelo fato de as relações socioespaciais não estarem fixadas em um ponto específico, estendem-se além dele.

2.1. O Sertão de Pastos Bons

Entre as caatingas áridas do Nordeste e as florestas úmidas da Amazônia estende-se uma região que combina características de ambas. São as Campinas do sul do Maranhão, banhadas por rios permanentes, protegidos por florestas ciliares e entremeados de tufo de mata de palmeiras. Este era o território de algumas tribos relativamente populosas e altamente especializadas à região. Eram os Timbira, que constituíam originalmente quinze tribos, das quais somente quatro alcançaram o século XX. Não tendo, em seu modo de vida, nada de comum com os criadores de gado que vieram ocupar seu território, esses índios ofereciam sérias dificuldades para o estabelecimento de relações pacíficas.” (RIBEIRO, 2002, p.57)

De acordo com Pachêco Filho (2011), a ocupação e a colonização do Centro-Sul maranhense ocorreram como parte dos desdobramentos das conquistas territoriais da Casa da Torre (Figura 10) e do povoamento de todo o Piauí. Desse

modo, Domingos Afonso Sertão e outros requereram grandes extensões de terras entre os rios Itapecuru (Maranhão) e Gurguéia (Piauí).

Importante ressaltar que a Casa da Torre de Garcia d'Ávila é considerada a primeira grande edificação portuguesa no Brasil, com acentuada característica de castelo medieval, o único exemplar nas Américas. Construído em 1551 por Garcia d'Ávila, que chegou à Bahia em 1549, com o primeiro governador geral Tomé de Souza, no cargo de almoxarife real. O Castelo foi concluído em 1624 pelo herdeiro e neto Francisco Dias d'Ávila, um dos conquistadores do Piauí.

Figura 10 - Ruína da Casa da Torre de Garcia d'Ávila



Autor: ROCHA, Alexandre Luís

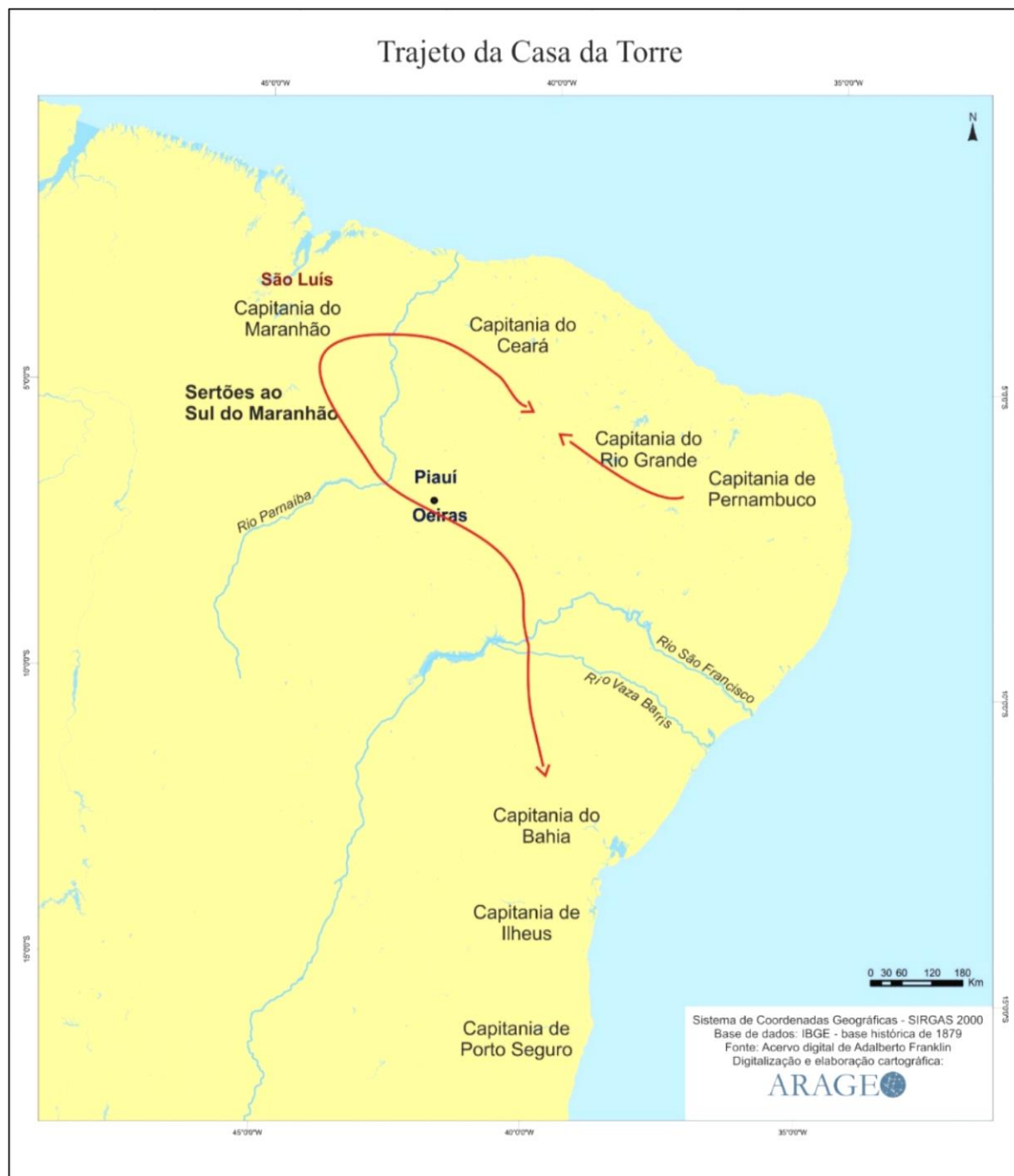
Disponível em: <http://www.arquigrafia.org.br/photos/5677>

Logo, foi da Casa da Torre que partiram as bandeiras dos desbravadores que penetraram, devassaram e conquistaram os sertões atravessando o rio São Francisco com boiadas, prolongando os domínios dos Ávila até o Piauí e o Maranhão. O Morgado da Torre constituiu-se no maior latifúndio do mundo, com 129 fazendas que ocupavam 800 mil quilômetros quadrados – um décimo do território brasileiro –, desde o litoral baiano e pernambucano até as margens do rio Parnaíba. A Casa da Torre patrocinou a defesa do Brasil contra invasores estrangeiros e piratas. (FRANKLIN, 2012).

Abaixo, representado por meio da Figura 11, encontra-se o roteiro percorrido pelos colonizadores, que partiram da Capitania de Pernambuco e atravessaram todo o sertão Nordestino, cortando matas, rios, serras, empreendendo lutas contra os autóctones, edificando fazendas e povoações. Todos esses elementos são movidos

pela ambição em apossar do território, colaborando para que se consolide na região uma estrutura de domínio patriarcalista e social desigualmente distribuída.

Figura 11 - Mapa do roteiro de desbravamento da Casa da Torre



Org.: A autora, 2016

Sobre o processo colonizador e domínio territorial do Maranhão, observamos que o rio Parnaíba, barreira natural, foi facilmente transposto, tendo início, a partir de então, a ocupação dos Sertões dos "Pastos Bons", base do povoamento da "frente

agropastoril baiana”. Portanto, com o território já todo ocupado, “o Sertão de Pastos Bons se estendeu, primitivamente, de Leste a Oeste, desde as margens do Parnaíba às do Tocantins; ao Norte, avançava até ao Pindaré, e ao Sul, até à fronteira, ao tempo ainda incerta, da própria capitania” (CARDOSO, 1947, p. 12), território que compreendia praticamente a metade do estado do Maranhão (Figura 12).

As estruturas fundiárias vigentes na ampla rede de fazendas expandidas pelo interior, sob domínio da Casa da Torre, a exemplo da plantation no litoral, possuíam, como base comum, as sesmarias, que compreendiam grandes faixas de terras sem limites conhecidos, ofertadas pela Coroa portuguesa a novos povoadores em troca da prestação de serviços. A propósito, quase a metade da posse territorial pertencente à Casa da Torre encontrava-se em território maranhense (BEZERRA, 2011).

Ainda, de acordo, com Bezerra (2011, p. 84):

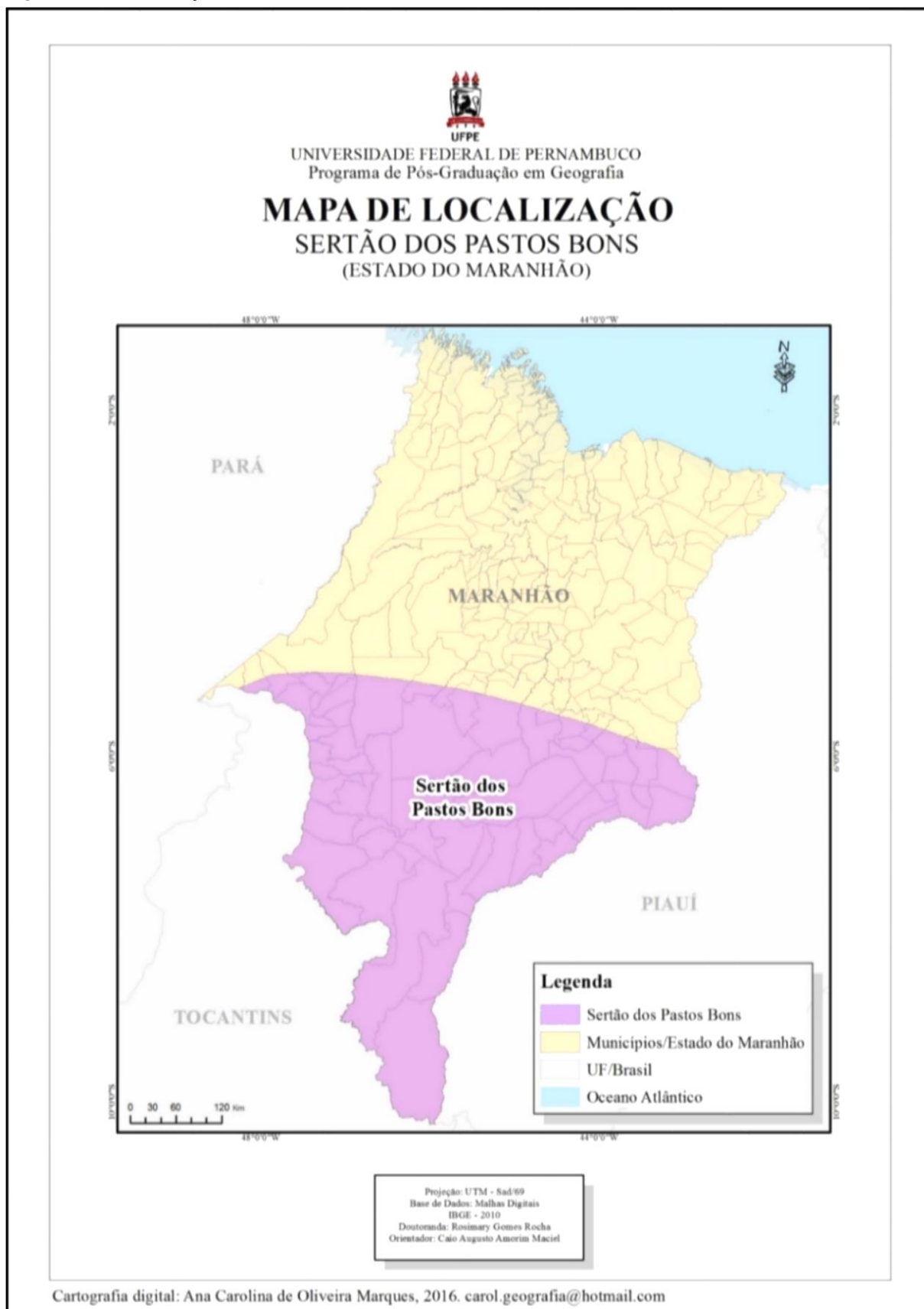
A expansão do devassamento da Casa da Torre no Sul do Maranhão [grifo meu] foi barrada não por questões de ordem geopolítica, mais sim pela impenetrável barreira natural da floresta amazônica a oeste do Maranhão, pois os chamados “campos naturais” terminam a sudoeste, na região do município de Porto Franco (1835) e de Imperatriz (1856), esse último faz divisa com o Pará. Os últimos currais da rede pastoril foram instalados nessa região.

De fato, o espaço maranhense no sentido Leste-Oeste foi devassado no período de menos de um século e meio, que correspondeu de 1730 a 1856, coincidindo para que em Caxias, no momento denominada de Aldeias Altas, viesse a se encontrar a colonização do litoral com a do sertões.

Em se tratando das características naturais sul-maranhenses, vale enfatizar que essa parte do estado conta, principalmente antes de 1970, quando ainda da sua preservação dos recursos da natureza, dos seguintes fatores: domínio paisagístico como característico do Cerrado, com presença de chapadões, tabuleiros e cuevas de maiores resistências à erosão, estando aí as maiores altitudes do estado, que diminuem gradativamente em direção norte (RIOS, 2005), uma rica hidrografia, pertencente a dois grupos de bacias, as limítrofes e as genuinamente maranhenses.

Na região Centro-Sul, há a presença da bacia do Parnaíba, que separa o Maranhão do Piauí e a bacia do Tocantins, separando o Maranhão do estado do Tocantins. Entre as pertencentes somente ao estado, nascendo na região Sul, há as bacias do Itapecuru, Mearim e rios importantes, como Grajaú, Balsas, Alpercatas, Farinha, Lajeado, Neves etc.

Figura 12 - Localização dos Sertões de Pastos Bons



Fonte: Pacheco, 2007

Todos esses recursos da natureza foram decisivos para a dominação desse território pelos vaqueiros chegados da Bahia e de Pernambuco. E, ao longo do tempo decorrido do processo de colonização, os embates com os indígenas marcaram culturalmente, economicamente e de forma política todo esse processo, existindo, na contemporaneidade, resquícios de conflitos, tensões e alteridade.

De acordo com o que foi posto para a formação territorial desse espaço, territórios indígenas foram desfeitos e re-feitos, ocasionando mudanças na estrutura socioespacial, que ocorreram não só pela capacidade dos sujeitos de exercer dominação e de costurar uma função e uma forma de o espaço atender às suas intencionalidades, mas também porque os elementos aí presentes foram um chamariz para a ocorrência dos processos impostos na localidade (PACHECO, 2007; BEZERRA, 2010; MELO, 2011; SILVA, 2003; BOMBARDI, 2014, LIRA, 2006). Há, assim, que remeter a Castro et. al. (2012, p. 07), para quem “o espaço mais do que manifestação da diversidade e da complexidade social, é, ele mesmo, uma dimensão fundadora do “ser no mundo”, mundo esse tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos”.

Ainda sobre a fisiografia da região sul-maranhense, Santos (2014, p. 78) advoga que ela “reflete o olhar daqueles que muitas vezes estavam acostumados a regiões secas, com pouca água e desprovida vegetação. Encontraram naqueles sertões um *verdadeiro paraíso* [grifo meu] para a agricultura e pecuária. A seca, tão recorrente em outras áreas, lá não se fazia presente”. Nesse sentido, a visibilidade, o que desperta atenção está, assim, condicionada pelo interesse (GOMES, 2013) e pelas circunstâncias, que no caso eram resolver a demanda espacial para disposição do rebanho bovino, um dos elementos centrais da economia colonial e que foi responsável, em parte, pela colonização do interior do Brasil.

Região inóspita, selvagem, onde só os autóctones habitavam e, por isso, “vazia” para os interesses coloniais, o território de Pastos Bons só começa a ganhar visibilidade econômica e social com a chegada dos vaqueiros, que estabeleceram o apoderamento do lugar. Primeiramente, houve a fundação de uma vila e a edificação de uma igreja católica, que representava não só a posse, mas o domínio socioespacial. Embora a igreja não tenha tido uma participação acentuada na efetivação da conquista, isso não foi empecilho para os colonizadores usarem-se da fé em Deus para justificarem a matança indígena.

Nas figuras seguintes (Figuras 13, 14, 15 e 16), temos evidenciado Igrejas de quatro cidades do Maranhão, que fazem parte dos primeiros municípios criados. Essas edificações ocorreram em virtude da fixação do estabelecimento dos pernambucanos e baianos, quando da instalação da freguesia de Pastos Bons.

Figuras 13, 14, 15 e 16 - Fotos de antigas edificações de Igrejas nas localidades de Pastos Bons, São Pedro de Alcântara (atual Carolina), Grajaú e Santo Antônio de Balsas (atual Balsas).



Figura 13 - Igreja de São Bento – Pastos Bons/MA



Figura 14 - Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara – Carolina/MA



Figura 15 - Catedral de Nosso Senhor do Bonfim – Grajaú/MA



Figura 16 - Igreja Matriz de Santo Antônio – Balsas/MA

Fonte: Arquivos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016
Org.: A autora, 2016

Sobre a migração baiana e pernambucana tratadas aqui, Carvalho (2000, p. 70) descreve:

Encaminhada para Oeste pelo governador de Pernambuco dom Francisco de Almeida, a emigração baiana e pernambucana, partindo das margens do rio São Francisco, estabeleceu muitas fazendas de gado vacum e cavalar no território que posteriormente constituiu a capitania Piauí; transpôs o rio Paranaíba e fundou na margem esquerda desse rio, em 1764, uma vila, em cujo largo centro edificou monumental templo católico, destinado a atos religiosos e reuniões deliberativas. Tendo a Carta Régia de 29 de julho de 1758 (a que criou a capitania Piauí) determinado que a margem esquerda do

Parnaíba ficava pertencendo à Capitania do Maranhão, nenhuma dúvida houve em 1764 quanto à jurisdição a que pertencia a nova vila.

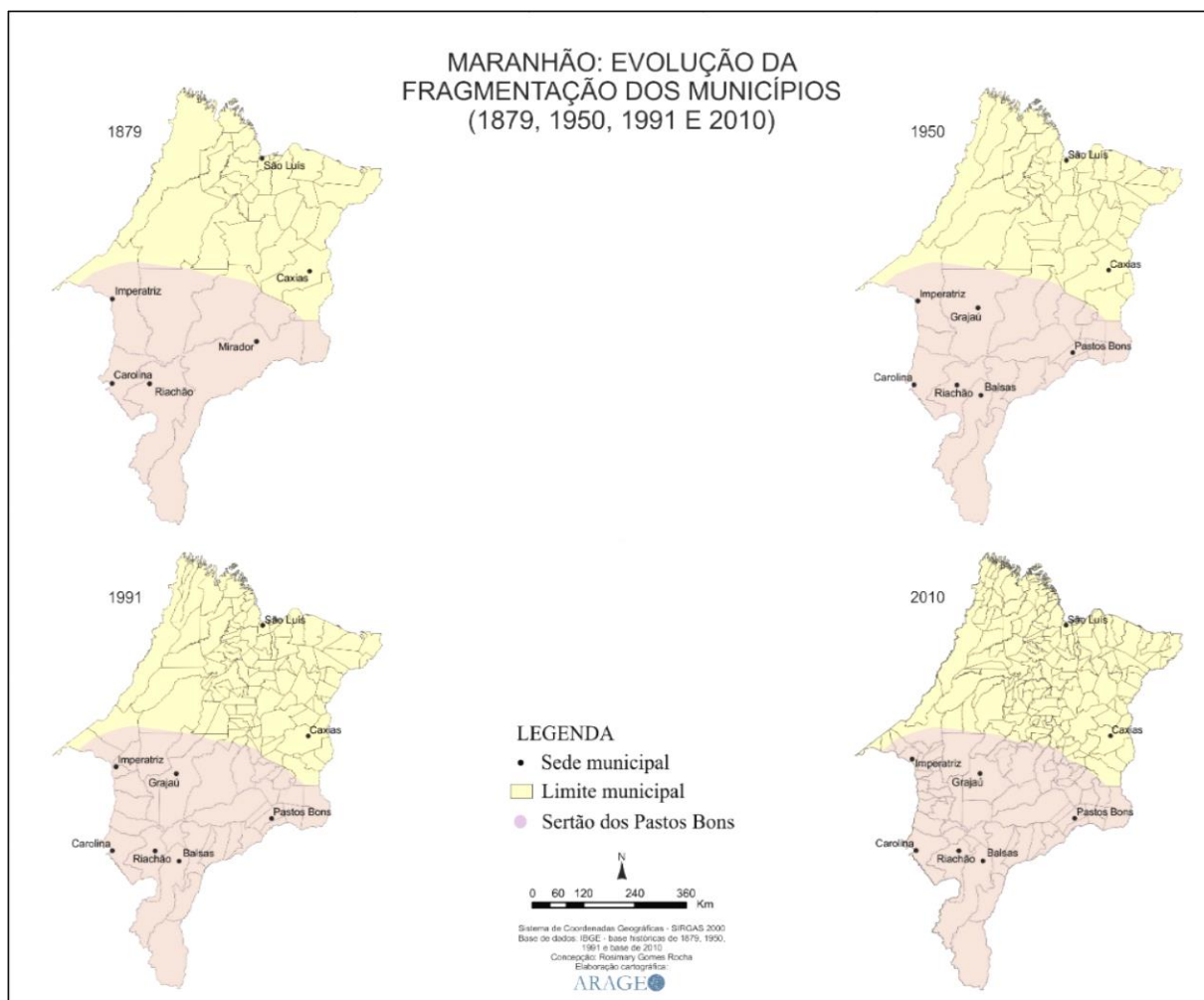
Esses fatores ocasionam o seu desolamento, sendo que “dadas as distâncias e as dificuldades estruturais, a prática predominante foi o conflito, tanto pelas armas quanto pelas doenças e pela aculturação, no qual as populações indígenas foram reduzidas por serem menos preparadas para aqueles tipos de confronto” (SANTOS, 2012, p. 77). Foram, portanto, sangrentas e covardes as lutas.

Originárias dessa colonização, várias freguesias foram surgindo ao longo do tempo, reduzindo o que se chamava Pastos Bons, metade da capitania, a um desses municípios. Mais adiante, tais freguesias ascenderam-se a municípios, entre os quais se destaca a povoação de Carolina, promovida à vila e freguesia em outubro de 1831; a vila de Riachão em 1833; Senhor do Bonfim da Chapada, futura Grajaú, em 1835; Passagem Franca em 1838; Barra do Corda em 1854; Porto Franco em 1855; Imperatriz em 1856; Loreto em 1873; Alto Paraíba em 1891; e Balsas, com a denominação de Santo Antônio de Balsas em 1892 (CARDOSO, 1974, CABRAL, 1992, IBGE, 1959). Depois, foram elevadas a cidades, sedes de municípios, sendo que, com o passar do tempo, o espaço que compreendeu outrora o sertão de Pastos Bons foi sofrendo desmembramentos e reorganizações político-administrativas, conforme pode se observar na Figura 17.

É importante ressaltar que, além dos indígenas e dos sertanejos, outros sujeitos fazem-se presentes na localidade, como já citados anteriormente. Estão ligados aos processos históricos que remontam às antigas fazendas de cana-de-açúcar e algodão ao Norte do estado e às de criação de gado ao Sul. São os negros, utilizados como escravos nas lavouras e nos trabalhos domésticos. Vê-se que o uso do negro escravo foi uma característica do Norte do estado, pois não apresentavam bons tratos na labuta com o gado e, portanto, a presença da escravidão negra no Sul do Maranhão não ocorreu de forma acentuada, sendo seu trabalho utilizado em poucas fazendas e somente para o trabalho doméstico.

No entanto, esses fatores não consistiram na não formação de territórios quilombolas no Sul do Maranhão. No concernente à existência de quilombos em todo o estado, de acordo com a ACONERUQ (Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão), dos 217 municípios presentes no estado, consta-se que em 134 há a presença de comunidades quilombolas.

Figura 17 - Evolução da fragmentação dos municípios maranhense nos períodos de 1870, 1950, 1991 e 2010.



Org.: A autora, 2016

Há variação quanto à história de formação desses territórios, visto que alguns têm origem na fuga dos escravos e alguns outros foram formados por meio de herança ou compra de terras (ALCÂNTARA; ARAÚJO e ROCHA, 2015). Esses territórios também têm, como característica em sua formação, os conflitos, as tensões, as lutas, como bem colocou Alcântara, Araújo e Rocha (2015) sobre a Comunidade Quilombola Santo Antônio dos Pretos, situada ao Sul do município de Grajaú-MA.

A respeito das remodelações territoriais no espaço referenciado, atualmente, a economia que se baseava no rebanho bovino criado à solta foi perdendo espaço para a lavoura temporária, destinada à exportação, principalmente a soja, contendo também produção significativa de arroz, milho, cana-de-açúcar, algodão herbáceo e mandioca. O que tem colocado o Maranhão como celeiro da soja, produzida, em sua maior parte, por sulistas, sendo Balsas o município que concentra a maior produção.

Esse tipo de cultivar requer grandes extensões de terras, o que fez com que se mantenha hoje a estrutura fundiária vigente anteriormente, ou seja, concentrada nas mãos de poucos, modificando apenas as relações de trabalho, o que não quer dizer que exija uma empregabilidade maior de mão de obra no campo. A grande questão agora é que ela exige especialização, o que vem proporcionando intensa migração para as cidades.

Esses fatores também têm provocado a degradação, sem precedentes, dos recursos naturais da região. Por exemplo, o Cerrado, bioma aí presente, tem sido devastado para ceder lugar às lavouras e às pastagens, já que o gado agora é criado de forma semi-intensiva, o que quer dizer, em pastagens cercadas e que são originadas em forma de plantio. Com isso, muita coisa foi modificada. No entanto, o Sertão e o sertanejo não deixaram de existir. Na verdade, sendo um espaço de fronteira, coexistem aí modos de vida diferentes e, consequentemente, formas divergentes na forma de ver a função da terra (ARCANGELI, 1987).

A respeito desses componentes, iremos construir, ao longo do texto, análises das bases teóricas e empíricas, que demonstram como se processou e se processa a apropriação territorial do Sul do Maranhão, a significação dos elementos fitogeográficos, a constituição da existência sertaneja, com suas subjetividades, modos de Ser e de Viver, e a configuração socioespacial colocada pelas conjecturas modernizadoras associada à totalidade dos fatores globais.

2.1. Grajaú: o *lugar* foco da pesquisa no sertão maranhense

Grajaú

Berço! Terra das minhas
ilusões!
Gleba de luz, de amor e
de bondade,
Terra que faz chorar mil
corações,
Saudoso ninho de
felicidade.

Grajaú. Velho atalaia dos
sertões,
Beijando o panorama da
cidade
Desliza-se cantando mil
corações

E encerrando o poema
da cidade.

Terra do sertanejo
hospitaleiro,
Que planta e colhe na
visão do berço
Os produtos do solo
brasileiro.

Chapadinha. Estrela do
Sertão,
Dá-me força e talento no
meu verso,
Fonte de luz, amor e
inspiração!

Por: João Viana Guará
(DINO, 1985, p. 51)

O poema de João Viana Guará oferece uma singela demonstração da significância de Grajaú como cidade que se caracteriza pela sua formação sertaneja, refletindo uma visão romântica e bucólica, em que o belo é exaltado. De fato, pelos acontecimentos históricos, essa localidade teve sua representatividade política e econômica na região, mesmo porque todo um conjunto de ações aí ocorridas e descritas adiante sustenta esse qualitativo. Reconhecer as grandezas de Grajaú não significa, porém, e obviamente, negar os conflitos existentes, em toda sua história, entre colonizadores e indígenas, entre famílias e, ainda, as dificuldades e mazelas em que se encontra grande parte de sua população. Semelhantemente às cidades espalhadas pelo restante do país, o município supracitado convive com o grande fosso social que separa uma minoria rica de uma maioria pobre.

Geograficamente, a cidade de Grajaú está localizada no Alto Sertão e se caracteriza por ser um dos municípios mais antigos da região sul-maranhense. Sua origem remete ao avanço da conquista do pastoreio, que partiu da vila de Pastos Bons, tendo o rio, de mesmo nome, como principal via de fluxos humanos e econômicos. Etimologicamente, “Grajaú” vem da palavra indígena UIRÁ-YA-HU, que significa “ave comestível”. Já na enciclopédia dos municípios brasileiros (1959, p. 179), consta que “‘Grajaú’ originou-se de guajajaras, tribo que ocupava a margem do rio que banha a cidade. É formada pelas duas primeiras sílabas da palavra Guajajara, acrescidas da vogal U, que, na linguagem dos silvícolas, queria dizer muito”.

Acerca de sua formação, o lugar em que está a cidade de Grajaú foi, a princípio, o porto de uma fazenda denominada Chapada, pertencente a Manoel Valentim

Fernandes e se constituiu como umas das maiores conquistas sobre as comunidades indígenas nos Sertões do Maranhão (IBGE, 1959). Aí se formou uma povoação com um quantitativo de mais ou menos quarenta pessoas, onde foram construídas casas para vivenda, sal e alguns outros gêneros de primeira necessidade. Entretanto, a povoação foi destruída pelos índios e, após isso, houve o restabelecimento de uma outra povoação, na mesma localidade, denominada de São Paulo do Norte, que não obteve grande sucesso, por motivo de abandono pelas autoridades estaduais. E, tão somente em 1835, depois de um lento processo de evolução social, foi criada, através da Lei provincial nº 07, de 29 de abril, a Vila do Senhor do Bonfim da Chapada, a qual foi desmembrada do município de Pastos.

Economicamente, em decorrência da navegabilidade do rio Grajaú, a localidade se tornou importante entreposto de mercadorias no Sertão, vindas da capital em embarcações, pelo leito do rio, que daí fazia a circulação pelo Sertão, mediante picadas. Era o sal o principal produto, o que respondeu pelo intercâmbio de Grajaú com outras regiões, sobretudo com Goiás. Constituiu, por esse viés, caminhos, para favorecer o fluxo de pessoas e mercadorias e, conseqüentemente, de relações sociais. O rio estabeleceu símbolo principal para a vida no Sertão grajauense (Figura 18). Segundo Carvalho (2000, p. 105), “Fatores do rápido crescimento da povoação, a servidão do rio e as vantagens comerciais atraíram muita gente. Para aí vieram elementos estranhos à conquista, homens imbuídos de princípios sociais que os primeiros não conheciam [...]”.

Esses elementos cooperaram para que Grajaú não se compusesse apenas como um entreposto de mercadorias, mas também de ideias inovadoras e levantes políticos, que foram responsáveis por conflitos, tanto internos, formados por grupos rivais, quanto por se imporem a interesses da capital. Sobre isso, Carvalho (2000, p. 105) esclarece que “agitada e turbulenta foi desde o começo a vida social do Porto da Chapada.”⁸ Alardeados por um sentimento de liberdade que se opunha aos ditames do litoral, a região tornou-se palco de muitas lutas políticas.

⁸A primeira povoação erigida, onde hoje é a cidade de Grajaú, recebeu a denominação de São Paulo do Norte, em 1835, pela Lei Provincial nº 07, de 29 de abril. Foi elevada à categoria de vila com o nome de “Vila do Senhor do Bonfim da Chapada”, sendo que, através da Lei provincial 1225, de 7 de abril de 1881, foi elevada à categoria de cidade com o nome de Grajaú (CARLOTA, 2000).

Figura 18 – Barco Estrela Branca em navegação pelo rio Grajaú, no primeiro quartel do século XX



Fonte: Acervo Maria Soraida
Autor: desconhecido

Nesse ínterim, vários nomes foram destaques, quer seja chefiando batalhas contra os indígenas, quando da tomada territorial, quer seja por questões políticas imbuídas de conflitos. Entre esses nomes, foi destaque Militão Bandeira e Leão Leda, ambos rivais e chefes de partidos políticos, os liberais e os conservadores, respectivamente. (PACHÊCO FILHO, 2011).

Dunshee de Abranches, em *A Esfinge de Grajaú*, livro escrito de suas impressões tomadas de quando esteve na localidade, na condição de Promotor de Justiça, cargo em que foi investido pelo Presidente da Província, para apurar os conflitos existentes nessa parte dos sertões, faz uma caracterização dos habitantes dessas bandas, ao mesmo tempo em que se opõe aos conceitos feitos pelo Estado, imprensa e homens do litoral, que tomavam as gentes do Sertão como bárbara, feroz, sanguinária (ABRANCHES, 1993). Nesses conformes:

Na opinião nacional cristalizara-se um juízo profundamente errôneo e injusto sobre os seus habitantes, devido aos escarcéus escandalosos feitos nos jornais e na tribuna parlamentar pelos exploradores políticos. Eram eles apontados a cada passo como formando hordas sanguissedentas de bandidos, ladrões e assassinos. Os viajantes, entretanto, cortavam diariamente aquelas selvas em todos os rumos e não se ouvia falar que fossem assaltados e despidos das grossas somas que geralmente transportavam. O que existia [...] era o amor à liberdade, o fanatismo cego pela terra natal. Filhos e netos de patriotas que se bateram pela Independência do Brasil e ali se refugiaram perseguidos a ferro e a fogo pelos governos imperiais [...] (ABRANCHES, 1993, p. 153).

O autor ainda se refere às ideias avançadas, aos sentimentos cívicos e ao gosto pela prática literária tanto em Grajaú, quanto em outros lugares, destacando Carolina. Em Grajaú, há que se colocar em relevo a “roda de amigos”, liderada por Militão Bandeira. Todas as tardes, um grupo de amigos reunia-se na casa de Militão para fazerem leituras, proferir trechos literários, poemas e ideias. (ABRANCHES, 1993, CARLOTA, 2000, CABRAL, 1996). Em Carolina, foi fundado por Alcides de Carvalho, filho da terra, um grêmio onde se cultivam as ciências, as letras e as artes. Nesse sentido, o autor faz uma defesa dos sertanejos acerca das tensões ocorridas entre esses homens e o Império, ao inferir que esses caudilhos sertanejos tinham, na verdade, vontade própria e ideias mais ou menos justos e justificáveis (ABRANCHES, 1993).

Mesmo com todo esse clima de efervescência, por muitos anos, os Sertões continuaram na condição de semi-isolamento, pois os deslocamentos eram feitos através dos rios, tendo que obedecer ao calendário das precipitações climáticas e por picadas (caminhos estreitos e fechados que também serviam para os deslocamentos do gado), a pé ou montados em lombos de cavalos e muares. Tal condição só veio sofrer mudanças com a construção das estradas de rodagem no segundo quartel do século XX. O grande impulso foi dado por meio da implantação da BR-010 e BR 230, nas décadas de 1960 e 1970.

No caso de Grajaú, a ligação com outros lugares intensificou-se com a pavimentação da rodovia 226, que se anexa com a rodovia Belém-Brasília na cidade de Porto Franco-MA. A implantação dessas vias de fluxo fez com que ocorresse a diminuição da importância do rio Grajaú, como entreposto comercial, ocasionando o deslocamento das atividades comerciais, que atendiam parte da região, para Imperatriz. Todavia, ainda na década de 1860, vias foram construídas, interligando Grajaú a outras localidades, resultando na maior circulação Sertão adentro, facilitando, assim, o intercâmbio com outras regiões, como Goiás, Bahia e Sul do Pará. E, a partir, do final da década de 1920, com subsídios do governo, o advento do caminhão impulsionou a implantação, pelos proprietários, das primeiras estradas trafegáveis por veículos motorizados, ligando Grajaú a Porto Franco, situada às margens do rio Tocantins (SANTOS, 2008).

As viagens por esse caminho apresentavam muitas dificuldades, dada as suas condições precárias. Assim, o comércio com a capital ainda se configurava como o mais expressivo, sendo o rio Grajaú a principal via de transporte na região, que

também impetrava tempo e esforço dos que por aí se aventuravam, por ser esse transporte dispendioso. De acordo com Pacheco (2007, p. 02).

A ausência de estradas de rodagem obrigava os comerciantes a usarem o único caminho disponível: o rio. Para as mercadorias chegarem aos seus destinatários, era necessária uma viagem, no verão, de, aproximadamente, noventa dias, envolvendo uma série de grupos sociais, como os freteiros. Esses se caracterizavam como indivíduos com alguns recursos econômicos, que viajavam em canoas próprias ou alugadas até Vitória do Mearim, de onde transportavam as mercadorias para serem comercializadas em Grajaú e regiões circunvizinhas.

Entre os produtos trazidos de São Luís, há o destaque para o sal, usado como alimento para o gado, assim como tecidos, ferragens, açúcar, café e remédios. Para a capital, levavam peles de animais silvestres, couro, malva e coco babaçu. No entreposto de circulação entre Grajaú e São Luís, em Vitória do Mearim, os produtos eram entregues e, daí em diante, seguiam até seu destino. A navegação pelo rio Grajaú, com fins mercantis, iniciou-se em 1811, quando Antônio Francisco dos Reis fabricou pequenas e toscas canoas ali mesmo em suas margens e, com alguns índios e colonos, desceu o rio, interligando, dessa maneira, dois mundos distintos - o centro-sul e o norte maranhense (PACHECO, 2007). Destarte, o rio Grajaú, teve uma expressiva representatividade, como bem nos esclarece, Pacheco (2007, p. 4), segundo o qual, o rio:

Foi cenário de histórias de duas sociedades diferenciadas: a sertaneja, distanciada do controle da esfera político-administrativa, marcada pela criação do gado, pela presença de vaqueiros, homens de "espírito patrióticos e livres", e a litorânea, identificada pelo predomínio da agricultura, da agro-exportação, da escravidão e da influência dos costumes europeus. As relações socioeconômicas estabelecidas pela via fluvial entre essas regiões promoviam possibilidades de encurtamento dessas fronteiras sociais.

A construção de rodovias, na década de 1970, fez com que o rio perdesse a sua expressividade como via de transporte de pessoas e de mercadorias, conforme já mencionado anteriormente. Dessa forma, a circulação passou a ser de forma mais intensa e com uso de menos tempo para se chegar de um local a outro, embora a pavimentação dessas estradas só tenha ocorrido no final da década de 1990, o que representou, ainda, a existência de grandes dificuldades de locomoção, principalmente em períodos chuvosos. É relevante mencionar que, em decorrência da implantação das estradas de rodagem, houve significativo aumento populacional, acarretando mudanças internas na região, pelo afluxo de pessoas de outros estados,

tanto para investimentos, sobretudo em empreendimentos agrícolas, quanto para servirem de mão-de-obra nesses empreendimentos.

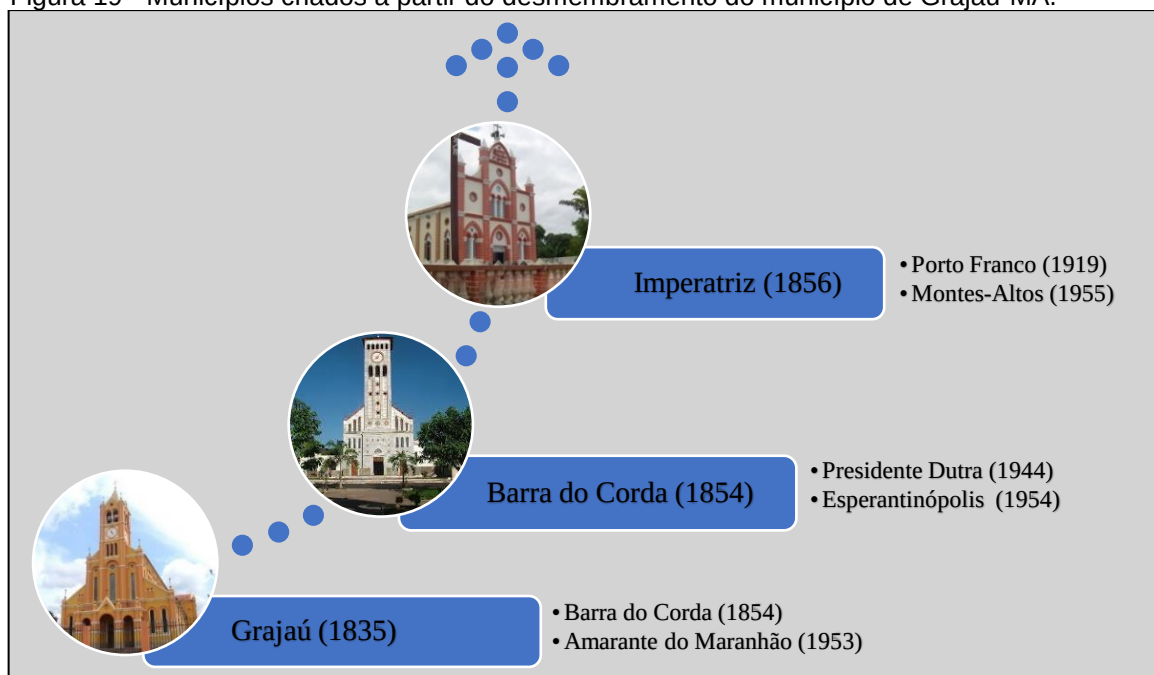
Diante do exposto, compreende-se que, do massacre do índio e consequente disseminação dos currais, brotou, nas campinas sul-maranhenses, uma sociedade bastante peculiar, que sofreu, ao longo do tempo, sensíveis transformações (CABRAL, 1992, p. 178). E, nos dias atuais, com a implantação de grandes projetos, como o da produção de soja, a vida dos sertanejos tem passado por mudanças mais acentuadas das que as ocorridas até então. Assim, o Sertão grajauense vai se compor de novas nuances socioespaciais, novas formas produtivas e com novas funções. No entanto, as experiências construídas ao longo do tempo, que fazem do espaço um ente não estático, e os sujeitos não foram esquecidos, sobrevivem na memória dos sertanejos, dos mais velhos ou daqueles que ouviram as histórias contadas pelos pais ou avós.

Para melhor relacionar os eventos tratados anteriormente, com a realidade estrutural que se desenha continuamente, demonstramos a seguir, por meio de dados quantitativos, a variação existente, tanto no que condiz ao populacional na zona urbana e rural, a criação de bovinos e número de estabelecimentos rurais, quanto ao cultivo de produtos que são tidos como típicos da localidade, produzidos, portanto, em roças de toco, como os que se inserem na agricultura mecanizada, que é o caso da soja, especialmente.

Em 1950, de acordo com a Enciclopédia Brasileira dos Municípios (IBGE, 1959), Grajaú se caracterizava como o maior município do Maranhão, possuindo 19.940 quilômetros quadrados. Não obstante, diversos desmembramentos sobrevieram em seu território, dando origem a outros municípios, como pode ser visto na Figura 19.

Conforme o recenseamento de 1950, o quantitativo populacional desse município era de 33. 111 habitantes, desse total 88,88% habitavam a zona rural. Quanto às atividades econômicas, destacavam-se a lavoura e a pecuária, sendo que o arroz, o milho, o feijão, a fava, o fumo, o algodão e a banana eram os produtos com maior destaque na lavoura, e na pecuária o destaque ficava com a produção de bovinos, suínos, ovinos, caprinos, asininos e muares (IBGE, 1959).

Figura 19 - Municípios criados a partir do desmembramento do município de Grajaú-MA.



Fonte: IBGE - Enciclopédia Brasileira dos Municípios de 1959
Org.: A autora, 2016.

Nos anos que se seguem, há, paulatinamente, uma mudança na estrutura populacional do Brasil. Até a década de 1960, caracterizava-se por ser rural, chegando aos dias de hoje com quase 90% da população vivendo em cidades. No caso do estado do Maranhão, o fenômeno da urbanização se torna preponderante a partir dos anos 2000, assim como o município de Grajaú.

No último caso, podemos verificar que a variação percentual da população residente na zona urbana e na zona rural não se apresenta de forma significativa, pois, segundo exposto na Tabela 01, 59,65% residem na zona urbana e, portanto, 40,35% na zona rural.

Tabela 01: Proporção populacional residente na zona urbana e rural, no Brasil, Maranhão e Grajaú, nos períodos de 1960, 1970, 1991, 2000 e 2010 (%).

Períodos	Brasil		Maranhão		Grajaú	
	Zona urbana	Zona rural	Zona urbana	Zona rural	Zona urbana	Zona rural
1970	55,92	44,08	25,12	74,78	-	-
1991	75,59	34,41	40,00	60,00	33,14	66,86
2000	81,23	18,77	59,50	40,50	56,21	43,79
2010	84,36	15,64	63,10	36,90	59,65	40,35

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Org.: A autora, 2016.

De acordo com esse percentual apresentado pelo IBGE, em 2010, o município de Grajaú, possuidor de uma área territorial de 8.830,9 km², apresentava densidade

demográfica de 7,03 hab/Km², consistindo em uma das mais baixas do estado, e com uma estimativa de 67,626 habitantes para o ano de 2015.

Relativo à agricultura, lançando mão dos principais produtos cultivados ao longo dos anos de 1970 até os dias de hoje, verificamos que as variações na produção consistem no fato de que a soja só foi incrementada em Grajaú na década de 1990. O arroz, que se apresenta como alimento indispensável nas refeições do maranhense, sofre variações na produtividade, mas apresenta-se como principal produção, ao lado da mandioca e do feijão, que vêm sofrendo decréscimos no total produzido nos últimos anos, conforme pode ser conferido na tabela 02.

Tabela 02 - Produção de soja, milho, arroz, mandioca e feijão em toneladas, nos anos de 1974, 1982, 1991, 2000 e 2006, 2010 e 2015 no município de Grajaú-MA

Período	Soja (t)	Arroz (t)	Mandioca (t)	Feijão (t)
1974	-	9.412	20.300	742
1982	-	53.790	33.540	3.360
1991	81	25.800	50.000	6.000
2000	80	14.835	8.960	357
2006	6.050	20.760	9.900	508
2010	11.340	18.088	14.007	298
2015	29.700	17.976	3.230	493

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal.
Org.: A autora, 2016.

Já no referente à produção bovina, atividade econômica que sempre foi destaque na região, em virtude de ter sido por intermédio dessa atividade que se propulsou a colonização territorial da localidade, como já dito anteriormente, e que, em capítulo posterior, voltaremos a tratar, inferimos que, embora a sojicultura tenha tomado grande parte dos espaços antes destinados à criação de gado à solta, essa atividade econômica é, ainda, de grande expressão no região Sul do estado, pois confere um incremento no valor adicionado por meio do setor agropecuário, tornando-se importante atividade para essa parte do estado, no concernente ao fortalecimento econômico territorial.

Portanto, de acordo com a tabela 03, observamos que a produção bovina vem crescendo significativamente ao longo do tempo em Grajaú, o que é resultado da inserção de tecnologias propiciadoras desse processo, incluindo aí a criação intensiva e semi-intensiva, o que faz com que o rebanho desse município esteja entre os maiores do estado. Configurando-se, por ser menor, apenas, do que o quantitativo

produzido nos municípios de Açailândia, com 444. 815; Amarante, com 251. 609; Santa Luzia, com 202. 513 e, por fim, Bom Jardim, com 168. 141 (IBGE, 2015).

Tabela 03-Variação da produção bovina no município de Grajaú-MA

Período	Quantitativo em cabeças
1956	40.000
1996	93.958
2004	118.774
2010	135.015
2015	160.822

FONTE: IBGE

Org.: A autora, 2016

A criação bovina na região em destaque está ancorada em relações estabelecidas historicamente, fazendo parte de saberes que remetem a um constructo que não se explica apenas pelo viés economicista, vai além. Isso porque envolve a herança de funções exercidas antes por avós e pais. Além disso, a terra propicia, por meio de sua fertilidade, a plantação de capim para o gado, contando, também, com uma certa regularidade pluviométrica e a abundância de rios perenes.

Em suma, o sertanejo vê, na sua lida com o gado, uma maneira de existir, de se sentir ligado a terra. É o seu trabalho, que implica razões não só econômicas, mas também relacionadas ao Ser e ao Viver.

3 - COMPONENTES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNDO SERTANEJO SUL-MARANHENSE: singrando rios, rasgando matas e serras, esfacelando vidas



Foto 20 - Cancela aberta

Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2017

3 - COMPONENTES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNDO SERTANEJO SUL- MARANHENSE: singrando rios, rasgando matas e serras, esfacelando vidas

O espaço de referência identitária refere-se ao recorte espaço-temporal (os meios e os ritmos) em que realiza a experiência social e cultural, é nele que são forjadas as práticas materiais (formas de uso, organização e produção do espaço) e as representações espaciais (formas de significação, simbolização e imaginação do espaço) que constroem o sentimento e o significado de pertencimento dos grupos ou indivíduos em relação a um território. O espaço geográfico pode ser referência para a construção da identidade em sua dimensão físico-natural, social e simbólica.

(CRUZ, 2007, p. 26)

Ao trazermos para a discussão a abordagem acerca do mundo sertanejo sul-maranhense, estamos explicitando que as identidades dos sujeitos (sertanejos) atendem às particularidades contidas num dado recorte espacial, o Sul do Maranhão, no qual são realizadas as práticas e as ações, tendo como base as intencionalidades, as significações e os valores. O que influi para a construção de modos de vida, com formas de uso, organização, produção e representações espaciais, singularizando não só os sujeitos, mas também o lugar.

Ao entendermos que as relações socioespaciais acontecem de forma dialética, percebemos que as transformações que ocorrem ao longo do tempo não se dão por acaso. São embutidas de interesses, conflitos, desejos, contradições etc.. Por isso, acolhemos os componentes históricos e geográficos como relevantes para o entendimento da estrutura na qual se encontra determinado espaço e sujeitos em um dado momento. Dessa forma, neste capítulo, procuramos trazer os elementos que foram importantes para a constituição do Sertão sul-maranhense, que, a princípio, esteve ancorado num modelo patriarcalista, economicamente voltado para a criação bovina nas chapadas, com produção de roças baseadas no policultivo, mas que, ao longo do tempo, foi se reorganizando.

Por outro lado, com vistas a atender demandas geradas pelo efeito totalizante da globalização econômica, novos agentes e eventos foram sendo postos no território, provocando implicações nas relações sociais, nas formas de uso e produção do espaço e na maneira de enxergar o mundo. O que não dilui esse espaço enquanto referência identitária, mas o coloca, agora, num patamar de um lugar onde os objetos modernizantes podem, a qualquer momento, abraçá-lo por inteiro.

Consequentemente, o mundo sertanejo poderá não mais caber nesse mundo de imediatez constante.

À luz dessas reflexões e tendo como base a literatura regional, que descreve os primórdios da ocupação ganadeira no Sul do Maranhão, marcada pelo conflito com os indígenas e entre famílias e por um modelo de vida relacionado ao semi-isolamento, procuramos discutir a constituição do Sertão e do mundo sertanejo no Sul do Maranhão.

Levamos em consideração a estreita relação entre natureza e sociedade para a ocupação e estruturação desse universo espacial, em que a aparente imobilidade e silêncio não significaram a inexistência de vida e, sim, de rumores, sociabilidades, divergências e, por isso, construção. Nesse sentido, é importante examinar o significado da natureza para a compreensão da identidade sertaneja, já que, conforme nos lembra Almeida (2008, p. 07), é “pela compreensão do uso e pelas representações feitas sobre a natureza, que entende-se a manutenção/extinção de expressões culturais denotadoras de uma interação homem-sertões e como essas populações sertanejas “enraizam-se” no território”.

Buscamos explicar os componentes estruturantes do Sertão não somente pelo efeito histórico relacionado ao modelo econômico de determinada época, mas tendo, como base, também, os fatores da natureza que condicionaram a formação cultural e identitária do lugar.

3.1. Formas ocupacionais e de domínio: singrando rios, esfacelando vidas

Para analisarmos a representação socioespacial de um lugar, é necessário que o pensemos diante de inter-relações que são construídas ao longo do tempo, as quais estão carregadas de fatores materiais e imateriais e revelam o espaço em sua complexidade. Pensemos, então, pela perspectiva de Haesbaert (1997, p. 46), que adverte ser “a realidade *aproximada* [grifo meu] bem mais da des-ordem e da ambiguidade, do paradoxo e da contradição, do que da ordem, das certezas e das simples contraposições”. Nos fatores materiais, a natureza, traduzida em espaço geográfico, é componente imprescindível, ora facilitando, ora impondo regulamentações e/ou obstáculos para o processo histórico.

Nesse processo, não podemos deixar de fora os elementos da primeira natureza. Pois para entendermos a representação e a estruturação espacial, devemos

nos reportar aos processos históricos e, a partir daí, traçar uma trajetória da construção dos elementos definidores e representativos do recorte e dos sujeitos que iremos analisar. Assim:

Encarar o espaço geográfico em sentido amplo (o que inclui o papel da chamada primeira natureza) dentro de um processo de simbolização significa então concebê-lo num processo de apropriação social não apenas enquanto objeto material, instrumento concreto de controle e ação, mas também como símbolo que tem sua própria eficácia, ou seja, um poder simbólico que, em parte, acaba forjando as identidades territoriais (HAESBAERT, 1997, p. 50).

Os elementos edáficos, incluindo clima, relevo, solo, vegetação e hidrografia, constituem-se em possibilidades que possam, em parte, garantir, ou não, a forma e a função de espacialidades e direcionar a vocação de um lugar, indo ao encontro do humano, impondo, nesse emaranhado de inter-relações, a estruturação social e histórica do espaço. Nesse sentido, para que possamos voltar o olhar para nosso objeto de pesquisa, o Sertão sul-maranhense e o sertanejo enquanto sujeito que vive e em parte constrói esse lugar, precisamos remontar ao tempo de ocupação do Sul do Maranhão por criadores de gado à solta, ainda no período colonial.

Partindo disso, dialogaremos com a história e buscaremos os elementos propiciadores do contexto (in)existente na atualidade. Aí está implícito o simbolismo que permeia as identidades sertanejas constituídas. Além disso, revelamos, a partir de registros de autores da historiografia maranhense, como os elementos da natureza se apresentaram aos olhos dos “chegantes” no século XVIII e foram condicionantes para a instalação das grandes fazendas de criação de gado.

Por essa razão, o sertão do Maranhão é lugar de história de muitos conflitos no processo de ocupação, onde os sertanistas, para demarcarem território, fizeram o derramamento de sangue da população indígena, munidos de atos de traição e má fé contra os autóctones. Há, também, as atividades comerciais, os levantes políticos, com o surgimento de partidos políticos opostos e rixas familiares e a existência, em determinada época, de uma vida intelectual próspera em cidades sertanejas como Carolina e Grajaú. Adentrando nesses fatores pela historiografia, colocamos aqui a possibilidade do entendimento do Sul do Maranhão como espaço abraçado pelos interesses coloniais, com uma população sertaneja de vaqueiros e pequenos sitiantes. Para reiterar o já mencionado anteriormente, vale reafirmar que faremos uso da literatura regional, a qual descreve fatores históricos e geográficos do Sul do Maranhão.

Nessa direção, há que se esclarecer que as formas de ocupação do território maranhense respondem em parte pelas identidades constituídas em seu interior. Desta forma, podemos dizer que a região Centro-Norte guarda em si especificidades que não encontramos no Centro-Sul do estado.

Cabral (1992), estudando os movimentos de povoamento do Maranhão desde o período colonial, afirma:

As duas linhas que dirigiram o povoamento – a que invadiu o litoral, subindo pelos rios Itapecuru, Mearim, Pindaré e Munin e a que avançou pelos altos sertões, oriunda do interior nordestino, delinearam formas de exploração econômica e padrões de comportamento bastante característicos nos espaços ocupados. A reconstituição da identidade maranhense implica, portanto, na apreensão desses dois amplos movimentos colonizadores com tendências e encaminhamentos próprios (CABRAL, 1992, p. 21).

As duas frentes que constituíram o povoamento maranhense formaram duas bases econômicas diferenciadas, sendo uma fincada na agroexportação, principalmente do algodão, e a outra, na pecuária. Cada uma possui características próprias e significativas para a formação das relações sociais e dos comportamentos típicos de cada área. Sobre a primeira corrente, Cabral (1992, p. 61) diz que ela deu continuidade à empresa expansionista que saiu de Pernambuco, em 1614, com destino ao Maranhão, com o objetivo de expulsar os franceses e iniciar o *povoamento da região*, pondo fim à França Equinocial e marcando o início da colonização portuguesa nessa Capitania.

Foi a primeira frente de expansão, a que chamamos de frente litorânea, que se expandiu sob o controle direto do Estado português (CABRAL 1992, 61). Vê-se a presença forte e marcante do Estado na empreitada de conquista do espaço maranhense, expandindo, assim, o domínio luso sobre todo o território, dado por meio da escravização e dizimação (quando ofereceram resistência) das comunidades indígenas, habitantes da localidade. Para isso, a igreja teve participação decisiva, através da catequese, que contribuiu para a conformação dos índios aos padrões colonizadores. Fizeram parte da frente litorânea a ação deliberada, o controle, a participação direta e a condução do Estado português no desenrolar da colonização do Estado do Maranhão no litoral, nos vales dos rios Itapecuru, Munin, Pindaré e Mearim (CABRAL 1992, 61).

A outra corrente, tendo como base a pecuária, (Figura 21), entrou pelo interior maranhense a partir de 1730 e ocupou os campos naturais do Sul do Maranhão,

impasse, a saída foi a busca por novas áreas para a criação do gado, pois campos havia em abundância, bastando a dispersão. Foi assim que as fazendas se espalharam pelos vales dos principais rios e riachos. “Esse modelo foi confirmado através da Carta Régia de 1715, proibindo a criação de gado a menos de dez léguas da costa” (LIRA, 2006, p. 24).

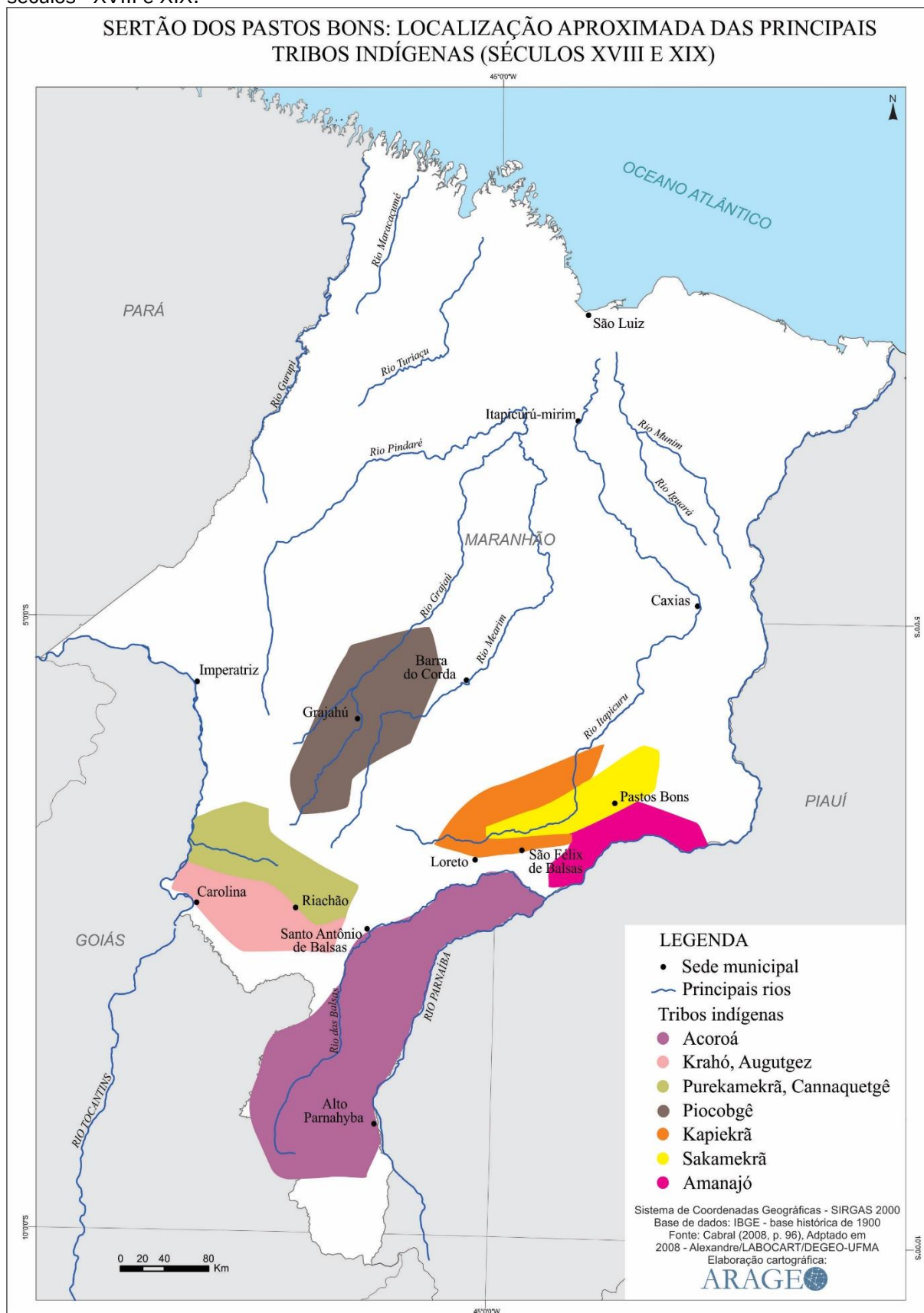
Servia o boi como meio de transporte, força motriz e fonte alimentícia, enquanto o couro era ainda utilizado na fabricação de objetos domésticos. Seu crescimento foi rápido em consórcio com a cana. Mas logo foi constatado que as duas atividades possuíam dinâmicas próprias e características peculiares de exploração, o que as tornava inconciliáveis e inconstituíveis (CABRAL, 1992, p.101).

Portanto, após percorrerem e instalarem fazendas nos sertões piauienses, atravessam o Parnaíba e adentram o Maranhão na primeira década do século XVIII, chegando aos campos sul-maranhenses, que representavam um convite à expansão da pecuária extensiva e itinerante. O único entrave foi a presença de numerosas comunidades indígenas, que se opunham à conquista, o que motivou a existência de sangrentas disputas territoriais. Nesse “costuramento”, vaqueiros e rebanho adentraram por esses vastos pastos naturais, atingindo, no limiar do século XIX, o rio Tocantins. Ocorreu da seguinte forma:

Domingos Afonso Sertão e outros seus companheiros que do rio São Francisco, nos sertões da Bahia, vieram atravessando e povoando todo o Piauí, por eles então verdadeiramente descoberto, foram os primeiros que, passando além do Parnaíba, estabeleceram as primeiras povoações de Pastos Bons, sacudindo para o sudoeste e para o oeste o referido gentílico. Seus progressos de população foram bastante rápidos: lançaram-se as primeiras fazendas de gado nas cabeceiras do rio Piauí, e como em um momento apareceu a capitania deste nome, a sua capital, as suas vilas e até os estabelecimentos de Pastos Bons, além do dito rio Parnaíba, chegando logo a sessenta léguas de extensão, montaram no ano 1810, às margens do Tocantins, mais de cento e vinte distantes das primeiras povoações do distrito, no riacho e fazenda Serra. (PAULA RIBEIRO, 2002 p. 148)

A ocupação do Sul do Maranhão, região compreendida pelos altos sertões, foi empreendida com profunda violência, com sangrentas disputas e, na maioria das vezes, usando da farsa. Isso porque faziam acordos de paz e, logo após, os índios, eram surpreendidos pela traição. Santos (2014, p. 77) afirma que “a prática predominante foi o conflito, tanto pelas armas quanto pelas doenças e pela aculturação, no qual as populações indígenas (Figura 22) foram reduzidas por serem menos preparadas para aqueles tipos de confronto”.

Figura 22 - Localização aproximada das principais tribos indígenas – Sertão de Pastos Bons – séculos XVIII e XIX.



Fonte: Cabral, 1992

Sobre a existência das comunidades indígenas, de acordo com Carvalho (2000, p. 75):

No vasto território de belezas e fertilidades indizíveis, [...] habitavam nações autóctones, diferentes em tipo étnico e em idiomas, mas todas de índole prazenteira, folgazã, muito hospitaleiras e cuja alacridade é mencionada pela tradição como prova de ingenuidade infantil e de descuidada existência.

A autora acrescenta que, através da influência do meio, ou seja, da natureza pode-se explicar a índole prazenteira; pela abundância das riquezas alimentícias e frutos de sua rudimentar agricultura, que davam mais do que o necessário para viverem em fartura, podemos explicar a vida descuidada. Portanto, não conheciam a fome e o frio nem as doenças contagiosas (CARVALHO, 2000).

Grande parte das comunidades indígenas foi dizimada pelos conquistadores. “A insídia e a perfídia formam sempre meios suaves para conseguirem o aniquilamento dos autóctones. [...] E tudo isso se deu em nome da fé católica (CARVALHO 2000, p. 75)”. Segundo Cabral (1992, p. 120), “a destruição foi de tal ordem, que sobreviveram poucos dos numerosos grupos indígenas que viviam na região. [...] Sendo que o principal meio utilizado pelos criadores para submeter e dominar o indígena foram as bandeiras, que se constituíam como verdadeiros grupos de guerra [...]”.

A conquista foi feita da forma mais cruel possível, em decorrência de interesses e modos de vida diversos e antagônicos. Nesse emaranhado, com o discurso de “limpar” aquela terra de homens aos quais negavam identidade humana, por não terem recebido água de batismo, nem ser possível que descendessem dos míticos Adão e Eva, os *ocupantes* fizeram horrorosas matanças dos indígenas, [...], tratando paz e atacando-os de surpresa [...] (CARVALHO, 2000).

Uma após a outra, todas as comunidades foram sendo obrigadas a se submeter à vontade e aos desígnios do invasor, que queria o controle da terra. Por esta via e por meio da inoculação de varíola, parte das populações indígenas fora varrida das campinas, cedendo lugar às fazendas de gado. Em um processo lento, abarcaram todo o espaço de leste a oeste e do centro ao sul do Maranhão. “A resistência do índio a tal dominação, levando à sobrevivência de algumas comunidades, foi um exemplo de luta que deve nos ensinar a saber conviver com as diferenças” (CABRAL, 1996, 132). Relato importante fez Francisco de Paula Ribeiro,

em sua descrição de Pastos Bons, ao analisar algumas das tribos mais conhecidas que habitavam o Maranhão no início do século XIX. Segundo o Major:

As povoações gentias, que ainda não domésticas se acham dentro dos territórios da Capitania do Maranhão – e isto há mais de duzentos anos [...] – são, com efeito, assaz numerosas, e formam por isso um objeto seu, que não merece pequena atenção, e nem pouco reparo sua conservação dilatada em um estado bárbaro, tão prejudicial ao aumento geral desta colônia, como inútil àquele progresso social que pretendemos haver dos mesmos índios. Depositam-se geralmente todas as referidas povoações pela latitude do lado oeste da mesma capitania, entre os rios Itapecuru e Tocantins; recolhendo-se ali desde que, acossados pelos primeiros povoadores do Maranhão, deixaram totalmente esta beira-mar, e foram com outras, que ao depois os descobridores dos sertões da Bahia, Pernambuco e Piauí lançaram também para o sudoeste e oeste do mesmo Itapecuru e Parnaíba, a engrossar aqueles que lá se estabeleciam, fazendo destes terrenos uma segura guarida [...] (RIBEIRO, 2002, p. 157).

Sobre alguns de seus costumes e características, Ribeiro (2002, p. 159) nos informa:

Não se lhe(s) conhece a mais pequena demonstração de culto ou religião qualquer que ela seja, pois é sua razão a esse respeito a mais submergida no caos da ignorância, sendo-lhes bem indiferente que o sol nasça ou que se esconda. Contam os seus períodos pelas luas, [...]. Zelam muito as filhas, porém, muito pouco as consortes. [...]. Vagam errantes pelo distrito que lhes pertence todo o enxuto tempo do verão, sendo nesta estação que mais propriamente utilizam as caças e os frutos de seus terrenos. Ao anúncio das primeiras chuvas marcham para as povoações, que até então haviam ficado com pouca gente guardando e servindo os seus inválidos; preparam então a pouca terra que costumam plantar de batatas, mendubis e milho caitité ou zaburro, e entretanto que cresce e sazona a plantação, comem eles, a coberto das invernadas, os gêneros que do ano passado ficaram reservados em paiós particulares, que cada uma das famílias guardou escondidamente para si.

Em relação às comunidades gentílicas que se faz conhecer por meio dos relatos do Major Francisco de Paula Ribeiro, há destaque para os Gamelas de Viana, os Timbiras do Baixo rio Mearrim, os Gamelas do Codó, os Timbiras Sacamecrãs, os Timbiras Capiocrãs ou Canelas Finas, os Timbiras Piocobgês, os Timbiras Purecamecrãs, os Timbiras Macamecrãs. Importante informação nos traz esse autor ao escrever que, na época, vivia nesta parte da capitania do Maranhão, entre o Tocantins e toda a fronteira povoada, mais de oitenta mil almas gentias, nunca sendo menos de mil qualquer dessas povoações.

Com a colonização empreendida desde o período colonial e com os desdobramentos de reordenação do território que foram sendo impostos ao longo do tempo, muito foi mudado em relação ao quantitativo de indígenas e em seus modos

de vida. O que se verifica é que, no período de 1996 até os dias atuais, das vinte e duas Terras Indígenas criadas no Maranhão, dezoito estão regularizadas, duas encontram-se declaradas (Bacurizinho e Porquinhos dos Canela-Apãnjekra), duas em fase de estudo (Governador e Vila Real), uma delimitada (Kanela Memortumré) e uma outra encaminha RI (Krenyê), conforme consta no quadro 03.

Entre tais Terras Indígenas no Maranhão, quinze estão localizadas na região Centro-Sul do estado, antigo território que dantes compreendeu Pastos Bons, onde vive uma população de mais ou menos trinta mil índios, porém, nos anos iniciais do século XIX, viviam mais de oitenta mil almas gentias (RIBEIRO, 2002).

Quadro 03 - Terras indígenas no Maranhão – Área, População, Etnia, Municípios.

Terra Indígena	Área (ha)	População Total	Etnia	Municípios
Alto Turiaçu	530.524,7417	1.929	Ka'apor	Centro do Guilherme, Zé Doca, Araguanã, Maranhãozinho, Santa Luzia do Paruã, Centro Novo do Maranhão
Arariboia	413.288,0472	7.329	Guajá	Buriticupu, Arame, Amarante do Maranhão, Bom Jesus das Selvas, Grajaú, Santa Luzia
Awa	116.582, 9182	891	Guajá	São João do Carú, Governador Newton Bello, Centro Novo do Maranhão, Zé Doca
Bacurizinho*	134.040,0000	2.973	Guajajara	Grajaú
Bacurizinho	82.432,4931	2.973	Guajajara	Grajaú
Cana Brava/Guajajara	137.329, 5429	7.158	Tenetehara	Grajaú, Barra do Corda, Jenipapo dos Vieiras
Caru	172.667,3777	379	Tenetehara	Bom Jardim
Geralda Toco Preto	18.506,2081	163	Timbira	Arame, Itaipava do Grajaú
Governador	41.643,7567	1.058	Gavião Pukobiê, Tenetehara	Amarante do Maranhão
Governador**	0,0000	1.058	Gavião Pukobiê, Tenetehara	Amarante do Maranhão
Kanela	125.212,162	1865	Kanela	Barra do Corda, Fernando Falcão
Kanela Memortumré***	100.221.0000	-	Kanela	Barra do Corda, Fernando Falcão
Krenyê****	0,0000	-	Timbira e Krenyê	Barra do Corda, Vitorino Freire
Krikati	144.775, 7868	1.700	Krikati	Amarante do Maranhão, Lajeado Novo, Montes Altos, Sítio Novo
Lagoa Comprida	13.198,2651	808	Tenetehara	Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras
Morro Branco	48.9804	587	Tenetehara	Grajaú
Porquinhos	79.520,2504	2.600	Kanela	Barra do Corda, Fernando Falcão

Porquinhos dos Canela-Apãnjekra*	301.000,0000	-	Kanela	Barra do Corda, Fernando Falcão, Mirador e Formosa da Serra Negra
Rio Pindaré	15.002,9142	775	Tenete'hara	Bom Jardim, Monção
Rodeador	2.319,4531	638	Tenete'hara	Barra do Corda
Urucu/Juruá	12.697,0441	845	Tenete'hara	Itaipava do Grajaú
Vila Real***	0,0000	-	Tenete'hara	Barra do Corda

Fonte: Funai – Fundação Nacional do Índio

Org.: A autora, 2017

*Terra indígena declarada, não regularizada e tradicionalmente ocupada

** Terra em estudo e tradicionalmente ocupada

***Terra indígena delimitada, tradicionalmente ocupada

****Encaminhada RI

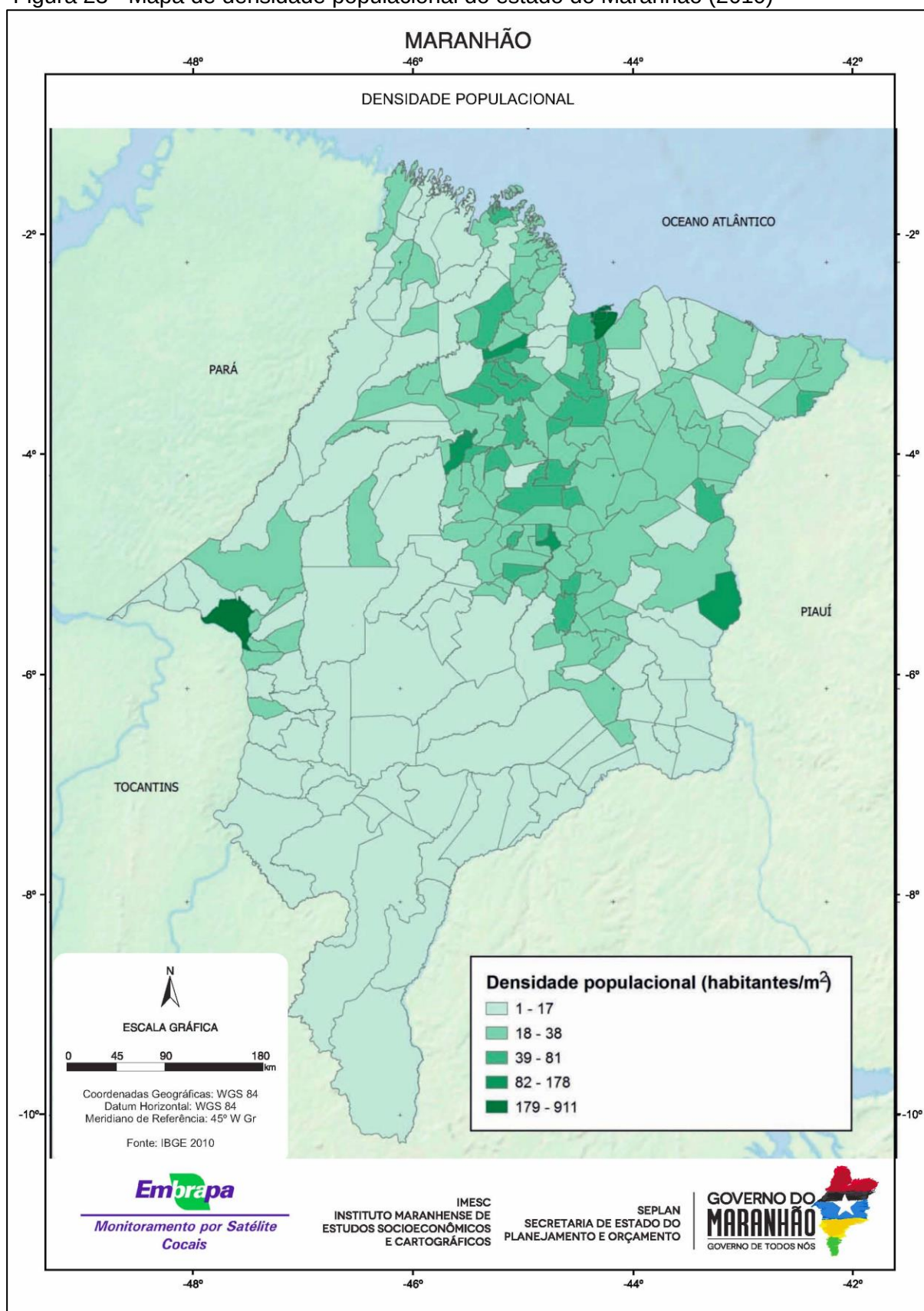
Retornando a nossa abordagem acerca do processo colonizador, vimos que, inicialmente, as terras ocupadas pela frente de expansão foram as situadas nas proximidades do rio Parnaíba, no qual se instalaram as primeiras fazendas de gado e foi fundado em 1819 o povoado de Pastos Bons. Este serviu de apoio para o avanço da conquista de forma contínua e sem fronteiras, dando origem a vilas e povoados mais tarde passarem a ser transformadas em cidades, a exemplo de São Félix de Balsas, Riachão, Carolina, Santo Antônio de Balsas e algumas outras, não só em território maranhense, mas também em território tocantinense. “É aí neste caminho que se faz a colonização, descobre-se a terra, fixa-se o homem que parte para frente, guiando-se pelos passos sertanejos do gado” (COELHO NETO 1979, p. 20).

A respeito desse fator, Pachêco (2011) assinala:

O gado conduziu seus donos para a região sul do Maranhão. O número de fazendas não parou de crescer e os gentios, quando sobreviventes, trabalhavam escravizados para os fazendeiros. Situadas em sesmaria de três léguas de frente e três de fundo, as fazendas se posicionavam intercaladas por faixas de terra medindo uma légua de frente e sem especificação de tamanho para os fundos. Essas faixas não podiam ser utilizadas como bem particular: seu uso era comum. Ao gado, elas propiciavam pasto e aos homens proporcionava caça, pesca, frutos silvestres, madeira para construção de casas de pau a pique e palha de palmeiras para sua cobertura. (PACHÊCO FILHO, 2011, p. 24).

Dessa feita, vê-se a importância que a atividade pecuária promoveu na consolidação ocupacional do sertão sul-maranhense, o que contribuiu para que essa região se apresentasse como de baixa densidade demográfica, conforme demonstramos na Figura 23. Porquanto as extensas terras, concentradas nas mãos de poucos fazendeiros, se destinaram prioritariamente à criação do gado à solta.

Figura 23 - Mapa de densidade populacional do estado do Maranhão (2010)



Fonte: Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e cartográficos (IMESC), 2010

Por essa perspectiva, Coelho Neto (1979, p. 20) infere que “o boi determina uma economia primitiva e se constitui a riqueza originária e única, com um sistema fundiário de ocupação, levando todo esse complexo pela passagem do rio Parnaíba até alcançar a região Sul do Maranhão, a terra sertaneja dos ‘pastos bons’ famosos”.

Para uma melhor análise da conjuntura populacional do Maranhão, demonstramos, por meio da tabela 04, o quantitativo populacional e a densidade demográfica de alguns municípios do Sul do Maranhão, sendo que a escolha para compor a tabela foi feita partindo dos mais populosos do estado, para em seguida os que estão presentes no trabalho de campo e, por fim, os que possuem maior expressividade na região sul-maranhense, sobretudo no que diz respeito a raízes históricas de colonização ganadeira.

Tabela 04: Municípios maranhenses, população residente em números absolutos e densidade demográfica (2010).

Município	População Absoluta		Densidade demográfica (hab/Km ²)
	Total	Urbana	
São Luís	1.014,837	958. 522	1.215,69
Imperatriz	247.505	234.547	180,79
Balsas	83.528	72.771	6,36
Barra do Corda	82.8830	51.648	15,26
Carolina	23.959	16.237	3,72
Grajaú	62.093	37.042	7,03
Lajeado Novo	6.923	3.194	6,61
Montes Altos	9.413	5.126	6,32
Pastos Bons	18.067	12.307	11,05
Porto Franco	21.530	16.866	15,19
Riachão	20.209	10.205	3,17

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.

Org.: A autora, 2016

A tabela acima, põe em evidência, que a densidade demográfica dos municípios mais antigos do Sul do estado, como Pastos Bons, Carolina, Grajaú e Riachão, apresenta-se bastante baixa, fato esse que se estende aos demais municípios da região. Logo, de acordo com a tabela anterior e o mapa 11, os municípios de São Luís e Imperatriz são os que compõem a maior taxa populacional e, conseqüentemente, a maior densidade demográfica do Maranhão.

Ao nos reportarmos à abordagem da caracterização histórica do sertão dos Pastos Bons, localizado no Centro-sul da capitania do Maranhão, notamos que esse espaço territorial foi o ponto de partida de várias *bandeiras* com intenção de explorar, ocupar, povoar, escravizar quando possível e, na maioria das vezes, dizimar os

nativos (PACHÊCO FILHO, 2011, p. 28). Assim, “os sertões maranhenses começam a aparecer no mapa geopolítico [...]” (SANTOS, 2014, p 76). Com efeito, a conquista sobre os sertões avançou-se mediante o vasculhamento de rios, tomada de posse das terras, lutas sangrentas com indígenas, sendo estes, em sua maior parte, expulsos e mortos. Nesse processo, foram-se criando povoações, que mais tarde foram transformadas em vilas.

Sobre esses fatores, Cabral afirma:

Durante o século XIX, a expansão do gado e a abertura de novas rotas comerciais condicionaram mudanças sensíveis no panorama social e político da região. A criação das vilas de Pastos Bons, em 1820, Carolina em 1831, Riachão em 1835, Grajaú em 1835, Passagem Franca em 1838, Barra do Corda em 1854, Porto Franco em 1855, Imperatriz em 1856, Loreto em 1837, Alto Parnaíba em 1891, Santo Antônio de Balsas em 1892, resultou desse processo e provocou a reorganização do espaço e a institucionalização do poder local (CABRAL, 1992, p. 182).

Como é sabido, Pastos Bons compreendeu a parte Centro-Sul do estado, ou seja, uma extensa área, hoje, composta por muitos municípios que foram sendo desmembrados ao longo do tempo. Acerca de sua localização e abrangência nos primórdios, Cardoso (1947, p. 08) descreve esse espaço da seguinte forma:

Primitivamente, o distrito de Pastos Bons se estendia, de leste a oeste, das margens do Parnaíba às do Tocantins; ao norte, avançava até ao Pindaré, e ao sul, até à fronteira, ao tempo ainda incerta, da própria Capitania. Era todo o espaço presentemente ocupado pelos municípios de Carolina, Balsas, Riachão, Grajaú, Barra do Corda, Porto Franco, Imperatriz, Passagem Franca, Buriti Bravo, Colinas, São João dos Patos, Alto Parnaíba, Benedito Leite, Nova Iorque, Mirador e Loreto.

Constata-se que as frentes de ocupação foram responsáveis pela formação econômica e social do Maranhão, sendo que ainda hoje pode ser vista diferença entre as duas regiões. Essas peculiaridades têm gerado, desde a fase inicial da colonização (CABRAL, 1992), movimentos separatistas encabeçados pela população situada ao Sul do estado, que alega ser prejudicada pela ausência do governo estadual.

A seguir, são expostos os elementos que coadunaram com a atividade gadaneira nos Sertões maranhenses, os componentes sociais e econômicos que se formaram, as rotas de ligação da capital da Província com o interior e as singularidades da identidade sertaneja constituída nos primórdios.

3.2. O lugar da Natureza: o ajustamento de formas de vida

Chama-se **distrito** ou **freguesia de Pastos Bons** (*grifo meu*) todo aquele terreno que desde a fazenda e riacho Serra, na extremidade sul dos limites de Caxias, cortada da beira do rio Parnaíba na povoação das Queimadas, à barra do riacho do Corrente no rio Itapecuru, se estende por entre o mesmo rio Parnaíba e o Tocantins até às margens do rio Manoel Alves Grande [...] (PAULA RIBEIRO, 2002, p. 146)

Transpondo o rio Parnaíba para situar fazendas de gado, os ocupantes, extasiados, vendo o esplendor e a exuberância da plaga, nominaram-na pastos bons. [...] **Que** [grifo meu] foi então uma expressão geográfica. Uma denominação regional geral, dadas pelos ocupantes à imensa extensão de campos abertos para o ocidente em uma sucessão pasmosa em que ao bom sucedia o melhor (CARVALHO, p. 67-68).

Nas duas citações, estão expostos elementos da natureza. A primeira nos fornece a localização da freguesia de Pastos Bons, tendo como referência os rios da região, e a segunda nos coloca, de forma romântica, diante das características desse lugar. Por esses aspectos, há evidências, consoante autores da literatura regional, da preponderância dos fatores naturais, a saber, relevo, solo, vegetação e a hidrografia, para a instalação das fazendas de gado no século XVIII e, que, grosso modo, mereceu a designação regional de Pastos Bons.

Diante do escrito, podemos notar a existência de uma articulação entre homem e natureza, de maneira a suscitar a completude social, ambiental e cultural. Nesse sentido, a questão aqui é buscar uma compreensão dessa completude do vaqueiro e da natureza no tempo e no espaço, além dos conflitos que se formaram no bojo dessa questão. Para tanto, um passeio pelas obras que retratam a vida humana e as condições fitogeográficas da região, quando da ocupação, faz-se necessário.

Enveredando para além do núcleo de Pastos Bons, nas direções Oeste e Sul, estendiam-se os campos naturais contínuos e cobertos de exuberantes pastagens, pastos realmente bons, regados por numerosos e perenes rios, córregos e ribeirões protegidos por florestas ciliares e entremeados por capões de matos e palmeiras, com clima ameno e saudável. São componentes bem diferentes de outras paragens encontradas pelos vaqueiros no caminho percorrido de Pernambuco e da Bahia, até chegarem ao Maranhão. E ao se depararem com a riqueza natural, os criadores denominaram o lugar de “Pastos Bons”, pois “em nenhum outro lugar havia as

mesmas condições de vegetação, pastagens naturais e tantos rios e riachos que pudessem oferecer condições para a criação do gado” (SANTOS, 2012, p.76).

Nos relatos dos que conheceram a região, sempre há ênfase nas condições ambientais. Sobre tal fato, Francisco de Paula Ribeiro, major que esteve nos sertões maranhense a serviço da coroa, faz uma caracterização dos rios, das matas, do clima e dos sabores, levando em conta, como referencial, principalmente os rios, para descrever as rotas, localizações de povoados e fazendas. Abaixo, trechos do autor:

Não é ali demasiadamente frio o inverno, que de ordinário principia, como na Europa, em outubro, e acaba em abril, nem o verão caloroso; às chuvas que até este mês produzem e criam os pastos se seguem de maio em diante os grandes orvalhos ou neblinas que, ensopando de noite a terra, os conservam até agosto; deste mês até setembro os fogos queimam e limpam os campos de todo o ervanço inútil, para que as próximas águas tornem mais viçosamente a reverdecê-los, no entanto que as criações, tendo buscado o refrigério dos vales por entre as serras aonde sempre há matos e beiras de riachos em todo o tempo frescos e verdes, se conservam e nutrem [...].

Encontram-se em Pastos Bons, entre a espécie vegetal, muito poucas aquelas plantas que deixam de ter propriedades úteis ou medicinais [...]. Criam-se por todo o distrito excelentes madeiras finas, como sejam a aroeira, quase incorruptível, a candeia, o gonçalo-alves, muito bem pintado de sua natureza, as violetas-do-mato e do campo, entre si diferentes, o angico, o moreira, o pau-marfim, o pau-roxo, e outras não só muito capazes de fabrico, porém até próprias para o ornato. Dá muito óleo de capaúba ou copaíba, e gomas-de-angico, de grande préstimo para a preparação de peitorais e expectorantes, a jutaica, alcaçuz, almécega. É abundante de muitas frutas silvestres substanciais, [...], das quais as mais delicadas são as mangabas e as guabirobas. (RIBEIRO, 2002, p. 155).

Fica nítido que tanto o gado quanto a população que para aí rumaram encontraram meios para sobreviver de forma “facilitada”. Afora os empecilhos encontrados em decorrência das numerosas tribos indígenas, que suscitaram muitas lutas e mortes, e os algures da vegetação mais fechada, o alimento para o gado era tido sem muitos esforços e, com a fertilidade do solo, pôde-se plantar os alimentos necessários para o consumo. Em relação à comunicação com outras localidades, ela era feita principalmente pelos rios, abundantes no Maranhão, contribuindo para que funcionassem, durante muito tempo, como rotas que ligaram, através de sua navegabilidade, a região a outros territórios. Por meio deles, subiam e desciam os produtos comercializáveis e pessoas, facilitando a exploração de um espaço até então desconhecido da Coroa portuguesa. Entre os principais rios, Ribeiro assim os descreve:

Entre as bocas dos referidos Parnaíba e Turi, pontos limítrofes entre Piauí, Maranhão e Pará, saem ao mar pelo longo da costa do Maranhão, percorrendo leste para oeste, os principais rios que acompanham quase toda a latitude da capitania, que vêm a ser o Munim, o célebre Itapecuru, o Mearim e o Pindaré, todos eles com suficiente largura, e mais ou menos navegáveis. A estes se ajuntam os de Balsas, Balsinhas, Alpercatas, Neves, Macapá, Canela, Grajaú e Farinha, regando a parte superior dos sertões da mesma capitania no distrito de Pastos Bons, o mais extenso e o mais precioso espaço dela, e no qual todos estes rios nascem (RIBEIRO, 2002, p.75).

A caracterização do relevo maranhense é reveladora da riqueza hidrográfica, uma vez que o Sul, a parte mais elevada do estado, vai sofrendo uma diminuição na altitude em sentido norte, até chegar ao nível do mar. Nessa região, há a presença de Serras, por exemplo a Serra do Gado Bravo, a Serra do Penitente, região Serrana de Fortaleza dos Nogueiras, Serra Vermelha e Serra da Croeira, em que está assentada a Serra Negra, lugar onde nascem importantes rios. Também, a exemplo de Francisco de Paula Ribeiro, Carlota Carvalho deu grande importância em seus escritos à hidrografia maranhense. No entanto, a autora parte de uma busca de explicação geográfica para tal aspecto e refere-se, ao Planalto Central, para poder explicar de forma contundente, conforme descrito a seguir:

Sobre esse maciço continental (*Planalto Central, grifo meu*) correm paralelos, de Sul a Norte, o São Francisco e o Tocantins, mas muito distantes. Em certa altura o São Francisco dobra o curso para o nascente e é substituído no paralelismo pelo Parnaíba. Profundamente cavada no lado em que se desenvolve a bacia do Tocantins, a dita planície apresenta, a Leste, uma borda muito alta, que vista do lado do Tocantins, é, pelo aspecto, chamada serra do Duro, de Santa Maria, de São Domingos. Somente do lado do Tocantins tem aparência de serra.

É simplesmente uma depressão. Subindo-a, o viajante caminha para a Bahia numa planície suavemente inclinada para o São Francisco. Ao Norte da extremidade setentrional da depressão, abaixo, no campo, nasce o rio Parnaíba. Correndo de Leste a Oeste, o rio Sono descreve com o Parnaíba um ângulo reto. Em cima, onde o Balsas nasce e onde começa a lombada divisora, o solo é constituído por formação aluvial arenácea sobre a qual se dilatam campos. Nesses campos, mais e menos ondulados, brejos e buritizeiros dão origem a riachos que vertem no Balsas e no Tocantins, confundindo as cabeceiras como acontece às de afluentes do rio Sono e do Parnaíba. Descendo o curso do Balsas em seu paralelismo com o Tocantins, encontram-se cabeceiras de afluentes deste, que são: Manoel Alves Pequeno, Cartucho, Tauá, Ouro, Aldeia, Manoel Alves Grande, Sereno, Farinha, emaranhando-se com nascentes de riachos que correm para o Balsas. Entre as cabeceiras do Manoel Alves Grande e o leito do rio Balsas, aparece a serra, designada por Chapada das Mangabeiras", o que coaduna, porque o terreno arenoso dos campos dessa paragem era muito abundante de mangabas. Ficam muito longe um do outro o Parnaíba e o Tocantins, e esse afastamento permite o aparecimento das pequenas bacias intermediárias constituídas pelos Alpercatas, Itapecuru, Mearim, Grajaú,

Pindaré, Gurupi, Tucumandeua, Capim e Guamá. (CARVALHO, 2000, p. 61 – 63).

Enfatizamos que, no âmbito deste trabalho, quando relatamos as condições naturais como favorecedoras para a instalação das fazendas de gado no Sertão maranhense, corremos o risco de colocarmos a natureza como determinadora dessas relações socioespaciais. Contudo, é imprescindível considerar que as relações de produção no espaço estão condicionadas, em parte, pelo desenvolvimento das técnicas de uso desse espaço, o contexto em que se insere o mundo e especialmente o Brasil no século XVII deve ser levado em conta.

De tal modo, em relação ao exposto, Cabral (1992, p. 109) ratifica que:

Não se trata, como observou Otávio Guilherme Velho, de um determinante geográfico absoluto, mas da face que representava o meio físico para a sociedade, considerando um determinado desenvolvimento histórico das forças produtivas. A existência de campos naturais, além de ser a causa e o motivo da própria escolha do local, foi condição indispensável para o desenvolvimento da pecuária extensiva e itinerante.

Por conseguinte, os elementos da natureza propiciaram que os rebanhos bovinos se assentassem na região, no entanto não foi a natureza que detonou as transformações nesse espaço, mas, sim, os condicionantes econômicos, políticos e sociais, mesmo que a dependência humana estivesse atrelada à existência de uma vegetação, da hidrografia, do clima e do relevo favorecedores dos processos aí ocorridos. Então, não podemos considerar a vida social nos sertões como análoga à natureza, mesmo que os modos de vida possam ter sido constituídos desse imbricamento, pois entende-se que a articulação entre as populações aí inseridas, não só os sertanejos, como também os índios, com a natureza tiveram/têm vínculos densos, que geram elementos de uma vida social particular.

Seguindo por essa linha de abordagem, Cleps Júnio & Martins (2012) nos fornecem ideias para se pensar a ligação do homem com a natureza, que vai se desenrolando para forjar a identidade e o sujeito verdadeiro. Os autores tratam do veredeiro, enquanto homem das veredas, situados no Norte de Minas Gerais.

Situação essa que está muito próxima do sertanejo maranhense, que se constitui por ser um homem do Cerrado, espaço composto por veredas. Nesse aspecto, enfatizam que esses “*homens, sujeitos* (grifo meu) têm suas territorialidades envolvidas por suas águas e terras, mas isso acontece devido aos ajustamentos dos

tempos sociais aos tempos da natureza, da dinâmica humana e da dinâmica das veredas” (CLEPS JÚNIO & MARTINS, 2012, p. 288). E acrescentam que, “por detrás disso há tessituras, que englobam tempo-espço, cultura e sociabilidade, homem e natureza” (p. 188).

Numa análise importante sobre a natureza culturalizada, Almeida (2005) parte do olhar de que há uma pluralidade de valores frente ao Cerrado e afirma que a natureza é um conceito plural. “Para uns, Cerrado é ecossistema, para outros é capital” (ALMEIDA, 2005, p. 322). Destarte, o que está em bojo é o sentido valorativo atribuído aos lugares, que está em conformidade com a relação dos diversos sujeitos dentro de um contexto histórico, que não pode se desvincular do econômico, do político e do social. Esses argumentos afiançam que toda sociedade cria e inventa suas concepções acerca da natureza. Dessa forma, a natureza é histórica ao revelar o olhar sobre o mundo que cada sujeito possui. O que exige que pensemos como esses processos acontecem no tempo e no espaço e os conflitos inseridos no bojo dessa discussão. Noutras palavras, o que fica evidenciado é a integração existente entre as categorias natureza e cultura.

3.3.Componentes sociais

Berdoulay (2012, p. 121) adverte que “da interação entre cultura e espaço emergem lugares que o sujeito constrói ao mesmo tempo que constrói a si mesmo”. E assim é a constituição socioterritorial maranhense, que se fez mediante movimentos colonizadores com tendências e encaminhamentos próprios, conforme já exposto anteriormente. Como o espaço é histórico, isso propõe que exista movimento, e nesse movimento a vida dos sujeitos muda, o que implica a forma de agir, pensar, ver e viver o/no espaço, sendo que na vivência está implícita uma projeção para o futuro.

Refletindo por meio do descortinamento da maleabilidade socioespacial, compreendemos que, atualmente, o território sul-maranhense atende às “novas funções”, a despeito de continuar com as “velhas formas”. De fato, novos elementos estão aí inseridos, como a produção da soja para a exportação, porem mantem-se a concentração fundiária, aspecto fundante desde a época colonial, quando das grandes fazendas de gado. Aspecto que exige uma explicação da constituição social dessa região pautada na formação territorial das fazendas, de tal modo que demonstre a organização da sociedade envolto no econômico.

Destarte, em consonância com (SANTOS, 2014, p. 78):

A característica das fazendas na região era de terras compostas por dezoito quilômetros de comprimento pela mesma extensão de largura, e deveria haver um espaço entre fazendas de seis quilômetros. Este, não deveria ser apropriado por ninguém, mas poderia ser utilizado por todos. Não se sabe se tal determinação era obedecida, porém, o mais importante é que lá as fazendas não foram de grande porte. Na maioria das vezes, o próprio dono administrava suas terras, com a imprescindível ajuda dos vaqueiros e fábricas, normalmente membros da própria família, mas também contratados de fora e, em menor escala, escravos.

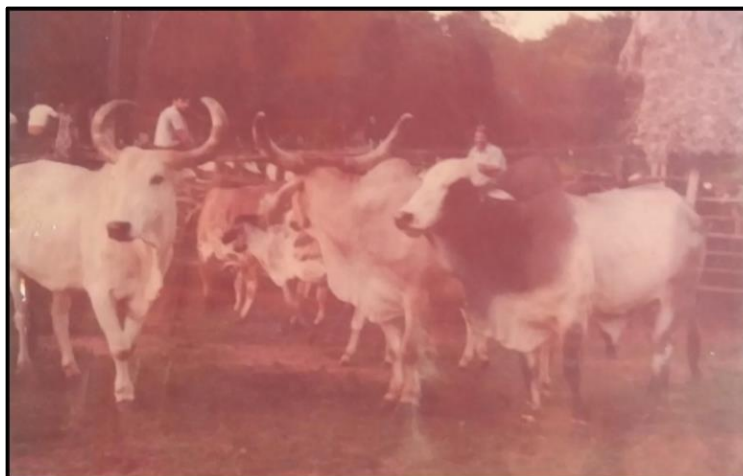
O gado foi o elemento estruturante do espaço e, como era criado solto nas chapadas, demandava um número pequeno de encarregados, na maioria das vezes sendo suprido pelos próprios filhos (RIBEIRO, 2002) e um ou dois vaqueiros. Estes, pelo fato de nascerem e crescerem sem que fossem possíveis seus deslocamentos para lugares mais “adiantados”, eram poucos os que aprendiam a ler e escrever, carregando consigo costumes rústicos.

Sobre o comportamento humano, Ribeiro (2002, p. 149) destaca:

Os seus habitantes quase em geral, bem entendidos aqueles nascidos no distrito, suposto que sejam em grande parte rústicos e brutais, como adiante diremos, não têm contudo de si mesmo, por influência de uma natural índole má, maiores defeitos que escandalizem a humanidade, passados que sejam alguns momentâneos acessos de furor, a que tão somente os conduz, há pouco anos, a desesperação da sua presente desgraça, porque enfim são de uma condição dócil, hospitaleiros, agasalhadores, e tratam aos passageiros, de que sempre têm concorrência, com agrado próprio sim da sua rusticidade grosseira, porém sincero e de boa fé, até facilitar tudo o que possuem àqueles que sabem carinhosamente enganá-los, isto ao ponto de não se acautelarem dos prejuízos que muitas vezes se lhe têm seguido da sua crueldade.

Nos sertões, a criação bovina determinou a organização espacial e, foi por meio dela, que se formaram o povoamento, o comércio e as relações de sociabilidade. Nas fazendas sertanejas, encontrava-se a maior parte da população, vivendo os poucos núcleos urbanos dependentes delas. A grande propriedade sobre a qual se assentava a fazenda de gado constituiu o modelo dominante de ocupação do território, sendo que as instalações tanto do gado quanto do fazendeiro e do vaqueiro eram, na maioria, rústicas. Havia, assim, o curral para o gado e as casas eram cobertas de palhas e paredes de adobo (barro prensado), ou de taipa, e/ou de palha. Importante frisar que essas características ainda podem ser encontradas na região (Figuras 24 e 25).

Figura 24 - Na parte da frente, trabalho do vaqueiro com o gado. E detrás pode ser visto o curral feito de troncos de madeira e coberto por palha.



Fonte: Acervo da família Maciel

Figura 25 - Moradia sertaneja no Sul do Maranhão



Fonte: COSTA, 2014.

Os trabalhos desenvolvidos pelos vaqueiros eram numerosos, que consistiam, de acordo com Cabral (1992, p. 152), em “acompanhar o rebanho nos pastos, amansar os bezerros, cuidar individualmente das vacas paridas, matar animais nocivos e cuidar das doenças que acometiam a gadaria. Tinham ainda que queimar, parte por parte, os campos, em tempo próprio, a fim de que pudessem brotar viçosos e ricos os pastos secos, como ainda hoje acontece”. E acrescenta que “o trabalho do vaqueiro era pago em espécie, recebendo um quarto da produção a cada cinco anos” (p. 152). A propósito, do couro do gado eram fabricadas as cadeiras, as camas, os trajes do vaqueiro, as selas e os arreios para os cavalos, as malas, os alforjes e muitos outros utensílios (Figura 26).

Figura 26 - Utensílios domésticos dos sertanejos - 1-Pilão; 2-Cadeira de couro; 3-Couro curtido; 4- Sertanejo demonstrando os processos de curtição do couro.



Fonte: COSTA, 2014

Para suprir a alimentação nas fazendas, eram cultivadas, nas áreas úmidas e férteis, as roças (pequenas lavouras) em regime de policultura e atendendo ao calendário anual de acordo com as épocas propícias para a derruba, a queima, o plantio e a colheita. A produção, em pequena escala, era destinada, em sua maior parte, para o abastecimento das fazendas e para o consumo daqueles que a cultivavam, geralmente agregados. Numa grande extensão de terra, o proprietário exercia o domínio, sendo seus dependentes, não apenas os filhos e genros e noras, como também seus moradores.

A respeito dessa colocação, Cabral (1992, p. 178) nos informa:

O embrião dessa sociedade foi a família patriarcal, integrada pelos fazendeiros e seus dependentes. O chefe da família, proprietário de muitas terras mal policiadas e de grande quantidade de gado, exerceu amplo domínio sobre vastos territórios e sobre a massa de trabalhadores a ele direta ou indiretamente ligados. Escudados em suas próprias tropas particulares, impuseram sua autoridade até mesmo sobre representantes do governo.

A religião, geralmente ligada à igreja católica, possibilitava reuniões em pontos específicos e em datas ligadas a algum santo devoto da família onde a missa era realizada. Nesse momento, aproveitava-se para realizar casamentos, confissões e batizados. Um outro fato considerável eram as reuniões fúnebres, sempre compostas de toda a população da redondeza, assim como a visita de sétimo dia, em que a família do falecido oferecia um almoço e, em seguida, todos rumavam para o cemitério para colocar velas e rezar pela alma do falecido. Essas práticas ainda se fazem presentes, o que denota uma relação de compadrio por parte da família e amigos.

Figura 27 - A imagem retrata o dia do sepultamento do Sr. Moisés Rebelo Bandeira, no ano de 1983. Era uma figura de grande representação política e econômica na região.



Fonte: Acervo da família Gomes Maciel

Esses fatores nos mostram que as fazendas exerceram núcleo fundamental da vida social, em que as festas populares, vaquejadas, os encontros religiosos e as desobrigas também foram *formas (grifo meu)* de ligação entre as propriedades ganadeiras (CABRAL, p. 181). Nesses momentos, teciam-se as relações, sempre marcadas por expressões culturais e pelos modos de vida constituídos de solidariedade para com os demais.

A respeito dessas características, Clodoaldo Cardoso, em 1947, escreveu que predominavam ainda nos Sertões maranhenses os antigos costumes da primitiva sociedade de vaqueiros que, na época das entradas, ali se formou e permaneceu, isolada da civilização do litoral, transmitindo de geração a geração os usos e as

crendices, as lendas e os preconceitos trazidos dos rincões baianos e pernambucanos. E reitera que:

Essa persistência [...] do ambiente moral e social em que viveram os colonizadores, se, por um lado, retardou a marcha do grupo, na esfera intelectual, contribuiu, por outro, para conservar no sertanejo aquele rude sentimento de honra e de dignidade, aquela altivez e inquebrantabilidade de caráter outrora tão comuns, nas sociedades antigas (CARDOSO, 1947, p. 31).

Esses comportamentos foram-se modificando ao longo do tempo, assim como foi deixando de existir a condição de isolamento regional. O espaço passou a receber novos fixos com base nos projetos de ocupação dos espaços “vazios” inseridos no segundo quartel do século XX. Aos poucos, os modos de vidas tradicionais, os elementos sociais foram se misturando com os modos de vida advindos do capitalismo vigente.

Assim, Chaveiro (2005, p. 53), ao fazer uma análise sobre as mutações ocorridas nas paisagens do Cerrado, especialmente no espaço goiano, explica que:

É necessário sintetizar que a modernização, apesar de ser avassaladora e hegemônica, não erradicou a tradição; e que essa, embora resistindo, não se impõe. Mesmo que não se imponha, ora converge, ora conflita, ora se adapta aos novos signos modernizantes. De tal modo que a modernização é incompleta, mas hegemônica; e que hegemônica ao relacionar com a tradição, possui especificidades que singularizam os lugares do cerrado goiano e reformula os símbolos que percorrem o cérebro do homem sertanejo.

Podemos pensar, então, que esses fatores também estão presentes no Cerrado sul-maranhense ao colocar para a vida do sertanejo novos conflitos, agora no sentido da subjetividade, do refletir sobre sua condição de existência em um mundo que os reporta à necessidade de se adentrarem no modelo comportamental de produtividade e de usos, tanto de técnicas, como de mecanismos, sob o risco de ficarem na condição de atrasados.

Dessa feita, para entender como estão arquitetados os componentes sociais na atualidade, é necessário que se compreenda todo um constructo de reestruturação espacial que atingiu o Sul do Maranhão e provocou transformações na forma de Ser e de Viver. Ou seja, há novos adereços e, conseqüentemente, uma metamorfose da tradição nos Cerrados, nos Sertões.

3.4. Os caminhos da conquista: formando trilhas, devassando matas e rios

Conforme mostrado por Pachêco Filho (2001), a ocupação da região sul do Maranhão ocorreu de forma lenta e gradual. Cada povoador avançava somente o suficiente para ficar após seu predecessor, estabelecendo sua moradia rudimentar e de forma precária. Dessa forma, iam se abrindo caminhos, que serviam de elos de um lugarejo ao outro. Como os deslocamentos eram feitos a pé ou em lombo de animais, a maior parte desses caminhos era bem estreita, constituindo-se em picadas.

Devido à precariedade, a dificuldade de locomoção aumentava no período chuvoso, em que os rios transbordavam na região, chegando mesmo à situação de isolamento por parte de algumas fazendas. O que levou Cabral (1996, p. 174) a escrever que a malha viária dos sertões de Pastos Bons era, nos idos do devassamento, menos que estradas, caminhos que levavam aos centros comerciais mais prósperos e aos mercados consumidores. Mas, mesmo que precárias, foram as esteiras que transportaram produtos sertanejos para os pontos de comercialização. Logo, acerca da dinâmica comercial no sertão, Cabral (1996, p. 165) faz a explanação a seguir:

As mercadorias comercializadas nas vilas de Grajaú e Barra do Corda eram transportadas às fazendas e núcleos urbanos mais distantes por vias terrestres. As tropas de muares, em viagens morosas e cansativas, percorriam longos caminhos, abastecendo o sertão e imprimindo-lhe feição particular. Dessa forma, as estradas que serviam também para o escoamento das boiadas, mesmo em condições precárias, mais parecendo grandes veredas e picadas, prestaram ao lado das vias fluviais, significativo e decisivo papel na economia e na formação social do sertão.

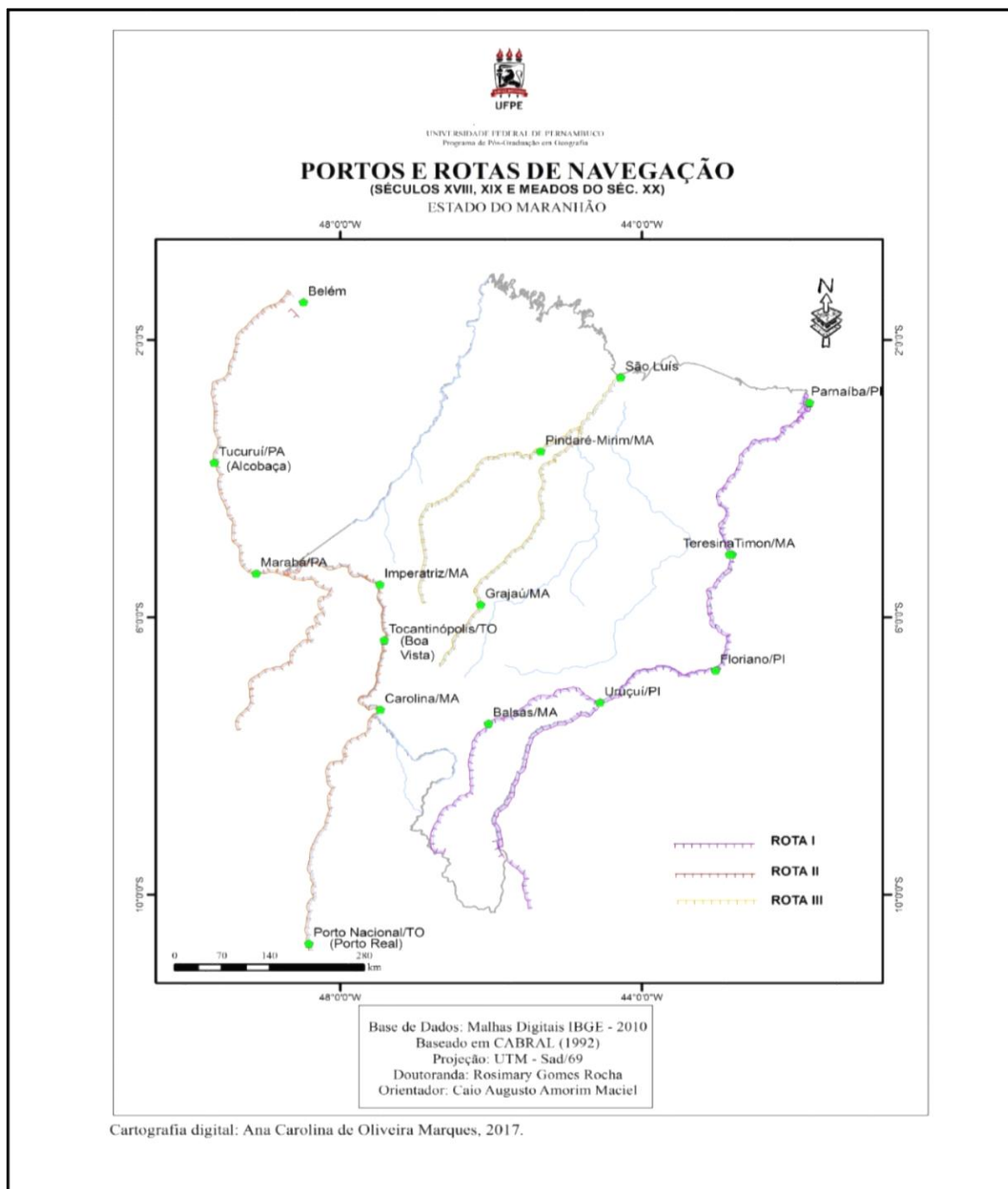
E, como o Maranhão é um estado que tem uma substancial riqueza hidrográfica, os rios, no período Colonial, apresentavam-se bem mais caudalosos, em decorrência de ainda não ter ocorrido a degradação desse recurso na localidade. Assim, tendo trechos navegáveis, desempenharam importante papel para o fluxo de pessoas e utensílios, constituindo-se em verdadeiros caminhos de água nos séculos XVIII, XIX e no primeiro quartel do século XX, em que foram destaques os seguintes rios: Parnaíba, Tocantins, Manoel Alves Grande, Itapecuru, Balsas e Grajaú. Tais recursos naturais serviam de entrepostos do interior até a capital São Luís, como também a Belém, Teresina e Parnaíba, o que possibilitava a chegada de produtos vindos até da Europa, a saber: caldeiras, teares, roldanas, polias prensas e demais produtos.

Corroborando com a análise acima, o pesquisador Adalberto Franklin, estudioso do Sul do Maranhão e Sul do Piauí, em 15 de janeiro de 2017, nos fornece a seguinte narrativa, em relação aos Portos, às rotas e aos entrepostos comerciais existentes nos séculos XVIII, XIX e até meados do século XX:

Existia um porto de compras, perto de Balsas. O Paula Ribeiro descreve muito isso. Aí você tem vários portos, vai ter um porto em Uruçuí, isso no Parnaíba, você tem o porto de Floriano, você tem o porto de Teresina e você vai ter o Porto da Vila da Parnaíba. Então ao longo... por que isso faz comércio com o Sul do Maranhão. Então, você vai ter o porto de Balsas, porque, na verdade, o de Balsas era para integrar com o de Parnaíba, então o de Balsas, ele vive em função com a possibilidade desse comércio que entra no rio Parnaíba. E esse porto de Balsas, ele desemboca em Uruçuí, porque o rio Balsas desemboca no Parnaíba um pouquinho, dois ou três quilômetros acima de Uruçuí. Então, você tem nesta parte leste essa rota. Aqui pelo rio Tocantins, você tem a rota comercial do Goiás com o Pará atravessando a região tocantina do Maranhão. Então, você parte do Porto, no início chamava Porto Real, no período do Brasil colônia, depois, no período do Império, chama-se Porto Imperial e depois da República é o Porto Nacional. Então, ali era o grande centro de partida do comércio do Goiás com o Pará. Isso acontece a partir do século XVIII, a partir do período da criação de gado, que coincidiu quase com o fim do período da mineração. Então, você tem: Porto Nacional, que era Porto Real, você tem Carolina, você tem Boa Vista, que é Tocantinópolis, que era outro Porto importante, você não tem ainda Imperatriz, que só no final do século XIX é que entra, com a fundação de Imperatriz e já no comecinho do século XVIII aí que é fundado Marabá, então Marabá se torna um importante porto, mas você vai ter Alcobaça, Alcobaça já existia desde o século XVIII, até, na verdade, eu acho que no final do século XVIII, um importante porto é Alcobaça, que é o de Tucuruí, então você entra na rota para Belém a partir dali, né, pelo Tocantins, já tendo recebido o Araguaia. Então, são os portos no Tocantins que fazem o comércio de Goiás com o Pará, porque Belém, propriamente o Pará, não tinha abastecimento de carne, porque o Pará não criava gado, as matas amazônicas, no princípio, ninguém ia criar gado, só se concebia criar gado na região de Cerrado, e como na Amazônia e no Pará não tem Cerrado, eles não tinham condição de criar gado, eles não criavam gado, eram abastecidos com importação. Onde se criava gado para abastecer Belém era na Ilha de Marajó, mas eram ineficientes. Então, principalmente no período da Cabanagem, Belém passava fome, porque não tinha abastecimento, entre os portos, na verdade, havia muitos conflitos e os portos às vezes eram fechados durante longos meses e tal, por causa de conflitos, por isso não tinham condição de abastecimento. Então, eles começaram a levar gado do Maranhão a partir da fundação de Imperatriz, da criação de gado dessa região do Grajaú, primeiro da região da Carolina, porque estava mais próxima do rio Tocantins e da região de Imperatriz, que entrava também os sertões de Grajaú. Então, essa é uma outra rota, a rota de navegação, aí você tinha a rota do Grajaú, a rota que era para ligar com São Luís. Então, desse a primeira navegação da fundação da Chapada, você vai ter o primeiro grande acontecimento da fundação da Chapada, é a navegação para São Luís, que é outra rota, né!. Então, a celebração da ligação para São Luís dá a possibilidade da rota do porto da Chapada que é Grajaú. Aí você vai para a região do Arari, pra a região do rio Pindaré, então você tem uma outra rota ligada aqui ao rio Grajaú e Pindaré. Então, você pode identificar aí três diferentes processos de rotas de navegação que envolvem o Sul do Maranhão. Essa do Parnaíba, essa do Tocantins e essa do Grajaú, são três diferentes.

Para um melhor entendimento em relação à localização de tais rotas e portos, elaboramos um mapa dispondo das informações obtidas junto ao entrevistado (Figura 28). Assim, podemos apreender a abrangência do processo colonizador de acordo com as rotas estabelecidas.

Figura 28 - Porto de Rotas de Navegação do Estado do Maranhão (Séculos XVIII, XIX e meados do século XX)



Org.: A autora, 2017

Por esse processo, formou-se uma sociedade que, com base econômica assentada na criação bovina, estende-se sertão adentro, trilhando caminhos e dando origem a povoações, para o qual, as fazendas se constituíam em importante núcleo irradiador de poder econômico, social e político. Referente a tais conjecturas colocadas, Ferreira (2016, p. 05) observa que:

Os caminhos de tropeiros e/ou as “estradas” eram os principais meios de transportes terrestres, sobretudo nos sertões e nas últimas décadas do século XIX, expressando-se pela articulação sul-leste (estrada do Sertão, entre Carolina e Caxias), sul-nordeste (Carolina a Coroatá, passando por Grajaú e Barra do Corda), sul-norte (Carolina até a vila de Monção e São Luís) e sul-Pará (Carolina à povoação de Capim, de onde seguia para Belém, e era denominada de Estrada Dom Pedro II. Isso significa que eles complementavam a navegação fluvial que dominava o sistema de transportes e comandava o ritmo do povoamento.

Alguns desses caminhos no Sertão serviram, posteriormente, para a instalação das atuais estradas de rodagem, que se iniciou com efeito do Plano Rodoviário do Estado do Maranhão, entre 1926 a 1930, ocasionando a desativação dos meios de transporte feitos por burro de carga, carro de boi e barcos, de forma gradativa. No entanto, a construção dessas rodovias deu-se de forma precária. E, somente nas décadas de 1960 e 1970, que outros segmentos foram implementados aos já existentes, articulando, por exemplo, o Sul e o Oeste do estado, pela instalação dos trechos BR-010, BR-222, BR-226, BR-230, além de outros trechos de BR's e MA's.

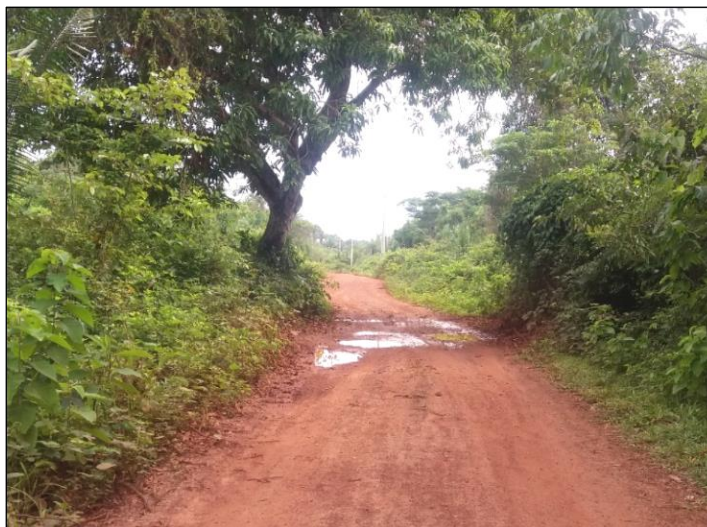
Por meio desse painel, instaurado no século XX, marcado pela modernização infraestrutural sobre o território brasileiro, grandes mudanças ocorrem nos meios de transporte e, portanto, na dinâmica do fluxo de pessoas e mercadorias, que corroboraram, para que, a partir de então, passasse a se contar com um tempo mais rápido de locomoção.

No interior do espaço maranhense, esse fato ocorre de forma fragmentada e precária, em sua maior parte; e só mais recentemente, nos anos de 1990, com efeito da necessidade de ampliação da competitividade econômica, tendo o agronegócio como ponta de lança desse processo, houve a necessidade do direcionamento de uma política com vistas ao alocamento de uma infraestrutura física moderna.

Por conseguinte, o sistema de transporte maranhense é bastante diversificado, articulando rodovia, ferrovia, hidrovia, aeroporto e porto. No caso das estradas vicinais, que são de caráter secundário e cortam o Sertão, ligando-o aos núcleos urbanos, não dispõem, em sua maioria, de asfaltamento (Figura 30), sendo

praticamente intrafegáveis em determinadas épocas do ano, no qual as pontes de madeira que são utilizadas para fazer a travessia dos rios e os riachos também são um transtorno, já que estragam facilmente e demoram a serem reparadas, precisando que a população apele inúmeras vezes ao poder público.

Figura 30 - Estrada vicinal, que corta o Sertão, ligando os municípios de Lajeado Novo e Montes Altos



Fonte: A autora, Trabalho de Campo, 2017

O que ocorre, como pudemos verificar em nossos deslocamentos por essas localidades e, também, pelas conversas com nossos interlocutores, moradores dessas paragens, é que a situação de precariedade em que se encontram as estradas e as pontes que servem de travessia nos riachos é resultado de uma má gestão do poder público, que não procura resolver a problemática.

No entanto, sabemos que há uma valorização e a busca de articulação entre os espaços via estradas, mesmo que não sejam o suficiente. A introdução de novos meios de transportes na região tem proporcionado uma articulação direta com as cidades e demais regiões, que se dão através dos fluxos de pessoas e de mercadorias, atendendo a uma nova dinâmica socioespacial, que não acontece por acaso, mas está preñe de intencionalidades e coloca esse lugar como lugar do/no mundo.

3.5. A identidade sertaneja no Sul do Maranhão: construindo existências

No Sul do Maranhão, a criação bovina de forma extensiva adaptou-se às fisionomias do Cerrado, de forma que até os últimos anos do século XX, a derrubada da vegetação original, para dar lugar às pastagens artificiais, realizava-se com pouca intensidade. E, embora a sojicultura esteja presente na região de Balsas desde finais de 1970, é nos anos 90, em diante, que as relações de produtividade irão ocorrer de forma mais intensa e mudando não só a paisagem, como também os modos de vida.

No que se relaciona aos modos de vida, as condições precárias em que vivem os sertanejos nessa região fizeram com que muitos migrassem para as cidades e outros estados, especialmente Goiás e São Paulo. No caso das cidades no Maranhão, surgidas após o último desmembramento de municípios ocorrido no ano de 1996, elas são compostas, em sua maioria, por pessoas vindas do campo. Entre os motivos impulsionadores de tal processo, encontram-se as condições precárias de vida, como já mencionadas, incluindo, nesse contexto, o isolamento por falta de estradas em boas condições e ausência de energia elétrica, de escolas, de emprego e assistência governamental.

Visto que estamos nos referendando nesse item acerca da constituição de uma identidade sertaneja no sul-maranhense, cabe ressaltar que esse espaço territorial guarda peculiaridades paisagísticas e socioespaciais que o diferenciam do restante do estado. O predomínio de chapadas, vales de rios, serras e cachoeiras, baixa densidade demográfica e o destino dado aos usos desse espaço, que exige que a estrutura fundiária seja intensamente marcada pela concentração, pois assim requer a criação bovina e a produção da monocultura, são alguns elementos que demonstram suas particularidades. Entretanto, para pensar a constituição da identidade sertaneja na região, é importante que nos reportemos aos valores aí inscritos nos primórdios da ocupação.

Conforme já expomos anteriormente sobre o processo histórico de ocupação, aqui não será mais necessário, apenas pensemos que o modo de vida dos sujeitos sertanejos é determinado pelos cotidianos e pelas práticas culturais condizentes com o tempo de vida. Logo, a partir do momento em que se coloca em relevo o termo Sertão maranhense, já está sugerido o modo de ser, de viver, que, no entanto, não se apresenta estático.

Nos anos que se seguiram à conquista territorial, o isolamento da área e a estabilidade da vida pastoril propiciaram um profundo apego a terra, o que fez com que a funcionalidade da vida tivesse dinâmicas próprias de acordo com os afazeres,

que eram condicionados ao dia, à noite e aos períodos chuvosos ou não. Nesse sentido:

A noção de tempo para o homem do alto sertão tinha um significado particular. Ela refletia, acima de tudo, a imagem sóbria da sociedade, intimamente ligada às condições climáticas e às atividades pastoris. Para ele, o tempo de trabalho não era limitado pelo tempo de relógio. Aí a unidade do tempo de trabalho era o dia, fundado numa concepção de tempo dominada pelos ritmos biológicos e climáticos, sem pressa, sem exatidão. Havia o tempo do trabalho, mas havia o tempo das festas religiosas e profanas, tudo determinado pelas condições naturais e pela Igreja: era o tempo da chuva, tempo da seca, das queimadas, do plantio, da colheita, do transporte das boiadas, das vaquejadas, das festas religiosas. O tempo do trabalho não era rigidamente marcado, disciplinado, cronometrado. [...]. As inquietações da produtividade e do lucro, ligados ao controle rígido e previsível do tempo, não existiam nessas paragens, onde a noção de tempo era simples e natural. Não havia horas, minutos, havia hora. (CABRAL, 1996, p. 199).

O que não quer dizer que não existissem contradições e conflitos, eles existiam, e não apenas com os indígenas, como já explanamos, havia os conflitos decorrentes de choques de interesses dos fazendeiros, ligados às ambições de mandos e prestígios, o que provocava muitas brigas e rixas familiares. Exemplo disso, está atrelado o contexto de liberdade que proclamavam os Sertões e os desmandos dispensados por parte da Coroa. Porquanto, fez com que, homens “ilustres” das plagas sertanejas viesse a ambicionar a proclamação da República, como elemento de libertação. Isto é, a despeito do isolamento, os ideais de uma nova forma de governo chegavam ao Sertão, no qual, Dunshee de Abranches, em seu livro a Esfinge de Grajaú, trata acerca das ideologias e dos discursos que respaldaram a identidade sertaneja, tendo, como estímulo principal, a insatisfação diante do poder regional.

A discussão sobre uma identidade própria dos Sertões perpassa, indispensavelmente, pelas diferenciações de apropriação do espaço, acarretando valores particulares de uma população ancorada na economia do gado e na vivência no Cerrado, consoante preconizado por Abranches (1993). Esse autor chama atenção para o fato de que, diferentemente dos habitantes das terras mais próximas à costa maranhense, que tinham o aspecto de fatigados e doentios e com os olhos fitos em São Luís, o homem do sertão era apegado visceralmente ao solo. Acrescenta-se, ainda, que o sertanejo vivia “sadio, altivo e trabalhador; cioso de sua independência e dos seus haveres; lavrando bravamente as roças; tratando com carinho os rebanhos; abominando o parasitismo democrático; sonhando eternamente com um Brasil maior.” (ABRANCHES, 1993, p. 155).

Comungando dessa mesma ideia, CABRAL (1996, p. 193) enfatiza:

O discurso dos líderes sertanejos *deixava* (grifo meu) transparecer ainda tentativas de elaboração de uma identidade regional por parte deles. Em função disso, procuraram valorizar a memória e as tradições da terra, construindo uma interpretação exaltadora das origens e da sociedade sertaneja. Conforme essa versão, as famílias influentes eram originárias não de bandeirantes ambiciosos, ou bárbaros aventureiros, mas de patriotas que se refugiaram nos sertões para fugirem de perseguições políticas no Nordeste.

Esses predicados mencionados tanto por Cabral (1996) quanto por Abranches (1993) foram ideologizados pelos próprios sertanejos, como mecanismos para pôr em relevo as atribuições existentes nessa parte do Maranhão, demonstrando que as populações locais tinham pensamentos próprios das suas condições de existências. Para tanto:

Visando à formação de identidade regional, os líderes sertanejos fizeram uma representação do sertanejo, como um tipo distinto dos demais maranhenses, pelas qualidades inatas de seu caráter. Qualidades que aparecem contidas em palavras e expressões utilizadas para descrever a índole do homem do sertão: rebeldia, altivez, espírito livre, patriotismo, alma nobre, civismo, alma revolucionária, rebelde nato. (CABRAL, 1996, p. 193).

Entre os componentes relevantes da constituição da identidade sertaneja, o desenvolvimento cultural preconizado a partir do final do século XIX foi favorecedor no instante em que a cultura literária e elitista difundida possibilitou aos líderes políticos a obtenção de erudição e conhecimento postos a serviço de seus anseios de autonomia e libertação (CABRAL, 1996). Acerca dos incentivadores, destaca-se Militão Bandeira Barros, que fundou escolas populares e a importante Roda de Amigos, já os outros nomes que tiveram importantes representações foram: Luís e Leão Leda, Isaac Martins, Parsondas de Carvalho, Alcides Carvalho, Pe. Balduino e Carlos Leitão.

Por meio desses homens, houve a difusão da imagem do sertão, retratada como uma terra diferente das demais no Maranhão, pautada pelo civismo, sentimentos livres de seus habitantes e pelos seus costumes e tradições. Entretanto, esses anseios de libertação do sertão não deram certo, fracassaram diante dos fortes e dominantes mecanismos de integração da região (CABRAL 1996, ABRANCHES, 1993).

No referente aos hábitos e comportamentos, eles foram se desenhando de acordo com o desenvolvimento histórico da região, que se deu lentamente. Neles,

estavam inscritos traços bastante peculiares de uma vida sertaneja, apresentando relevância o modo de falar, o vestir, o comer, o habitar, as crenças, a religião e a relação com a natureza.

Segundo a narrativa de Paula Ribeiro (2000, p. 117):

Os senhores das fazendas ou criadores de gados exigem poucos assalariados, e ainda muito menos escravos, suprimindo com seus próprios filhos os cuidados daquele manejo; o que, a fazer-se com o método, seria muito louvável; porém, esta ocupação grosseira, a que somente os aplicam, e os costumes agros a que os habituam, já por eles também herdados de seus avós, sem outra alguma espécie de educação, faz com que se não encontre nestes sertões nascidos um homem cujo modo de pensar o constitua nessa qualidade por outra circunstância que não seja a do instinto natural. Não só as primeiras letras e as artes liberais, mas ainda mesmo as mecânicas, lhe são inteiramente desconhecidas, porque assim como não tem a sua alma ornatos que a iluminem, também não conhece nem sente o seu trato pessoal qualquer precisão da decência. Poucos, ainda mesmo dos mais ricos, deixam de viver quase nus, de comer e de dormir sobre a terra como os selvagens.

Denota-se um exagero nas desqualificações dos sujeitos sertanejos, já que, como referendado anteriormente, foi desenvolvido nos sertões o gosto pela leitura e pelas artes, como também foram fundados grêmios escolares. O que justifica a posição do major é o fato de ele ter estado na região nos primeiros momentos de ocupação, início do século XIX, e, apesar de, ainda no século XX, faltar intimidade dos sertanejos com as letras, eles eram portadores de uma linguagem riquíssima e particular, dando nome a lugares, pessoas, animais, plantas, fatos e artefatos. Em outras palavras, não dominavam o vernáculo, todavia isso não foi, de forma alguma, um entrave à formação de uma das culturas mais ricas do país, já reverenciadas em literaturas regionais e nas universidades.

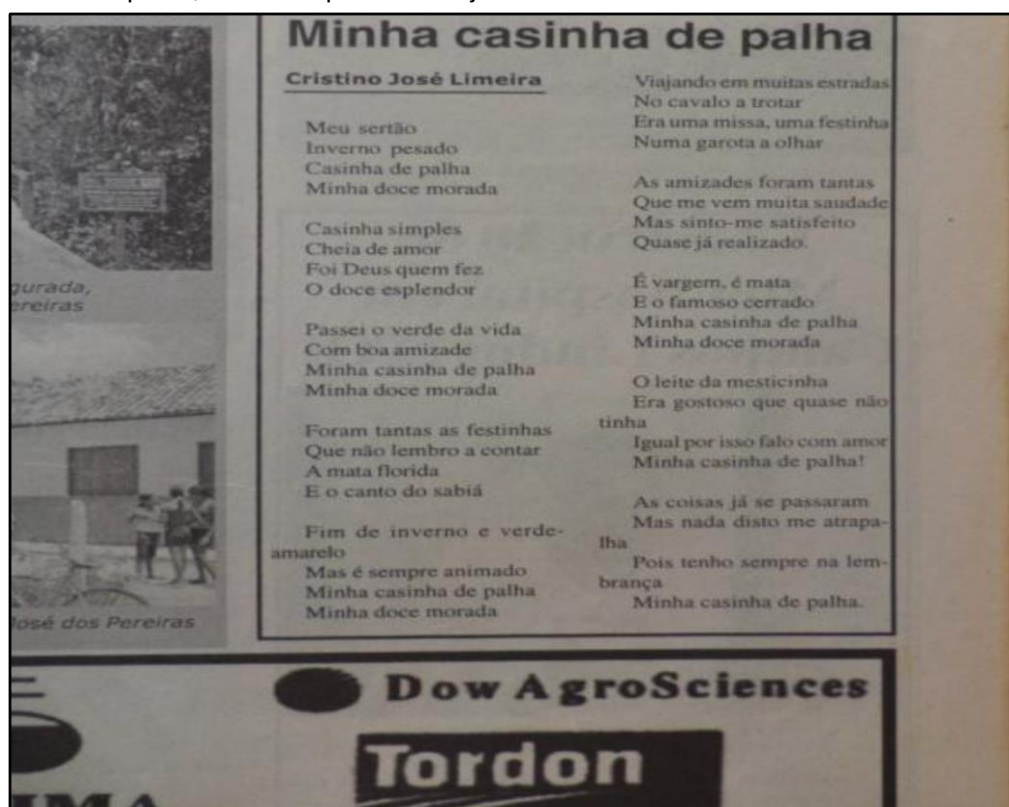
Desvinculado de São Luís, com herança cultural trazida dos outros estados do Nordeste em fins do século XVIII e começo do século XIX, com a influência predominante do meio ambiente, em quase total isolamento da capital maranhense e dos demais estados vizinhos, pela precariedade dos meios de comunicação, o Centro-Sul do Maranhão construiu, às duras provas, sua própria cultura, tendente às manifestações religiosas, busca de expressões de filosofia de vida, criação de estórias, anedotas e adágios (PEREIRA, 1995, p. 20).

O vestir era composto do mais simples possível e, em decorrência da dificuldade de se obterem tecidos, estes eram fabricados pelas mulheres. Nesse trabalho, estava incluso desde a plantação do algodão até o produto final, que poderia ser redes, roupas, lençóis etc.; o comer resultava das plantações e colheitas nas

roças, principalmente fava, arroz, mandioca, milho e abóbora, bem como carne seca e frutas, incluindo as do Cerrado e as cultivadas nas proximidades das residências, como banana, goiaba, laranja, manga e diversas outras.

As habitações eram construções rústicas de palhas e paredes de barro. O cozimento dos alimentos se realizava por meio de fogões de lenhas feitos de barro e/ou trempes; os assentos e as mesas eram feitos de pedaços de madeira, assim como o restante dos utensílios: malas, armários etc.. Em relação às crenças, estas tinham o poder de abjurar muitos comportamentos, sob a alegação de que poderiam fazer mal, por exemplo, criança não pode brincar com fogo, pois isso a leva a fazer xixi na rede; não se pode comer bacuri, leite e ovo no mesmo dia, já que a mistura causaria a morte. Há muitas outras relacionadas às fases da lua e à presença de lobisomem nas matas. Todas essas crendices eram acompanhadas de uma explicação, de uma argumentação bem convincente.

Figura 31 - Recorte de jornal constando poema de Cristino José Limeira em referência à casa de palha, moradia típica sertaneja até meados do século XX.



Fonte: Folha do Maranhão, 2006.

Já a relação com a natureza vai ao encontro do interesse que os sujeitos tinham e têm a respeito do que ela poderia lhes proporcionar. Pois, apesar de usarem

técnicas rudimentares, que não permitiam uma exploração exacerbada, causando grandes degradações, vê-se que sempre houve a intencionalidade de uma reprodução e acumulação de bens pelos sertanejos. É, portanto, uma forma diversa do uso empreendido pelos grupos indígenas, pois, enquanto os recursos da natureza eram usados pelas comunidades indígenas apenas visando a sua subsistência, o sertanejo foi além, passou a provocar sua transformação, que foi se aprofundando ao longo do tempo, sobretudo com a chegada de novos sujeitos e, conseqüentemente, com a implantação de técnicas modernas.

Sob esse prisma, o sul-maranhense, de local inóspito, longínquo, habitat de selvagens e homens rudes, lugar a ser desbravado no período colonial, constituiu-se, no século XX e nos dias atuais, em espaço de fronteira, tanto no sentido geográfico quanto pela sua significância histórica, estando incluso num emaranhado de contradições, que precisa ser analisado por meio de uma totalidade que abarca o contexto social, político e econômico.

4 - *SER E VIVER O SERTÃO*: lugar de experiência e tradução identitária



Figura 32 - Mosaico de figuras (menino montado a cavalo, cercada para prender galinha, almofada de birros, cemitério no pátio da fazenda.

Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2017

4 - **SER E VIVER O SERTÃO: lugar de experiência e tradução identitária**

Nomear um espaço e dotá-lo de significados é, em si mesmo, um processo que invoca uma série de representações simbólicas inserida nesse tecido de significações que temos definido como “cultura”. A maneira como uma coletividade percebe, nomeia, configura, representa e se apropria do território é um processo cultural que, ademais, é relevante para o estabelecimento de limites e possibilidades de ação social.
(ASKENAZI 2010, p. 294)

Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e re-inserir-se naquelas com as quais nos relacionamos.
(MASSEY, 2009, p. 190)

O Sertão que tratamos aqui tem muito mais do que a conotação de um espaço elaborado sob os elementos da natureza, que o sublinhou historicamente pelo qualitativo de “despovoado” quando da ocupação pela migração baiana e pernambucana de criadores de gado. Embora seja constatado que o âmbito material tenha sido relevante para a apropriação social da localidade, o que significou elemento de ação e controle, o simbólico não pode ser desvinculado, pois é resultado de um conjunto de representações e traduções socioespaciais, que deram/dão, de certa forma, uma coesão aos sujeitos que aí vivem e re-existem.

Esse pensar contribui no sentido de que é necessário enveredar pela abordagem da construção tanto dos sujeitos quanto do lugar, numa busca de redefinição. Para tanto, Berdoulay (2012, p. 49) nos adverte que “no processo de co-construção do sujeito e do lugar, o imaginário é mobilizado, modificado, trabalhado uma outra vez, de tal sorte que se chega a outorgar novos sentidos às ações”. Assim, ainda segundo o autor,

Surge um *amoldar-se* (grifo meu) como parte integrante do processo de construção do sujeito e do lugar. Emergem então modelos culturais herdados, por sobre tudo e antes que tudo, adquirem coerência os imaginários elaborados por uma sociedade. Este outorgamento de coerência procede da construção de um relato coordenado e traduzido em ação. (49)

Tais fatores se manifestam por meio das narrativas sobre o espaço geográfico, que, por conta da mobilidade imaginativa perscrutada no âmbito das reelaborações das atuações dos sujeitos, implicam um constante devir. Ou seja, o imaginário acerca do mundo, dos episódios, das pessoas, constitui-se em um conjunto de imagens mobilizadas pelos sujeitos no âmbito de sua atuação e que, portanto, não é estático (BERDOULAY, 2012).

É por meio da memória que buscamos compreender os elementos que outrora existiram, de que forma estava constituído o espaço geográfico, as relações sociais, o econômico, com suas técnicas e práticas de cultivo, os acontecimentos e todo o transcorrer processual de uma travessia dos sujeitos no espaço-tempo compreendido desde 1950. Por esse encaminhamento, pensamos colher momentos, fatos e subsídios marcantes, já que, citando Bosi (1994, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.

Este capítulo é construído tendo como base a fala dos sujeitos, que, através das narrativas de suas histórias de vida, por conseguinte, de suas experiências, conduzem à análise e interpretação do território sul-maranhense no espaço-tempo proposto. Dessa maneira, em vez de ficarmos pautados apenas na descrição das estruturas sociais, padrões culturais, políticos, econômicos, direcionamos também aos sertanejos a incumbência de revelarem o lugar onde vivem, o modo de vida constituído, seus imaginários, as experiências culturais e as suas memórias.

4.1.O lugar: Ser e Viver o/no sertão a partir da memória sertaneja

A trajetória sertaneja é mais do que o caminhar pelo espaço ao longo do tempo, é pelo se fazer a si próprio enquanto sujeito, que trabalha, que cria, que crê, que pensa, que deseja, que é, que vive. Condizente com a reestruturação do espaço, da política, do trabalho, há mudanças nas relações sociais, no tempo, no ver o mundo e, portanto, a si próprio. Esses fatores não podem ser dissociados da cultura, até porque advém desta o trabalho, e que é pelo trabalho que se dá a cultura. (ARROYO, 2014).

A maneira como os sertanejos enxergam a terra e lidam com ela, com os frutos plantados e colhidos tem estreita ligação com o gostar do que fazem, indo além do lucro que podem obter com a criação do gado, com a colheita da roça. Pois se engajam no que sabem fazer, mesmo que outras funções sejam desenvolvidas por esses sujeitos nas cidades. Os que lidam com a terra o fazem por estarem envolvidos em um universo existencial aprendido desde gerações passadas. Assim, constroem um território e um lugar de vida, com o qual se identificam e, por isso, permeado de identidades, simbologias e pertencimento, constituído de sentido resultante das experiências do tempo, demonstradas pelas narrativas erigidas mediante a consciência histórica.

Importante sublinhar que Rusen (2001), ao discutir sobre o assunto, infere que há uma tríplice especificação da operação intelectual da narrativa no mundo da vida concreta, determinante do que se pode chamar de narrativa histórica como constitutiva da consciência histórica.

1)A narrativa constitui a consciência histórica na medida em que recorre à lembrança para interpretar as experiências do tempo. A lembrança é para a constituição da consciência histórica, por conseguinte, a relação determinante com a experiência do tempo.

2)A narrativa constitui a consciência histórica ao representar as mudanças temporais do passado e rememoradas no presente como processos contínuos nos quais a experiência do tempo presente pode ser inserida interpretativamente e extrapolada em uma perspectiva de futuro. [...] a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o presente aparece como sua continuação no futuro. Com isso, a expectativa do futuro vincula-se diretamente à experiência do passado: a narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas do futuro que se formulam a partir das intenções e das diretrizes do agir humano. Essa íntima interdependência do passado, presente e futuro é concebida como uma representação da continuidade e serve à orientação da vida humana prática atual.

3)Uma terceira especificação se dá quando se pergunta pelos critérios determinantes das representações da continuidade. Com respeito a que se concebe a continuidade? O que entra em ação no processo de representação da continuidade mediante a narrativa histórica como elemento unificador da relação entre passado, presente e futuro? Do que se trata, afinal, na constituição da consciência histórica, quando se afirma que se deve realizar, nela, a unidade interna das três dimensões temporais? Essas questões podem ser respondidas pela remissão à circunstância de que, na constituição de sentido sobre a experiência do tempo mediante a narrativa histórica, se trata afinal de contas da *identidade* daqueles que têm de produzir esse sentido da narrativa (histórica), a fim de poderem orientar-se no tempo (RUSEN 2001, p. 62).

Vale ressaltar que a narrativa, organizadora do tempo e organizadora de sentido, se configura por apresentar-se dispersa. Os sujeitos, ao voltar no tempo para construir uma rememoração dos acontecimentos, processos econômicos, sociais e culturais, fazem isso mediante aspectos representativos de significados e simbologias que dão suporte à identidade do sujeito. Esta, por sua vez, apresenta-se plástica, pois é uma construção do que se dá a todo momento, remodelando o viver.

As falas dos entrevistados, expostas a seguir, sobre o morar, o trabalhar, as festas (adjunto), as religiosidades e as relações sociais (parentesco e compadrio) são vinculadas às experiências que fazem parte da construção do Ser. Para tanto, passado, presente e futuro estão estritamente relacionados, uma vez que a vida é feita num diálogo com vidas anteriores e é no presente que se organiza o futuro. Com efeito, sobre o papel das experiências vivenciadas, Ortega y Gasset advoga que:

Essa experiência é um conhecimento do que temos sido, que a memória conserva e que sempre encontramos acumulado em nosso hoje, em nossa atualidade ou realidade. [...] Do qual se deriva que o ser do homem é irreversível, se encontra ontologicamente forçado a avançar sobre si mesmo, não porque tal instante do tempo não possa voltar, senão pelo contrário, o tempo não volta porque o homem não pode voltar a ser o que tem sido. Porém, a experiência da vida não se compõe apenas das experiências que cada um tem pessoalmente do seu passado. Ela vai também integrada pelo passado dos antepassados que a sociedade na qual vivemos nos transmite. (ORTEGA y GASSET, c1982, p. 46).

Mediante a nossa pretensão de entender sobre como se reorganizam, pensam e praticam suas ações, principalmente os relacionados aos aspectos culturais, que demandam um entendimento dos modos de vida, e tecendo uma análise das narrativas, pudemos ir elencando os elementos que dão sustentação à identidade sertaneja. Para isso, escolhemos memorialistas nascidos antes da década de 1950 e sertanejos jovens, nascidos na década de 1970 a 1980, para que, no cruzamento de suas falas, possamos ressaltar sentidos diferentes na forma de ver o mundo e o Sertão. No caso dos sujeitos nascidos antes de 1950, estes, vivenciaram toda a sua existência no Sertão, dessa forma apresentam-se pertencentes a esse lugar, mantendo relações sociais praticamente nesse espaço e em seu entorno, o que substancia a construção de uma memória coletiva.

Como forma de colher as narrativas, foi apresentada uma relação de informações a serem expostas (Apêndice A), contendo elementos reveladores da organização sociocultural no decorrer dos anos, as modificações sofridas e os eventos que foram sendo alocados e substituídos, gerando, portanto, para além de uma coesão histórica dos acontecimentos, sua dispersão. De fato, as imagens da infância, junto aos irmãos, aos pais, aos avós, aos tios e a quem mais fez parte desse momento da vida, vêm à tona, sempre com um indicativo de “naqueles tempo” e colocando em relevo como se dava o trabalho e a vida em família. O Sr. João Gomes Bandeira⁹,

⁹O Sr. João Gomes Bandeira nasceu em 26 de setembro de 1934, na fazenda Monte Alegre, antes pertencente ao município de Montes e hoje ao município de Lajeado Novo. Viveu na localidade até seu casamento, com 23 anos de idade, quando do dinheiro da venda de uma junta de bois, comprou um pedaço de terra e iniciou o situamento de sua fazenda, denominada de Canto da Lagoa, que, mais recentemente, em decorrência da criação da área indígena dos Krikatis, passou a pertencer a essa reserva, fazendo com que o Sr. João comprasse outra localidade para a criação do gado. Hoje, mora com sua esposa na pequena cidade de Lajeado Novo e, praticamente todos os dias, vai à fazenda.

nascido no Sertão maranhense, hoje com 82 anos de idade, ao rememorar a vida em meados de 1950, relata¹⁰:

Naqueles tempo, os pais botavam pra trabalhar desde criancinha, que era para tanger bicho em roça, pra não arrancar os legumes que plantavam, o milho, o arroz, passavam vários dias na roça. Ia bem cedinho antes de acabar de clarear e voltava quando já estava escurecendo, se deixasse arrancar, era preciso ter muito cuidado, senão ia pra peia... rrsrrs. E assim também, quando era o tempo da colheita, passava muito tempo lá, vigiando os bichos novamente, eram macacos, os periquitos, as curicas, tudo ia comer na roça e não podia deixar comer não. Porque era preciso tá olhando direitinho, tangendo.

Nesta primeira parte da fala, o memorialista demonstra que o trabalho no cotidiano familiar se apresenta enquanto componente importante para demonstrar como se dava a vida, e, ao citar o termo “naqueles tempo”, evidencia que existe uma mudança, na atualidade, relacionada ao modo como os pais lidam com os filhos. E prossegue discorrendo acerca do fato de ele, enquanto um menino (do sexo masculino), já ter a função de caçar e matar animais, os quais eram aproveitados na alimentação.

Eu já fui assim, já meio carrasco, porque o papai arrumou uma espingarda pra mim, eu ainda tinha poucos anos, parece-me que eu tinha 08 anos quando eu matei o primeiro macaco de tiro de espingarda. Mas aí, eu sempre matava coisinha, depois eu mais maiorzinho, eu matei um veado, eu tinha 12 anos, eu era meio ativo nesse ponto. Quando um dia mamãe pensou que eu estava por lá, eu tinha fugido para uma espera, lá no Monte Alegre mesmo, era num pé de Caraíba, quando foi cedinho da noite, ela pensou que eu estava em casa, eu tinha saído sem dizer pra donde ia. Quando escutaram foi um tiro, eu matei um catingueirozim, aí eu já saí rolando com ele, até cheguei em casa, isso com 12 a 13 anos.

Ao reportar-se aos acontecimentos, o Sr. João Bandeira nos fala sobre as obrigações a serem cumpridas, impressões, maneira de lidar com os problemas e as descobertas.

A vida era meio trabalhada lá, no tempo que eu era menino, aí sempre tinha umas viagem, que se ia buscar sal todos os anos, tinha dois tempos que ia buscar sal no Grajaú. De 07 a 08 anos eu já ia no meio da carga pra ajudar, aí até que teve uma certa vez que um homem lá no Grajaú perguntou porque que eu não tinha ido e disseram que é porque eu estava com asma, aí até mandou ensinar um remédio, era o pai do Dr. Danilo, um médico que é geriatra lá de Imperatriz. Aí ele mandou ensinar uns remédios pra mim, com leite de Moreira, com biotônico, eu tirei o leite de Moreira, o papai comprou

¹⁰As transcrições aqui apresentadas respeitaram o dialeto local e não o português padrão.

biotônico pra mim, naquele tempo era muito difícil você andar na cidade, porque era tudo longe e só era de animal, num existia carro, o primeiro carro que eu vi eu tava com 14 anos, eu vi um carro no Grajaú, foi uma pick-up, eu pensava ser bonito porque o carro que eu conhecia era carro de boi, eu não conhecia outro tipo de carro, eu não conhecia uma bicicleta, num conhecia moto, num conhecia carro, nem o avião. Avião, o primeiro que eu vi, foi passando lá por cima, eu fiquei até com medo, porque eu era meio traquinhozim, peguei um cano de fazer espingarda e assoprei naquele cano, lá na oficina do papai, e era um dia de domingo, aí uma de minhas irmãs disse, eh faz mal e eu lá tava somando pro mal, tornei a soprar, quando dei fé lá escutei a zoadá do avião, aí eu fiquei com medo, fiquei com medo e corri lá pra donde a mãe. Aí cheguei lá na mamãe, contei a estória que tava zoando uma coisa, lá minhas irmãs chegaram também e disseram que era porque eu tinha assoprado um cano, aí a mamãe escutou a zuada e disse, virgem, é uma zuada muito grande, aí o papai estava lá na varanda mais um outro homem conversando, ela foi e falou que estava aquela zuada e eles disseram... ahh... deve ser um bicho chamado de avião, e saímos lá pra fora e o bichim vinha lá em cima, acolá, aí quando eu enxerguei disse: hã e é pequenin, não dava para ver mais do que um palmo, assim não. E disseram aí vai gente dentro, mas não cabe, pode ser alto, mas tá pequeno demais, nã é porque quando tá muito alto a gente pensa que é pequeno, aí foi o primeiro avião que eu vi. A gente era interessante as coisas, porque antigamente era tudo diferente mesmo, aí a primeira bicicleta nós tava lá de junto de uma porteira da casa, quando demo fé lá vem uma coisa alumiando e uma pessoa em cima, tava eu a Ana, a Carmelita e enxergamos, mas que bicho é aquele? Nós nunca tinha visto uma bicicleta, aí quando chegou, era um primo nosso que vinha do Porto Franco para ir na casa do pai dele, lá nas Areia.

Pelo relato, podemos verificar formas de organização no tempo e no espaço dos aspectos sociais e culturais, como trabalho, natureza, crenças, tratamento para enfermidades e de novos elementos que foram surgindo e sendo incorporados ao lugar, revelando um tecer constante das relações. Nota-se que o imaginário acerca dos acontecimentos sofre remodelações, indicando que, antes, tudo era diferente do hoje, o que significa que o diferente não estava só na estruturação dos processos e na forma de organização socioespacial, como também no modo de perceber o mundo. Assim, concebemos “o imaginário como um conjunto movediço de imagens mobilizadas e modificadas pelo sujeito no curso de sua atuação. Resultante da atividade imaginativa do sujeito, que não é estática”. (BERDOULAY, 2012, p.46). Isso fica evidente quando o memorialista nos expõe acerca da impressão que teve ao ver, pela primeira vez, um carro e, ao narrar o cotidiano familiar nos momentos de aparição do primeiro avião e da primeira bicicleta, mostra episódios do Sertão, que se apresentava lento. Não compreendia um isolamento, mas um espaço onde os acontecimentos sempre se processavam “depois” de outros lugares.

Sobre a família, a obediência aos pais estendia-se às funções desempenhadas no labor. O trabalho na roça, com uso de técnicas rudimentares, exigia a presença

humana constante, sendo também espaço da infância, o que denota a necessidade da incorporação de saberes conectados com a natureza desde muito cedo, como o vigiar a roça do ataque dos animais, o aprender a caçar, a pescar e a utilizar as plantas para fins medicinais.

Alguns componentes, relacionados ao comportamento, ao modo de vida e de percepção, aparecerem como algo sagrado na fala do Sr. João Bandeira, revelando que havia um espaço forte de socialização do grupo familiar e ações a serem cumpridas, funcionando como uma regra. Nesse sentido, o respeito e a forma de tratamento dispensados aos pais eram uma maneira de manter o grupo coeso.

O respeito tinha que todo dia, a gente tinha que dar bença na hora que levantava e era louvado seja, não era como nos dias de hoje, as coisas tudo diferente, mas tinha que respeitar muito bem, fazer o que mandava, senão apanhava mesmo. Graças a Deus, mamãe era muito devota, católica, naquele tempo nós não sabia de outras religiões, só sabia da católica, os padres saiam celebrando missa no sertão, todos os anos tinha missa na casa do papai, a mamãe todo dia de domingo ela ia rezar um terço na capelinha e quando era o mês de maio, era o mês todo, vezes lá na capelinha e à noite era em casa mesmo e os filhos era pra tá tudo ao redor, também, ajudando, tinha que ter aquela atenção, não podia dizer que não.

O trabalho sempre aparece em primeiro lugar para os memorialistas, estando em suas lembranças como a principal forma de organização socioespacial. As suas falas, mesmo que nostálgicas, focalizam as durezas da vida, o que os coloca não numa situação de inferiorizado, mas de sujeitos que aprenderam, desde muito cedo, a re-existir frente aos embates da vida. Vejamos os relatos que se seguem quanto ao trabalho com a roça, com o gado e com a casa, feitos pelo Sr. João Bandeira, pelo Sr. Antônio Maciel¹¹, pela Sra. Maria do Carmo Gomes Maciel¹² e pela Sra. Maria do Nascimento Barros¹³.

No concernente ao trabalho com a roça, eles explicam:

¹¹ O Sr. Antônio Maciel reside na fazenda Alegria, juntamente com sua esposa, a Sra. Maria do Carmo Gomes Maciel.

¹² A Sra. Maria do Carmo Gomes Bandeira reside na fazenda Alegria, município de Montes Altos, juntamente com seu esposo Antônio Maciel. Seu nascimento data de 10 de setembro de 1932, ocorrido na fazenda Monte Alegre, hoje município de Lajeado Novo e que está inserida na área indígena dos Krikatis.

¹³ A Sra. Maria do Nascimento Barros nasceu em 1949 na fazenda Piranhas, município de Grajaú-MA, onde vive até hoje na companhia de uma irmã, um irmão, um sobrinho com sua esposa e três filhos e mais o vaqueiro.

A roça, a gente fazia era de facção e de machado, primeiramente nem foice não tinha pra brocar. Sempre quando começava o verão, começava a fazer a roça. Pasto, só tinha algum para botar o animal, pra andar e assim mesmo a gente piava os animal nas vargens que existia, que era para poupar mais o capim. E a roça a gente cercava com aqueles paus que a gente tinha derrubado, cortava eles do jeito que era para fazer a cerca, não tinha arame, arame era difícil demais, porque era longe e pra trazer era na carga e não existia quase nem pra gente cercar um quintal, a gente não achava. Aí a gente a gente fazia aquela cerca de madeira, umas partes de varão, outras de galhos, nós fazia uma cerca que nós chamava de caçara, porque era de vara, a vara se entrançando. Aí plantava o milho, o arroz, mandioca, macaxeira, feijão nos pé de milho, fava também nos pé de milho. Aí carregava de carga pra casa, o milho a gente dobrava abaixo da espiga que ele ficava com a ponta pra baixo e ficava na roça e quebrava só aos redor pra os macaco não quebrarem, e levava pra casa e deixava o restante lá na roça pra ir quebrando mais tarde, pra não dar broca, lá nos pés de milho não dava broca não, só dava broca se quebrasse e amontoasse em casa. Não tinha nem jeito da gente bater o milho, não tinha remédio para se colocar na broca. O arroz a gente carrega nos cachim mesmo e colocava no paiol, guardava o arroz para depois ir pilando no pilão, era com muita dificuldade que se fazia aquilo. (SR. JOÃO BANDEIRA).

Era tudo manual, começou brocando de facção, roçava primeiro o mato, depois derrubava de machado, depois queimava aquela roça e ia cortar a madeira toda pra fazer a cerca de madeira, ninguém mexia com cerca de arame não era tudo de madeira. Aí depois foi evoluindo e começamo a arrumar cerca de arame. No começo era só arame farpado, hoje já ninguém quer arame farpado, porque com arame liso é uma cerca bem mais fácil e mais barato. Os alimentos que eram cultivados na roça, era o arroz, feijão, milho, mandioca, algodão, gergelim, fava. Era tanta coisa, logo não tinha essas vendas, que vende essas coisas, tudo a gente produzia. ((SR. ANTÔNIO MACIEL e SRA. MARIA DO CARMO MACIEL).

A partir de quando sabia passar o pé numa cova de arroz já ia, eu mesma passei muito o pé em cova de arroz. Pegava aquele tantin e colocava dentro das cova, um ia tampando e outros três, quatro cavando. Na hora de derrubar a mata e queimar era o homem, na hora de plantar a muié tava dentro. E na colheita, com um cofo amarrado na cintura, com as faquinha de ferro encabadim com pau pra não cortar muito as mãos da gente com talo de arroz. Por causa do sol grande, amarrava um pano na cabeça, com uma camisa de manga comprida e calça comprida. Aqui na lagoa nasce um junco faz esteira pra animal, faz esteira. Aí eu formei um chapéu, aí a gente se ensombreava todin, junco é um matin que nasce no brejo. Começava o trabalho junto com os home, uma hora nós tava metida e de manhã ia cedin. (SRA. MARIA DO NASCIMENTO BARROS).

Já o trabalho com o gado era desenvolvido com a utilização de mão de obra do vaqueiro, que recebia seus pagamentos no fim de cada ano, conforme estabelecido com o dono da fazenda. Normalmente, esse pagamento se dava por meio do recebimento de um tanto “x” de bezerro.

O gado era solto no mato, era quase um pra o norte e outro para o sul, mas a gente botava chucalho em muito gado que era para facilitar achar, amarrava com uma sola, a gente curtia couro, fazia as sola e a gente fazia as marra de chucai, as vaca ia amojando, tudo a gente colocava um chucai que era para

facilitar achar e achar a cria, não existia nem quase nada para curar o bezerro, era uma tal de criulina, tinha o mercúrio também. Dava muitas bicheira, naquele tempo, nos umbigo dos bezerros, na boca, no pé, porque eles coçavam a boca e em algum lugar e criava os bicho. Hoje quase nem existe mais, porque a gente aplica remédio, passa remédio que as moscas não querem, sentar naquele lugar, fazem é morrer, é, então, agora está fácil, mas naquele tempo era difícil. Não existia coisa própria para se evitar as mosca não.

Tinha os vaqueiros, mas o papai botava os filhos também para ser vaqueiros, mas não era de sorte não, era só mesmo aí na tora como se chama, só para tá olhando fazendo os serviço, mas não era ganhando nada não, era só vaquerando pra o papai mesmo, de graça.

O ganho do vaqueiro era assim, de quatro cria eles ganhavam uma (*tradicional sistema da “quarteação” ou quarta*) (*grifo meu*). Aí quando os filhos já estavam refeitos, com mais de vinte anos, aí ganhava sorte, mas era do mesmo jeito, das quatro, um. Mas era como se diz, uma pra o norte e outra pra o sul. Era uma fazenda que às vezes tinha uns trezentos gado, dava uns vinte a trinta bezerros, era bem pouco. Papai, até mesmo quando ele tinha umas quatro fazenda, dava só a questão de uns cem a cento e vinte bezerros por ano. Nunca dava trinta bezerro por ano, cada uma as fazendas (SR. JOÃO BANDEIRA).

Percebe-se que pontos importantes são colocados pela fala do Sr. João Bandeira, por exemplo as distâncias em que estavam soltos os rebanhos, mostrando que havia a apropriação de uma grande extensão de terra para o criatório, ao mesmo tempo não havia cercas delimitando até por onde o gado poderia pastar. Fica claro qual era a função da terra e que a natureza ainda não havia sofrido transformações drásticas, embora as relações de poder fossem presentes, tanto no tocante à posse da terra, quanto no tocante à relação de classe social. Outro ponto se refere às condições de tratamento das doenças que atacavam o rebanho. Não havia, ainda, medicamentos, o que favorecia o recorrente ocasionando de morte do gado. E o lucro obtido com o nascimento de crias era bem pouco, resultado da forma como o rebanho era criado, solto nas chapadas.

Esses fatores foram mudando ao longo do tempo, o que demandou o uso de novas técnicas. O Sr. Antônio Maciel faz uma descrição das espécies de gado criadas no Sertão maranhense e sobre as espécies de capins cultivadas a partir da década de 1950.

Naquela época era conhecido o gado curraleiro, um gadim comum, depois mudou para o gado gir, depois não gostemo e mudou para o gado nelore. As vez a gente faz uma mistura, um cruzamento para gado de leite, mas sempre o leite é só pra consumo, não tem muita influência de cruzamento de gado não, porque ele é muito mais ruim de venda.

Em 1950 o gado era criado solto, depois era um tempo preso e outro solto. Agora, uns dez anos, que foi passado a criar só preso. Aí ninguém soltou mais gado. Eu comecei a plantar pasto na década de 50, mas não dava pra criar o gado. Aí viemo fazendo de lá pra cá e ainda hoje, os primeiro capim

que eu fiz tá criando o gado. Mudamo pra cá, mudou pra o colônião e agora é o monpassa, braquiarão, maçai e quicuia é o nossos pastos e andropol.

Um evento mencionado e de muita importância diz respeito ao trabalho dos filhos na labuta com o rebanho, juntamente com o vaqueiro. Eles não recebiam pagamento enquanto não estivessem refeitos, ou seja, com mais de dezoito ou vinte anos. O mesmo se aplica ao trabalho das mulheres no labor da casa, com lavagens e concertos de roupas, na fabricação de redes, com os cuidados com os irmãos mais novos etc. Essas práticas funcionavam como um sistema de introdução da criança e do jovem na vida do trabalho, e que nesse momento as responsabilidades pela realização disso ou daquilo estavam condicionadas ao pai e à mãe, que direcionavam os afazeres.

Na verdade, em virtude da grande demanda de trabalho, já que praticamente todo o abastecimento alimentar, vestuário, entre outros, eram produzidos na fazenda e com uso de técnicas rudimentares, era imprescindível o uso da força humana e, conseqüentemente, dos filhos, que, chegando à idade adulta, iriam trabalhar para ganhar seu próprio dinheiro, mesmo continuando a morar na casa dos pais. Os trabalhos incluíam o bordar, o costurar, o tecer e plantio de feijão, no caso das mulheres; já em se tratando dos homens, incluía a ocupação de vaqueiro, a produção de roças e as empreitas para o roço de capins. Diante do enunciado, denota-se a pouca importância dada ao aprender a ler e escrever.

De acordo com o Sr. João Bandeira:

O estudo era bem pouquin, as vez passava de dois, três meses na escola mesmo no sertão. Estudava de manhã e de tarde, de madrugada pisava arroz para comer, ia buscar lenha para poder cozinhar, porque não tinha gás. Até na cidade era na lenha, nem carvão quase que não sabiam fazer carvão para cozinhar em carvão não, era só na lenha mesmo.

Adalberto Franklin, quando invocado a falar sobre como se dava o funcionamento das escolas no Sertão, esclarece:

O quê que importava pra os criadores, para os vaqueiros eram as primeiras letras, era aprender a contar, ler e somar. Então, o importante era saber fazer contas e saber ler, então a maioria das famílias, que normalmente eram famílias de muitos filhos, o que que faziam, qual era o costume, não existiam escola pública, a presença do Estado não existia nos sertões, então o que ocorre é as famílias, lá nas suas fazendas, os proprietários mais ricos contratavam um professor ou uma professora, que chamavam de mestre escola, por um período de um ano por exemplo, e aí juntavam os filhos daquele proprietário, daquele senhor mais rico, e aquele mestre escola ia por um ano dar uma espécie de curso de escrita e matemática básica. E aí vinha

ali para frequentar aquela escola, os jovens das redondezas que das famílias mais próximas da fazenda, os filhos dos agregados, incluíam a vizinhança também. Ocorre que daí pra frente ou mesmo nesses casos aqueles filhos que se destacavam, normalmente as famílias selecionavam um, aquele ia estudar fora, ia ser investido nele, na educação dele, só um normalmente, os outros iriam continuar na lida da roça, na sucessão do criador, do fazendeiro, ia cuidar da lida do gado, da lida da roça.

Dando continuidade às descrições e interpretações sobre as formas de organização do trabalho em meados da década de 50 do século passado, não podemos deixar de interrogar sobre o papel da mulher, que se apresentava como tendo seu espaço direcionado, principalmente, a casa, ao trabalho doméstico e aos cuidados com os filhos pequenos. Ao serem requeridos para que traçassem a função da mulher no período já referenciado por nós, os memorialistas nos contam.

A muié carregava água da fonte, do riacho, panhava água na cabaça, trazia no ombro, na cabeça. Trazia o pedaço de sabão ou sinão deixava lá, na coité ou num casco de cuia. Os afazeres de casa, nós tudo fazia junto, mamãe ia pro Grajaú, nós ficava de conta da cozinha. E toda vida tinha gente hospedando em casa, tinha os trabaiaidô, os parente da gente, amigo. Aqui era o ponto de passagem de todo mundo pra o Grajaú de animal e ficava hospedado aqui (SRA. MARIA BARROS).

Acender o fogo na lenha, pisar arroz, carregar água da fonte na cabeça, teava, tecia, acordava às cinco horas da manhã, às vezes até cinco. Fazia rede pra vender, roupas. O trabalho dos homens eram na roça e os que gostava de mexida de gado, trabalhava também com gado, mas mais era roça mesmo (SRA. MARIA DO CARMO MACIEL).

Geralmente era fazer o serviço da cozinha e na roça também, ajudava a colher, ajudava a plantar. E tinha os serviços de fiar, fazer redes, não achava rede para comprar. Eu ainda vesti até uma bermuda de algodão feita de tear. Mas as coisas eram tão diferentes, tudo era grosseiro, bem grosseiro, eu ainda vesti. Essas coisas não achavam para vender, não se achava sequer uma peça de roupa feita pra comprar, de maneira nenhuma não se achava. A muié não trabalhava com gado, dificilmente, às vezes quando a gente não tava, a muié ia botar as vacas pro curral, botar os bezerros para mamar (SR. JOÃO BANDEIRA),

Denota-se que o trabalho com o gado era particularmente do universo masculino, enquanto o trabalho doméstico era de responsabilidade da mulher, que envolvia não somente com o cuidar da casa e dos afazeres da cozinha, como também do tecer, do fiar, de buscar água na fonte e cuidar dos filhos e do marido. Com base na vida da mulher no Sertão, sua função, ela tinha um papel secundário diante de uma sociedade em que o homem ocupava o poder central nas decisões.

Destarte, Adalberto Franklin, em entrevista concedida a nós, em 15 de janeiro de 2017, enfatiza:

Não se pode negar que o papel da mulher era um papel secundário no sentido econômico. E sempre foi porque existe essa coisa do homem nordestino, na cultura do nordestino, a presença muito forte do homem, que é o que tem a força, é o patriarca, então isso é muito forte ainda hoje no Nordeste. Então, o papel da mulher cabia o quê? Cuidar dos filhos pequenos, porque depois dos dez, doze anos, ele já está na roça, já está começando na lida. Então, o papel da mulher é cuidar dos filhos, dos pequenos animais, a criação da galinha, às vezes até a criação do porco e tudo mais, é o fazer comida, é o tecer a roupa, é essa coisa mais doméstica, ou mais próxima do espaço doméstico. Isso aí já começa a mudar já na virada do século XIX para o século XX, é que se vê a presença mais destacada de mulheres, aí vem para a área da educação, a gente tem registros de mulheres educadoras, a gente já verifica em alguns espaços mulheres que inclusive têm uma presença maior, não só na questão cultural. Mas existiam casos também de mulheres viúvas que assumiam o papel da dona da fazenda, existiam alguns casos assim. Em Imperatriz, existiram casos no século XIX, como o de Dona Joana Brasileiro, que assumiu esse papel, a gente tem o caso de Carlota Carvalho, que ainda em 1880 vai fazer o curso Normal em Belém, saída daqui do sertão de Imperatriz e Grajaú e se torna uma educadora de destaque. Mas isso há um preconceito, a imagem de Carlota Carvalho até hoje ainda sofre por causa disso, porque não é bem visto pelos homens, quer dizer, há uma maledicência nisso aí. Mas você vai pegar Carolina enquanto espaço urbano, você vai ter muita presença de mulheres em vários setores da cidade, a partir do começo do século XX, você vai ter muita presença feminina em várias áreas, da educação, das artes e tudo mais. Então, já começa um processo diferenciado, mesmo na área central do Sul do Maranhão, porque Carolina, a gente não pode negar, Carolina é uma sociedade muito conservadora até hoje, apesar de ter a tarja de ter sido grande centro cultural, mas mesmo assim, foi onde surgiram destaques de mulheres no cenário. Balsas também teve alguns casos assim. Então, a gente pode ver que a conquista das mulheres, no Sul do Maranhão, é menos recente do que no litoral, porque no litoral você vai ter uma Ana Janssen, toda poderosa, no século XIX, tão poderosa como um governador, ou mais do que isso, que determinava, ditava, era a proprietária de todo o sistema de abastecimento d'água de São Luís, então você vai ter gente assim poderosa no litoral, mas nos sertões foi muito mais demorado.

O historiador ressalta bem o papel da mulher, ao mesmo tempo em que coloca que essa situação começa a mudar no início do século XX, pela presença de mulheres em setores como o da educação, das artes e em chefia da fazenda, no caso de morte do marido. No entanto, como mostrado pelo entrevistado, nos sertões, essas mudanças deram-se de forma muito mais lenta, principalmente no núcleo das fazendas.

Fazendo uma análise dos relatos expostos, percebemos que componentes como crenças, tipo de alimentos consumidos e uso de medicamentos se constituem em subsídios importantes para o entendimento dos valores atribuídos em determinadas formas de agir e da identidade construída fortemente em torno da natureza. O imaginário, o trabalho, as ações, tudo era edificado e sustentado por saberes. Saberes esses atribuídos ao tempo da derruba, da queima, do plantar, da colheita. Saberes esses que os fizeram conhecer as espécies de plantas, de árvores,

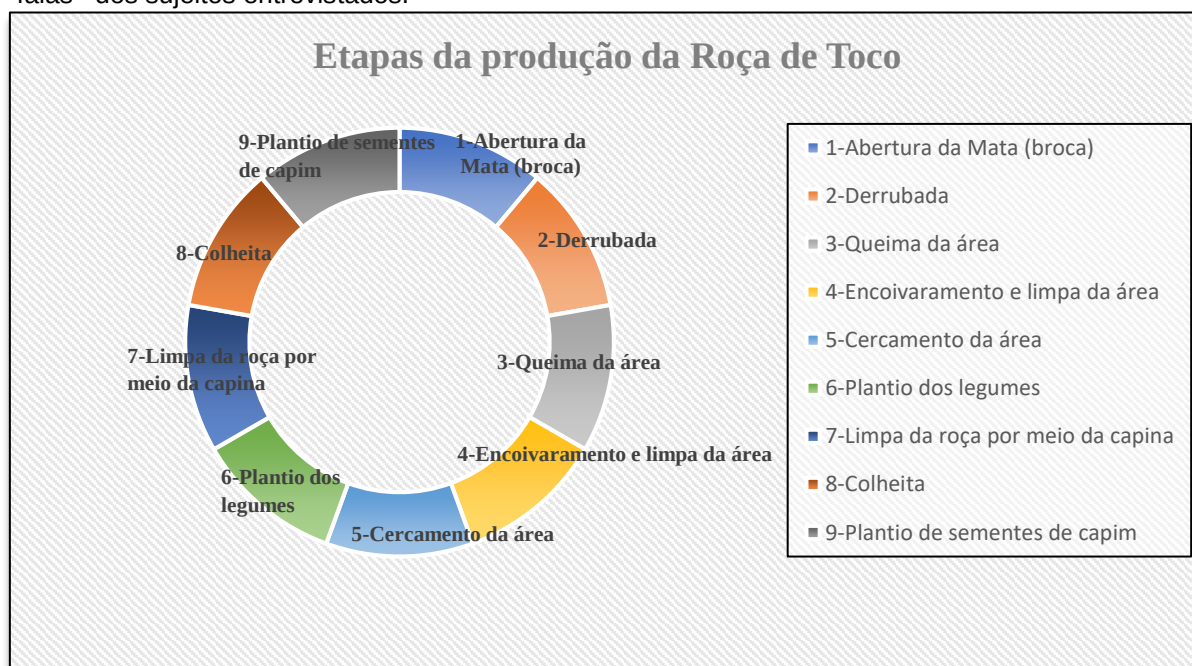
de animais, de peixes, de aves e suas serventias, ou não, para a alimentação, remédios para dores e curas de doenças, assim como o tempo da natureza (inverno, verão, chuvas, estiagens).

De acordo com o calendário, os trabalhos no preparo das roças aconteciam da seguinte forma, como nos esclarece o Sr. João Bandeira.

Era assim pelo mês de junho, julho, pra queimar em agosto. Aí daí pra adiante já era pra cortar os pau para fazer as cerca, para quando fosse o começo das chuvas começar a plantar, a capinar, plantar, encoivarar, queimava os garranchos que tinha tudo.

Em conformidade com a fala do entrevistado, elaboramos um gráfico (figura 33) para que melhor visualizemos as fases da produção da roça de toco no Sertão. Logo, consoante o que está posto, analisamos ser grande o dispêndio de tempo e força de mão de obra, porque, normalmente, o calendário agrícola iniciava-se bem antes do período chuvoso, ainda no mês de junho, para que houvesse tempo necessário para cumprir as primeiras etapas, até que o plantio dos legumes pudesse ocorrer logo após as primeiras chuvas, ou seja, nos últimos meses do ano. Gastava quase o ano inteiro nessa empreitada.

Figura 33 - Etapas da produção da roça de toco no Sertão maranhense tendo como base as falas dos sujeitos entrevistados.



Org.: A autora, julho de 2017

Em relação ao uso de espécies de plantas e árvores para o tratamento de moléstias, quando da não existência de medicamentos farmacêuticos, a Sra. Maria do Nascimento Barros relata:

Para os tratamento nós fazia garrafada do mato, tinha pessoa que entendia em Grajaú, das doença. Ai nós ia de animal e contava aquela história do que tava sentindo. Era pílula contra, quatro mora, carmelano quando tá tossindo. Do mato tinha muita coisa, fava de sucupira, eu mesmo curei um problema de garganta com sucupira. O limão é bom pra dor de barriga, dor de estômago, você espreme o limão e bota um pouquinho de água e toma, fica bonzin. Nós ainda utiliza muito de remédio natural. A flor do caju é bom pra os rins, o quebra-pedra é bom pra os rins, a folha de mamão amarelo quando a comida faz mal. A mangabeira pra gastrite, cipó de escada pra toda dor.

Conforme a descrição feita pela Sra. Maria Barros, era recorrente o uso de espécies vegetais na cura de enfermidades. Mesmo já tendo um vínculo com a cidade e indo à farmácia, os medicamentos ali encontrados eram escassos, tendo que ser feito o uso dos recursos existentes na natureza. Um ponto que chama atenção é o fato de a entrevistada nos revelar o uso, ainda hoje, do remédio natural, o que significa que os saberes constituídos não são anulados diante da lógica agroindustrial que configura o território sertanejo no Sul do Maranhão na atualidade. É importante lembrar que emerge nos centros urbanos uma cultura de valorização dos saberes locais, como a fitoterapia e a alimentação natural.

O uso desses medicamentos pelos sertanejos, apesar de ter à sua disposição a facilidade de obtenção junto à indústria farmacêutica, reflete a relevância dos saberes pré-existentes. Isso nos leva a pensar a relação do social com o cultural, que são apresentados como componentes do modo de vida. Nesse sentido, alguns artefatos e comportamentos se fazem ainda presentes:

Toda a vida a gente cozinhou com óleo de porco e mais era linguiça que a gente comia. Da tripa do gado, enxia de carne e às vez para não arruinar, guardava ela assim numa malmita. Cozinhava no fogão de lenha, ainda hoje nós tem o fogão de lenha, acordava cedo, às cinco ou cinco e meia da manhã, dependesse se fosse para ir pro serviço, fazer alguma coisa, aí acordava cedo, buscar água para aguar planta, esses pé de manga. Foi feito umas cacimba tudo acima do riacho, que era pra ficar mais perto, esgotava, fazia os canteiros, planta as cebolas de cabeça, o alho, o tomate, cuentro e a cebola. Hoje nós ainda planta, mas tá mais difícil, não sei por que não tá dando certo. Eu planto cuentro e quando se vê ele se acaba, nasce mesmo divinamente, mas não vai pra frente (SRA. MARIA BARROS).

Os saberes também se estendiam à forma de construção das moradias e à fabricação de utensílios, que se davam de forma artesanal e com uso dos recursos da natureza:

A casa era de palha, parede, umas de adobo, que fazia desses barros que não são muito liguento e outras eram de taipa. E era tudo grosseiramente, o chão era de barro batido, não tinha cimento, eu não conhecia sequer uma geladeira. Diziam que água no congelador ficava como pedra e eu até que duvidava, porque água ficar assim dura desse jeito!

Dentro da casa tinha giraus feito de pau de um lado para botar as vasilhas e papai tinha sempre um armário, tinha alguma coisa, porque ele sabia fazer, as portas onde nós fomos criados era de madeira, papai sabia fazer, mas a maioria do povo fazia de buriti. (SR. JOÃO BANDEIRA).

As casas aqui, as telhas foram feita na olearia, com um barro daqui mesmo. Pote, eu ainda fiz pote, prato de barro, coisa mais importante (SRA. MARIA BARROS).

De acordo com o relatado e fazendo uma analogia com objetos, utensílios e os produtos utilizados na construção das casas, pode se constatar, na atualidade, um processo de substituições sucessivas. Ou seja, ao longo do tempo, os utensílios industrializados foram substituindo aqueles fabricados a partir de materiais retirados diretamente da natureza. Embora ainda sejam encontrados, nas casas sertanejas, potes, bilhar e armário de madeira, fogões a lenha e a carvão, tamboretes etc., eles configuram, na verdade, resquícios de objetos fabricados em outro tempo e que foram repassados de pai para filho. Caracterizam-se por terem um grande valor sentimental, pois são veículos de lembranças, são um liame entre os sertanejos e os avós e/ou pais.

Sobre as socializações dos sertanejos, estas ocorriam por intermédio de festas, quase que todas envolvendo missa, almoço, jantar e festa dançante.

De acordo com o relato de Dra. Maria Barros:

Eram as desobriga, todo os ano acontecia a desobriga, que era missas onde tinha casamentos, batismos e tinha festa até amanhecer o dia. Se matava bois para o almoço. E tinha antes os roubos das moças, que o rapaz tinha vergonha de pedir em casamento para os pais. Trazia no outro dia para casar nessas reuniões. Botavam os nomes para casar.

Essas reuniões eram de cunho religioso e ocorriam na sede dos municípios, assim como as divindades e a festa de Santos Reis:

Tinha sempre no Montes Altos, de senhora Santana, que nós sempre as vez ia. Eu comecei a ir foi no meio da carga ou na garupa de algum animal, tinha a festa do divino, do Santo Reis, os vizinhos tinha vez que festejava, vizinho,

mas não era vizinho não, morava um pouco distante. Tiram a divindade e outros tiravam a divindade. O Reis era a noite que saiam, chegavam meia noite cantando, aí cantavam bonito, a divindade, saiam com a caixa, cantando, ainda hoje tem alguém que canta (SR. JOÃO BANDEIRA).

Chaveiro (2005), versando a respeito desses acontecimentos em Goiás, dá-nos um panorama de como era a sua funcionalidade, sendo que, de forma semelhante, era assim organizado no Maranhão:

Procedimentos religiosos como o terço de casa, a novena da comunidade, as festas juninas, as rezas-para-a-alma, o voto, a promessa e outros eventos semelhantes cumpriam diferentes funções: além de costurar a feição simbólica da subjetividade, poderia indicar encontros, festejamentos, ritos de comunicação, ou mesmo lugares para conhecer a pessoa com quem se pretendia casar (CHAVEIRO, 2005. P. 57).

Atualmente, ainda acontecem reuniões nas quais é oferecido almoço para os convidados, principalmente para parentes e amigos próximos, seguido da celebração de uma missa, em que esporadicamente acontecem batizados. No entanto, essa prática ocorre com pouca frequência, pois há a disseminação da religião protestante no espaço sertanejo, bem como o enfraquecimento dos valores religiosos por grande parte dos sujeitos aí presentes, após o estreitamento do vínculo com o urbano.

A Sra. Maria do Carmo Maciel, que mantém de forma fidedigna os preceitos religiosos (figura 34) aprendidos com a mãe, faz algumas observações sobre as mudanças das práticas religiosas no Sertão:

O exercício da religião mudou, porque o pessoal não estão mais gostando muito, tem gente aí que até reza, mas não juntando gente, só tem as missas, todos os anos o padre vem celebrar, tem anos que são todos os meses, outros não, cada domingo em uma casa. Na época da mamãe, todos os domingo ela rezava na capelinha que meu avô tinha construído. Ele rezava e depois que ele morreu a mamãe ficou rezando, juntava a família toda e rezava as oito horas da manhã, porque era o horário que ele achava que era bom, era com a missa, no dia de domingo. Depois ela ficou mais ruim pra andar e rezava em casa toda noite e aqui a gente reza também, sempre, qualquer hora do dia, com o povo da televisão.

Figura 34 - Reunião ocorrida na residência do Sr. e da Sra. Maciel para prática da reza.



Fonte: A autora, pesquisa de campo, dezembro de 2016

Vê-se que, no caso dessa memorialista, há a manutenção de uma prática transmitida pelo avô. A televisão, chegada em sua residência após a instalação da rede de energia elétrica na localidade, tem sido um recurso fortalecedor para o exercício da fé, significando que a re-existência é edificada a partir de ações, estratégias e de intencionalidades. Por outro lado, com o enfraquecimento da prática das reuniões religiosas, outros componentes passam a se perder, como as trocas de conhecimentos, o diálogo com o outro, a solidariedade e o fortalecimento de pertencimento, já que “rezas, festas, encontros eram situações de se criar o poder e as identidades do indivíduo do lugar” (CHAVEIRO, 2005, p. 58).

Os relatos, que abarcam um período de acontecimentos da vida sertaneja sul-maranhense de meados de 1950 até os dias atuais, traduzem as formas de exercícios do trabalho, a significância maior no reger da organização dos processos estruturais e socioculturais. Percebe-se que a memória vai se guiando pelos eventos de grande relevância afetiva, os quais fazem parte da construção das identidades. Assim, de acordo com Berdoulay (2012, p. 49), “as forças do relato provêm de sua capacidade para reunir em conjuntos coerentes os elementos extremamente diversos, materiais e imateriais, naturais e sociais, que, uma vez colocados de certa maneira, dão sentido ao sujeito e ao lugar”.

É importante pontuar que, ao trazer para o momento atual as experiências passadas, estas não se mantêm intactas, pois, no decorrer dos processos de transformações, além do que é trazido à tona ter sofrido mudanças, tal mudança ocorreu também no sujeito, que agora rememora os fatos de outrora sob uma outra

perspectiva, e, portanto, as imagens lembranças são alteradas. Mediante essas colocações, faz-se pertinente pensar um sujeito enquanto uma construção, mediado pelo imaginário (BERDOULAY, 2012).

Para tanto, entender a redefinição e a reorganização territorial, o modo de vida e o imaginário, faz-se necessário tecer um diálogo entre o que está posto e as lógicas pré-existentes, a fim de que seja possível apreender o lugar enquanto categoria que dá identidade ao Ser e ao Viver no Sertão. Frente às narrativas construídas pelos sertanejos acerca de suas trajetórias, temos a possibilidade não só de entender os eventos, os objetos, as ações que foram sendo postos no Sertão, ao longo do recorte temporal proposto neste trabalho, mas também de analisar o conteúdo sociocultural, que foi ou não nutrido pelas práticas. Nesse ínterim, ganha relevo a forma como os sertanejos foram sendo capturados e reinventados, nesse artifício de construção constante.

4.2. *Permanências e rupturas: a trajetória no Sertão nas falas dos sujeitos*

De acordo com os depoimentos dos sujeitos na Pesquisa de Campo, foram-nos reveladas as formas de trabalho, de produção, de consumo de alimentos e de utensílios, de costumes e, conseqüentemente, de organização sociocultural e espacial de uma época, que está aqui representada pela infância e adolescência dos memorialistas, que data de mais ou menos 1950. A partir daí, mudanças profundas ocorreram em todo o contexto que envolve os elementos postos em relevo, o que configura modificações no território, nas ações e no modo de ver e viver o mundo pelos sertanejos a partir do seu lugar de morada.

Não obstante, para se pensar as transformações, fruto da incorporação territorial pelo capital agroindustrial, é necessário dialogar com as lógicas já pré-existentes e como está caracterizado o sujeito nesse processo, que se reinventa e, ao mesmo tempo, guarda resquícios dos saberes já adquiridos. Para tanto, com base nos relatos dos memorialistas, que já viemos trabalhando aqui e com a incorporação dos relatos de mais outros dois, construiremos uma análise tendo em vista as permanências e as rupturas dos componentes espaciais e socioculturais que fazem parte da existência, sendo capaz de demonstrar o que foi e o que é Ser sertanejo. Isso porque, “ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu.

Essa narração reorganiza as experiências e os significados, fazendo surgir um Eu ancorado nessa nova ordem (SOUZA, 2014, p. 91).

Na discussão que se propõe para este item, que engloba fazer uma análise - tendo em vista a fala dos sujeitos sertanejos - das permanências e rupturas na forma de organização sociocultural do Sul do Maranhão, como as práticas, as tradições, as simbologias, tencionamos colocar em destaque um entendimento de como as mudanças ocorridas ao longo do tempo, que envolvem a fluidez espacial, as técnicas de produtividade, o uso de elementos industrializados (remédios, alimentos, roupas, calçados e etc.), impactaram a forma de o sertanejo enxergar o mundo e a si mesmo.

Iniciamos, então, com a fala do Sr. Francisco dos Santos Barros¹⁴, o qual tece uma reflexão a respeito das mudanças ocorridas no decorrer de cinquenta anos, envolvendo a forma de desenvolvimento do trabalho, a introdução de estradas, as técnicas de plantio e manejo, a vida da família.

O que mudou dos últimos 50 anos é a diferença de 1971, em que a estrada era de pedestre, só uma vareda, só tinha gado no Matusalém, eu passei com boiadas, indo para Pedreiras e Bacabal e uma vez fui comprar sal no Barra do Corda, porque não tinha em Grajaú. A diferença é a mesma que do mel para água em dez mil vezes. Aqui não tinha nem estrada nem gente, nem coisa nenhuma, só umas aldeias de índio. E o transporte era feito através de burros cargueiros que desviavam as cargas dos paus. Conheci Grajaú tendo um carro, em 1953, era uma Picape, que era do Viana. Só quem viveu quem sabe. Hoje tamo aqui reclamando, que tamo numa situação muito caótica, sofrida. Não queira nem saber. Eu botava roça e casei com essa veinha a cem anos atrás, porque conto dia e noite, agora nós completamos cinquenta. Eu fazia roça, cortava de machado, derrubava, cercava a roça de madeira.

Acerca de como o trabalho é exercido hoje, o narrador faz a seguinte comparação:

O povo de hoje, o povo de hoje, meu amigo, não exerce um por cento do serviço, ou melhor, do sofrimento que nós tivemos. Eu ainda participei do bom, mais de que muita gente, porque meu pai era um homem pobre, mas muito trabalhador e adquiriu condição e a gente foi e tal e outro trunfo muito grande é que somos de uma família muito inteligente. Meu pai morava e tinha terra, mas, quando ele se tornou independente, aí as terras do pai eram poucas e se acabaram, mas meu pai era de uma família tão pobre, que teve época que a mãe dele, muitas e muitas vezes, quando ia lavar o vestido tinha que ficar esperando o vestido enxugar para vestir novamente, porque só tinha um vestido. Meu pai casou e minha mãe que tinha terras, a avó tinha muita terra. Aí foi melhorando, o pai, muito inteligente, conseguiu ter alguma coisa.

¹⁴O Sr. Francisco dos Santos Barros nasceu em 1946 e reside em sua fazenda na comunidade Pontal do Sobradinho há 23 anos, município de Grajaú - MA. O Sr. João é o representante da Comunidade com três mandatos, é o fundador do povoado e da associação.

Morreu com 46 anos e sempre ia para o Mearim trabalhar de pé, apanhar algodão. [...]

Dos meus onze irmãos, somente um estudou, fez direito em Goiânia. Papai tinha muita vontade que estudássemos, mas não tinha colégio para os filhos estudarem. A minha identidade, que fiz em 1976, tive que ir fazer em Brasília, porque em Imperatriz era um ano para fazer

Tomando como exemplo a vida do Sr. Francisco Barros, que faz parte de toda uma coletividade imersa em situações semelhantes, entende-se que a trajetória no Sertão esteve simbolizada pela existência da terra, pois, só a partir dela, era possível plantar as roças para se colher a comida e criar o gado para o sustento da família. O estudo dos filhos era algo muito dificultoso, diante da inexistência de escolas, privando-os assim de galgar outras possibilidades, dessa forma estavam destinados à lida com a terra e com o gado, assim como suas permanências no lugar de nascença. O Sertão é o espaço de fronteira interior, com homens de fronteira colonizando o país.

Situação diversa está relacionada aos filhos do Sr. Francisco Barros. Nascidos no fim da década de 1960 e na década de 1970, já puderam ter acesso a escolas e à formação superior. Fator esse que não ocorreu de forma facilitada, mas por meio do sacrifício da família, visto que mãe e filhos vão residir na cidade e o pai (Sr. Francisco) permanece na fazenda, para que, por meio de seu trabalho na roça e com o gado, pudesse sustentar a família.

Meus filhos têm uma que é professora e outros dois, um rapaz e uma moça, com formação em direito. Eu botei os filhos na cidade com a esposa para que os filhos estudassem, com muito sofrimento. O filho mais velho morreu, era técnico agrícola e teve um câncer na cabeça, foi outro sofrimento, porque atinge tudo, sistema nervoso. Em cinco anos, perdemos recursos e o filho.

Fazendo uma correlação com a forma com que estavam organizados os acontecimentos há cinquenta anos com a maneira como se dão os eventos de hoje, o memorialista nos diz:

A mudança em si mesmo ela vem acontecendo até que rápida, mas estamos precisando de muita coisa, embora as estradas sejam ruins. Houve tempo em que uma Toyota traçada não ia lá em 1990/91. Então melhorou muito, mas falta muita coisa, ainda estamos no século XIX ou mais atrás um pouco.

A evolução do tempo é mais de 1000 vezes. Minha esposa criou os filhos carregando nas costas, buscando água na fonte e pisando o arroz, buscando a lenha no mato, fazendo tudo, tudo, tudo. Eu ia era para o campo ou para a cidade vender gado e negociar e a esposa tinha que dar conta. A lenha acabava e ela tinha que ir para o mato cortar a lenha de machado. Hoje não! Hoje nós temo o fogão de lenha, porque gostam mesmo. Mas tá aí o fogão

de seis bocas novinho, a água pela torneira, energia e assim por diante. Acabou até a estrada da fonte. A energia chegou mais ou menos em 2009, mas, antes disso, a gente já tinha energia a diesel, no motor. Hoje, minha esposa vai tomar banho, lava logo a roupinha dela no banheiro. Porque era trouxa na cabeça, a bacia e o filho de um lado. Era assim.

Sobre a construções das casas, mudou muita coisa, a daqui era de cavaco há dois anos atrás. Tinha mais de 30 anos que era feito assim. Hoje é coberta de telha Brasilit. Hoje já se vê muita casa boa, que atribuo ao fato de os sertanejos estarem melhorando de vida. De qualquer maneira, isso é inegável. Aqui um vende a mandioca, outro o leite, outro a farinha, tem a estrada que tem desenvolvimento. Toda a comunidade melhorou (SR. FRANCISCO BARROS).

Alterações também são citadas no caso da produção para o consumo: alguns alimentos deixam de ser produzidos na roça e passam a ser comprados na cidade, saindo por um valor mais acessível.

Hoje o que se compra na cidade principalmente é o arroz, que não tamo mais plantando há muitos anos, porque ele mal plantado do jeito deles não está dando certo, só está rendendo nos campos adubados. E é muito barato. Planta tudo da roça, menos o arroz. E talvez a gente plantando sai mais caro umas quatros vezes. O que fica caro é a mão de obra e compro um fardo de 30 kg, limpinho (SR. FRANCISCO BARROS).

Alguns costumes relacionados aos usos de frutos e plantas do Cerrado para a alimentação e para o tratamento de moléstias são verificados pelo Sr. Francisco Barros. Tais componentes abarcam os saberes repassados de uma geração a outra, mas que vão se diluindo à medida que certas espécies de vegetais, frutos e animais vão se extinguindo em decorrência do desmatamento do Cerrado. Outro elemento posto em pauta e que tem sido modificado diz respeito ao modo de se comportar diante de alguns dias do ano tidos como santo pela igreja católica.

Hoje ainda usamos a lenha, o buriti. Do buriti a gente faz doce, suco. O buriti é o único fruto. O caju é plantado e o pomar é feito pela muié. Para remédio caseiro se usa o boldo e quebra-pedra, a casca do inharé e o Moreira. Chá da casca e Garrafada do leite da Moreira para vesícula. A pesca tem pouquinha. De vez em quando, a muié pega uma pacuzinha. Nunca teve muitos peixes no riacho.

A respeito das mudanças dos costumes. Quem era doido para assobiar na semana santa? Banhar? A comida, a lenha que era para fazer a comida, era toda arrumada na semana que chama caçadeira. Semana santa era só para fazer beiju, rezar isso e aquilo, porque Jesus tinha sido morto e deixou dito que era pra ser daquele jeito. Agora hoje não tem nada disso, o que você deduz de uma coisa dessa? Não dá para entender (SR. FRANCISCO BARROS).

Na comunidade Pontal do Sobradinho, o trabalho na roça ainda acontece com o uso da força braçal, prática que resiste devido à condição financeira de seus

moradores. O entrevistado faz uma ressalva no concernente aos financiamentos destinados ao pequeno produtor e ao grande produtor, que ocorre de forma diversa, já que a importância é dada à grande produção, que, no caso da região mencionada, se destaca pelo plantio da soja, do sorgo, do arroz e do milho.

Tem pouca diferença pra o modo de fazer a roça, porque primeiro era no facão, aí veio a foice, roçadeira. Para plantar era cavado uma cova na enxada e fechado com o pé. Depois veio o plantador de chacho e veio, veio e depois veio a maquininha que está até hoje. Mas tá até hoje pra nós, sem condição e desprezado só não de Deus aqui. Os governos roubam o dinheiro todin e não vêm atender o povo. Devia ter um técnico ajudando o povo a plantar, mas tem as máquinas aí que faz tudo, mas só para as grandes empresas, os grandes milionários, só pra quem pode. Melhorou pra o pobre, porque depois do Lula eles dão semente, nos deram trator que tá aí com 16 anos. Os vizinhos têm grandes lavouras para todo lado, mas nós pobre tivemos essa melhorzinha depois do Lula, com Bolsa Família. Aqui o que nós planta é arroz, milho, feijão e mandioca. O trator serve para carregar madeira, para carregar os cereais, transportar esse tipo de coisa. A derrubada para fazer as roças ainda é braçal (SR. FRANCISCO BARROS).

O entrevistado nos conta que tem uma relação muito próxima com a cidade hoje, principalmente com Grajaú, mesmo porque tem uma filha que mora nessa localidade. No processo de relação que ele faz do ontem com o hoje, ele faz uma exposição sobre os deslocamentos no Sertão:

Sabe o que é uma rede enrolada? Era de pé, botava as cargas no jegue, de rapadura, farinha etc. para vender em Grajaú e nós era a pé. Não tinha lambreta, era a curulepo feito do couro do boi, muitas vezes até cru e nem curtido. Cortava ele, botava os cabrestos e que chamavam também de salga a bunda, porque, quando caminhava, jogava terra na bunda. E para atravessar os rios, na balsa, na canoa. Balsas de talo de buriti. Hoje mudou muito... A relação com Grajaú hoje. Grajaú hoje é nossa casa, pela facilidade de deslocamento. Sou um sertanejo da roça, mas atualizado na cidade. A roça é a terceira coisa da minha vida. Só depois de Deus e de meus filhos (SR. FRANCISCO BARROS).

Para fazer um entreposto com o que é colocado pelo Sr. Francisco Barros, buscamos ouvir o relato da história de vida de um outro sertanejo, porém mais jovem, nascido na década de 1970, e que iniciou seu trabalho na roça depois de 1980. Subentende-se que, por causa do lapso temporal que separa o nascimento dos dois sertanejos, o seu modo de vida possa ter se dado de forma um pouco diferenciado, devido às técnicas já dispostas nesse momento. Por esse viés, estaremos contemplando diferentes temporalidades para que possamos compreender a construção identitária da vida sertaneja sul-maranhense.

À medida que articulamos faixas etárias distintas, construímos quadros históricos diversos sobre o que foi selecionado pela memória dos entrevistados. Para isso, partimos de interrogações comuns impetradas aos outros depoentes, para obtermos, por meio das falas, mapas de novas tramas socioespaciais, envolvendo os eventos que vão sendo impostos ao território, o tempo dos acontecimentos, as mudanças técnicas, o surgimentos de inovações nas formas espaciais a partir da necessidade de outras funcionalidades, assim como os elementos que permanecem e persistem em fazer parte da vivência dos sertanejos, embora possam ter sofrido alterações na maneira como são enxergados pelas novas gerações. Nesse sentido, corroboramos Montenegro (2013, p. 24), ao estabelecer que “a fala do entrevistado – transcrita – estabelece campos narrativos e possibilita estudar de forma detalhada as identidades e diferenças do mundo da memória”.

Logo, dando continuidade aos registros a respeito da organização estrutural do Sertão após os anos de 1980, o Sr. Nescival Ribeiro Rocha¹⁵, nascido em 1976, filho de sertanejos que viviam do trabalho da roça e na labuta diária restrita aos arredores de sua pequena propriedade e mantendo íntima relação com os componentes da natureza, portando, assim, de saberes relacionados à funcionalidade dos recursos por ela oferecidos, fornece-nos, em seu depoimento, um relato acerca de como era sua vida na infância, destacando o lugar de morada e o trabalho do pai e da mãe:

A casa era de palha, parede de palha, outras era feita de adobo, o que a gente comia lá era plantando roça na mesmo, colhia fava, feijão, milho, o arroz e a mandioca. Vendia um pouco e o restante era pra comer. Tinha um poquin de gado, sempre teve, muito pouco, mas sempre teve. [...]. A vida dos meus pais era viver trabalhando nas roças pra poder tirar o sustento pra criar os filhos e também pra vender pra comprar alguma coisa que precisava, na cidade. [...]. Meu pai trabalhava também fora. Sempre trabalhava para o João Bandeira, de juquirá. O trabalho na juquirá pra braçal, de roço de pasto em que se utilizava a foice, a enxada e a catana. O pagamento era feito por empreita e por diária e nós tudin (os filhos) ajudavam ele nesse serviço. Eu comecei a trabalhar tinha oito anos, roçando, fazendo tudo. [...]. O trabalho de minha mãe era cuidar mesmo da casa e dos meninos, que eram muitos. E ia na roça também, sempre ela ficava em casa até perto de meio dia e,

¹⁵ Nescival Ribeiro Rocha nasceu em 1976 na localidade de Sucuriçu, município de Montes-Altos. Aos 04 anos de idade, a família mudou-se para fazenda São João e ele residiu no local até os 18 anos de idade, quando foi morar noutra propriedade para trabalhar de vaqueiro, onde permaneceu por três anos. Após isso, foi para outra fazenda, ficando lá por dois anos; depois, foi trabalhar de vaqueiro, agora de assalariado, no município de Itinga-MA. Trabalhou nesse local por um ano e três meses, voltou para a fazenda que trabalhava anteriormente, onde permaneceu por oito meses, até comprar sua propriedade. Atualmente, trabalha em sua propriedade de quarenta alqueires, onde produz mamão, banana, abóbora, milho, arroz, feijão e inhame, que vende para diversas cidades.

quando fazia o almoço, quando era tempo de colheita, tempo de serviço mais manero, tudo ela tava junto (NESCIVAL RIBEIRO ROCHA).

O depoimento do Sr. Nescival Rocha mostra que ele veio de uma família pobre e muito trabalhadora, em que o pai, além de produzir, juntamente com a família, incluindo os filhos e a esposa, alimentos para seus próprios sustentos e para a venda, ainda empreitava roço de capinzais em outra fazenda. Semelhante aos relatos anteriores, o entrevistado iniciou o trabalho no roçado desde muito cedo e continuou exercendo tal atividade na terra daí em diante, fato atrelado à classe social pertencente, pois, na década de 1980, boa parte dos filhos dos fazendeiros com condição financeira melhor estavam nas cidades dedicando-se aos estudos. Entretanto, muitos deles vão preferir dedicar-se ao trabalho com a terra, que é adquirida mediante doação feita pelos pais.

A estrutura da casa, bem rústica, é outro elemento que revela as condições de vida de uma família sertaneja simples, ao mesmo tempo em que indica as dificuldades de transporte para que chegassem produtos da cidade até a localidade. Sendo as telhas e os tijolos comprados na cidade, nessa época, tais utensílios eram de valores bem mais altos do que atualmente, em decorrência da pouca disponibilidade de alvenarias, e sendo os meios de transportes limitados a um ou dois carros que circulavam na região pelo prazo de um mês, isso praticamente inviabilizava a circulação de mercadorias e de pessoas de forma prática e barata.

As técnicas elementares/simples utilizadas na produção das roças e no roço dos capins era uma prática recorrente (como exposto pelo depoente) e que perdurou no Sul do Maranhão até recentemente, quando o trabalho manual, com uso de foices, machados, catanas, facões e enxadas, é substituído pelo uso de tratores. A exceção acontece em algumas localidades em que a condição financeira do trabalhador não permite, pelo alto valor cobrado pelos donos de tratores, que ocorre por hora trabalhada. Ressalta-se que, nas lavouras de soja, introduzidas nessa região desde início de 1980, as máquinas sempre se fizeram presentes. A ligação com a cidade se apresentava parcialmente, praticamente de forma indireta – pois havia os atravessadores –, mediante a compra e a venda de produtos e a ida dos sertanejos uma vez ou outra ao centro urbano.

O que nós comprava? nós comprava o açúcar, o café e sempre lembro que nós fomos criados foi comendo milharina, comprava o fardo, usava para fazer o cuscuz de manhã. A gordura era do porco. [...]. As roupas que usava, a mãe

comprava os pano e ela mesma fazia, aí depois já passou a comprar roupas feitas no Montes-Altos. [...]. De ano em ano ou de seis em seis meses, nós ia no Montes-Altos. Íamos a pé ou de animal, gastava um tempo de umas seis horas a pé. Saía as três horas da madrugada e chegava lá umas nove horas da manhã. Ficava lá até umas duas horas da tarde e voltava. Mas o normal mesmo era ir de animal. Nesse tempo eu tinha de oito até treze ou quatorze anos, isso na década de 1980. Isso porque tinha uma linha que o dono de um caminhão fazia, mas ele deixou, aí tinha que ir de a pé ou de animal mesmo. Nós ia de seis em seis meses. Em imperatriz, era mais difícil, a primeira vez que fui lá eu já tinha bem uns dezesseis anos, parece. Não tinha ligação com Imperatriz não. O negócio era com Montes Altos mesmo (NESCIVAL RIBEIRO ROCHA).

Com base no depoimento, podemos compreender como eram difíceis os deslocamentos do sertanejo na época em voga, aspecto que vai sendo melhorado nos fins de 1980, quando alguns fazendeiros passam a adquirir camionetas, tipo de carro com capacidade de cortar as ruins estradas do sertão e de transportar uma grande quantidade de pessoas em sua carroceria. Hoje em dia, pouco se usa de lombo de animais como meio de transporte - salvo para a labuta com o gado – que foi substituído por carros e/ou motocicletas.

Segundo o Sr. Nescival Rocha, os frutos e as plantas do Cerrado eram muito usados tanto na alimentação quanto para uso medicinais. Ele salienta que tais espécies ainda são encontradas no espaço territorial que compreende a fazenda São João, lugar de morada na sua infância até os dezoito anos de idade, pelo fato de hoje está numa área indígena, o que condicionou para que não houvesse desmatamento.

Tinha muito, era o pequi, tinha muita maria preta, nós saía na chapada comendo maria preta. Tinha um morro lá, que lá tinha maria preta, saía todo mundo correndo pra vê quem achava primeiro. Tinha o bacuri, o bacupari, a marmelada, o buriti, buritirana, maracujá de macaco, cajá, tucum, macaúba, anajá, palmito da macaúba, ingá, caju, jatobá, ata do mato, velamin pra fazer o chá pra gripe, açoita cavalo para o fígado, vereda para gripe e problema de diarreia, mangabeira para corte, quando tinha um corte, ia no pé de mangabeira, tirava as folha e do sumo botava encima, batata de purga para diarreia e pra verme, a mamona que era feito o azeite pra matar os verme dos menino. As madeiras utilizadas eram aroeira, capitão do campo e o meju, madeira enlieirinha para fazer casa, a candeia. Esses frutos ainda tem, todos ainda têm. A localidade ficou dentro da área indígena, aí não foram mexidos, os buriti é que os pés tem morrido por causa da água que agora tá pouca.

Com base no relato do depoente acerca das espécies vegetais que fizeram parte de sua vivência, elaboramos um quadro, no qual constam os nomes dos frutos, ervas e demais espécies retiradas da natureza e seus usos.

Quadro 04 - Espécies de árvores/plantas e frutos citados na Pesquisa de Campo e seus usos

Plantas e Frutos	Nome Científico	Usos
Açoita cavalo	<i>Luehea paniculata</i>	Garrafada e chá para tratamento de males do fígado
Araribá	<i>Centrolobium tomentosum</i>	
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	O tronco da madeira tem seu uso destinado a situações diversas; a casca era/é destinada a tratamento de doenças ginecológicas que atingem as mulheres
Araçá	<i>Psidium firmum</i>	Alimentação
Babaçu	<i>Orbigny asp</i>	Alimentação
Ata do mato	-	Alimentação
Bacuri	<i>Platonia insignis</i>	Alimentação
Bacupari	<i>Peritassa campestris</i>	Alimentação
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>	Alimentação
Batata de purga	<i>Operculina macrocarpa</i>	Para tratar diarreia e vermes das crianças
Cajá	<i>Spondias mombin</i>	Alimentação
Caju	<i>Anacardium humile</i>	Alimentação
Capitão do campo	<i>Terminalia argentea</i>	Construção de casas
Candeia	<i>Gochnatia polymorpha</i>	Construção de casas
Carambola	<i>Luehea candicans</i> Mart. Et Zucc.	Alimentação
Genipapo	<i>Genipa americana</i>	Alimentação
Ingá	<i>Inga vera</i>	Alimentação
Jalapa	<i>Mandevilla illustris</i>	Chá
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i>	Alimentação
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>	Alimentação
Jequitibá	<i>Cariniana estrellens</i>	Madeira para construções
Mamona	<i>Ricinus communis</i>	O azeite retirado desse fruto era utilizado para tratamento de vermífugos
Mangabeira	<i>Hancornia speciosa</i>	Alimentação
Marmelada	<i>Alibertia edulis</i>	Alimentação
Maracujá do mato	<i>Passiflora cincinnata</i>	
Macaúba	<i>Acromia aculeata</i>	Alimentação
Mororó	<i>Bauhinia forficata</i>	Alimentação
Murici	<i>Byrsonima verbascifolia</i>	Alimentação
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i>	Alimentação
Pequi	<i>Caryocar brasiliensis</i>	Alimentação
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	
Tucum	<i>Astrocaryum vulgare</i>	Alimentação
Velame branco	<i>Macrosiphonia velame</i>	Chá para gripe
Vereda	-	Chá para tratar gripe e diarreia

Org.: A autora, 2017

Como forma de compreender as mudanças ocorridas na vida do sertanejo, buscamos fazer uma analogia de como era exercido o trabalho na produção das roças, no trato com o gado e como esses elementos estão postos hoje. Com base no relato do Sr. Nescival Rocha, obtemos os seguintes subsídios. Relacionado ao trabalho na roça:

No manejo das roças, derrubada era feito manual mesmo, sempre o pai e o filho entrava pra dentro e fazia. Brocava, derrubava, encoivarava e depois queimava, aí que plantava. Colhia os alimentos e depois se plantava o capim,

quando não plantava capim, se plantava a roça dois anos no mesmo lugar. Deixava criar o mato, roçava, tornava a queimar e plantava de novo. O arroz nós guardava no paiol. Fazia um girau alto do chão, aí carregava o arroz na carga e botava lá. Todos os dias de manhã, nós pisava o arroz, ohh tristeza e era cinco horas da manhã, o frio acabava na mesma hora. O feijão era colhido e debulhado, guardado no saco. [...].

Sobre o trabalho com o gado e com a criação de outros animais:

Já o trabalho de vaqueiro, eu trabalhava com gado e, nas horas de folga, trabalhava na juquira, que era pra segurar os bezerros, pra não vender. O ganho era assim, de dezoito bezerro que nascia eu ganhava um, porque eram três vaqueiros. Já quando eu trabalhei no Itinga, era um salário, carteira assinada. Na outra fazenda, eu ganhava de seis bezerros que nascia eu ganhava um. [...]. Quando eu trabalhei na última fazenda eu já tinha a terra. Isso em 2001 e 2002. Eu fui de vez pra minha terra em 2004, mas era outra, de nome Jenipapo. O nome de onde estou é no lote 10, fui em 2012 pra essa. Lá no Jenipapo eu já mexia com mamão e banana, só que não era irrigado. Eu também criava um pouquinho de gado, criava também galinha, porco e sempre vendia galinha, já o porco só pra o consumo. Quando comecei a plantar o mamão e a banana, eu vendia pra um rapaz aqui no Lajeado e ele levava pra São Luís, o mamão a gente sempre vendia pra fora e a banana pra Imperatriz. [...],

No concernente ao trabalho de produção de frutas irrigadas, o narrador esclarece:

Quando mudei em 2012 pra o Lote 10, eu passei a mexer com irrigação, plantando a mesma coisa, mas sendo irrigado. Desde o Jenipapo que eu comecei a mexer com banco, quando eu comprei a terra, aí comecei a mexer com o Pronaf, ainda hoje tenho projeto com o Pronaf. Hoje, eu planto o mamão, a banana, a abóbora, o milho e o arroz, o feijão e o inhame. O manejo aqui é diferente, já é na máquina, é toda arada. Agora uso o mesmo espaço de terra para plantio, direto. No inverno eu planto milho e o arroz e no verão eu planto a abóbora e a melancia. Aí eu jogo fertilizante, adubo e uso também o veneno.

De acordo com a fala do entrevistado, podemos tecer algumas considerações acerca da forma de organização da vida dos sertanejos. Nas décadas de 1980 e 1990, o trabalho ainda era feito manualmente e com uso da mão de obra familiar, o que era produzido servia para o abastecimento familiar e para a venda, desta era obtido dinheiro para a compra de alguns produtos na cidade. A forma de armazenamento do arroz e do feijão, bem como a maneira de retirar-lhes a casca para serem cozidos acontecia manualmente. Todavia, agora, na maioria das moradas sertanejas, o arroz já é comprado ensacado ou limpo em usinas de beneficiamento, e quanto ao feijão, muito ainda se planta em pequenas áreas, colhido e debulhado manualmente e,

depois disso, armazenado em garrafa pet, para que se mantenha em boas condições por vários meses.

Pertinente aos locais de morada, trabalho executado e forma de recebimento do pagamento pelos serviços prestados, há de se considerar que, diante do que nos foi relatado, a existência de formas tradicionais, por exemplo o acordo entre patrão e empregado, esteve presente na vida do sertanejo nos anos de 1990 e nos anos 2000. Verifica-se, além disso, a presença do trabalho assalariado em alguns casos, como numa das fazendas trabalhadas. Há que se ressaltar que, no último caso, a ocorrência se dava e, até hoje, se dá em fazendas onde o proprietário detém de um grande valor de bens. No caso do acordo tradicional, segundo o qual, de cinco bezerros nascidos anualmente, um é destinado ao vaqueiro, boa parte das propriedades da região mantém esse tipo de pagamento.

Um componente de grande importância para que possamos perceber as mudanças que foram acontecendo na forma de trabalho, o que vai impactar diretamente na maneira de se relacionar com as cidades, com o conhecimento técnico utilizado no manejo da terra e com o uso do capital em forma de financiamento, está revelado anteriormente, quando o entrevistado nos fala a respeito do plantio de frutas com a utilização da irrigação, de fertilizantes, de venenos para as pragas e com o sistema de rotação, o que possibilita plantar diferentes espécies em tempos distintos do ano. Tudo isso sendo possível com a obtenção de financiamento junto ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF) - evidenciando a relação do sertanejo com o capital financeiro (figuras 35 e 36).

Figura 35 - Uso de trator no manejo da terra.



Fonte: A autora, pesquisa de campo, 2017

Figura 36 - Sistema de irrigação, usado no plantio de frutas na propriedade do Sr. Nescival Rocha



Fonte: A autora, pesquisa de campo, 2017

Toda a produção é vendida para mercados em cidades que distam de mais ou menos 800 km de sua propriedade, localizadas no estado do Maranhão e em estados vizinhos, como Pará, Piauí e Tocantins. O Sr. Nescival Rocha nos conta ainda que os caminhões vêm buscar a produção em sua propriedade, não sendo preciso dispor-se de preocupação quanto ao transporte. Isso graças à existência de estradas pavimentadas ou de chão, mas de boa qualidade, que cortam os Sertões, instaladas, principalmente, de 1900 em diante.

Tendo em vista as colocações feitas por meio dos relatos, compreendemos que os fatores que estão postos e que foram sendo incrementados ao longo do tempo no referido espaço dão resultado a novas práticas e a novas formas de enxergar a si mesmo enquanto sujeito e ao mundo, que se faz a partir do Sertão, lugar de vivência, mas que neste momento amplia-se para diversos pontos que se ligam, pelo usufruto de bens e serviços oferecidos pela cidade. Nesse sentido, consoante o relato do entrevistado acerca de seus deslocamentos e sobre as mudanças ocorridas em sua vida, obtemos o seguinte:

Lajeado Novo eu vou diariamente. Os outros que mais frequento são Porto Franco e Imperatriz. Nesses lugares eu vou três vezes por mês, em Porto Franco é resolver negócio de banco e em Imperatriz é comprar alguma coisa mais, tudo é lá em Imperatriz. Lá em Imperatriz eu compro os venenos para as pragas. Compro também coisas para a alimentação, na cidade. Compro farinha, milho, a gordura nós não compra, o arroz também não. E compro açúcar, café, coisas de limpeza, fruta eu produzo, leite também é da fazenda. [...]. De 1980 até os dias de hoje, minha vida melhorou muito, hoje eu tenho uma estrutura da fazenda, tudo organizado, naquele tempo até mexer com gado dava um trabalho danado e agora não, hoje está tudo estruturado, tem

energia elétrica, água encanada, estrada boa, mudou 100%, agora tem telefone, televisão, tem tudo. Hoje eu tenho transporte, tenho carro, tenho moto. [...]. Minha vida tá bem melhor, pra nós mesmo, melhorou demais, nós mudemos 90%. Comecei lá de baixo, fui trabalhando, trabalhando, hoje eu não reclamo de minha vida não, tá muito é boa (SR. NESCIVAL ROCHA).

Entendemos a importância do trabalho para a organização da vida do sertanejo, configurando como um mecanismo que conduz sua existência e sua re-existência. Assim, a ligação com a cidade acontece diariamente, acarretando o surgimento de uma outra dimensão de sociabilidade. No entanto, mesmo com a alocação de novas práticas em decorrência dos eventos que vão surgindo, à medida que o espaço vai se modernizando, vai se ocasionando o enfraquecimento no simbólico, na organização política e no sociocultural do território sertanejo, fazendo com que o tradicional não consiga mais operar como mecanismo principal. Vê-se que há um imbricamento de valores, uma vez que alguns aspectos se enfraquecem, outros se redefinem e se reinventam. Por isso, devemos, paradoxalmente, pensar pelo viés da subjetividade, que se evidencia mediante a objetividade, como exposto nos relatos e nas análises feitas a seguir.

4.3. O olhar para si: porque sou sertanejo

No capítulo III, vimos a respeito da construção territorial do Sul do Maranhão enquanto espaço sertanejo, ancorado em formas arcaicas de criação do gado à solta nas chapadas, no fazer dos roçados onde era produzida a maior parte dos alimentos, na maneira de se relacionar com a natureza e nos longos trajetos percorridos para que fosse possível fazer a negociação de compra e venda do gado, a obtenção do sal e de alguns outros poucos mantimentos existentes para a comercialização.

Nesse pressuposto, a denominação sertão se configurou como espaço pertencente ao interior do Brasil, com traços relacionados aos costumes, ao econômico e à organização sociocultural diferentes das do litoral. A respeito disso, Vicentini (2016, p. 30) nos explica que, “no pensamento social brasileiro, a Literatura de certa maneira auxiliou a transformar o conceito de sertão em um conceito cumulativo, embora dicotômico (sempre oposto ao litoral ou à capital)”. E acrescenta que nele se encontram:

O sentido espacial – o sertão é o interior longínquo e despovoado, ou povoado por uma raça mestiça, quando não é o locus amoenus do campo

idealizado; **o sentido econômico** – o sertão mantém uma economia distante da economia da metrópole e do litoral, agrária e subdesenvolvida frente à economia industrial e mais desenvolvida da metrópole; **o sentido social** – o sertão mantém outro tipo de associação de membros, uma associação mais comunitária, outros tipos de usos e costumes; a aliança sociopolítica, o poder dos coronéis e o desvalimento dos camaradas; **o sentido psicossocial**, na perspectiva da antropologia – o sertão detém um universo psíquico mais ritualizado, com formas de pensamento mais míticas e agônicas; **o sentido histórico** – onde o sertão detém a chave de nossa história típica, a partir das entradas e bandeiras; **o sentido do imaginário** propriamente falando – quando o sertão avulta como local de vida heroica ou trágica, de vida identitária; e outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista etc. (VICENTNI, 2016, p. 30).

No Maranhão, conforme foi apresentado nos capítulos anteriores, esses componentes estavam bem presentes até meados do século XX, sendo que, a partir daí em diante, tais elementos vão sofrendo rupturas, que culminam, principalmente, na chegada dos eventos modernizadores, que passam a atuar no território maranhense de forma acentuada após 1970. São as introduções de estradas pavimentadas, ferrovias, portos, aeroportos, cercamento das propriedades, migrações rurais, instalações de Projetos de Assentamentos, criação de reservas indígenas e ambientais, crescimento urbano, instalação do agronegócio por sulistas na região de Balsas, espalhando-se para demais municípios no seu entorno e para o Baixo Parnaíba.

Houve, dessa forma, um “chamamento” para que o sertanejo mudasse também a sua vida e tentasse, dessa forma, adequar-se ao novo modelo que passa a reger o espaço sul-maranhense desde então, culminando num processo de transição territorial, resultado da incorporação e da dominação do capital monopolista.

Dessa feita, a chegada do estranho vai interferir na lógica local, o que nos condiciona a pensar que houve um “desaparecimento” do sertão maranhense ao longo da segunda metade do século XX. No caso, trata-se de uma questão nominal e simbólica, embora afete a forma na qual o trabalhador rural, que vive no campo, ou em pequenas cidades, mas que tem a vida ligada ao trabalho na terra, reconheça a si mesmo e o seu lugar de vivência. Todavia, de acordo com os relatos dos entrevistados e a forma de vida encontrada nos locais de trabalho de campo, pudemos perceber que o processo de transição nominal, simbólica e cultural não foi completo, de tal maneira que os sujeitos inclusos na pesquisa se reconhecem sertanejos, estando suas existências atreladas ao modelo rural e vinculados a saberes apreendidos na infância através dos pais, tios e avós.

No quadro seguinte, pegamos os depoimentos dos entrevistados acerca do que constitui ser sertanejo. Podemos perceber significações diferentes, apesar de vermos, em todas as falas, que a vida está ligada àquele lugar por determinações do ser dali.

Quadro 05 - Relatos dos depoentes acerca do que significa ser sertanejo

Entrevistados	Depoimento	Significação
SR. FRANCISCO BARROS	"Sou um sertanejo da roça, mas atualizado na cidade. A roça é a terceira coisa da minha vida. Só depois de Deus e de meus filhos"	Há nessa fala uma reivindicação de modernidade não conflitante com tradicionalismo: é sertanejo (do mato), todavia, atualizado.
SR. JOÃO BANDEIRA	"Eu sou sertanejo mesmo, legítimo. O sertão é lugar de trabalho"	Sertão como terra de conquista, de lida de labuta, de gente que arregaça as mangas
SR. ANTÔNIO MACIEL e SRA. MARIA DO CARMO MACIEL	"Nois somo sertanejo de coração. Somo daqueles que só quer ir na cidade só pra fazer alguma compra ou se for pra visitar algum parente"	Sob esse ponto de vista, sertanejo tem o sentido genérico de pessoa do mato, matuto, caipira. É um elemento de campesinidade.
SR. NESCIVAL ROCHA	"Eu me orgulho de ser sertanejo. Sou sertanejo porque ainda vivo no sertão e meu pai me ensinou a trabalhar no sertão, um meio de ganhar o sustento lá no sertão, por isso eu não saí de lá"	Sertão enquanto lugar de trabalho, em que o aprendizado foi passado de pai para filho. Aqui há um Know-how

Org.: A autora, 2017.

Tais relatos escancaram que o Ser sertanejo está muito mais atrelado a um sentimento de pertencer ao lugar, em decorrência das experiências vividas desde a infância. A propósito, os pais tiveram grande importância para a formação dos saberes adquiridos, um modo de vida apreendido, porém alterado com o passar do tempo. Segundo os depoimentos constantes noutros itens deste capítulo, o sertanejo também tem criado outros espaços, outros territórios, à medida que recriam a si próprios. Logo, os valores repassados de pai para filho em 1950 estão muito distantes dos que são repassados hoje, pois esses sujeitos têm construído outras significações.

Nesse conformes, os componentes supracitados nos levam a pensar de acordo com o colocado por Brandão (2009), segundo o qual vários antropólogos, entre eles Clifford Geert, têm utilizado pensar as culturas por meio das redes, das teias, das tramas, dos contextos, dos mapas e dos sistemas.

Teias, tramas, redes e mapas dos mais diversos cenários e contextos culturais, com que atribuímos um ou vários sentidos aos espaços de vida que geramos. E também aos mundos sociais que criamos, destruimos e recriamos, socializando porções de uma natureza intencionada, transformada em fragmentos e sistemas de cultura. A mesma cultura que nos toma como indivíduos biológicos (seres da natureza) e nos transforma em pessoas

sociais (sujeitos de uma cultura). Uma ideia que nos vem de Marx lembra que somos seres naturais, mas seres naturalmente humanos. Nós, construtores de espaços e de lugares, de terras, de territórios, de casas e nomes de casas. E também de conceitos, canções e teorias a respeito dos tempos e dos espaços que de algum modo pertencem a nós, na mesma medida em que pertencemos a eles (BRANDÃO, 2009. p. 17).

Há um sentimento de fazer parte de um espaço, que, de maneira intencional, é transformado em lugar através de nomes, símbolos e significados. Exemplo disso se encontra nos nomes dados às fazendas, como Monte Alegre, Alegria, Canto da Lagoa, São João, Piranhas, Sobradinho, que os coloca como lugares sagrados, tradicionalmente passados de pais para filhos, colaborando para uma continuação da geração no espaço material ou, como indica Brandão (2009, p. 20), ao usar do verbo “espaciar”, “sugere-se que o homem gera ou libera lugares quando cria os seus espaços”. E acrescenta:

Espaciar, gerar em um espaço *dado* um espaço *criado*, fruto da imaginação e da ação humana, não é apenas construir materialmente um lugar situado, mas é, antes, liberar lugares: fazê-los acontecer. Existirem para nós e não apenas em si mesmos. Virem a ser seres – e não apenas contextos – da cultura e, nela, da linguagem (BRANDÃO, 2009. p. 20).

Sobre o termo *espaciar*, não podemos partir de uma redefinição do sujeito e do espaço como um todo. Se o arcaico e a tradição, sofreram transformações ao longo destes quase setenta anos, isso não significa uma fragmentação absoluta, por isso faz-se importante pensar, pelo viés da transição, a forma como o território Sertão sul-maranhense foi sendo diluído e como os sujeitos estão nesse processo, ao mesmo tempo em que se reinventam.

Durante o trabalho de campo, pudemos constatar a existência de artefatos utilizados para a execução de trabalhos domésticos, com o labor com o gado e na maneira de produzir os alimentos. Esses aspectos indicam a permanência de determinados saberes no cotidiano desses sujeitos, o que remete a um modelo de vida tradicional, conforme pode ser visto nas figuras 37 e 38, em que as lógicas preexistentes não são extintas, ou seja, os saberes não são anulados.

Figura 37 - Pote, filtro de barro, copos de alumínio e bilhar



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Figura 38 - Máquina de costura manual, ano de 1970



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Em praticamente todas as residências que visitamos, observamos que há energia elétrica e utensílios como geladeiras, televisores, ventiladores. Todavia, há a manutenção de formas de armazenamento de água, máquina de costura etc., que não necessita da utilização da energia elétrica.

Como já é sabido, a distância da cidade em relação ao Sertão não é mais a mesma de outros tempos, graças à melhoria das estradas, construção de pontes e presença de automóveis. Mesmo assim, existem hábitos que são mantidos, porque fazem parte dos saberes adquiridos e que passaram a constituir-se em sabores apreciados no Sertão, a saber, a carne de sol, sempre bem seca, as hortaliças plantadas no canteiro cercado, para que porcos e galinhas não meçam.

E a respeito do dormir em rede, alguns mantêm esse hábito pelo fato de terem se acostumado. Consoante eles mesmos se expressam, não gostam de dormir em cama, pois se acostumaram, desde criancinhas, a dormir em rede.

Figura 39 - Carnes de gado secando ao sol



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Figura 40 - Canteiro de plantação de verduras



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Figura 41 - Redes estendidas na sala de estar



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Na verdade, o que existe é uma combinação dos atributos anteriores com os atuais no espaço pertencente aos sertanejos. Em locais onde foram erigidas fazendas ancoradas no modelo agroindustrial, as lógicas, assim como a estrutura, a forma e a organização são outras. São, em relação ao primeiro, lugares situados, compostos de conquistas, apropriações e transformados pelos sujeitos que aí habitam, “movidos pelas palavras e imagens, símbolos e sentidos, ideias e imaginários” (BRANDÃO, 2009, p. 21).

Um espaço político, pois ali uma polis se instaura. Um espaço econômico, pois ali se reproduzem os bens da terra (as coisas da natureza tornadas objetos da cultura), ali eles circulam e ali, no mercado para onde de um modo ou de outro, todos convergem, e onde são trocados bens, serviços e sentidos. [...].

Um cenário, um ambiente, uma paisagem, um território, um bairro rural, uma vila, uma cidade, uma metrópole em que, em primeiro lugar, está situado um onde-eu-habito, um onde-nós-vivemos. Lugares onde trabalhamos e produzimos bens e serviços, como querem os economistas. E, no entanto, um multiforme cenário de símbolos, mais do que de pedras ou de barro. Símbolos e aquilo através do que transformamos um solo de terra em um chão de sentidos, e algumas pedras em um alicerce humano de identidade. Criar o lugar onde se habita. Isto é, transformar instrumentalmente ambientes da natureza em habitats humanos, dotando-os da substância de nossos atos transformados em gestos tornados nomes, palavras, desenhos, preceitos de vida, gramáticas do conviver, sistemas de imagens, de ideias, ideologias, ideários, imaginários (BRANDÃO, 2009 p. 21).

Importante entender, então, qual a posição que ocupa o sertanejo diante dos novos atributos presentes, que exigem um remodelar de vida, quais as representações inclusas em suas práticas e quais os significados produzidos em suas vidas. Desse modo, as práticas que os representavam anteriormente, por exemplo os saberes em relação ao cultivo das roças, ao tempo lunar, à religiosidade, à solidariedade, entre outros, podem não ocupar mais um lugar tão relevante. Nesse sentido, com a intenção de analisarmos a maneira como se veem inseridos na atual conjuntura da dinâmica socioespacial na região, interessamo-nos saber o que mudou para os entrevistados no percurso de suas existências.

Hoje está tudo estruturado, tem energia elétrica, água encanada, estrada boa, agora tem telefone, televisão, tem tudo. Hoje eu tenho transporte, tenho carro, tenho moto.

Está bem melhor, pra nós mesmo, melhorou demais, nós mudemos 90%. Comecei lá de baixo, fui trabalhando, trabalhando, hoje eu não reclamo de minha vida não, tá muito é boa (SR. NESCIVAL ROCHA)

É quase toda coisa que mudou pra melhor, tem uma coisa que tá pior, muito, é a irresponsabilidade do povo, a roubalheira dos objetos da gente, some gado, some os animal, e toda coisa que eles acham é roubando os outro, agredindo os outro. Agora mesmo um rapaz que trabalhou pra mim, pegou o dinheiro e foi pra o Montes Altos e um caba tomou o dinheiro dele na estrada, tem essas coisas que tá muito pior de antes. Antes, quando nós viemo pra cá, noite de muito calor, nós dexava a janela aberta, apesar de que tem a estrada que passa bem pertinho aqui, hoje em dia não tem mais coragem de fazer isso. Graças a Deus a gente já tem energia, já tem como esfriar mais um pouco, porque não pode abrir janela. Hoje não se pode confiar em quase ninguém (SR. ANTÔNIO MACIEL E SRA. MARIA DO CARMO MACIEL)

A evolução do tempo é mais de 1000 vezes. Minha esposa criou os filhos carregando nas costas, buscando água na fonte e pisando o arroz, buscando a lenha no mato. Fazendo tudo, tudo, tudo.

Eu ia era para o campo ou para a cidade vender gado e negociar e a esposa tinha que dar conta. A lenha acabava e ela tinha que ir para o mato cortar a lenha de machado.

Hoje não! Hoje nós temo o fogão de lenha, porque gostam mesmo. Mas tá aí o fogão de seis bocas novinho, a água pela torneira, energia e assim por diante. Acabou até a estrada da fonte. A energia chegou mais ou menos em 2009. Mas, antes disso, já tinha energia a diesel, o motor. Hoje minha esposa vai tomar banho, lava logo a roupinha dela no banheiro. Antes era trouxa na cabeça, a bacia e o filho de um lado. Era assim (SR. FRANCISCO BARROS).

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, o modelo de vida do sertanejo tem sido modificado pelas novas técnicas que chegaram à localidade e que elegeram uma outra funcionalidade na região. Exemplos como o da instalação da energia elétrica, antenas de telefones celulares, melhoria na pavimentação das estradas vicinais, circulação de automóveis, entre outros componentes, têm se colocado como importantes objetos favorecedores da interligação desse lugar (Sul do Maranhão), com relações globais. Seria um acontecer solidário, conforme nos aponta Santos (2001), no qual “a divisão internacional do trabalho pode ser considerada a energia desse movimento” (SANTOS, 2001, p, 157).

Ainda sobre a interligação espacial, que contribui para a existência de uma unicidade planetária e histórica, não dissociada da diversidade, própria dos lugares, elencamos a explicação de Santos (2001, p. 158):

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.

Um subespaço é uma área contínua do acontecer homólogo ou complementar, do acontecer paralelo ou hierárquico. Em todos esses casos, trata-se de um acontecer solidário, que define um subespaço, região ou lugar.

É estar em permanente movimento, qualificado por meio do ingresso de lógicas de fora que se entrecruzam com lógicas já existentes, podendo assim inseri-las como artefatos, práticas e modo de vida pertinentes ao sociocultural. Grosso modo, ocorre uma transição territorial, passiva à troca, à exploração, como também à subjetividade. Nesse processo, há a incessante relação entre o lugar e o mundo, que faz com que concebamos o mundo a partir do nosso lugar, portanto não podemos pensá-lo desligado de uma diferenciação quanto aos demais (SANTOS, 2002), mesmo que contenham elementos de uma lógica racional homogeneizadora.

Esse debate nos leva a pensar o lugar por meio das mais diversas articulações, em um amplo cenário de (des)encontros, (des)conexões, exclusões, através da integração entre tempo e espaço. Está entendido “como um tecer de histórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço e, como em processo, uma tarefa inacabada” (MASSEY, 2009, p. 191). Assim, a constituição das ações se consolida por meio das negociações entre lugares.

Reportando-nos para o Sertão sul-maranhense, onde estão inseridas questões da alteridade entre os diversos sujeitos que situam a região, como elementos diferenciados na forma de proceder suas atuações, as intencionalidades de cada grupo, com seus valores, acarretam uma justaposição, uma alternância entre o velho e novo, que, de algum modo, provocam conflitos, nos quais se incluem disputas territoriais, insegurança física e emocional e, principalmente, a maneira de enxergar o outro enquanto sujeito. Esse fato veremos adiante.

4.4.O convívio com o outro

Dos aspectos que sublinham a vida sertaneja, os conflitos ocupam, sem dúvida, um importante papel. Primeiramente, na época da ocupação pelos vaqueiros, deram-se os embates sangrentos com os indígenas, por ocupação territorial, e as contendidas entre famílias, que tinham conotação de poderio, principalmente político, como bem nos relatou Carvalho (2000), Cabral (1996) e Paula Ribeiro (2002).

Tais conflitos nos revelam mais do que disputas territorial, política e econômica. Isso porque aí não está ancorado apenas o material, mas o imaterial, o simbólico, o subjetivo e a identidade, que se constrói de forma relacional, pois, para que ela exista,

há a dependência do diferente, de uma identidade que esses sujeitos – no caso os sertanejos – não possuem, mas que fornece as condições para que ela exista, fazendo com que a identidade seja marcada pela diferença (WOODWARD, 2008).

Na busca pelo entendimento do espaço sertanejo em sua totalidade, no qual inclui compreender os sujeitos, vimos que aparentemente o que mais os angustia, em alguns casos, continua a ser a disputa por território. No caso da fazenda Alegria, município de Montes-Altos, esta propriedade se encontra dentro de uma área demarcada para a reserva indígena dos Krikatis. Alguns proprietários não receberam a indenização de suas terras, na maior parte dos casos por não acordo entre proprietários e FUNAI, a qual ofereceu valores irrisórios pelas benfeitorias, surtindo resistência pelo lado dos sertanejos para a não entrega da propriedade. Nesse caso, o conflito não envolve só o território, envolve o medo de perder o que está construído e que pertenceu aos seus antepassados, que, no caso, não pertencerá mais às futuras gerações, comprometendo, assim, o prosseguimento existencial da família naquele lugar. Consequentemente, ameaça a memória e a identidade do grupo.

Segundo conversas tidas com sertanejos, os rumores a respeito da demarcação da área indígena Krikati remontam a mais de cinquenta anos atrás, quando começaram a aparecer pelo Sertão pessoas investigando, fazendo estudos em torno do que teria sido local de morada dos indígenas. A localização da referida terra indígena abrange os municípios de Amarante do Maranhão, Lajeado Novo, Montes Altos, Ribamar Fiquene e Sítio Novo. É banhada por rios e córregos das bacias do Tocantins: Lajeado, Arraia, Tapuio, Campo Alegre e Pindaré/Mearim.

De acordo com a Funai, as primeiras notícias históricas que fazem referência específica aos Krikati buscam informar que, em 1814, este povo foi atacado por uma Bandeira, a de São Pedro de Alcântara, quando se verificaram muitas mortes e houve uma dispersão muito grande. Isso coincide com a conquista das terras Timbira, pelos brancos, que se efetivou em sua maior extensão no primeiro quartel do século XIX, dentro de um grande vácuo jurídico, ou seja, entre a extinção do Diretório dos Índios pombalino na última década do século precedente e a primeira disposição legal referente a índios do Brasil independente, que somente ocorreu no Ato Adicional que emendou a Constituição do Império em 1834. De lá para cá, após os grandes ataques armados deflagrados naquela primeira parte do século, os Krikati e os demais Timbiras conheceram um longo período de dispersão e de definhamento de toda ordem.

Como resultado, os sobreviventes projetaram conflitos ao entrar em contato com as fazendas que fazem criação extensiva de gado. Esses fatores aconteceram de forma hostil, pois, de um lado, estão os fazendeiros e/ou pequenos lavradores, sertanejos, que reclamam ser a terra necessária para suas sobrevivências econômicas e existenciais, do outro lado, os indígenas, que têm a terra também enquanto meio existencial. Por outro lado, há o Estado, que não intervém de modo adequado, pois, ao estabelecer o cumprimento da retirada da posse da terra dos sertanejos para repassá-la aos índios, não cumpre com seriedade o pagamento das indenizações. Para alguns, a quantia foi dispensada, mas, para grande parte, não. O que acarretou na inviabilização da desocupação da área por todos os proprietários.

A respeito dos conflitos vividos entre índio e fazendeiro e sobre a demarcação da terra indígena, eis os relatos abaixo do Sr. Antônio Maciel e da Sra. Maria do Carmo Maciel.

Conflito aqui que se fala muito é que demarcaram a terra pra os índios, mas não obrigaram o povo todo sair não. O que vimo aqui e não saimo, nem todo mundo sabe. Eu não digo que não saio, mas é preciso ser mermo puxada de dentro de casa, mas se não for, nós não sai não. Eles não produzem nada. E se Deus é por nós, quem será contra nós. Apesar da idade, nós não amolecemo não, eles andaram por aí pelo serviço (Polícia Federal e Funai), chegaram já o sol pendido e viram as coisas, mas não ficaram sabendo nem o que era nosso, porque não mandemo ninguém mostrar. Eu digo que essa força não foi tirada da gente, Deus é que deu essa força.

Saiu quem quis, a gente não quis, eles nunca botaram faca em ninguém para saírem de suas casas. O povo da polícia Federal e da Funai estiveram aqui e nós resistimo aquele dia todin aqui e eles querendo que a gente fosse mostrar as coisas, fazer um levantamento, nós nunca aceitamos e até hoje tamu aqui, graças a Deus. Se for um caso de um pagamento que dê pra gente comprar uma outra coisa pra gente, aí tudo bem. Do jeito que eles oferecem não adianta vim pra cá com carinha de bons amigo não que eu não aceito, de jeito nenhum, porque não é possível a gente sair do que foi adquirido pelos nossos pais. Aqui não foi, mas eu já comprei com a produção que trouxe da família, então eu posso dizer que foi adquirido de herança de nossos pais, aí eu pegar e entregar tudo, eles nos deixaram alicerçado, aí entregar tudo pros outros. Eu disse pra eles, aqui nada é nosso, tudo é de Deus, então deixou pra nós se manter e criar nossa família até o fim da vida. Tomar eu não privo, agora eu entregar, não entrego não.

Quanto aos conflitos entre famílias, o Sr. João Bandeira diz:

Primeiro é porque as pessoas tinham muita gananção com as terras, querendo só os lugar melhor. Depois foi tirado essas terras indígenas, eu mesmo fui tirado os locais que tinha, que fui preciso começar outro local. Mas graças a Deus num tô achando muito ruim não, eu tô bem localizado, num posso nem reclamar (SR. JOÃO BANDEIRA).

De acordo com os relatos, podemos observar que, no conflito existente, está inserido também o “ser diferente”. Um fator que nos chama a atenção é a crença segundo a qual o indígena não produz nada, dessa forma, para o indígena, conforme o sertanejo, a terra não tem serventia nenhuma, pois a função da terra para o sertanejo é que ela sirva para produzir.

São simbologias diferentes que respingam na constituição identitária e na forma de enxergar a si mesmo e ao outro. De forma similar é a distinção existente entre o sertanejo sul-maranhense e o gaúcho produtor da soja que chegou ao Maranhão em fins da década de 1970. Para o gaúcho, o sertanejo se configura como um sujeito arcaico, preguiçoso, porquanto não sabe lidar com técnicas modernas para o cultivo da terra. Para o sertanejo, o gaúcho é o outro que chega de longe, que não gosta do lugar, chegou para destruir a natureza, explorar, expropriar e que, somente ele, o gaúcho, por produzir muito, consegue grandes financiamentos bancários, embora viva endividado, situação que o sertanejo abomina.

As terras aqui era tudo de família, passando de pai para filho. Mas os novo não querem conservar e venderam e tão desabando, derrubando tudo e eu encima dizendo: olha a cabeceira da água. Aqui nunca teve um desmate desse. Desmatando pra plantar soja, arrancam até a raiz, aí cadê a raiz, cadê a frieza para conservar a água? (SRA. MARIA DO NASCIMENTO).

[...] tem as máquinas aí que faz tudo, mas só para as grandes empresas, os grandes milionários, só pra quem pode [...].
Os vizinhos têm grande lavouras para todo lado, mas nós pobre tivemos essa melhorzinha depois do Lula, com Bolsa Família (SR. FRANCISCO BARROS).

Desse modo, à medida que o tempo foi decorrendo e que novas nuances foram surgindo, novas e mais relações tensas e conflitantes foram emergindo, mesmo porque entre o indígena e o sertanejo o problema existente desde o século XVIII não desapareceu, para ambos há o “outro” e, para tanto, a não aceitação. Só que, na atualidade, existem vários estranhamentos, em decorrência do processo de reocupação ocorrido nos fins de 1970 em diante, que acarreta, com a chegada na localidade de processos globalizantes, outras formas de estruturação socioespacial. Nesse sentido, uma nova fronteira é posta em construção, colocando em evidência o diferente, ao mesmo tempo em que submerge a necessidade dos sujeitos que ali já estavam de se reinventarem, para que possam ficar o mais próximo possível desse novo e “moderno”, ocasionando um impacto profundo na forma de existir, que abarca diversas dimensões e significações.

O que, Candau (2011, p. 27), caracteriza da seguinte forma:

Esses destaques das “dimensões” e das “significações” da identidade são geradores de diferenças ou, mais exatamente, de “fronteiras sociais” escorregadias a partir das quais os atores estimam que as coisas e pessoas – “nós” *versus* “os outros” – são diferentes. Essas variações situacionais da identidade impedem de reificá-la, de reduzi-la a uma essência ou substância.

Retornamos, então, ao que já foi mencionado pelos nossos interlocutores sobre as outras dimensões que os conflitos abarcam na vida do sertanejo hoje, sendo destaque o sentimento de insegurança quanto a sua proteção. Assim, a Sra. Maria do Carmo nos confidencia, em seu depoimento, a fragilidade sentida por conta dos roubos ocorridos na localidade, acarretando até mudanças de hábitos.

Tem hoje uma coisa que tá pior, muito, é a irresponsabilidade do povo, a roubalheira dos objetos da gente, some gado, some os animal, é toda coisa que eles acham é roubando os outro, agredindo os outro. Agora mesmo um rapaz que trabalhou pra mim, pegou o dinheiro e foi pra o Montes Altos e um caba tomou o dinheiro dele na estrada, tem essas coisas que tá muito pior de antes. Antes, quando nós viemo pra cá, noite de muito calor, nós dexava a janela aberta, apesar de que tem a estrada que passa bem pertinho aqui, hoje em dia não tem mais coragem de fazer isso. Graças a Deus a gente já tem energia, já tem como esfriar mais um pouco, porque não pode abrir janela. Hoje não se pode confiar em quase ninguém.

A confiança, que funcionava em tempos passados como garantia de moeda de troca, tem se tornado rara. Se há mais ou menos trinta anos as negociações e os comprometimentos eram ajustados tendo como garantia a “palavra dada”, no presente tem sido difícil confiar nas pessoas. Tal situação é colocada pelos mais velhos como uma característica decorrente de irresponsabilidade, desrespeito, rejeição ao trabalho e ambição ao alheio pelas novas gerações.

Além disso, existem outros problemas, sobretudo os que dizem respeito às mudanças climáticas e pluviométricas que estão ancoradas na incidência dos desmatamentos da vegetação original para plantio de pastagens e da monocultura, principalmente a soja e o eucalipto, transformando os córregos em montantes de areia, prejudicando a vida vegetal e animal.

Tendo em vista o que ouvimos acerca dos conflitos que permeiam a vida do sertanejo, construimos um quadro explicativo sobre o que caracteriza tais conflitos.

Quadro 06- Quadro conceitual dos conflitos referentes à vida no Sertão

Conflitos indígenas com	Os conflitos com os indígenas existem desde a época da ocupação, pois, quando o vaqueiro chega a esse território, já havia grandes grupos indígenas, que foram confrontados e a grande maioria, assassinada. Nos últimos anos, foram criadas reservas indígenas, o que culminou em conflitos, embora não tenha tido confronto. Tais conflitos são também na ordem dos valores e das subjetividades.
Conflitos com sulistas	Nas décadas de 1970/1980, chegam ao Sul do Maranhão os denominados “sulistas”, atraídos pelo baixo preço da terra e por financiamentos bancários para a produção. Tal processo foi intensificado com a modernização territorial da região, que trouxe, por sua vez, expropriação, exploração e aumento da pobreza, com consequências para os espaços urbanos, por exemplo o crescimento do espaço periférico e da violência urbana.
Insegurança física	Há um medo no tocante à integridade física, por isso as residências tendem a ser mais protegidas e vigiadas.
Insegurança quanto aos bens materiais	Existência da necessidade de vigiar os bens materiais, como o gado, a casa, demais animais e as roças, por causa do aumento do número de roubos e furtos.
Insegurança emocional	Devido às mudanças dos costumes, o medo de serem roubados e a necessidade de fazerem parte do “moderno”, o sertanejo carrega insegurança quanto ao amanhã e no tocante ao emocional.
Existência de usuários de drogas e bebidas alcoólicas	As drogas e as bebidas alcoólicas fazem-se presentes de forma mais acentuada do que em períodos anteriores.
Ausência de mão de obra	Há relatos de que é muito dificultoso encontrar trabalhadores para as roças, para o labor com o gado. A justificativa encontrada é que poucos ainda querem viver na roça.
Violência	Com o aumento de usuários de drogas ilícitas, bebidas alcoólicas e do desemprego, a violência tem se tornado um componente do Sertão.
Escassez de chuvas	As chuvas não vêm com a mesma abundância de trinta anos atrás, quando rios, riachos e lagoas transbordavam e chegavam a inviabilizar, inclusive, os deslocamentos. As secas prejudicam as lavouras, a criação de animais e a vida como um todo.

Org.: A autora, 2017

Em suma, se por um lado, vimos que as práticas e o modo de vida sertanejo contribuem para que haja determinadas especificidades socioespaciais no Sul do Maranhão, por outro, a mistura de sujeitos e a alocação de objetos nas últimas décadas têm garantido a esse território uma multiplicidade de acontecimentos sociais, econômicos, políticos e culturais, que colocam em xeque o Ser sertanejo. Daí a necessidade de, no próximo capítulo, discutir a construção de um outro Sertão sul-maranhense, o novo espaço-tempo neste lugar e qual a representatividade do sertanejo na contemporaneidade enquanto referência identitária.

5 - OS TEMPOS SÃO OUTROS: outro sertão



Figura 42 - Pé de pequizeiro no meio da lavoura de soja
Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2016

5 - OS TEMPOS SÃO OUTROS: outro sertão

“O nosso planeta está do tamanho de uma abóbora, para a tecnologia de hoje, para a evolução que aconteceu no tempo, no mundo. Tá do tamanho de uma abóbora”.

(Francisco dos Santos Barros)

Iniciamos este capítulo com uma frase instigadora do Sr. Francisco dos Santos Barbosa, um de nossos entrevistados durante o trabalho de campo. Trazê-la aqui tem um motivo. Pois o entrevistado nos expõe sobre a dinâmica totalizante da globalização que alcança lugares, que podem ser considerados, se pensarmos pela perspectiva da densidade tecnológica, como de extrema significação na lógica mercadológica. Tomamos essa frase como fio condutor para o debate proposto, cuja intenção é discutir a constituição de agentes modernizadores do território sul-maranhense correlacionado a outras formas de produção, gerando alterações no uso da natureza, nas estruturas socioespaciais e, por conseguinte, nos modos de vida dos sertanejos.

Nesse cenário insere-se, em decorrência das várias formas de olhar a função do território, conflitos que permeia a alteridade. E tendo como base, que devido à inserção dos meios de transporte e comunicações com novas tecnologias que permitem a relação do rural com o urbano de forma acentuada, alterou o cotidiano e o imaginário dos sujeitos, podemos interrogar acerca da existência de um modo de vida que ainda se vincule, de fato, ao Ser sertanejo.

Pois quando se pensa pelo ponto de vista da transformação do espaço, significa que há uma transformação também da vida humana, ou seja, um socializar. Em que “as práticas sociais modificam os elementos da natureza em seu duplo papel: a natureza que há em nós e a natureza que nos completa. Isso porque as nossas relações na sociedade e com o mundo da natureza, que inclui o ser – humano, é sempre um processo dialético” (MATINS & CLEPS JUNIOR, 2012, p. 285). Para tanto, o homem é um sujeito da história, que pensa, age, faz escolhas.

O nosso propósito neste capítulo é demonstrar que, no Sul do Maranhão, assim como no restante do país, há a ação de forças produtivas que vem reorganizando o espaço e a sociedade a partir da modificação da natureza, ou podemos dizer, produção da natureza. Assim, a natureza é vista enquanto produto que serve para garantir o crescimento econômico com base agrícola via desmantelamento do

ecossistema original, no qual a ciência e a técnica se configuram enquanto elementos participantes desse processo.

Não obstante, para pensarmos a configuração dessa região, é importante que partamos da lógica que permeia a forma de olhar dos grupos sociais, ou seja, dos sujeitos que aí vivem, para que, assim, compreendamos a forma de agir e de pensar o mundo, pela perspectiva de cada um desses grupos.

Porquanto a modificação que vem atravessando esse lugar, que correlaciona-se a implantação da agroindústria no Cerrados nos últimos quarenta anos, não explica por si só a estrutura desenhada na atualidade, já que nesse lugar, existe uma pluralidade de valores, que estão incluídos as simbologias no tocante à natureza e as significações inscritas no tempo da memória, corroborando para o construir, como denominou (CANCLINI, 1995, p. 72) de uma “heterogeneidade multitemporal”, mesmo que seja em uma trama espacial diferente da qual o autor faz referência, que se vincula ao desenvolvimento industrial e da urbanização de forma acentuada na América Latina.

Inicialmente, abordaremos a inserção do Maranhão no contexto da modernização por meio da instalação em seu território de grandes projetos, a produtividade alcançada nos últimos anos em lavouras estratégicas, bem como os efeitos desse processo para a agricultura camponesa para, posteriormente, situarmos o sertanejo maranhense em face da expansão da lógica modernizante que avança sobre o Sertão. Finalizaremos, elencando a discussão acerca do é o Sertão sul-maranhense hoje, norteadas para o entendimento de que há uma construção socioespacial baseada na pluralidade de valores, de tempos, de mundo, de vida e do ser.

5.1. A dialética socioespacial no Sul do Maranhão na contemporaneidade

Em nossa dissertação de mestrado (ROCHA, 2009) fizemos uma relação da ocupação territorial maranhense tendo em vista sua formação econômica. De acordo com o estudo feito e baseando-nos em autores como Arcangeli (1987), pudemos entender que a estruturação econômica e social do Maranhão encontra-se subdivididas em quatro fases a saber: conquista e povoamento inicial, inserção do estado na divisão internacional do trabalho, involução econômica e inserção na divisão nacional do trabalho.

A primeira fase, encontra-se, no intervalo que vai do início do século XVII até o início da segunda metade do século XVIII e se caracteriza pelo fato de o Maranhão encontrar-se apenas indiretamente articulado ao processo de acumulação primitiva, engendrado pela necessidade de acumulação capitalista nascente na Europa. Há, portanto, o exercício, principalmente, de duas atividades, que eram a caça e comercialização dos indígenas e a produção de subsistência. Esse fator resultou no afastamento e encurralamento dos índios e na acumulação do trabalho escravo, direcionando o estado a criar as condições necessárias para a articulação com atividades econômicas das províncias primário-exportadoras.

A segunda fase registra-se dos primeiros anos da segunda metade do século XVIII até a nona década do século XIX, período marcado pela inclusão do Maranhão na divisão internacional do trabalho, fase econômica ancorada pela exportação para a Europa do algodão, do arroz e do couro. “Esta fase é impulsionada a partir da intervenção direta da Metrópole que, com efeito da política de Marquês de Pombal, reorienta a economia do Maranhão, via neutralização do poder dos jesuítas na Província e pela criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755)” (ARCANGELI, 1987, p. 94). E teve seu apogeu entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, após o qual se registraram os primeiros sinais de decadência, acontecimento que se reproduziu, basicamente, em consequência das modificações ocorridas no sistema econômico internacional¹⁶, e devido a carência de mão-de-obra não escrava para ajudar na colheita, o que implicará um elevado ônus com a importação de escravos africanos.

Diante desses fatores, a terceira fase foi assinalada pela “involução econômica”. Seu período histórico se insere entre os últimos anos do século XIX até a metade do século XX e tem como especificidade, a abolição da escravatura no Brasil. No caso do Maranhão, devido à grande existência de terra livre, os escravos preferiram fugir das fazendas, passando a exercer atividades autônomas de subsistência. Tem-se aí, o retorno de uma economia de subsistência.

A quarta fase, denominada de “inserção na divisão nacional do trabalho” tem

¹⁶ Analisando mais de perto as causas da crise do ciclo primário-exportador no Maranhão, verifica-se, inicialmente, que a reversão do surto expansionista pode ser atribuída ao retorno dos Estados Unidos no fornecimento do mercado mundial de algodão, após a normalização de sua situação interna, isto é, após a guerra de independência. Acrescenta-se a isso, a interiorização dos cultivos no Maranhão, cuja mobilidade era impulsionada pelo atraso tecnológico, o que elevava sobremaneira os custos de transporte do produto e, conseqüentemente, dos seus preços (ARCANGELI, 1987).

seu início a partir da metade do século XX, marcada pela articulação econômica maranhense (ou reintegração) ao sistema de acumulação capitalista, tanto na esfera da circulação como da produção. As principais especificidades deste período podem ser sintetizadas com base no surgimento da indústria do babaçu, no avanço das lavouras temporárias, na ocupação do Oeste do estado e com base no desenvolvimento da pecuária.

Em que se trate do crescimento populacional registrado no Maranhão, Lima Júnior (1987, p. 23), explica que “grande fluxo imigratório se originou das áreas de povoamento mais antigo, ou seja, dos vales do Parnaíba e Itapecuru e chapadas do alto Sertão, em direção às de maior densidade de babaçuais, como o médio e baixo Mearim, também conhecida como Região dos Cocais”. Também houve o recebimento de fluxos migratórios intra-estadual, principalmente de nordestinos, vindos, especialmente, do Piauí e do Ceará. O que faz com que ocorra, desde então, significativas transformações no quadro agrário tradicional, em decorrência do intenso crescimento populacional. Tendo ainda, como consequência, a estruturação do quadro urbano, decorrente da expansão do capitalismo urbano-industrial no campo brasileiro, marcado por significativas contradições e desigualdades socioespacial.

Segundo os dados expostos na Tabela 04, constatamos que o índice populacional maranhense aumentou 56,5% entre 1950 a 1959, sofrendo decréscimo no crescimento entre 1970-1980, para na década seguinte crescer novamente.

Tabela 04 - População recenseada e densidades populacionais no Estado do Maranhão, 1900- 2016.

Ano	População Total	Densidades Demográficas Hab/Km
1900	499.308	1,54
1920	874.337	2,69
1940	1.231.955	3,81
1950	1.577.838	4,86
1960	2.469.447	7,61
1970	2.997.576	9,23
1980	4.002.599	12,33
1991	4.930.253	14,85
2000	5.651.475	17,02
2007	6.118.995	18,43
2010	6.569.683	19,81
2016	6.954.036	20,94
2017*	7.000.229	21,08

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010

Org.: A autora, 2017

*Estimativa para 2017

Entende-se que o aumento no ritmo de crescimento populacional, ocorrido nos últimos anos do século XX, ocorreu em virtude da nova lógica organizacional do Brasil, com fortes relações de valorização da reprodução do capital, tendo como discurso a *ocupação dos espaços vazios*, mediante a expansão da fronteira agrícola.

Deste modo, conforme o descrito, entendemos que o econômico tem papel fundamental para a ocupação populacional no estado, o que faz, que a história do Maranhão seja qualificada por fases de ocupação e investimentos desenvolvimentista tanto estatal quanto privado.

Destacando-se, como já mencionado, a ocupação gadaneira, com o aprisionamento e matança de indígenas; a implantação do cultivo do algodão com vistas ao abastecimento do mercado externo; instalação de engenhos para o beneficiamento da cana-de-açúcar; cultivo de cultura de subsistência, como a rizicultura, o milho, a mandioca, o feijão e a fava; extração do babaçu e, mais recentemente, nas últimas décadas do século XX, o alocamento de grandes projetos, dentre eles: ALUMAR – Consórcio de Alumínio do Maranhão, PGC – Projeto Grande Carajás, projetos agropecuários, se destacando, principalmente, o cultivo da soja no Sul do estado e no Baixo Parnaíba, áreas de reflorestamento através do eucalipto, vias de escoamento da produção e etc. .

É com efeito desses projetos, que o Maranhão encontra-se interligado ao mercado internacional legitimando o discurso de desenvolvimento econômico, por meio de políticas direcionadas para esses setores produtivos em consonância com o capital, deixando à margem do referido processo estrutural, parte considerável da população, ocasionando para que o estado encontre-se em situação dentre os que mais apresenta problemas sociais em toda a federação brasileira, no qual a sojicultura apresenta-se enquanto cultivar que orientou a reorganização territorial na parte Sul do estado.

Não obstante, não é nosso foco demonstrar, aqui, o processo que estruturou o Sul do Maranhão enquanto região celeiro da soja, todavia, cabe que façamos uma análise do contexto que marcou a reordenação territorial desse espaço, em que a agroindústria transformou abruptamente a natureza, o social e o cultural. Para tanto, iremos recorrer a estudos já realizados abordando essa questão¹⁷.

¹⁷ Autores como ANDRADE (2008), MENDONÇA (2004), ALMEIDA (2005), ELIAS (2006), PORTO GONÇALVES (2008), SOUSA FILHO (1995), PEIXINHO (2003), SANTOS e SILVEIRA (2003), SILVA (2009), GONÇALVES NETO (1997), LEMOS (2000), LIMA JUNIOR (1997), MOTA (2011), ROCHA

A agroindústria é a forma de produção que diferencia da estabelecida pela criação de gado à solta nas chapadas e o cultivo de roças de toco, que ocorre no Sul do Maranhão desde os anos de 1980 por sulistas que chegam à região no final de 1970. Todavia, de acordo com a Fapcen – Fundação de Amparo à pesquisa no Corredor Norte de Exportação, a instalação estrutural que favoreceu a agroindústria nessa região, de fato, sobrevém nos anos de 1990. Pois que, até no fim dos anos de 1970 (Figura 44), o cultivo da terra se dava por meio da roça de toco¹⁸, se caracterizando assim, por ser arcaica, pelo fato dos agricultores utilizarem-se, de técnicas, recursos e instrumentos rudimentares, dentre estes: rotação de terra, foice, enxada, machado, facão, força humana e animal.

Ainda de acordo com a Figura 43, o discurso de que a chegada de Tradings, implantação de créditos via bancos públicos, instituições e de infra-estrutura com apoio do Estado, tenha tirado a região da condição de apatia na década de 1970, causada pelas técnicas rudimentares utilizadas para o cultivo das roças de toco, demonstra o esforço de incutir a lógica mercadológica do crescimento econômico como a tábua de salvação. Sendo que, o que ocorre, na verdade, é a modernização dos grandes latifúndios, que passam a ser empresas capitalistas, retendo para si o uso da natureza. Já as populações locais, como indígenas e sertanejos, perdem, por sua vez, sua base material e imaterial de existência.

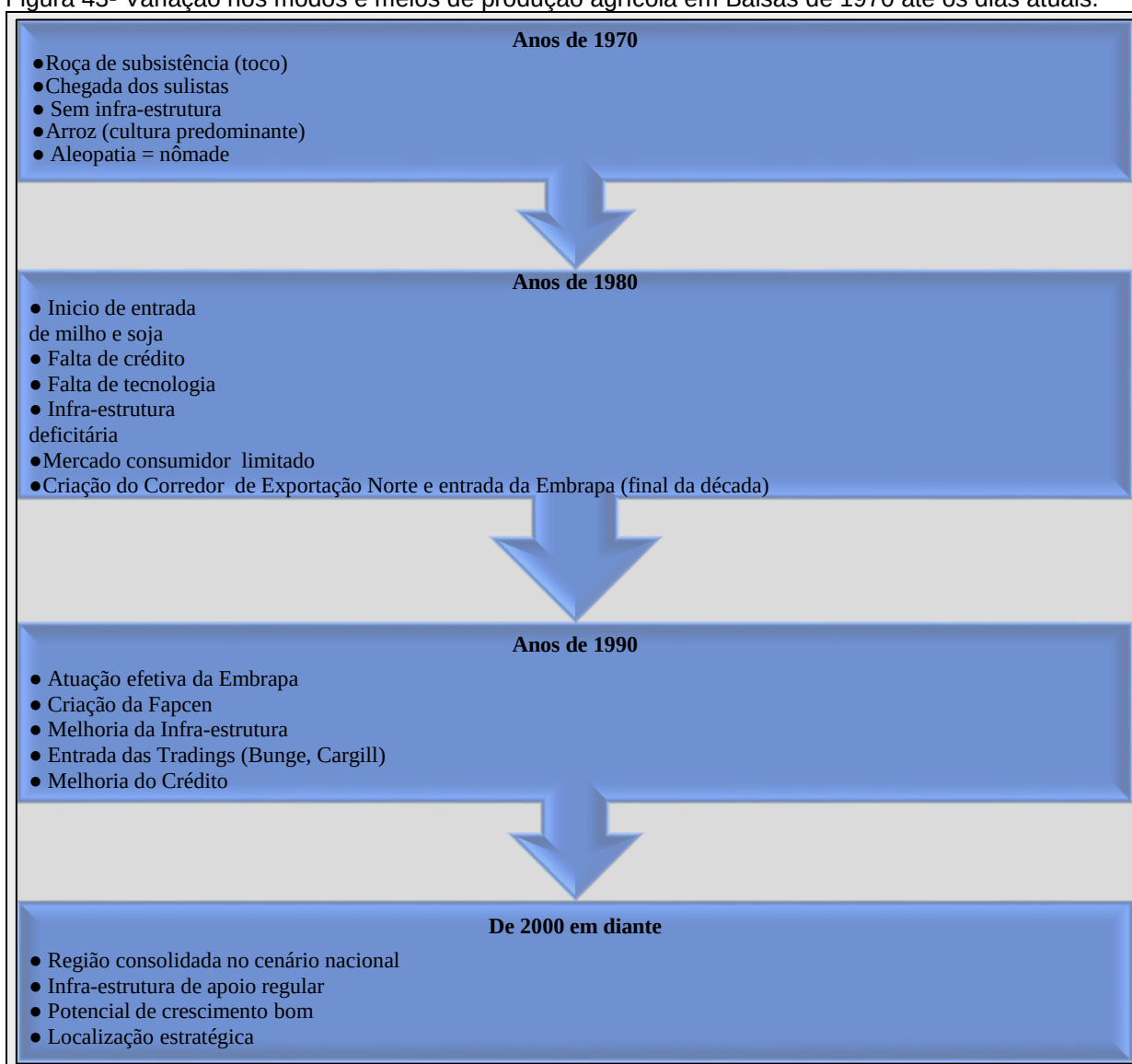
Se apresentando como elemento favorável à inserção da lavoura mecanizada, o quadro natural e ambiental do Centro-Sul do estado, é predominante geologicamente de domínios de chapadões, chapadas, tabuleiros e cuevas de maior resistência à erosão, estando inserido na área de maiores altitudes estaduais, que diminuem gradativamente em direção ao norte (RIOS, 2005), com presença de caudalosos rios, clima tropical e vegetação predominante de Cerrado¹⁹.

(2009), já escreveram sobre a dinâmica modernizadora dos Cerrados brasileiro e sul-maranhense, resultado da expansão da fronteira agrícola, de políticas estatais empreendidas para tal, suas consequências para a promoção da exclusão de populações tradicionais, extinção de espécies animais e vegetais, morte dos rios, crescimento urbano desordenado, geração de conflitos sociais, portanto da desorganização da vida.

¹⁸ O processo de cultivo na roça tem início no mês de julho a agosto e encerra após a última colheita em maio ou junho. A roça é uma prática agrícola de origem indígena e consiste nas seguintes etapas: demarcação, brocagem, derruba, aceiramento, queima, encoivramento, cercagem, plantio, colheita e capoeira (RIOS, 2005).

¹⁹ De acordo com Rios (2005, p. 56), “no maranhão, a paisagem dos Cerrados cobre a porção centro meridional, é caracterizada por savanas, pois é formada por arbustos de casca grossa, galhos retorcidos, associado à vegetação rasteira, avançando em direção ao nordeste, onde há maior umidade no domínio do Cerrado, o qual apresenta arbustos com porte mais desenvolvido e mais denso

Figura 43- Variação nos modos e meios de produção agrícola em Balsas de 1970 até os dias atuais.



Fonte: Fapcen - Fundação de Amparo à pesquisa no Corredor Norte de Exportação (2007)
Org.: ROCHA, 2009

Diante disso, soma-se a grande quantidade de terras sem registro documental e a preços bastante baixos que existiam quando da chegada dos sulistas. Nesses conformes, desde início de 1980, a região passa a ser área de cultivo de monoculturas, e daí em diante, se consolida como tal, em decorrência da infra-

associado a gramíneas e palmáceas, como a carnaúba nas áreas mais altas, e buriti e babaçu nas áreas mais úmidas, caracterizando a paisagem do cerradão. Por outro lado, no sudeste maranhense, área de menor umidade do Estado, o Cerrado manifesta-se com arbustos de porte menor e mais distante sendo superados pela paisagem herbácea; são os campos do cerradinho. Entre as principais espécies do Cerrado maranhense, podem-se destacar: cajuí, araticuru, murici, andiroba, pequi, sambaíba, jatobá, pau-santo, buriti, faneira, pau-terra, pau-de-colher, barbatimão, pau-pombo e canela-de-ema.”

estrutura instaurada e da localização favorecedora em relação à distância de portos marítimos, o que tem acarretado um crescimento econômico da localidade.

Como podemos observar na tabela 05, que dispõe dos dados de produção da soja no Sul do Maranhão nos últimos 30 anos, o cultivo dessa leguminosa foi acompanhado de um crescimento vertiginoso, tanto no que corresponde ao montante em toneladas, quanto à expansão das áreas ocupadas por tal produção, resultado das políticas de reordenamento territorial nas regiões consideradas como fronteiras agrícolas e que tem incidência de forma a impactar a história, a geografia do lugar e por conseguinte a vida.

Tabela 05 - Quantidade Produzida de soja (t) em municípios do Sul do Maranhão nos anos de 1982, 1991, 2000, 2006, 2012 e 2015.

Municípios	Produção (t)					
	1982	1991	2000	2006	2012	2015
Alto Parnaíba	-	825	10.806	45.600	95.523	125.177
Balsas	430	2.070	152.141	246.468	417.325	501.668
Benedito Leite	-	-	1.380	-	672	2.736
Carolina	-	36	7.354	18.696	88.110	106.232
Estreito	-	-	990	1.380	447	669
Feira Nova	-	-	-	114	-	-
Fortaleza dos Nogueiras	-	90	16.488	46.595	73.626	33.329
Formosa da Serra Negra	-	-	-	2.280	3.680	-
Grajaú	-	-	1.464	6.050	14.850	29.700
Mirador	-	-	990	3.906	10.290	31.000
Loreto	-	-	13.989	23.826	72.230	93.713
Porto Franco	-	36	8.344			
Riachão	-	1.767	38.110	61.332	110.262	129.330
São Raimundo das Mangabeiras	-	648	30.474	54.720	44.982	45.244
Sambaíba	-	-	45.866	75.894	138.433	152.930
Tasso Fragoso	-	2.545	118.631	211.680	363.056	436.070

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015

Org.: A autora, 2017

Esses componentes só são possíveis em virtude da moderna tecnologia que transforma a configuração da natureza dos solos, destrói a vegetação original para ceder lugar a outros cultivos, principalmente a soja, ocasionando a diminuição da água dos rios, quando não provocam a seca total destes, diminuição também dos índices pluviométricos, bem como mudança climática.

Há de se considerar que, a ocorrência de mudanças no tempo da produção, que segue o ritmo acelerado da competição e, por isso, torna-se produtividade,

acontece também na existência dos sujeitos. Porquanto as populações locais têm relações próprias para com seu lugar de vida, com seus saberes, seus modos de ver o mundo, as dinâmicas modernizantes do território provocam rupturas no Ser, no Fazer, no Viver desses sujeitos, acentuando conflitos, precarização e exclusão territorial.

Em estudo realizado sobre o implemento dos projetos agropecuários e seus efeitos causados à agricultura camponesa, Andrade (2008, p. 199) explica:

A implantação da agricultura em bases empresariais na região afetou profundamente o modo de vida e trabalho de várias categorias de pequenos produtores diretos aí instalados há várias gerações. [...] Socialmente reconhecida enquanto área de criatório, a região ocupada pelos chamados *gaúchos* passa a sofrer um processo de cercamento, que torna privada a propriedade de recursos antes usufruídos em sistema de uso comum. O acesso a caminhos, fontes, pastagens, passa a ser vedado aos chamados proprietários, moradores de terra da Nação, agregados e vaqueiros. As tensões geradas a partir da implantação dos chamados *projetos* atingem, deste modo, tanto pequenos produtores que detêm o título de propriedade da terra, quanto os que trabalham livremente em áreas devolutas, ou os que estão submetidos a outros grupos sociais. O cercamento das pastagens comunais e o estabelecimento de grandes plantações de arroz sem cerca, em áreas tradicionalmente reconhecidas como de criatório, conduz a um duplo impasse várias categorias de trabalhadores presentes na região: de um lado estabelece a proibição da criação da chamada *miúncia* (ovelhas, porcos, bodes); de outro, impede que o gado dos pequenos criadores perambule à procura das chamadas áreas de *refrigério* nos períodos de estiagem.

Em consequência disso, e pressionados, as populações locais passaram a perder o acesso a seus meios de produção, que ocorreu por meio de vendas de suas propriedades, despejos, grilagem, ou do cercamento de recursos naturais (ANDRADE, 2008). O que leva, diante das novas relações de produção, a inserção de novos modos de vida ou à combinação de outras formas de viver, fazendo compor um panorama de paisagens heterogêneas, tempos diversificados, classes sociais distintas, com formas de uso do território também diferentes e divergentes.

Considerando que houve um rompimento das relações de trabalho, características do latifúndio tradicional, e, que, outras formas foram/são constituídas, como por exemplo, o assalariamento, entendemos, por essa via, que juntamente com a exclusão dos meios de produção, os sujeitos veem-se diante de novas formas de tensão, que podem originar coletivos em movimento (ARROYO, 2016).

E nesse patamar, se incluem as lutas pelo lugar, no sentido em que objetivam dar visibilidade às suas existências. Como exemplo disso, citamos diversas lutas,

como a dos indígenas pela criação de seus territórios, a dos camponeses pela instalação de assentamentos, a dos quilombolas pelo reconhecimento de seus territórios, para ficar apenas no âmbito do rural, já que no urbano, tantas outras lutas são travadas, tendo como reclame, dos sujeitos que clamam, direitos sociais como formas dignas de sobrevivências.

De acordo com Silva (2009) há uma desigualdade de força nesses embates no Brasil e em todas as sociedades capitalistas. Assim, no Sul do Maranhão, esses pressupostos levam à expropriação, desterritorialização, perda das condições materiais de subsistência e da identidade dessas populações, em que perde, com isso, um modo de vida, um tipo único de sociabilidade e de relação com a natureza (SILVA, 2009, p. 191). O que tem gerado grande preocupação no concernente à sobrevivência dos Cerrados e de seus povos.

Vale pôr em relevo, que, o bioma Cerrado ocupa cerca de 25% do território nacional e compreende a parte central do país. No qual é armazenador e dispensor das águas de algumas das grandes bacias hidrográficas do Brasil, sendo elas: a do São Francisco, Tocantins/Araguaia e Paraná. Tal bioma encontra-se em contato com os domínios da Floresta Amazônica, da Mata Atlântica, da Caatinga, da Mata de Araucária e do Pantanal. O que o confere enquanto portador de grande diversidade de ecossistema e de espécies animais e vegetais, e, ainda, étnica, social e cultural.

Nesse sentido a tradicionalidade se configura enquanto elemento importante para se entender a construção histórica e geográfica dessa região, em que os saberes e conhecimentos indígenas foi, em sua maioria, apreendido pelos povos mestiços e negros que habitam o Cerrado desde o período colonial, o que faz, com que o patrimônio sertanejo de conhecimento sobre os Cerrados seja, majoritariamente, de origem indígena.

Patrimônio esse que encontra-se em vias de desaparecimento, com efeito da agressão decorrente do modelo de desenvolvimento agrícola. Pois aí, não só a natureza é afetada, mas também os sujeitos que aí habitam e pertencem. Diante desse modelo as terras foram griladas e roubadas, inclusive, por meio de cessão de terras devolutas por parte do Estado a empresas, fazendo com que as monoculturas florescessem nos Cerrados, ocasionando desmatamento extensivo e saque nos recursos hídricos.

5.2. O espaço-tempo no Sertão

Santos (1982) ao escrever sobre a formação espacial, como Teoria e como Método, analisa o papel do espaço em relação à sociedade e faz uma crítica no que tange aos estudos geográficos estarem direcionados muito mais à forma das coisas, do que pela sua formação, que no caso, impede a apreensão da realidade. E ressalta a função do exame histórico para o entendimento das dinâmicas sociais criadoras e transformadoras das formas espaciais.

Destarte, “a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS 1982, p. 01). E eleger ser a categoria FES-Formação Econômica e Social como a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço, “que diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso” (SANTOS, 1982, p. 01). No qual a produção, ou seja, o trabalho do homem, se apresenta enquanto transformador do espaço, de acordo com leis historicamente determinadas.

Embora possa se pensar tal categoria enquanto capaz de abranger a totalidade socioespacial, nos parece que determinadas variáveis acabam sendo deixadas de lado, preponderando, por essa perspectiva, a análise da organização do espaço pelos vieses econômico, social e político, que ora se apresentam enquanto necessidade primeira na esteira do entendimento das relações sociais. Já em Almeida (2005), vimos que o entendimento da organização espacial, por meio do território, não se reduz a essa dimensão instrumental, se apresentando, também, enquanto objeto de operações simbólicas e como local de projeção das concepções de mundo e de natureza pelos sujeitos.

Não descartamos nenhuma das duas teorias enquadradas, mas corroboramos, que cada sociedade possui variáveis existenciais, e que, por isso, se constrói mediante um constructo histórico determinado. Se apresentando, de acordo com as possibilidades do seu tempo. Onde não pode ser deixado de fora a compreensão concernente aos valores, que orienta os comportamentos dos sujeitos, relativo às práticas de uso do espaço e dos objetos.

Dessa forma, dentro de um quadro que tenha como referência o espaço e o tempo no Sertão sul-maranhense, buscamos apreendê-lo mediante elementos que integram, interagem e se transformam conjuntamente, e, que, por isso, se

apresentam, por meio, de um movimento totalizador, coincidindo, para que, não só o espaço evolua, mas, também, os sujeitos aí presentes.

Uma das formas de entender esse processo é partindo de um ponto de vista das imagens que compõe a realidade paisagística espacial, sendo necessário visualizá-las, a partir da concepção de um espaço socializado, estando, destacadas combinações de formas e de técnicas indicadoras de suas funções, resultado de ações envergadas pelos sujeitos em sua dinâmica pelo re-existir. Para tanto, buscamos fazer uma contextualização entre espaço e tempo, para que, dessa maneira, possamos olhar o Sertão no âmbito de uma estrutura, no qual se desenrola tramas de vida.

Por meio de fotos, podemos mensurar a diversidade paisagística que se apresenta o Sertão na atualidade. Bem distinto do apresentado pelo major Paula Ribeiro ao descrever essa região no século XIX, como também, pelos memorialistas, em seus relatos nos idos anos da primeira metade do século XX, conquanto havendo, em cada momento, determinações espaço-temporais, corroborando para que, se apresentem de maneira diversa em cada estágio do processo de estruturação das relações socioespaciais e, portanto, do viver humano, unidade do simbólico e do real, que se apresenta, impregnado de significados (MOREIRA, 2007).

Mormente, as estradas asfaltadas, as pontes, os riachos secos, os campos de soja, a energia elétrica, a pequena lavoura mecanizada, a roça de toco, o uso de automóveis, a estética das construções, a coerência de distribuição dos arranjos, todos esses atributos, nos falam de um modo de existência, que não se constroem no vazio, mas carregado por uma gama de elementos, sejam eles, econômico, social, político e cultural.

Se em Paula Ribeiro (2002), os rios eram abundantes e caudalosos, que serviram por um longo período enquanto via de acesso entre o litoral e o interior e à outras regiões (CARVALHO, 2000), presentemente, sofrem com a diminuição de suas águas, chegando, alguns, a secarem em determinadas partes de suas vazões e épocas do ano, quando da estiagem que, desde fins do século passado tornou se corriqueiro na região (Figura 44).

Isso acarretou, para que, as grandes cheias, no qual morriam-se boiadas, dificultava o acesso de suas gentes a outras localidades, e se apresentavam como algo que nos causava frisson e emoção ao vermos a imensidão do aguaceiro ao

derramar para além das vertentes dos rios, não exista mais. O que significa uma espécie de nostalgia para quem viu e viveu esses acontecimentos.

Figura 44 - trecho do riacho Arraia que separa os municípios de Lajeado Novo e Montes-Altos/MA



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

A chegada da energia elétrica, em grande parte do Sertão, ocorreu em anos recentes, sendo que em algumas localidades, como nos municípios de Montes Altos, Lajeado Novo, Sítio Novo e Grajaú, parte da instalação foi feita no ano de 2015 e 2016, conforme nos afirmou o Sr. Antônio Maciel. Esse fator trouxe uma mudança para a vida das pessoas, como, por exemplo, o uso de eletrodomésticos e do motor para puxar água do poço, permitindo que chegue até às casas por meio de encanamentos.

Figura 45 - Antena de TV, poste de energia elétrica e casa construída em uma propriedade sertaneja



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Devido a isso, é muito comum, em praticamente todas as residências, a presença de televisores, que substitui o uso do rádio à pilha e interconecta o sertanejo a outras partes do mundo, acarretando para que esse objeto funcione como um entretenimento, mudando determinados hábitos, como a diminuição das conversas entre os membros da casa depois do jantar e funcionando enquanto meio de comunicação que inculca determinados valores e formas de pensar e agir a esses sujeitos.

Figura 46 - Televisor em residências sertanejas



Fonte: A autora, trabalho de campo, janeiro de 2017

Em referência ao uso do território, esse componente tem atendido a uma lógica de racionalidade do espaço, com a instalação de infra-estruturas, resultante de um planejamento no qual, acima de tudo, interessa aos atores hegemônicos da economia e da sociedade (SANTOS, 2002), em que, os demais sujeitos, que compõem a massa, deve ajustar-se, para que possa se inserir nesse processo. Como vemos nas fotos abaixo (figuras 47, 48, 49 e 50), ao mesmo tempo que há campos de monocultura, com a produção voltada para a exportação e financiada pelas *commodities*, há a produção por sistemas de irrigação, feita por pequenos agricultores e financiada pelo Pronaf. E, muito raramente, a prática de roça de teco e a exploração agroextrativista.

Figura 47 - Campo de soja cortado por estrada



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Figura 48 - Pequena lavoura irrigada.



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Figura 49- Roça de toco



Fonte: Acervo, SALES, L., 2016

Figura 50 - Uso de trator em pequena propriedade que faz cultivo irrigado.



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Não obstante, nem tudo é mudança por essas paragens, o espaço sertanejo ainda contém componentes de um tempo que guarda saberes de um modo de vida que foi sendo entrelaçado de acordo com artefatos da natureza, podemos ver isso, quando, dentro das casas e em seus quintais, juntamente com o que a modernidade tecnológica tem proporcionado, objetos erigidos fruto de uma apreensão de um tempo em que só era possível contar com o que houvesse ali, quando a cidade ainda era um lugar longínquo e pouco acessível.

Nas fotos abaixo, trazemos alguns exemplos representados por meio do chiqueiro de prender galinhas para que possam ser abatidas depois de um tempo ingerindo alimentos apenas oferecidos por seus donos, não se alimentando, assim de nada que possa contaminá-las, funcionando, portanto, como uma forma de limpar seus intestinos.

Figura 51 - Chiqueiro para prender galinhas



Fonte: A autora, trabalho de campo, 2017

Temos também, fotos de um fogão de lenha da casa de um dos entrevistados, assim como galinhas que são criadas soltas no quintal e carga sendo transportada no lombo de um burro, como o uso de cangaia e cofos.

Figura 52 - fogão à lenha e carvão



Fonte: A autora, trabalho de Campo, janeiro de 2017

Figura 53 - Galinhas criadas soltas nos quintais das casas



Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2017

Em que se trate, das relações de sociabilidade, esse componente ainda faz parte da vida dos sertanejos, embora a proximidade com a cidade tenha ocasionado para que determinados valores e práticas tenham sofrido redução e descrença por parte de muitos. Explicitando melhor sobre esses fatores, o que tem ocorrido, é que, os ajuntamentos e os passeios nas casas de amigos e compadres, que era um componente, que acontecia regularmente, aos domingos, até mais ou menos, uns vinte anos atrás, foi deixada para trás, ao invés disso, as pessoas se entretêm

assistindo TV e/ou, muitas vezes, em bares, tomando bebida alcoólica e jogando sinuca. Porém, em alguns casos isolados e, principalmente, em fins de ano, acontecem reuniões (Figuras 54 e 55), no qual participam amigos e familiares, sendo comum a celebração, por meio de almoço, reza e jogo de futebol.

Fotos 54 e 55 - Reunião na casa de sertanejos para celebrar o fim de mais um ano



Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2015

O que se percebe, contudo, é que tais práticas, se configuram para os jovens, como algo atrasado e que não representa um evento que proporcione tamanha diversão, como os que ocorrem na cidade. Esse tipo de comportamento não é entendido pelos mais velhos, que ora ou outra nos disseram que “tal isso, tal aquilo, não interessa a esse povo mais novo de hoje”. Ou então, “esse povo novo de hoje não quer saber mais de nada não”.

Observando de perto a caracterização do espaço-tempo do sertanejo, percebemos que suas vidas estão pautadas, presentemente, no uso do espaço de forma racional e, por meio, de vários embates, sejam eles de ordem a se manterem no território, no qual se acham pertencentes, quanto, ainda, no fato de manterem apegados a certos elementos que lhes dão importância significativa e os conduzem no processo de re-existência e re-afirmação.

Contudo, o uso de técnicas e tecnologias modernas, para os afazeres domésticos, com o trabalho junto ao gado, na produção de alimentos e a grande frequência e velocidade dos deslocamentos, são acontecimentos que vêm junto com o despertar para novas ações e, assim, novas necessidades vão sendo postas, como, por exemplo, estarem informados no âmbito econômico e político, discernindo assim, sobre os que lhes favorecem ou não.

Dessa forma, tendo em vista o que foi demonstrado, o nosso entendimento vai de encontro a conceber esse lugar (Sertão), pela perspectiva de um espaço aberto (MASSEY, 2009), interconectado às outras escalas, que coexiste num movimento constante, corroborando para que espaço e tempo, juntos, sejam resultados de um múltiplo devir.

Pensando por essa análise, de acordo com Massey (2009, p. 201) “o ‘aqui’ é nada mais (e nada menos) do que o nosso encontro e o que é feito dele. E, irremediavelmente, aqui e agora, não será o mesmo ‘aqui’ quando não for mais agora”. O que corrobora, para que, ainda, de acordo com a compreensão da autora, o “‘aqui’ é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades, onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história” (MASSEY, 2009, p. 201).

Por essa razão, as dinâmicas do ser e do estar, estão geridas, por meio de diferenciações das temporalidades, que proporcionam a continuidade do existir. Assim, pensar o “lugar”, é sempre entendê-lo, como algo que se transformou, um imbricar de histórias, que não se trata apenas do fato de que velhas estruturas ruíram ao longo do tempo. Trata-se, também, de que a natureza está mudando, e, conseqüentemente, as paisagens, os sujeitos mudam continuamente e, portanto, os valores, e que, os elementos desse “lugar” estarão, sempre, sendo dispersos, em diferentes tempos e velocidades.

5.3.O sertanejo maranhense: sujeitos do atraso ou figuras representativas de um lugar

“Sou um sertanejo da roça, mas atualizado na cidade”.
(Sr. Francisco dos Santos Barros)

Trazemos, novamente, para o texto, a frase pronunciada pelo Sr. Francisco Barros, que nos apresenta ser categórica, para que possamos compreender e explanar de forma explicativa acerca do Sul do Maranhão, abordando-o, por meio do sertanejo enquanto figura representativa desse lugar. A fala de nosso interlocutor, deixa implícito, que o mesmo se coloca enquanto sujeito que possui modos de vida e práticas obsoletas se comparadas ao modo de vida das pessoas que residem na cidade. Ideia, essa, que fez parte do pensamento social brasileiro ao tecer a relação

sertão-litoral, colocando-a, como um dualismo. Em que, como ressalta Marc (2011, p. 67):

O homem do interior foi, no centro dessas representações, uma das categorias mais importantes abordadas, analisadas e interpretadas pelo pensamento social, presentes nos textos de intelectuais de 1850 até, pelo menos, 1964. Em torno dessas populações, compreendidas com base no preestabelecimento de uma determinada hierarquia de raças, de sua inserção em um espaço geossimbólico identificado como sertão, articularam-se, portanto, diversos valores e significados, em tudo conformadores de uma história mítica de uma comunidade imaginada chamada Brasil.

Sabemos, por meio de leituras de autores que abordam a interpretação da formação histórica do Brasil, que sertão e litoral representaram os contrastes da sociedade brasileira, havendo a imagem do litoral, como espaço moderno, em oposição ao interior (sertão), espaço de atraso e parasitismo (AMADO, 1995; ALMEIDA, 2003; MARC, 2011; VICENTINI, 1996; SOUZA, 1997). Em síntese, o homem do sertão, miscigenado, de modos grosseiros, apresentando uma forma de vida conectada ao tempo da primeira natureza, usando de técnicas rudimentares para a produção de alimentos, carregando consigo o cheiro do gado e do mato, desconhecendo, boa parte deles, das letras, portanto, “incivilizado”, se configurou como o anacrônico, comparado ao homem do litoral, em sua maioria branco, com estilos de vida copiado do europeu e, por isso, “civilizado”.

Pensamos, por meio, do que foi colocado, que, mais do que apontar e descrever as ideologias e construção da nacionalidade e das representações distintas sobre a vida social no sertão e no litoral, o que se faz relevante, aqui, é considerar essa construção ideológica enquanto um sistema simbólico, para que possamos perceber o lugar, no qual os sujeitos adjudicam a si, e ao Outro. Nessa lógica, tomamos de empréstimo a noção de que sertão é muito mais do que apenas um termo ou vocábulo caracterizador de uma região específica (MARC, 2011). Destarte,

É, acima de tudo, um campo simbólico, uma região de significados e relações de sentidos estruturadas por um conjunto mais ou menos aberto de categorias cognitivas que, muito mais do que produzir ou caracterizar objetivamente uma unidade geográfica, a constrói simbolicamente, sempre com a finalidade de produzir uma narrativa da formação histórica do país, da fundação da nação ou da construção da identidade nacional [...] (MARC, 2011, p. 72).

Algumas conotações fizeram parte das narrativas de estudiosos da temática, ao longo do tempo, onde destacamos o sertão dos viajantes, para quem a natureza estava dentro do âmbito das determinações sobre as ações humanas, lugar de “vazio” social e “vastidão”, uma “imensidão” pouco conhecida. Assim, “sertão”, seria derivado de “desertão”, se configurando enquanto espaço rarefeito de homens e abastado quanto às riquezas naturais. Consistindo que, por meio dessa compreensão acerca do espaço sertão, novas ideologias foram sendo traçadas e tramadas, desencadeando no processo de expansão da fronteira agrícola, o que provocou e provoca (des) reestruturações no território e, especialmente, na vida humana aí presente. Por meio desse constructo, tomamos o sertão não apenas como um espaço geográfico (espaço real), em que tanto a história oficial, quanto a oral, se encarregam de nos mostrar os acontecimentos passados, que depreendem no presente e, conseqüentemente no futuro. Mas, como espaço imaginário e, ainda, simbólico.

No que pese, ao caracterizarmos, o sertão, enquanto espaço real, comungamos que o mesmo, faz parte do conjunto das regiões brasileiras, incluso numa representação de subalternidade e, conquanto, referente à condição de excluído socialmente. Já, imaginariamente, sua referência mais marcante está na sua forma de organização social e de orientação cultural, ou seja, uma sociedade tradicional sertaneja, corroborando, para que exista, segundo alguns estudiosos, dois brasis: um urbanizado e desenvolvido; e outro subdesenvolvido e atrasado, embora o Brasil seja isso, desigual desde a sua formação. No que se refere à constituição simbólica da região, esta está pautada na singularidade identitária dos sujeitos, que se faz, mormente, por meio das crenças representadas, dos valores, das relações com a cultura, que reverberam no Ser e no Viver dos sertanejos.

Além do mais, ao privilegiarmos a linguagem do espaço simbólico na leitura do mundo (MOREIRA, 2007), a subjetividade é posta em evidência, demonstrando que na estrutura vigente, os elementos objetivos, condizem com as tramas de vida dos sujeitos, de forma tal, que se apresentam indissociavelmente entrelaçados. Concernente ao o que está sendo exposto, procuramos pensar o sertanejo, por meio de três eixos representativos, para que, dessa maneira, possamos entender seus modos de vida. São eles: as relações de sociabilidade; as relações de trabalho e o tempo do sertanejo.

Para isso, retomemos os relatos feitos pelos memorialistas, expostos no capítulo 04, que nos demonstram, por meio das suas falas, que o tempo dos acontecimentos é visto, por meio, da plasticidade espacial, e que, assim, a vida social, encontra-se relacionada ao modo de fazer proposto pelo presente, não desvinculado das lógicas precedentes. No qual, ao rememorarem sobre o cotidiano há, mais ou menos, cinquenta anos atrás, eles trazem para o presente não apenas o relato da forma de vida no trabalho, no seio da família, na religiosidade e nas festividades, trazem também, uma leitura simbólica do sertão, rica de significados subjetivos.

No simbolismo da fala, a obediência devida aos pais, os afazeres domésticos, na roça e na lida com o gado, desde muito cedo, é uma forma de um entendimento da vida que ficou para trás, embora, para os mesmos, continuam sendo valores caros, assim como as relações de parentesco e de compadrio. A descrição paisagística, como as matas fechadas, as enchentes dos rios, o gado criado solto nas chapadas, são relatos de uma representatividade de um sertão longínquo e prenhe de riquezas naturais, em que a força do sertanejo se configurava enquanto suporte de re-existência. Sobre esses fatos, há os dizeres: “naquele tempo das cheias”, “naquele tempo de meus pais”, “naquele tempo das panhas de arroz”, “naquele tempo...”. Tal termo constitui o significado de uma vida, de estruturas específicas, que simboliza para o sertanejo enquanto saudosismo de “outros tempos”, subentendido como tendo ficado para trás, embora não inteiramente, porquanto continua vivo em suas memórias.

Já no tempo presente, a nova configuração do sertão, está assentada numa intensa interdependência com o urbano, resultando na ida à cidade, praticamente, diária; uso da tecnologia, como tratores e fertilizantes para trabalhar a terra, dispensando os machados, as foices e as enxadas; presença da energia elétrica, novas relações de trabalho que faz com que algumas propriedades opte por fazer o pagamento em forma de salário e com carteira assinada, embora ainda seja frequente o acerto em forma de diária, para o caso de roço dos pastos e/ou no caso, em que, de cada cinco bezerros nascidos anualmente, um é do vaqueiro.

No que se trate das relações de sociabilidade e compadrio, como mencionado anteriormente, agora estão mais vulneráveis; pois segundo os entrevistados, hoje em dia não se pode confiar inteiramente nas pessoas, como antigamente; já sobre a religiosidade, o que se verifica, é que as rezas domingueiras, têm sido escassas e

que, muitos têm deixado de ser católico para se tornarem evangélicos. Um elemento importante é a velocidade dos acontecimentos, das idas e vindas e das informações, o sertanejo, hoje, precisa estar atento, pois também está interconectado ao mundo dos negócios, trabalhando com financiamentos bancários e, por isso, precisa entender de valores monetários, juros e etc., consoante com tudo isso, houve mudanças, em parte, de hábitos e de valores.

Um elemento que ainda permanece é o costume de cultivar plantas, ervas medicinais, hortaliças, árvores frutíferas e criar animais de pequeno porte, que servem na alimentação, como porcos e, principalmente, galinhas. Tais práticas consistem numa relação que vai além do caráter econômico, é algo indicativo de que esses elementos fazem parte da casa, que não se resume à área construída em si, pois expande quintal afora, nos quais, as árvores frutíferas, como as goiabeiras, mangabeiras, jaqueiras, laranjais, dentre muitas outras, possui uma história, de quando e quem plantou, e, a maioria delas, fazem parte da vida das pessoas que ali habitam.

O dormir e o acordar cedo, continua uma prática, mesmo porque, a lida diária constitui-se por ser exaustivo, devido ao trabalho intenso. E, ainda que seja um dia de domingo ou em feriados, quando guardam, o hábito não muda, pois, segundo eles, é um costume, assim como o desjejum com cuscuz de arroz, ovos cozidos, leite, café, coalhada e até mesmo arroz com farinha e carne, que são alimentos que dão sustança para o enfrentamento com a labuta. No almoço, não pode faltar, o arroz, a farinha, o feijão ou a fava e, quando possuem recurso, a carne, comumente, a carne seca. Bem que, com a chegada da eletricidade, e consequente compra da geladeira e freezer, a carne de gado é congelada, podendo ser consumida por um bom tempo. Importante frisar que, o sertanejo que possui criatório bovino, faz a matutagem, põe para secar uma parte da carne ao sol e congela o restante.

É na perspectiva do lugar que enxergamos o existir do Sertão sul-maranhense. Na medida em que esse espaço ajunta pessoas, símbolos, comportamentos, valores, fazeres e tradições e aufere formas. Formas essas delineadas por significados que conduzem as ações.

Trazendo esses aspectos para a forma de organização da moradia sertaneja, vimos que, as casas mais antigas possuem uma grande sala, chamada de varanda, onde são recebidas as visitas, os quartos são separados entre o que pertence às mulheres e o que pertence aos homens, e o quarto do casal, a mesa onde são

oferecidas as refeições está em um cômodo e a cozinha em outro, pois a cozinha é espaço das mulheres. Em algumas casas há alpendre, o que funciona como local de conversas e descanso, onde também são recebidos os visitantes.

A casa, quase sempre, é cercada por cercas de arame, em que uma cancela serve como porta de entrada e saída, na frente há pátios com presença de pés de manga e campo gramado, sendo também um espaço para o futebol quando acontecem as reuniões e que está disposto o curral para o gado, espaço de trabalho dos homens. As propriedades que foram sitiadas pelos avós e/ou por pais dos donos atuais e que, por isso, configuram-se por ser um local antigo, apresentam formas diferentes das sitiadas mais recentemente. Alguns, dentre os elementos que podem ser notados, é a presença de capelas, no qual estão enterrados mortos da família, principalmente os patriarcas, pequenos cemitérios, casas externas, que guardam objetos velhos e não mais usados, como jipes, carro de boi, tachos enferrujados, velhos moinhos e etc.

Se, em grande parte dos estudos que intenta sobre a imaginação social brasileira, a imagem construída do Brasil é de um país dual, colocando, portanto, o sertão como o suporte mítico da narrativa acerca da conquista da civilização em seu devir, no qual, o sertão é mantido inalterado, ageográfico e atemporal (SENA 2011). “E o sertanejo, por sua vez, é um personagem da narrativa mitológica e não constitui um grupo social empiricamente reconhecível [...]” (SENA, 2011, p. 105).

Retrucamos que, conforme pudemos constatar por meio do discurso dos sujeitos, nossos interlocutores referentes ao diálogo sobre a existência, ainda, do Sertão no Sul do Maranhão e exposto no capítulo 04 deste trabalho, o Sertão é lugar produzido pelo os que nele habitam, se caracterizando enquanto espaço concreto, e que, por isso mesmo, em transformação, não se configurando mais como “espaço vazio”, “espaço lento”, “espaço distante”, “espaço da desordem”. Denotando que a narrativa criada para o sertão, desde o tempo da colônia, não esteve em uma posição apenas de bipartição geográfica, mas se apresentando também, como sendo o *outro*, ou seja, lugar oposto à civilização, um contraponto.

Não obstante, o discurso empreendido pelos sertanejos, deixa evidente que se trata de um discurso regionalista, em que, mesmo que a modernização seja um fator que vem adentrando com força a localidade, provocando alterações e redefinições, há entre seus moradores, a confirmação de símbolos, que torna o Sertão, lugar onde se concretizam as relações sociais, de trabalho, de intersubjetividade. Mormente, o

Sertão é mais do que um local que o sertanejo habita, já que o Sertão, também, mora no sertanejo.

Diante dessa reflexão corroboramos com Leal (2012, p. 120), para quem, “o modo de vida e as ações humanas, as relações sociais e o próprio viver são indissociáveis dos lugares em que acontecem e se constroem. O estudo de um perpassa pelo outro de tal forma que seus sentidos se fazem juntos. O lugar só se estabelece pelo viver e o viver é o modo de vida”.

Dessa forma, ao migrarem para o espaço urbano, o modo de vida não é esquecido, continua em suas práticas, mesmo que parcialmente, estando de acordo com as possibilidades de tradução no novo lugar de morada, sendo que grande parte dessas práticas, se encontram por meio do cultivo de hortaliças, plantas medicinais, árvores frutíferas e criação de galinhas, em seus quintais. No quadro abaixo, demonstramos, dentre os diversos componentes, que fazem parte da vida dos sertanejos, alguns que reproduzem os seus saber-fazer e elencam momentos presentes em suas memórias.

Quadro 07 - Elementos presentes no espaço sertanejo constituidoras de representação simbólica

Imagem	Representação simbólica
	Canteiro de plantio de hortaliças O plantio do próprio canteiro de hortaliças significa para as mulheres sertanejas a produção de alimentos como um elemento que foi apreendido pela mãe, avó. É um saber-fazer que permanece em suas práticas.
	Forno em ruínas Algumas ruínas de construções antigas estão presentes, o que constitui enquanto componente que faz rememorar tempos vividos ao lado de seus antepassados e que fazem questão de mantê-los.
	Cemitério no pátio da fazenda Os cemitérios presentes nas fazendas são compostos, principalmente, por familiares, como pais, avós, bisavós. Nos dias de finados são acendidas velas pela alma dos falecidos. Esse espaço representa-se enquanto sagrado, pois ativa as lembranças, as emoções, dos parentes vivos.

	Antigo automóvel de uso da família em desuso	Assim como o velho forno, o automóvel antigo também tem o valor sentimental, que traz para a memória a forma de vida passada, os deslocamentos.
	Oratório	Os oratórios representam a religiosidade dos sertanejos, que se fazem existentes nas residências dos velhos, demonstrando suas devoções aos Santos da Igreja Católica. No entanto, a igreja protestante tem avançado sobre o sertão, e, muitos sertanejos, atualmente, cultivam a prática protestante.
	Pátio – espaço externo que fica em frente à da sede da fazenda	Nas fazendas sertanejas, o pátio, representa um espaço da propriedade que possui funções diversas, como o embelezamento da propriedade, para o trabalho com o gado e com os cavalos, como também, de campo de futebol em dias de adjuntos.
	Alimentação oferecida no café da manhã no Sertão	A alimentação é composta por alimentos comprados na cidade e pelos produzidos na propriedade. Como vemos na foto, a massa para fazer o cuscuz de milho foi adquirida na cidade, já os ovos, o leite, são da própria produção.
	Curral para o gado	O curral feito de madeira é utilizado nas fazendas em que se criam gado. Aí, dentre tantos outros afazeres, as vacas leiteiras, são presas no final da tarde, onde ficam separadas de seus filhotes (bezerros) para que logo ao amanhecer, no dia seguinte, seja retirado o leite que é usado na alimentação diária. Neste curral.

Org. A autora, 2017

Os componentes representados por meio do quadro acima, demonstram que, embora não possamos descaracterizar as práticas sertanejas do âmbito das relações capitalistas, esses sujeitos seguem construindo e readaptando suas formas

de vida, carregando conhecimentos, valores e visões de mundo diferente da ideologia modernizadora e desenvolvimentista, mesmo assim, há um diálogo com tal ideologia, acontecendo em grande parte de maneira fragmentada e impositiva (PORTO GONÇALVES, 2002).

Isso não significa dizer que não existe uma ânsia pela acumulação de bens, divisão social de classe e relações de poder, esses elementos estão bem esclarecidos quando do processo de colonização da região, só se acentuado ao longo do tempo. O que ocorre, acima de tudo, é a diferenciação no modo de uso da natureza e das técnicas, que se dá de maneiras muito particulares em relação às formas modernas dominantes.

Porto Gonçalves (2002), ao avançar na reflexão acerca do Cerrado, incorpora em sua análise, as características ecológicas, a formação e o histórico de ocupação na região que compõem esse bioma. E ao situar sobre os saberes que ainda permanecem, diante das estratégias de reprodução capitalista, o pesquisador constrói a seguinte síntese:

Esses modelos e visões de mundo se colocam muitas vezes como instrumentos de resistência ante a introdução das práticas capitalistas. Neste contexto, os camponeses (*sertanejos*) (*grifo meu*) são taxados de atrasados, resistentes a inovações, apegados a tradições irracionais, sem espírito empresarial, incapazes de assimilar as soluções modernas redentoras (PORTO GONÇALVES, 2002, p. 123).

Ainda, de acordo com o autor, “esse processo foi e é responsável pela sobrevivência física e cultural de inúmeras comunidades rurais e indígenas[...]” (idem, p. 123), apresentando-se enquanto outros sistemas de percepção e de racionalidade, no qual carregam, fruto do processo de convivência e de adaptação com a natureza. Tais pressupostos não encerram a discussão do sertanejo enquanto sujeitos do atraso, pois esse ponto de vista depende do lugar ocupado pelo observante.

Vejamos, a fala do Sr. Nescival Rocha:

Não tem ninguém atrasado não, hoje, até o povo do sertão está mais avançado já, não é igual ao da cidade não, mas todo mundo já tá bem avançado na tecnologia, com tudo.

Já o pesquisador Adalberto Franklin, ao discorrer a respeito de o sertanejo ser considerado uma figura do atraso, nos trouxe a seguinte leitura:

É um processo civilizatório que com o tempo ele realmente se modifica, ele vai mudando, então eu acho que é um ciclo, esse ciclo, ele está se extinguindo, agora no século XXI. Então, o que a gente tem é porque, isso não muda de um momento pra outro. Há espaços mais resistentes, no sentido de que perdura mais tempo, ainda é possível ver sim, mas a juventude não quer mais ficar nesse tipo de vida. Então a gente encontra nesses povoados mais antigos, mais os idosos, pessoas com mais de 50, 60 anos, mas a juventude você não vai mais encontrar, a juventude quer uma vida urbana, a juventude quer uma vida da comodidade, da comunicação, então eles não se submetem a isso. Quando eles se dedicam à economia rural, seja fazendas, seja outra atividade, eles preferem nos moldes mais modernos da tecnologia. Eles não querem mais essa vida, da dificuldade, da rudeza, eles não querem mais, por isso, mesmo que seja no campo, eles querem uma vida com características urbanas.

Diante dos relatos feitos pelos dois entrevistados acima, fica claro que o próprio sertanejo já se viu, e ainda se vê, enquanto sujeito do atraso, mas que têm procurado mudar ao longo do tempo, em que o ser moderno é, também, algo desejável pelos mesmos, principalmente, quando se trata dos mais jovens. Isso tem feito com que a migração para a cidade seja fortalecida, por esse local se constituir como uma representação do desenvolvido. Embora sejam esses aspectos fruto de discursos do capital globalizante, que tem o campo como local de produção do modelo monocultor-exportador de expansão da fronteira agrícola, provocador da desterritorialização das populações que tradicionalmente habitam esse território.

Concernente a esses fatores, Dona Maria Nascimento nos relata, que os mais novos não querem saber da roça, só querem está na cidade e que todos os conhecimentos adquiridos desde gerações passadas, podem ir se perdendo. O que a deixa preocupada acerca do que será feito da memória de seus antepassados. E nos leva a refletir sobre o caminho em que estão seguindo as novas gerações ao terem esse lugar como local de repulsa. E, acima de tudo, se a a cidade vem de fato a suprir os anseios por melhores condições de vida para esses sujeitos.

Ainda, de acordo com os entrevistados, os filhos terem ido para a cidade e estudado, apresenta-se como motivo de orgulho, pois segundo os mesmos, a vida na roça nunca foi fácil. Segundo o Sr. Francisco Barros:

Eu adquiri terra e perdi tudo no banco, aí tinha essa terra aqui que era de ninguém e eu estou com 26 anos. Graças a Deus deu para criar o resto da família, educar os filhos, que formaram todos. Os filhos têm uma que é professora e outro dois, um rapaz e uma moça, com formação em direito. Dos meus 11 irmãos, somente um estudou, fez direito em Goiânia. Papai tinha muita vontade que estudássemos, mas não tinha colégio para os filhos estudarem.

Educar os filhos na cidade tornou-se prioridade e, isso acontece, em grande parte, pelo fato do sertanejo ter consigo o pensamento que é necessário os filhos terem uma vida diferente da que têm e/ou tiveram, de trabalho árduo na roça e com o gado, como também, por acharem-se atrasados e rudes. Observamos ainda, que há uma diferenciação, nos últimos tempos, no concernente ao gênero, sobre quem tem prioridade em ficar no Sertão. No caso das mulheres é, geralmente, colocado como necessidade para que migre para a cidade, já que a mulher que fica no Sertão não tem o que fazer, além de casar e ter filhos. No caso dos homens, estes ainda podem trabalhar de vaqueiro, tratoristas, etc.. O que ocorre, diante disso, é que o espaço rural está se tornando local de trabalho.

Mediante o exposto e fazendo um contraponto com a organização familiar de meados de 1950, no qual, naquela época apenas o filho mais novo era colocado pelos pais para estudar, se formar, tornando-se o inteligente da família e os outros filhos permaneciam na localidade, onde trabalhavam e se casavam, incluindo homens e mulheres, cada qual com seus afazeres, em que o curral era território dos homens, assim como a casa, principalmente, cozinha, das mulheres, embora, as mulheres não fossem dispensadas do trabalho na roça em época de plantio e de colheita, consideramos que as transformações ocorridas, não estão pautadas apenas em objetos e práticas que tornaram-se obsoletos mediante a incursão de tecnologias modernas, mas, sobretudo, na própria estrutura societal, na forma de ver o mundo e nas ações empreendidas.

Por conseguinte, denominar a sociedade sertaneja na qualidade de atrasada, ao mesmo tempo em que se caracterizou a sociedade litorânea como desenvolvida, em virtude de seus modos de vida, significou uma forma de enxergar a si mesmo, tendo o outro como base para a sua caracterização, reverberando num imaginário do homem do Sertão enquanto matuto, vivendo na barbárie, longe da civilização. O que inculcou para que o próprio sertanejo se veja enquanto tal, passando a objetivar o adentro no mundo moderno. Ao mesmo tempo que as mudanças socioterritoriais impuseram-lhes, também, novas práticas cotidianas, embora carreguem consigo modos de vida e laços culturais de um viver rural.

5.4.O que é o Sertão sul-maranhense hoje

Não há como fazer uma reflexão abordando o Sul do Maranhão, na atualidade, se não o contextualizarmos com o Cerrado (pensando por uma lógica de nomenclatura), principalmente se refletirmos esse espaço diante de um contexto territorial, e que, por isso, leva em consideração entender os processos sociais, em consonância com a discussão de natureza modificada, transformada, que tem como resultado a sua degradação e, por conseguinte, a transformação e degradação do trabalho. Esses, são fatores que vêm se acentuando com mais profundidade desde a década de 1980, o que faz, com que, desde então, o Cerrado seja colocado como fonte de produção do capital monopolista e de pesquisa e, assim, os estudiosos têm se debruçado com o intuito de refletir, compreender e explicar como isso acontece (PORTO GONÇALVES, 2002; MENDONÇA, 2004; PELÁ & CASTILHO, 2010; PEIXINHO, 2003 SILVA, 2009; SILVA, 2006).

A história dos povos do Cerrado é uma história de diversos tempos sociais, o que ocorre para que haja a necessidade de refletirmos acerca de uma abordagem que integre os conflitos, as experiências e, assim, investigue os gostos, os costumes e os modos de vida. Desta forma, há um chamamento dos componentes constituídos ao longo do tempo, que ocorrem num movimento constante da vida e imbricado em um sistema de valores. Esse enunciado é caracterizado por Almeida (2005), quando discorre acerca da natureza culturalizada e as contradições da biodiversidade.

Logo a autora considera que:

Há uma pluralidade de valores frente ao Cerrado que nos faz afirmar que a natureza é um conceito plural. Para uns, Cerrado é ecossistema, para outros é capital. Há aqueles que defendem o Cerrado pela beleza de suas paisagens, o sacralizam, ufanam-se de um entorno em equilíbrio que outros já o consideram caótico (ALMEIDA, 2005, p. 322).

Diante disso, há o entendimento, de que os sujeitos, que aqui coloco enquanto integrante do “povo de Cerrado”, ou seja, os sertanejos sul-maranhense, têm passado por um processo de mercantilização, existindo, assim, um constructo político, econômico e cultural, no qual, há a incursão do pensamento sobre o Cerrado enquanto improdutivo para torná-lo celeiro agrícola.

Na contramão desse pensamento, Porto Gonçalves (2008, p. 102) elucida:

Esse conceito de pobreza ou deficiência de fertilidade do solo é oriundo da agronomia moderna que definiu os macro e micro elementos químicos (nutrientes) que fazem um solo ser considerado rico ou pobre em nutrientes. Certamente, essa definição tem a ver com as exigências das principais

culturas alimentares do mundo que não são iguais, por exemplo, às das plantas frutíferas do Cerrado como pequi, buriti, araticum, mangaba, cagaita, cajuzinho, bacuri, etc., do Cerrado. Estas plantas nascem, crescem e reproduzem com um nível razoável de fartura, em condições chamadas por essa agronomia de baixa fertilidade e alta acidez dos solos, inclusive com níveis de alumínio considerado tóxicos. [...]. Esses solos teoricamente pobres, sustentam uma das maiores e mais ricas biodiversidades do planeta.

Na perspectiva do Cerrado enquanto improdutivo, esses sujeitos que aí vivem passam a serem enxergados como incapazes, pondo em pauta a racionalidade que é necessário urbanizar e livrar o campo de suas gentes, já que é preciso dar lugar a uma nova lógica de produção, converter os padrões estruturais do espaço, provocando alterações bruscas da vida. Em contrapartida surgem identificações a partir de causas comuns que geram lutas em prol de um pertencimento à determinada classe social, às questões étnicas, religiosas e etc., incluindo, assim, o papel dos sujeitos, no qual, as experiências aparecem como determinadas pelas condições históricas. Ao mesmo tempo, em que existe uma outra dimensão da cultura, que se dar de forma individualista e consumista.

O entendimento que se tem, é que o Sul do Maranhão, hoje, é composto por Sertões e não-Sertões. No entanto, o Sertão existente é composto mais pelo imaginário social dos de dentro, do que realmente pela situação do lugar, em que as grandes distâncias, a lentidez do tempo e a rusticidade, não são mais componentes principais de sua estrutura socioespacial. E para entendermos isso, precisamos considerar o contraditório, o movimento, os arranjos e as estratégias criadas no/pelo território, no qual há uma pluralidade de valores frente a esse espaço, resultado dos diferentes sujeitos que aí se encontram hoje.

Sendo que o tem sido o causador de forma mais efetiva e emblemática para o processo de reorganização socioespacial se coloca como advindo do ideário desenvolvimentista caracterizador das políticas governamentais impostas desde a década de 1950, ocorrendo para que haja uma reinvenção do Cerrado enquanto “celeiro do Brasil” e como fonte de energia (ALMEIDA, 2005).

Ainda no que diz respeito aos valores dispensado a esse bioma advindo de formas diferentes e divergentes de enxerga-lo Chaveiro & Barreira (2010, p. 16), esclarece:

Deve-se considerar que reside em qualquer leitura do Cerrado e na produção do conhecimento que o toma como objeto uma ação política com desvelo ideológico. Há, portanto, uma diferença de sentido quando, por exemplo,

povos indígenas do Cerrado usam determinadas espécies para transformá-lo em chá que ajuda a conter a dor provocada pela TPM – tensão pré-menstrual, comparado aos recursos e equipamentos utilizados por pesquisadores financiados por organismos internacionais que desejam mapear o princípio ativo da mesma planta para transformá-lo em mercadoria da poderosa indústria farmacológica.

Por conseguinte, ao trazermos, neste trabalho, a análise de como se configura o Sertão sul-maranhense no presente, devemos considerá-lo enquanto espaço disputado por dinâmicas economicista, ao mesmo tempo em que há reações de agentes que procuram manter certas rugosidades socioculturais que reverberam nas paisagens e nos modos de vida, fruto de valores identitários. O que faz com que corroboramos com Castilho & Chaveiro (2010), quando ao elaborarem uma análise territorial do Cerrado apontam ser este, “um território integrado ao mundo, mas desigual e cindido em sua particularidade. Esse processo integra, numa mesma lógica, diferentes campos de vida, desde os naturais, genéticos e simbólicos, passando pelo econômico e social, até o cultural e político” (p. 36).

Embasado nesses pressupostos, tomamos como exemplo do que acontece na região Sul do Maranhão, a narrativa construída pelo nosso interlocutor, o Sr. Paulo Rosa de Andrade, oriundo de Paciguara- MG, que chegou em Grajaú no ano de 1976, permanecendo até o tempo presente. O nosso objetivo maior, mediante essa entrevista, foi o de entender como era enxergado esse espaço, por um sujeito de fora, ainda na época no qual não havia chegado os meios modernos de comunicação e de produção, e, como esse olhar foi evoluindo ao longo de todos esses anos e como se apresenta hoje. Assim, de acordo como o Sr. Paulo:

Eu vim para cá em 76, por motivos que, as terras lá em Minas foram ficando muito caras. Aí aqui as terras eram baratas, na época, então você vendia uma parte delas e aí comprava mais aqui. Isso quando cheguei aqui era roça de toco, o gado, era esse gado que se assim a solta, o curraleiro, não tinha pasto, não era um gado de qualidade, nem pra leite e nem pra carne. Para vender para os frigoríficos não funcionava não, até porque não tinha pasto e não era aquele gado gordo. E o problema maior aqui foi as estradas, não tinha, tinha essa BR aí, mas os sertões não tinha estrada e a BR não era asfaltada e isso atrasou muito, foi um atraso grande demais, só muito depois a estrada foi pavimentada, em 1998.

Na fala acima, o Sr. Paulo expõe o motivo que o levou a migrar de Minas Gerais para o Maranhão, que pauta-se, na facilidade de compras de terras a preços baratos, motivo esse que impulsionou a chegada de vários outros produtores de outros estados, principalmente do Sul do país. Demonstra também estranhamento na forma

de produção ainda arcaica, bem como das dificuldades de locomoção, comunicação e escoamento da produção, pela, quase, inexistência de estradas.

Logo, de acordo como o mesmo, o trabalho e as formas de vida se davam da seguinte forma:

Era uma pobreza instalada, porque ninguém trabalhava assim, o gado que o pessoal trabalhava, era solto, o gado, não tinha pasto. Os fazendeiros, donos de terras, tinha aquele gado e tinham os vaqueiros que ficavam ali trabalhando e alguma lavoura de subsistência, que era o arroz. Então era muito sofrida a vida, sem estrada, nós não tínhamos energia, não tínhamos nada aqui. Quando eu cheguei aqui, isso aqui não tinha ainda telefone em 1976, não tinha televisão, sendo que a gente deixou lá até televisão a cores, naquela época. Então a gente enfrentou dificuldade até para comunicação, era um rádio amador aí para falar. A gente almejava crescer e pensava de toda maneira, então teve umas pessoas visionárias na época, que foi o prefeito, que começou a muda um pouco a cara e depois as coisas começaram a acontecer. O Grajaú era muito pequeno, para você ter uma ideia era aquilo lá no centro, para você comprar uma carne era preciso você pegar fila e carne era de gado magro, eles vendiam o que eles queriam, você tinha que comprar a carne e os ossos também, era na rola, como eles falam, então era difícil. O comércio era extremamente difícil, você não achava nada para você comprar de diferente, era só mesmo o sal, o açúcar, a farinha e então você não tinha opção.

A conjuntura destacada pelo narrador só foi sendo modificado com a pavimentação de algumas rodovias e abertura de estradas ligando o Sertão aos núcleos urbanos, o que favoreceu o escoamento de pessoas e de mercadorias. E destaca o papel da agricultura que foi implantada na região, para que, a partir daí esse espaço fosse se modernizando, como mudanças nas formas de trabalho. E destaca, em seu relato, as dificuldades vividas nos primeiros vinte anos de vivência na região, bem como, expõe acerca de seu ponto de vista acerca da natureza.

A situação de trabalho era pior, pois não tínhamos as estradas, não tínhamos as lavouras, e o município aqui, para você ter uma ideia de quando eu cheguei, ele era muito grande. E na época o prefeito aqui era muito interessado, ele trabalhou nessa área toda, mas não dava, porque era muito grande, não dava para a prefeitura manter. Mas depois, com a lavoura, já veio as máquinas, já começou a progredir. As nossas dificuldades aqui foram tremendas, a gente tinha uma terra grande, fez investimento nos bancos e isso não surtiu efeito, porque perdemos lavoura na hora de colher. Eu plantei arroz, milho, então eu perdi lavoura por falta de colhedeira. O que sucede é que as pessoas falam que acabou com a natureza, e isso é verdade, mas você ver também que os índios estão aí no meio da mata e passa fome se não vier comer aqui. É uma questão de sobrevivência e eu acho que a agricultura não peca muito porque as pessoas desmatam o tamanho certo, o que é de lei, eu pelo menos fiz isso, deixei as áreas de reserva as APPs, fiz aquilo que a lei manda e a maioria dos agricultores fizeram isso. Então hoje a produção está maior porque tem estrada tem como escoar e juntou esse tanto de pessoas que vieram e cresceu a produção, você ver que tem armazém já, onde põem a soja e fazem conexão com Porto Franco. Na

verdade, que com a estrada veio a tecnologia e a lavoura não pode ser pouca, pois é uma coisa que, para dar lucro ela precisa ser grande, o investimento é grande, é trator é colhedeira, é plantadeira, para você ter uma lavoura pequeninha não compensa. Então hoje, por exemplo, com essas lavouras aqui, tem um avião que faz esse trabalho de pulverização, ele pulveriza melhor que o trator.

Um outro entrevistado, o Sr. Everton dos Santos, oriundo de Marialva-PR que comprou terras no município de Grajaú em 2007 e mudou-se para a localidade juntamente com a família em 2008, nos conta, que pelos mesmos motivos do Sr. Paulo, veio por causa do valor das terras na região e com o objetivo de fazer o mesmo que fazia no Sul do país, ou seja, plantar soja. Ele nos conta o seguinte sobre as diferenças verificadas em comparação com o Paraná, pautando-se na forma de lidar com as pessoas e principalmente, no concernente às relações de trabalho.

Os costumes das pessoas são todos diferentes dos da gente. Aqui nós vamos se adaptando a elas, não são elas que tem que se adaptar a nós, que a gente que veio de fora, eu, minha mulher, meu pai e meu irmão, a gente tá se adaptando. Hoje em dia já tá tudo beleza, já tenho vários funcionários daqui mesmo de Grajaú.

Aqui eu vi muita dificuldade de mão de obra, você conseguia arrumar pessoas para trabalhar no braçal, mas não com trator, colheitadeira ou plantadeira, era muito difícil, mas aí eu fui adaptando, ensinando. E agora pelo menos uma parte eles já dão conta de fazer.

Já sobre o que ele viu de diferente na forma de lidar com a terra do maranhense, se comparado com o Paraná, o Sr. Everton nos relata:

Lá era um pouco mais fácil, aqui é um pouco mais bruto, mais cansativo. Aqui o período de plantio é um pouco mais curto que o de lá, as chuvas aqui são poucas, são 4 a 5 meses só de chuva, resto é período de seca. Aqui temos que plantar rápido, bem rápido, e lá não, lá o período é um pouco mais longo. Aqui eu começo a plantar início de dezembro e a colheita é início de abril.

Nos anos que mora em Grajaú, o Sr. Everton nos diz que viu muitas mudanças:

Aqui evoluiu bastante, desde a pecuária, quanto a agricultura, quanto a cidade também evoluiu. Porque aqui era difícil arrumar peças, não tinha vendedor de químicos e agora, hoje em dia, já tem muita gente rodando a região, já. E fica mais fácil, tanto como peças, quanto maquinários, adubos, químicos.

Em 2007/2008 quando eu vim pra cá essa rodovia 226 aqui era pouco rodada, tinha pouco movimento, porque a gente tinha uma propriedade na beira da rodovia e a gente via, hoje em dia o fluxo já está bem maior, principalmente caminhões no sentido Teresina e São Luís.

Primeiro, a dificuldade foi a seguinte, lá a cidade já era toda asfaltada, também o telefone, a televisão. Então quando chegamos aqui perdemos tudo isso, e a gente via, perdi lavoura, foi uma quebradeira danada. Morei na

fazenda por 20 anos e não tinha energia, depois que saí foi que chegou energia lá. E o pessoal era pobre, não tinha como ganhar nada, porque era uma diariazinha, uma coisa, não tinha emprego, hoje não, hoje o Grajaú não tá só em cima do comércio não, tem a prefeitura que emprega muito, tem o gesso, tem a agricultura, tem a pecuária, então são várias as ramificações que emprega.

Ao fazermos um contraponto das falas dos entrevistados sertanejos (sujeitos de dentro), com as falas elencadas pelos sujeitos que migraram de outras partes do Brasil para o Sul do Maranhão e que, tiveram como motivação para que instalassem moradia na localidade, por conta do trabalho na terra, percebemos visões distintas. Embora o sertanejo, também, tenha a terra como local de trabalho e de sobrevivência familiar, ele tem um imbricamento forte com a natureza, obedecendo o calendário anual do plantar e do colher, sem uso de fertilizantes e de corretivos para o solo, plantando de acordo com os conhecimentos adquiridos proveniente de outras gerações e com uso de ferramentas e tecnologias menos degradantes do que as utilizadas na agricultura moderna.

Já a lógica do migrante está ancorada na terra enquanto meio de produção e no desenvolvimento de tecnologias para que se tenha um maior rendimento e como consequência ganhos maiores de produtividade. Em suas falas a respeito das mudanças ocorridas no espaço Sertão nos últimos anos, que teve como uma das maiores consequências o desmatamento, influenciado pela implantação de carvoarias, fazendas produtoras de soja e do gado, criado de forma semi-intensiva, notamos que os mesmos enxergam esses fatores enquanto necessários e justificáveis, pois só a partir daí o ambiente de pobreza incrustado nesse lugar até então, foi modificado.

Esses componentes demonstram diferenciações na subjetividade dos sujeitos de dentro em relação aos sujeitos de fora em relação ao viver nesse lugar. E isso não é um aspecto que se apresente de forma a dirimir um ou o outro, porquanto faz parte de como a identidade é construída e constituída e, embora seja maleável, é adaptável, no qual costumes apreendidos anteriormente não são dissipados integralmente. No quadro abaixo, relacionamos trechos das entrevistas que fornece elementos para que analisemos a lógica representativa dos entrevistados relativo ao Sertão e ao sertanejo.

Quadro 08 - Representação dos sujeitos sobre o Sertão e o sertanejo

Sujeitos	Discurso do entrevistado	Lógica Representativa
Sertanejos	Somo daqueles que só quer ir na cidade só pra fazer alguma compra ou se for pra visitar algum parente. O Sertão existe, mas não tem ninguém atrasado não, hoje, até o povo do sertão está mais avançado já, não é igual ao da cidade não, mas todo mundo já tá bem avançado na tecnologia, com tudo. [...]. Eu me orgulho de ser sertanejo. Sou sertanejo porque ainda vivo no sertão e meu pai me ensinou a trabalhar no sertão, um meio de ganhar o sustento lá no sertão, por isso eu não saí de lá.	Sertão enquanto lugar de vida. Sertão conectado ao mundo. Ser sertanejo está interligado à vivência nesse espaço, ao modo de vida e lugar de onde se retira o necessário para a sobrevivência.
Migrantes	Hoje eu não tenho mais isso aqui como um sertão,[...] Só que esse pessoal, a maioria, migrou para a cidade, não ficou no sertão não. [...]. Agora o sertanejo começou a estudar e fica só uma pessoa ou outra lá. Essas pessoas estão interligadas, estão sabendo do que estão acontecendo, são bem informadas. De primeiro não, as pessoas não tinham um mínimo de conhecimento, as pessoas não tinham nem noção do que poderia ser as coisas mais simples. De oito a nove anos que estou aqui, vejo que está crescendo bastante, então esse povo vai se apertando, vai se afunilando, então quem conseguir produzir fica na terra, agora que não conseguir, infelizmente vai ter que ir para a cidade. Eu acho que ainda pode chamar de sertão, ainda.	Sertão inexistente pelo fato da chegada na localidade dos meios de informação o que acarretou mudanças comportamentais nos sertanejos. O Sertão e o sertanejo está em vias de extinção pelo fato da não adequação ao modelo moderno de produção.
Intelectuais e pesquisadores	[...]. Como o espaço, ele se modificou com a agricultura, principalmente a monocultura e a criação do gado não é mais extensiva, é intensiva, cada dia mais com o uso de tecnologias diferenciadas, o espaço do sertanejo está acabando. Eu vejo que não há mais no futuro, esse espaço para a vida sertaneja nesses moldes, eu acho que ele está se extinguindo. [...]. E era a região de muitos vaqueiros, hoje a maioria usa motocicleta, a forma de criação do gado é diferente [...]. As fazendas que existem são as grandes fazendas com outro modelo de gestão. Então eu prevejo o fim dessa vida sertaneja com esses moldes do início do século XX. [...]. Então, as monoculturas estão tomando conta de todo o sertão. [...]. Então, o que se prevê é, essa civilização construída	Modificação do espaço e do modo de vida do sertanejo o que levará ao fim da vida sertaneja. Ocasionalmente no desaparecimento de sua cultura.

	desde o descobrimento do Brasil até a segunda metade do século XX, ela está desaparecendo e com isso, também, desaparecendo a cultura do sertanejo, ela está sendo esmagada pela massificação cultural [...].	
--	---	--

Org.: A autora, 2017

Em conformidade com os entrevistados, o Sertão sul-maranhense, assim como já posto anteriormente, é um espaço que tem acompanhado a racionalidade transformadora que permeia o mundo na atualidade. E essa emblemática vem acompanhada de uma presença de múltiplas determinações, fazendo com que a forma, a função e a estrutura socioespacial seja diversa.

Assim, como visto nas figuras 57 e 58, há no Sul do Maranhão elementos que são parte de uma racionalidade produtiva ancorada na modernidade, em que a sojicultura, tipo de cultivar destinado ao mercado externo, tem transformado a paisagem desse lugar em campos abertos, que salta aos olhos e que causa admiração aos menos avisados que o veem como o belo, não sabendo que por detrás disso tudo há um emaranhado de prejuízos à vida vegetal, animal e do ser humano. Bem como, existe, ainda, formas produtivas relacionadas ao saber fazer sertanejo, como o gado criado solto nas chapadas, mesmo que não seja como antes, porquanto, agora, as cercas delimitam o ir e o vir do rebanho.

Figura 56 - criação de gado a solta nas chapadas do Sul do Maranhão



Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2016

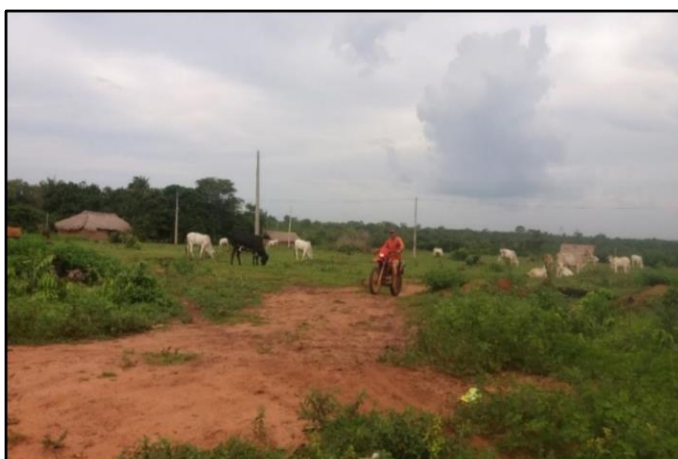
Figura 58 - Produção de soja nas chapadas do Sul do Maranhão



Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2016

Situação representativa dos acontecimentos no Sertão está expressa na figura 59. O vaqueiro ao averiguar como está o gado num fim de tarde, não utiliza mais do cavalo como meio de transporte, e sim, da motocicleta e as casas de palhas presentes na imagem correspondem a moradia de indígenas que devido ao impasse na demarcação de sua Terra convivem em um mesmo território com os sertanejos.

Figura 59 - Vaqueiro em trabalho com o gado montado numa motocicleta



Fonte: A autora, trabalho de Campo, 2017

Diante de todas as determinações que foram e são impostas ao território sul-maranhense averiguamos que mesmo havendo até o momento elementos que revelam vínculos de pertencimento e enraizamento pelos sertanejos, por meio de seus modos de vida e de trabalho, o Sertão de outrora já não existe mais. Nesse sentido, o

quadro abaixo permite fazer uma reflexão entre as particularidades sobre o ontem e o hoje. Ele apresenta um resumo da estrutura socioespacial e as principais modificações nos seus modos de vida, nas práticas e nas relações de trabalho, como: a organização familiar, o trabalho na terra e como o gado, a habitação, a religiosidade, proximidade com o urbano, dentre outros aspectos.

Quadro 09 - o viver no Sertão sul-maranhense: o ontem e o hoje

O viver no Sertão sul-maranhense no passado	O viver no Sertão sul-maranhense no presente
Núcleo familiar expressivo – ou seja, os filhos permaneciam, mesmo depois de casados, próximo aos pais.	Migração dos jovens para as cidades ou para outros estados e até mesmo para outros países.
Continuação de modos de vida e organização estrutural	Desagregação familiar
A terra e o gado como um bem que expressava riqueza e poder	A terra passou, em grande parte, a se configurar enquanto meio de reprodução do capital monopolista ligado ao agronegócio.
Presença de agregados nas propriedades – estes deviam favores e obrigações junto ao fazendeiro.	Inexistência de agregados
Trabalho por empreita ou diária – roços de pastos Para o vaqueiro – a cada cinco bezerros nascidos anualmente, um era do vaqueiro.	Trabalho assalariado
Vida essencialmente agrária	Forte articulação com o urbano
Técnicas rudimentares para a produção, como: machados, foices, catanas, facões, enxadas...	Utilização de tratores para derrubar a mata e arar a terra, jogar sementes.
Construções das casas utilizando de palhas, barros e forquilhas.	Casas de telhas e tijolos
Construção de um modo de vida próximo aos rios	Presença de poços artesianos ou não com utilização de bombas e encanação para as residências.
Comunicação via portador	Comunicação via telefone

Org.: A autora, 2017

Portanto, tudo isso vem acompanhado da necessidade da recriação territorial, que surgem de ações governamentais, que ora favorecem o grande capital, por outro favorecem populações tradicionais e a biodiversidade. São criações de Terras indígenas, Parques, Áreas de Conservação Ambiental, Projetos de Assentamentos, Pavimentação de estradas, bem como, investimentos governamentais para a produção agroindustrial, que tem provocado acentuado desmatamento das áreas de Cerrado no Maranhão.

Ao finalizar o último capítulo, pensamos numa representação de alguns elementos, dentre muitos outros que compuseram e que compõe o território sul-maranhense. No primeiro caso a ênfase está nos rios, principal meio de circulação e que regia, em grande parte, a vida. Assim como elementos da natureza, formas

rústicas presentes nos modos de vida, o gado enquanto principal fonte econômica e os componentes sociais na figura do indígena e do colonizador, mestiços, quase que todos. No outro lado, está representado o hoje, por meio da presença das estradas pavimentadas, as ferrovias, a monocultura, a urbanização, a criação do gado de corte, tratores, caminhões e demais automóveis.

É evidente, tendo em vista tudo que foi posto e o que não foi, anteriormente, nesse trabalho, que uma infinidade de outros fatores, subsidiam a estruturação desse território, seja por meio dos conflitos, contradições e combinações, que confluem para que determinadas singularidades sejam o sustentáculo para a existência de uma identidade sertaneja ainda presente no Sul do Maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 60 - Sertanejo a caminho da roça
Fonte: Acervo, SALES, L., 2016

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sertanejo segue o seu caminho e, nele, com ele, permanece a terra, símbolo de vida. Por e pela terra traçam-se tramas, formam-se conflitos, ceifam-se vidas, surgem formas de vida, no qual, configurações espaciais, visíveis aos olhos, por muitas vezes funcionaram como uma cortina de fumaça camuflando as contradições presentes no invisível, contidas por trás das normas estabelecidas por uma sociedade em que o controle patriarcal manteve-se, por muito tempo, como fator principal no concernente ao Ser e ao Viver no Sertão. O sujeito sertanejo, assim como os demais, guarda em sua trajetória existencial um imbrincado de mistérios e revelações facilmente notáveis pela maneira com que se portam, assim, hora de fecham em sua timidez carrancuda, noutro momento, quando adquirem confiança, trazem consigo um sorriso fácil, fala solta e amabilidade no tratamento interpessoal. E, embora, o imaginário que circunda acerca do Sertão seja o de um espaço inóspito, inerte e descontínuo, ele é realidade em transformação, que vai além de uma acentuada expressividade cultural, porquanto é produzido e reinventado espacialmente e, sobretudo, socialmente.

Reiteramos aqui, que, ao abrir a porteira e adentrar o mundo sertanejo fizemos um retorno a nós mesmo, a um lugar que nunca saiu de nós, ao qual pertencemos. E que, portanto, ao ouvir as histórias contadas pelos velhos, íamos percorrendo imagens de uma existência no Sertão, muitas delas reais, outras não, mas que, mormente, iam sendo cridas em nossa mente, em que pudemos visualizar imaginariamente a forma como se deram os acontecimentos que marcaram o modo de vida do sertanejo ao longo do tempo. Esse exercício imaginativo trouxe de volta até nós, por meio de nossa memória, os caminhos percorridos, a pequena fazenda que moramos até 1982, o gado curraleiro solto na chapada, nas pastagens e preso no curral, os pés de manga com suas imensas galhas cheia de folhagens, os banhos nos riachos, os cavalos mansos, o convívio familiar, as reuniões de domingo na casa dos avós, os animais domésticos, as rezas e as crenças, os hábitos alimentares, as dificuldades de locomoção ao lombo de cavalos e muares, as enchentes dos riachos, das grotas e, uma infinidade de outros elementos que não se perderam, pois fazem parte de todo um processo de construção do espaço sertanejo, consubstanciado por diversas relações, sejam elas históricas e/ou geográficas.

Durante o trabalho de Campo, nas fazendas que percorremos, fomos recebidos sempre com uma xícara de café, de chá, um copo de leite, um prato de coalhada, um mingau de arroz doce e agraciados com a simpatia e delicadeza dispensados a nós. Por muitas vezes o silêncio foi nosso suporte, pois era preciso deixar o memorialista falar e quanto a nós, ouvir e, assim, ficamos sabedores de parte de suas vidas, prenhe de alegrias, tristezas, labutas, saudades dos familiares já falecidos, aflições, desejos e esperanças. Como demonstração disso, dissertamos aqui fragmentos de como se deu a nossa visita e interlocução junto a Dona Maria do Nascimento, figura de importante colaboração na construção desse trabalho.

Dona Nascimento (assim chamada), sempre muito solícita, nos recebeu por três ocasiões em sua propriedade, a princípio meio tímida, depois muito falante, não poupou palavras e esforços em nos contar sobre sua vida desde a infância, da vivência com os pais, os saberes herdados e sobre suas experiências adquiridas ao longo da vida. Além de nos relatar peculiaridades do cotidiano sertanejo, das relações sociais, do trabalho na roça, com o gado e com os afazeres domésticos, nos mostrou antigos objetos que fizeram/fazem parte da trajetória de vida da família.

Sentimos que a mesma emocionou-se por diversas vezes, pois ao rever objetos e falar deles, de seus usos, sua memória trouxe para aquele momento, acontecimentos vividos ao lado de entes queridos. Sua preocupação com o futuro está muito ligada como os fatos do passado. Ao nos contar acerca das mudanças ocorridas no espaço, nas relações sociais, reverbera que algumas até que foram muito boas, como a facilidade existente hoje para os deslocamentos, haja visto que pode ir na cidade e voltar quando bem entender, mas as mudanças da natureza, especialmente em relação aos desmatamentos para o plantio da soja, o esvaziamento dos rios e o medo da violência, denotam intranquilidade e um saudosismo por “outros tempos” que passaram, sempre denominado por Dona Nascimento como “naqueles tempo”, ou seja, “naqueles tempo das cheias”, “naqueles tempo de meus pais”, “naqueles tempo dos adjuntos” “naqueles tempo das panhas de arroz”, “naqueles tempo do trabalho na roça”, naqueles tempo...que para Dona Nascimento tem a significância de uma “vida inteira”.

Do que apreendemos por meio das leituras teóricas acerca da geografia, da literatura que versa sobre o Sertão e, especialmente, o Sertão sul-maranhense, pelos relatos dos memorialistas, pelas formas visíveis e invisíveis que compõe a estrutura espacial dessa região, correlacionamos que mesmo estando esse lugar numa posição

de subalternidade em relação às outras regiões no processo de formação do Brasil, configurando-se, enquanto local do atraso, da barbárie e, portanto, longínquo da “civilização”, os meios criados para a execução das relações de poder, que se dão desde o Brasil Colônia, não foge da regra do restante do país, uma vez que, foi empreendida mediante forte violência contra os autóctones e, ao longo do tempo, instalou-se uma sociedade dividida em classes sociais e funções, e também, em conformidade com o gênero. Importante frisar que a terra teve e ainda tem se configurado enquanto principal componente para a instalação dos domínios de alguns poucos sujeitos sobre a maioria, no qual, primeiramente, ocorreu com a conquista e ocupação do Sul do Maranhão para a implementação de fazendas de criação de gado à solta, e mais recentemente para o agronegócio.

No mais, a estrutura das relações sociais e econômicas do Sertão vão além de suas formas, já que sempre existiram mecanismos que garantissem a concentração da terra, reforçando sua efetivação, como, por exemplo, o controle operado por meio da dominação política pelo Estado, o dispêndio da violência para a manutenção da posse da terra e das relações de coronelismo e patriarcalismo, como ainda, a significância da religiosidade, tendo como papel principal a criação de uma subjetividade do medo, da obediência e do conformismo. Soma-se a isso os conflitos originados pelas disputas entre as principais famílias na busca do controle do poder, sobretudo relacionados às ambições de mando e prestígio.

Conforme explicitado no decorrer deste trabalho, a colonização do Sul do Maranhão deu-se de forma diversa daquela empreendida na parte Norte do estado e se constituiu enquanto fator de consolidação de um discurso de uma identidade regional, amparado na memória e nas tradições da sociedade sertaneja fortemente vinculada à terra. Para tanto, foi elaborada uma representação do sertanejo enquanto um tipo distinto dos demais maranhenses por suas qualidades inerentes ao seu caráter, enquanto sujeitos prenhe de rebeldia, altivez, dotado de espírito livre, patriotismo, dentre outras. Cabe destacar que o profundo apego à terra, constituído pela situação de dificuldade de locomoção, criou arranjos para que o sertanejo dificilmente deixasse as fazendas, levando uma vida simples e cheia de crendices. De tal modo, o tempo dos afazeres e dos acontecimentos no Sertão apresentava-se bastante peculiar, uma vez que, estavam correlacionados às condições da natureza e pelo ritmo biológico, e, portanto, o tempo do trabalho não estava rigidamente marcado

pelo tempo do relógio, não eram fixos e nem controlados, não havendo horas, mas dia.

O espaço que direcionou nosso olhar para a reflexão, como já referenciado é o Sul do Maranhão, território, como descrito por Carvalho (2000), Cabral (1993) e Paula Ribeiro (2002), possuidor de belezas infindáveis, resultado de uma natureza exuberante, solos férteis e clima ameno, quando de sua colonização no século XVIII. Um Sertão, assim denominado pelas grandes distâncias do litoral e não o sertão do semi-árido, como paira na imaginação social brasileira.

Como forma de verticalizar esse recorte espacial partimos do nosso local de vivência, ou seja, os lugares que andamos e conhecemos desde nossa infância, que compreende os municípios de Lajeado Novo, Montes Altos, Sítio Novo e Grajaú. Assim, a partir dele, pudemos traçar uma compreensão do panorama estrutural das relações sociais que regem a funcionalidade da vida dos sujeitos sertanejos sul-maranhenses. E que, o intervalo de tempo, que nos propomos pensar esse lugar, seus acontecimentos e desdobramentos nos modos de vida, práticas e re-existência sertaneja, que abrange os anos de 1950 até hoje, nos demonstra, por meio das leituras bibliográficas, pesquisa de campo, entrevistas, que quase tudo sofreu transformação, embora, faça-se importante reiterar que as lógicas anteriores não desapareceram por inteiro, elas se acoplam às lógicas que regem o presente.

Ao fazermos uma caracterização desse espaço, tendo como pressuposto nossas observações pelos caminhos que percorremos, consideramos que as cercas estão por toda parte, resguardando o alheio, onde nos pastos pode-se ver os bois nelore, em sua maioria brancos a pastarem. Há, portanto, um intervalo de lugares, uns representados pela presença dos bois brancos a pastarem, outros chamam a atenção pela paisagem monótona das plantações de soja e eucalipto, noutros ainda têm-se conservadas as veredas que servem para a criação do gado curraleiro, como também existem as estradas asfaltadas e as de chão. À margem das estradas asfaltadas estão as cidades, a maioria bem pequenas e parca de recursos, e, seus habitantes guardam modos de vida muito ligado à terra. Nos espaços entre essas cidades, nota-se a presença de casas singelas que abrigam a simplicidade da vida humana em sua pobreza material e/ou em suas subordinações históricas.

Em muitas casas a presença de uma antena parabólica e uma caixa d'água pendurada ao alto, que leva a água do poço até à residência. Em todos os riachos que atravessamos vimos que a quantidade de água encontra-se rala, quase não sendo

mais suficiente para matar a sede do gado, quanto menos de nado e fresco do calor quando das tardes quentes no Sertão. As árvores frutíferas já não existem com fartura, como antes, que faziam dos quintais o lugar preferido da criançada na reunião de domingo na casa da avó. E o meio de transporte é o carro ou a moto, ficando o cavalo em lugar secundário, apenas para lidar com o gado nos locais que a motocicleta não consegue chegar.

Terras indígenas foram criadas, nos últimos tempos, embora a problemática em relação à expropriação, desses povos de suas terras, desde a chegada do vaqueiro, que culminou na matança e extinção de várias tribos, nunca será resolvida por inteiro, havendo, portanto, uma dívida impagável para com os mesmos. Um outro elemento presente, são os Projetos de Assentamentos, que são em número considerável, e, ainda, o reconhecimento e a criação de Terras Quilombolas, embora em número reduzido quando comparado aos P. A.

Vemos, portanto, que uma nova dimensão abrange essa região, diferentemente da existente no século XIX e anos 80 do século XX, que resultou na chegada, primeiramente, da frente de expansão, caracterizada por ser uma frente demográfica, no qual ocorre por meio de uma relação que não é a do capitalismo clássico, mas que está eminentemente vinculada ao capital comercial, ao parceiro e ao camponês e, em seguida, a frente pioneira, que é uma frente econômica, relacionada ao capital industrial, à burguesia, ao operário e ao capitalismo de trabalho. Esses acontecimentos, direcionaram a construção de um território marcado por meio da lógica do capital monopolista, com a presença, hoje, de empresas que vislumbram no agronegócio, sua acentuada reprodução, estando também presente as forças do Estado, que mediante políticas de implantação de infra-estrutura e subsídios fiscais, convergem para que o Sul do Maranhão entre no circuito da produtividade, o que tem provocado mudanças, tanto territoriais quanto na vida das pessoas, influenciando para que esse lugar se insira, de fato, na perspectiva de instauração de “outras” formas espaciais, de “outras” formas existenciais e de “outras” lógicas, que carregam consigo o discurso da “modernização”.

Logo, perante o exposto, fica a indagação: e o mundo sertanejo, ainda existe? Se existe, quais contornos geográficos o configuram? Quais elementos compõem o Ser e o Viver no Sertão?

Foi pensando sobre esses componentes que enveredamos pela busca do entendimento de como se organiza espacialmente, socialmente e culturalmente o

mundo sertanejo, procurando compreender como as pessoas que aí nasceram e vivem até hoje, se veem diante de todo um processo que se reestruturou rapidamente nos últimos trinta anos, provocando um remodelamento territorial, na vida, e, conseqüentemente, o surgimento re-existências.

Re-existências essas que não significa que o sertanejo isolou-se em seu mundo, mas que ao tecer um vínculo com a cidade, fazer uso de tecnologias, participar das políticas de financiamento para investimento em sua produção, esse sujeito é capaz de re-definir suas relações econômicas, sociais e culturais de forma a não perder seus modo de vida, práticas e o seu pertencer ao Sertão. Nesses conformes, para quem aí mora, esse lugar não pode ser considerado enquanto um mito, pois estariam negando a si mesmo e, embora não possa ser cartografado, já que esse espaço é condizente aos processos históricos de ocupação das relações capitalistas modernas de produção e, por isso, móvel e fluido, ele (Sertão) é realidade que se vive.

Reconhecemos que o Sertão sul-maranhense tem se configurado perante a formação social maranhense e destarte, brasileira, como região de dicotomia não apenas geográfica, sendo o *outro* em sua inautenticidade, prenhe de disjunções internas, heterogeneidades, que deixa implícito a prevalência de um Brasil desigual e excludente, que faz parte do imaginário de uma formação social e cultural específica, no qual propõe a existência de dois brasis, ou seja, um urbanizado e civilizado, pertencente ao litoral e, outro, incivilizado, arcaico e atrasado, o sertão. Esses fatores fazem parte do discurso, no qual o Sertão é lugar para ser modernizado, estando, portanto, em situação de fronteira econômica e social.

Diante do exposto, é importante que consideremos o fato de que o Sertão não morrerá e nunca estará acabado, porém está em contínua transformação, seja nas multiplicidades dos saberes e formas de vida dos indígenas, dos negros, dos brancos, dos mestiços, na confluência de seus conflitos e labutas, seja por meio do imaginário e da memória, que orientam a existência de identidades específicas e que constroem narrativas em torno de um Ser e de um Viver.

Para tanto, o Sertão tem se tornado, ao longo do tempo, um lugar de expressividade social e cultural inventado, não apenas com base no real, mas disposto na expressividade humana calcada em parâmetros criados para dar lugar a configurações ideológicas moderno x tradicional. Ressaltamos ainda, a necessidade de superação da imagem de homogeneidade acerca do sertão, eles são vários, cada

qual com singularidades próprias. Foi isso que buscamos demonstrar relativo ao nosso Sertão, o Sertão sul-maranhense.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Dunshee de. **A esfinge de Grajaú**. 2. ed. São Luís, 1993.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de & RATTIS, A. P. **Geografia: leituras culturais**. Editora Alternativa, Goiânia, 2003.
- _____, M. G. A Captura do Cerrado e a Precarização de Territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Editora Vieira, 2005.
- _____, M. G. de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFMA, 2008.
- _____, M. G. A Propósito Do Trato Do Invisível, Do Intangível E Do Discurso Na Geografia Cultural. Fortaleza: **Anpege**. v. 9, n. 11, p. 41-50, jan/jun. 2013.
- _____, M. G. de. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F. A. et. al. (Orgs.). **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antoina (ADEMADAN), 2009. p. 243 – 260.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- ANDRADE, M. de P. **Os gaúchos descobrem o Brasil**: projetos agropecuários contra a agricultura camponesa. São Luís: Edufma, 2008.
- ARAÚJO, K.; ALCÂNTARA, R.; ROCHA, R. Resistência Identitária Na Comunidade Quilombola Santo Antônio Dos Pretos Em Grajaú/MA. In: **Anais do 2º Encontro de Pesquisadores sobre os Quilombolas Kalunga, políticas sociais e pesquisa no território Kalunga**. Goiânia, 14 e 15 de maio de 2015.
- ARCANGELI, Alberto. **O mito da terra**: uma análise da colonização da Pré-Amazônia Maranhense. São Luís, UFMA/PPPG/EDUFMA, 1987.
- ASKENAZI, L. H. El Analisis Cultural del Espacio: Contribucion a uma geografia crítica. In: Celis, A. M. (Coord.). **Reflexiones sobre el espacio em las ciências**

sociales: enfoques, problemas y líneas de investigación. Cuajimalpa, México. 2010. p. 283 – 306.

BAILLY, A.; SCARIATI, R. Voyage en Géographie: Une Géographie pour le monde, une géographie pour tout le monde. Paris: **Anthropos**. p. 53-71.

BAUDEL WANDERLEY, M. de N. A ruralidade do Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. **En publicacion:** una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4.

BERDOULAY, Vicent. O sujeito, o lugar e a mediação do imaginário. In: **Revista Anthropos**. Londres, ano XI, nº 2, p. 13-32, jul/dez. 2012.

_____, e ENTRIKIN, N. Lugar e Sujeito: Perspectivas Teóricas. In: MARANDOLA, E. Jr. et. al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____, **Sujeto e Acción en la Geografía Cultural:** El Cambio sin Concluir. Boletín de la A. G. E. n. 34, 2002.

BEZERRA, Edmilson Rosa. O GRÃO E O CASCO: representações e práticas da colonização no sul do Maranhão na primeira metade do século XIX. **Dissertação de mestrado em História.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

BOMBARDI, Fernanda Aires. Pelos interstícios do colonizador: descimento de índios no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1680 – 1750). **Dissertação de mestrado em História Social.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura.** v. 10, n. 1, Jan./Jun. 2007, p. 11-27.

_____, **No rancho fundo:** espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado:** conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011

CARDOSO, Clodoaldo. **Municípios maranhenses:** *Pastos Bons...* 1974

CARVALHO, Carlota. **O Sertão:** subsídios para a história e a geografia do Brasil. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p, 21-92.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORREA, R. L. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHAVEIRO, E. F. Símbolos das Paisagens do Cerrado Goiano. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Editora Vieira, 2005.

_____, E. F. corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA, E. Jr. et. al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COELHO NETO, ELOY. **História do sul do Maranhão**: terra, vida, homens e acontecimentos. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979.

CORRÊA, R. L. e ROSENDHAL, Z. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da Anpege**. n. 02, p. 97-102, 2005.

COSTA, Thaís Miranda. Unidades de conservação em territórios tradicionalmente ocupados: reflexões sobre as comunidades sertanejas e suas interações com os corpos hídricos no parque nacional da chapada das mesas. **Monografia de Conclusão de Curso**. Universidade Estadual do Maranhão – CESI/UEMA: Imperatriz, 2014.

CRESSWELL. Tim. **Place**: a short introduction. Oxford: Blackwell publishing, 2013.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, A. C.A. et. Al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007, p, 13-35.

DINO, Sálvio. **Raízes Históricas de Grajaú**. São Luís: Editora ?, 1985.

FELÍCIO, Brasigóis. **Viver é devagar**. Goiânia: Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, 1996.

FERREIRA, M. da G. Re-organização do espaço a partir da produção de soja: Balsas-MA. In. **Terra Livre**. v. 2, n. 27, Presidente Prudente, 2006.

FERREIRA, A. J. de Araújo. A evolução da geografia dos transportes no estado do Maranhão, Brasil: de ancoradouro a sistema multimodal. In: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiadeltransporte/35.pdf>. **Acessado em: 27/11/2016**.

FRANKLIN, Adalberto. **Devassa, ocupação e povoamento do Sertão maranhenses**. Palestra proferida em março de 2012, Imperatriz/MA.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Tradução de António Gonçalves. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

GENIS, Andrea Díaz. **La construccion de la identidad em America Latina**: una aproximación hermenêutica. Montevideo: Nordan-Comunidad, 2004, p. 19-41.

GIMÉNEZ, G. Território, Culturas e identidades. La região sociocultural. In: BARBERO, J. M. et. al. (Eds.). **Cultura y región**. Colombia: Litocamargo. 2000, p. 87-132.

GOMES, Paulo C. da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GÓMEZ, Gustavo Montañez. Razón y pasión del espacio y el territorio. In: et. al. (orgs.) **Espacio y territorios**: razón, pasión e imaginarios. Bogotá: Unobiblos, 2001, p. 15-32.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

_____, e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Ferreira, Jurandir P. (Presidente do IBGE). Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1959.

_____. cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=210480&idtema=147&search=maranhao|grajau|pecuaria-2014. **Acessado em 17/03/2016**.

_____, <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=210480&idtema=149&search=maranhao|grajau|producao-agricola-municipal-lavoura-temporaria-2014>. **Acessado em 17/03/2016**.

_____, **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, v. 18, 1974.

_____, **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, v. 18, 1982.

_____, **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, v. 18, 1991.

_____, **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, v. 18, 2000.

LAP, Tu N. Identité culturele: la relativité de la diversité. In: BARRAK, A. et. Al. (Orgs.). **Diversité Culturelle et mondialisation**. Paris: Autrement, 2004. P. 80-95.

LEAL, Alessandra F. Viver no lugar: os ciclos da vida, os ciclos da infância. In: In: COSTA, J. B. de A.; OLIVEIRA (Orgs.). **Cerrado, Gerais, Sertão**: comunidades

tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.

LE MOS, José de Sousa. O cultivo da soja no sul do Maranhão: implicações ambientais, sociais e econômicas. **Pesquisa em Foco**. São Luís; v. 1, n. 1, UEMA/PPG, 2000.

LIMA JUNIOR, Heitor Moreira. **Colonização de Fronteira Agrícola**: um modelo de desenvolvimento rural. São Luís: PPG/EDUFMA, 1987.

LIRA, Elizeu R. A frente pastoril e a (des)organização dos territórios indígenas no Sul do Maranhão e no antigo Norte de Goiás. **Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros**. v. 03, p. 15-29, 2006.

LOPES, C. A. S. Desmitificando metáforas e construindo saberes: do sertão aos sertões e dos sertões ao nordestino. In: COSTA, J. B. de A.; OLIVEIRA (Orgs.). **Cerrado, Gerais, Sertão**: comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.

MARTINS, G. I.; & CLEPS JUNIOR, J. Viver um tempo, habitar um território... conviver entre as veredas: veredeiros, natureza, cultura e territorialidades. In: COSTA, J. B. de A.; OLIVEIRA (Orgs.). **Cerrado, Gerais, Sertão**: comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo & ARRUDA, Zuleika A. Urbanidade e ruralidade no Brasil e as redefinições entre campo e cidade. **Boletim de Geografia**, v. 23, n. 1, p. 21 – 38, 2005.

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão-SEPLAN. Disponível em <http://www.seplan.ma.gov.br/pagina.php?IdPagina=100>. Acesso em 25 de março de 2007.

MARANHÃO. Secretaria da Agricultura – SEAGRO. Disponível em <http://www.seagro.ma.gov.br/2005/11/24/Pagina21.htm>. Acesso em 23 de julho de 2007.

MARQUES, A. R. **Saberes geográficos integrados aos estudos territoriais sob a ótica da implantação do Parque Nacional da Chapada das Mesas, sertão de Carolina – MA**. São Luís, 2012.

MARC, René. Por onde o povo anda... caminhos da invisibilidade negra no sertão. In: SENA, C. S. & SUÁREZ, M. (Orgs.). **Sentidos do Sertão**. Goiânia: Cânone editorial, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução: MACIEL, Hilda Pareto e HAESBAERT, Rogério. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MELLO, J. B. F. de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther & OLIVEIRA, Livia. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 33-68.

MELO, Vanice Siqueira de. Cruentas Guerras: índios e portugueses nos sertões do Maranhão e Piauí (primeira metade do Século XVIII). **Dissertação de mestrado em história social da Amazônia**. Universidade Federal do Pará: Belém, 2011.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano. **Tese de doutoramento em geografia**. Universidade Estadual Paulista: Presidente Prudente, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTA, Francisco Lima. O Rural e o Urbano na Cidade de Balsas (MA): transformações socioespaciais no pós 1980. **Dissertação de Mestrado em Geografia**. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2011.

PACHECO FILHO, A. K. Varando mundos: sociedade e navegação fluvial no Vale do Rio Grajaú (1920-1970). In: **ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo, 2007.

_____. Varando mundos: navegação no Vale do rio Grajaú. **Tese de doutoramento em História**. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2011.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Memórias dos sertões maranhenses**. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.

PEIXINHO, Dimas Moraes; BERNARDES, Júlia Adão; SCOPEL, Iraci e MELO, Nágela Aparecida de. A reestruturação espacial e a interação entre o global e o local: o exemplo da soja. **Boletim Goiano de Geografia**. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG, v. 23. n. 1, jan/jun. 2003.

PELÁ, M. & CASTILHO, D. **Cerrados**: perspectivas e olhares. Goiânia: Editora Vieira, 2010.

PEREIRA, Benedito, Batista. **Cultura Popular Maranhense**: Do Grajaú ao Tocantins. Imperatriz: Ética, 1995.

PORTO GONÇALVES, C. W. **Os Cerrados vistos por seus povos**: o agroextrativismo no Cerrado. Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado. Projeto Rede de Agloflorestadores no Cerrado, Goiânia, 2008.

_____. O Cerrado brasileiro: formação, características ecológicas e histórico de ocupação. In: PORTO GONÇALVES, C. W. **Os Cerrados vistos por seus povos**: o agroextrativismo no Cerrado. Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado. Projeto Rede de Agloflorestadores no Cerrado, Goiânia, 2008.

OLIVEIRA, L. de. O sentido do Lugar. In: MARANDOLA, E. Jr.et al. (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 03-16.

ORTEGA Y GASSET, J. A História como sistema. In: **História como sistema.** Mirabeau ou político. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p. 27-58.
ORTÊNCIO, B. **Sertão sem fim.** 3. ed. Editora UFG, 2011.

PACHÊCO FILHO, Alan K. Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú. **Tese de doutoramento em História.** Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2011.

PENNA, M. **O que faz ser nordestino:** identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina. São Paulo: Cortez, 1992. 1992. p. 49-81.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

RIOS, Luiz. **Geografia do Maranhão.** 4. ed. São Luís: Central dos Livros, 2005.

ROCHA, Rosimary Gomes. Modernização da Agricultura e (Re)ordenamento Territorial nos Gerais de Balsas-Ma. **Dissertação de Mestrado em Geografia.** Universidade Federal do Goiás: Goiânia, 2009.

RUSEN, J. Pragmática – a constituição do pensamento histórico a vida prática. In: **Razão histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2008, p. 53-94.

SABATO, Ernesto. **A Resistência.** Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Raimundo Lima dos. O sertão inventado: a percepção dos sertões maranhenses pelo olhar de Francisco de Paula Ribeiro. **Diálogos Latinoamericanos,** n. 19, p. 119-145, 2012.

_____, Raimundo Lima dos. A construção da identidade sertaneja maranhense. **Tese de doutoramento em História.** Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

SANTOS, M. **Sociedade e Espaço:** Formação Espacial como Teoria e como Método. In: SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: Ensaio. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____, M. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____, Maria Laura Silveira. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____, **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SAHR, W. D. Portos e Sertões – reflexões sobre uma geografia cultural a la bresilienne. In: MENDONÇA, F. A. et. al. (Orgs.). **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antoina (ADEMADAN), 2009. p. 243 – 260.

SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: SENA, C. S. & SUÁREZ, M. (Orgs.). **Sentidos do sertão**. Goiânia: Câne Editorial, 2011.

SILVA, Edson. Povos indígenas no Nordeste: uma contribuição a reflexão histórica sobre os processos de resistência, afirmação e emergência étnica. **ANPUH-XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003.

SILVA, Carlos Alberto Franco da. Fronteira agrícola capitalista e ordenamento territorial. In: Santos M. e Becker B. (Orgs.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. **O Cerrado em disputa**: apropriação global e resistências locais. Brasília: Confea, 2009.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. In: **Revista Graphos**, vol. 16, nº 1, 2014 UFPB/PPGL, p. 91-117.

SOUSA FILHO, Benedito. A produção de soja no sul do Maranhão e seus impactos para segmentos camponeses da região. In: Relatórios de pesquisa da CPT. (Org.). **Carajás**: Desenvolvimento ou Destruição? 1. ed. São Luis: CPT, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1995.
TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 5. ed. Belém: Ed. UFPA, 2001.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. In: **Sociedade e Cultura**. v. 10, N. 2, jul./dez. 2007, p. 187-196

_____, **Tal Sertão, qual Cerrado**. Goiânia: Ateliê tipográfico, 2016.

WYLIE, John. **Landscape**. London and New York: Routledge-Taylor & Francis Group, 2007.

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. História de vida dos entrevistados

- 1.1.Nome do entrevistado
- 1.2.Data de nascimento
- 1.3.Local de nascimento
- 1.4.Nomes dos pais
- 1.5.Sobre a vida dos pais
- 1.6.Chegada na localidade
- 1.7.Situação fundiária

2. Relações de trabalho (atividades econômicas)

- 2.1.História de como era desenvolvido o trabalho na infância. E a situação atual
- 2.2.Parcerias
- 2.3.Produção
- 2.4.Espécies cultivadas
- 2.5.Criação do gado: raças antigas e atuais, espécies de capim
- 2.6.Criação de pequenos animais
- 2.7.Construção das casas – o que permanece e o que mudou
- 2.8.Uso dos recursos da natureza no trabalho da roça e no doméstico.
- 2.9.Modo de cozinhar os alimentos
- 2.10.Frutos do cerrado usados na alimentação.
- 2.11.Pesca
- 2.12.Remédios caseiros

3. Modos de ver a Natureza

- 3.1.Principais espécies de plantas
- 3.2. Espécies de animais
- 3.3. A importância dos rios
- 3.4.Como se dá o cultivo das roças
- 3.5.Manejo das pastagens

4. Relações de sociabilidade

- 4.1.Religiosidades: antes e agora
- 4.2.As festas;
- 4.3.Adjuntos (onde eram e como eram?)
- 4.4.Lutas
- 4.5.Conflitos com os indígenas
- 4.6.Conflitos entre famílias
- 4.7.Rotas antigas – como era feito os deslocamentos no Sertão

5. As mudanças recentes no Sertão

5.1.As relações com as cidades e o comércio (de quanto em quanto tempo iam na cidade na infância, adolescência, vida adulta e na atualidade)

5.2. Novas formas de trabalhar a terra

5.3.Violência no Campo

5.4.Relações de trabalho hoje

APÊNDICE B – Termo de consentimento para recolher, gravar e publicar informações referentes às entrevistas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
concordo em participar voluntariamente, da pesquisa **“SER E VIVER O SERTÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO SUL DO MARANHÃO”** que tem como objetivo **“reconhecer o Sertão sul-maranhense a partir das relações históricas e geográficas, que dão pressuposto à constituição de uma identidade sertaneja, bem como, interpretar as trajetórias e as transformações vivenciadas pelos sujeitos sertanejos, nos últimos 50 anos, através do resgate da memória.”**.
Declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em ____/____/_____, para a pesquisadora _____ usá-las e publicá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Reservo-me o direito de interromper minha participação nesta pesquisa quando desejar ou achar necessário, e de não responder a qualquer questionamento que julgue desnecessário.

_____ (MA), ____ de _____ de 2017.

ANEXO A: Entrevista concedida por Adalberto Franklin

ENTREVISTA COM ADALBERTO FRANKLIN

Dia 17/01/2017

Minha pesquisa aborda o cultural no sul do Maranhão que leva em conta o modelo de colonização histórico pelos criadores de gado, como também, os fatores geográficos, ou seja, a natureza propiciadora desse processo. Nesse sentido, sabemos que o termo Sertão no Brasil tem várias conotações e o que se tem de apreensão normalmente é que o sertão está ligado ao semiárido nordestino ou o sertão que compreende os estados do Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, ou seja o sertão do cerrado e esquece o Sul do Maranhão, então há até certos questionamentos se existe de fato um sertão no sul do maranhão. E o sertanejo maranhense se aproxima do sertanejo goiano, com o sertanejo mineiro, que tem relação com os criadores de gado também, com essa colonização que foi empreendida através de dizimação de grande parte dos indígenas. Enfim... gostaria de ouvir de você sobre os fatores históricos, quanto aos fatores ligados ao social para que eu possa juntar com as leituras já feitas dos intérpretes do Sul do MA.

Primeiramente, então, eu gostaria que você nos explicasse sobre esse processo colonizador que partiu da Bahia e de Pernambuco, chegando no século XVIII no espaço que compreende o Sul do Maranhão e à medida que essa estruturação vai se organizando ela também cria uma condição existencial para um modo de vida sertanejo. Então... a minha pergunta parte de como foi esse processo colonizador.

Certo... o Brasil, a colonização inicial a gente sabe que nasceu no litoral, então os sertões ou o Brasil interior, ele tardou a ser explorado, só a partir das buscas do minério, do período de busca de recursos de minérios, que já era explorado e já era procurado desde o século XVI através do Amazonas para se tentar chegar no Peru, é... as tentativas de busca é... pelo Pará, inclusive a viagem que fizeram diversos exploradores da Amazônia em busca de ouro, e aqui pelo Norte, e pelo Sul a partir

dos paulistas né, os bandeirantes paulistas à caça de ouro até chegar em Minas Gerais ou depois a Goiás. Mas, essa parte nordeste do Brasil ela teve um outro tipo de exploração do interior que foi até mais cedo, porque o processo de ocupação do território, do interior, daquilo que se passou a chamar de sertões do Nordeste ele nasce na verdade com a fundação de Salvador, porque em 1549 quando Tomé de Souza chega para fundar Salvador com dezesseis navios, inclusive com material de construção ele traz um jovem chamado Garcia Dávila e esse Garcia Dávila é um protegido dele, ele dar um cargo pra ele de almoxarife do rei, com dezenove anos é o primeiro criador de gado do Brasil. Tomé de Souza traz algum gado parece que de Cabo Verde ou da Madeira, é.... e doa pra ele e ele começa a criar gado na Bahia, próximo, um pouco acima de salvador ele cria a primeira fazenda de gado que ele dar o nome de Forte do Tatuapara que vem se tornar a ser a sede da chamada Casa da Torre. Então, ele casa com uma filha de um cacique indígena e faz um pacto com os indígenas Tupinambás para fazer guerra para os índios do interior, os índios de outras etnias inimigas e começa a tomar o espaço do sertão e fundar fazendas de gado, então, com isso, as várias gerações da Casa da Torre, os filhos de Garcia Dávila, netos e a geração seguinte, ele começam a combater os índios, tomar as terra e implantar fazendas de gado e ele cria aquilo que se torna o sucesso econômico, que é não gastar nem com escravos, não ter despesas com escravos, não usa escravos nesse processo. Ele os mamelucos, esses sertanejos que se formam do cruzamento indígena com europeu que é a característica dos vaqueiros, então ele vai fundando fazendas e entregando para os vaqueiros com a condição de que de cada quatro rezes que nasce uma é do vaqueiro, então cria aquela expectativa de que o vaqueiro um dia ele também será um fazendeiro, então isso aí, quer dizer, faz com que o processo econômico seja viável e seja barato e começa a ocupar os espaços, então em duzentos anos eles chegam até o Piauí vindo da Bahia, de Pernambuco e chegam até o Piauí. Eles ocupam completamente o Piauí porque o Piauí, já tem principalmente o sul do Piauí é uma área menos agreste, é uma área menos árida e aí o Piauí se torna o espaço mais propício para a criação de gado. Por volta de 1730 eles atravessam o Parnaíba e cria a Vila de Pastos Bons e a partir dessa Vila de Pastos Bons eles se disseminam e entram para o Sul do Maranhão porque é muito melhor o território, a área, a condição climática, a pastagem é muito melhor que todo restante do Nordeste, por que tem muitos rios perenes, a questão aquífera é muito mais adequada. Então eles ocupam a parte sul do estado do Maranhão a partir de Pastos Bons, pra baixo,

nas margens do Alpercatas, descendo para a região de Balsas e interior, então, até Carolina e Grajaú, então só um pedaço que eles não conseguem ocupar pela resistência dos índios timbiras, que é a partir do rio Farinha eles não conseguem continuar a penetração, a área que eles chamam de matas gerais, e também dos sertões e Grajaú, para o rio Tocantins, então esse sudoeste maranhense que é essa área que permanece é a última a ser ocupada e essa frente pastoril que ocupa o sul do Maranhão, não consegue ocupar o sudoeste maranhense que vem só muito depois é ocupada pela frente que vem do Pará com Frei Manoel Procópio. Então, esse processo todo da colonização do sul do Maranhão, na verdade ela carrega uma cultura sertaneja que se forma a partir da miscigenação desse cruzamento de europeus, né, com índios, esse povo que em sua maioria se torna vaqueiro começa a explorar a área semiárida do Nordeste e penetra depois para essa região do Piauí e Maranhão e seu final. Então, a cultura dessa região ela é muito diferenciada da cultura litorânea. O litoral do Nordeste, ele basicamente se desenvolveu a partir dos engenhos de cana, então o litoral era, na verdade, é... uma parte que predominava economicamente a cana de açúcar, no interior, predominava o gado. Então essa é a característica, então se criou o que se chamava de civilização do couro pelos sertões, é... uma cultura mais ligada à terra, ao gado e ao homem, inclusive é... na interpretação do Brasil que Darcy Ribeiro faz em *O Povo Brasileiro*, ele comete um grande equívoco nesse sentido em imaginar que o sertão é apenas a caatinga, ele faz uma belíssima análise sobre o sertanejo da caatinga, mas ele não consegue ver, ele não consegue perceber o sertanejo, esse que é chamado também de Meio Norte, é essa área do Piauí pra cá, do Maranhão que tem outra característica. A Carlota Carvalho, do livro *Os Sertões*, ela faz uma crítica, inclusive ao autor de *O Sertão*, o Euclides da Cunha, por que Euclides da Cunha, na primeira parte do livro dele *O Sertão*, ele também comete o mesmo equívoco, né... em imaginar que a Caatinga é que predomina em todo o Nordeste ou confunde também o restante dos sertões com Caatinga, quando na verdade não é, a Caatinga é só o Agreste e pra nós não é isso, o Sertão não é a Caatinga apenas, então uma primeira grande crítica que é feita e talvez a mais abalizada feita em relação a isso é feita por Carlota Carvalho em *Os Sertões*, em relação a essa visão de Euclides da Cunha, que na verdade não conheceu muito além da Bahia. O Euclides da Cunha conheceu apenas aquela área do conflito baiano da revolta de Canudos, então ele descreve e o Brasil passou a conhecer um pouco o Nordeste com essa visão de Euclides da Cunha que na verdade não conheceu o

Nordeste. Então a grande falha do livro de Euclides da Cunha é essa de generalizar a Caatinga e o homem sertanejo apenas como aquilo que ele viu no interior da Bahia, na região da Caatinga baiana, que inclusive a Bahia tem também a região da Mata que é bem diferenciada da região da Caatinga. Então o que percebemos é que cria-se uma cultura das festividades, da própria gastronomia, da cultura do jeito de ser do sertanejo, dessa rudeza mesmo e auto estima, essa dureza dele de ser do sertanejo, é muito dessa lida que ele faz com o gado, que ele faz com o jeito de viver, que é uma forma um tanto bruta, vamos dizer, no sentido civilizatório, muito diferenciada do resto da ocupação litorânea, que é muito mais amena, é muito diferenciada disso aí.

A natureza ela poderia ser, então, considerada como um fator determinante desse processo?

Sim, por que o homem nordestino, dos sertões, ele tem que se adaptar à terra, a terra é muito árida, não só no sentido geográfico, mas é árida por que a questão climática faz com que o homem também se adapte a ela no sentido das dificuldades, no sentido daquilo que ele tem que se adequar pra poder sobreviver, a questão da seca, as limitações muito grades, no sentido de não ter acesso a outras coisas que existem e que tem apenas no litoral, então o homem tem de se adaptar à essa vivência da dificuldade do sertão, da questão climática, da questão do terreno, então isso aí molda o homem, o homem se molda com a geografia, com as condições climáticas. Então isso cria sim, um modo de vida diferenciado e cria isso que se diz isso que que é a fortaleza que é o homem sertanejo, isso vem daí, por que a sobrevivência deles, nessas áreas principalmente da parte mais árida, ela depende disso, ela depende de que ele seja realmente uma pessoa que viva permanentemente é... se sobressaindo sobre todas as dificuldades. Ele tem que vencer todas elas, então molda o homem, a geografia, o clima, as circunstâncias, ela molda o homem sertanejo Nordeste.

Então, Adalberto, olhando por esse lado, o sertanejo maranhense, pode-se dizer que ele se assemelha ao sertanejo goiano e ao sertanejo mineiro, pelo fator do isolamento, é isso que caracteriza ele como sertanejo, já que o sertanejo nordestino, quando se fala do semiárido ele está ligado às questões climáticas, da seca. Então esse do Goiás e do Maranhão poderia se dizer que ele se assemelha no sentido do isolamento? Foi isso que caracterizou o sertão como fala Guimarães Rosa, no seu livro Grande Sertões Veredas?

É... o sertanejo do Guimarães Rosa era muito diferenciado, eu diferencio muito o sertanejo da área da Caatinga. Então, o sertanejo do Norte de Minas ele está mais

para a região das Caatingas da seca, ele tem essa característica do Norte de Minas muito parecido com o nordestino do semiárido. É tanto que nas secas Nordestinas sempre atingia o Norte de Minas. As migrações dos mineiros do Norte eles se identificam mais com os nordestinos, é tanto que eles mesmo migram para o mesmo lugar, normalmente pra onde migravam os Nordestinos nos períodos de secas, eles tem mais identidade com os Nordestinos da Caatinga. Já os mineiros mais ao Sul não, eles se identificam mais com o goiano e o paulista que tem outra característica cultural. O paulista que a gente chamaria de caipira, inclusive é isso, o Darcy Ribeiro diferencia muito isso, o sertanejo, ele, inclusive, chama essa da cultura caipira do Sul de Minas e do paulistas e de uma parte do Goiás, essa tem uma diferenciação. O Norte do Goiás não, o Norte do Goiás, Sul do Piauí, eles já se identificam mais com o Maranhão, eles, inclusive, a maioria das cidades do Norte do Goiás, que é hoje Tocantins elas em sua maioria foram fundadas por maranhenses e, eles também, eles são originários da migração que vem da Bahia, eles têm essa característica, então, na verdade, o que se estabeleceu no Sul do Maranhão, não é diferente, essa mesma corrente migratória pastoril que vem da Bahia, eles apenas tem uma melhor condição climática, por que eles têm água, é o grande diferencial. E o bioma é diferente, você vai encontrar o bioma do Cerrado, então nós temos no Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Norte de Goiás, o bioma Cerrado, que já vem diferenciado da Caatinga do Nordeste, então isso facilita um pouco a vida e modifica porque não tem a mesma aridez nem do clima, nem do terreno e nem da vida, ela melhora muito, por isso, talvez, o Piauí tenha se tornado, durante algum tempo, o mais próximo estado criador do gado e isso se transfere para o Sul do Maranhão e para o Norte de Goiás, que são povos, originalmente, criadores de gado. Então, a agricultura é tanto que não prospera tanto no Sul do Maranhão, no começo, é mesmo a civilização, que se chama, Capistrano de Abreu, chama de civilização do couro, então há essa característica, mas a cultura, se transfere, o jeito econômico de viver se transfere, é o mesmo. A gastronomia também, ela tem muita identidade, então a identidade do Sul do Maranhão, do Norte de Goiás e do Sul do Piauí, é muito idêntica. Você vai pegar, é tanto que no final do Império D. Pedro II quis, pretendeu dividir melhor as capitânicas, as províncias do Brasil e contratou Fausto de Aguiar para fazer o estudo e nesse estudo criaria uma nova província que unia o Sul do Piauí com o Sul do Maranhão, formando a província de Uruçuí, exatamente por sua identidade, tanto cultural, sua identidade também do bioma, então, ele consegue identificar que é diferente, que há diferença aí, por isso

ele propôs criar uma nova província nessa área por causa da sua identidade, e, só não foi implantado isso, só não foi criado, por que o Império acabou logo, veio a proclamação da república e não deu tempo de ser feita essa divisão do Brasil, que iria ter quarenta províncias, mas essa identidade é bem patente. Então, muitos estudos que só conhecem na verdade o Nordeste da Caatinga, ele esquece desse restante que tem identidade cultural, tem muita coisa que na verdade nasce dessa frente colonizadora pastoril que vem até essa parte do Maranhão e o antigo Norte de Goiás, que é hoje o Tocantins.

Sobre o modelo estrutural das fazendas, queremos que você nos detalhe como que eram as relações de poder empreendidas nesse modelo estrutural e como eram as relações de troca, já que existiam a situação, digamos de semi-isolamento, por que as dispersões eram realizadas de forma dificultada e muito espaçadas temporalmente.

Exato, tinha um modelo, a Casa da Torre criou um modelo de fazenda, então eles tinham muito pré postos. Então o que ocorre nos primeiros períodos, nos primeiros duzentos anos até o século XVIII basicamente, até o final do século XVIII, praticamente, eram que as fazendas se estabeleciam em áreas conquistadas a partir de uma família, entregava-se cem animais, incluía o gado, o gado que se chamavam vacum e os cavalos, né, então era o necessário para fundar a fazenda, o normalmente um padrão de cem animais, entregava-se e confiava à família, a família tinha que se virar, né, cuidar de sua sobrevivência, não havia trabalho assalariado. Então o que que acontecia a família normalmente plantava só para a agricultura de subsistência, o que interessava e o que era a economia realmente mais importante era a criação do gado. Então ele tinha que se virar em fazer isso, havia realmente o isolamento. Ele estava ali não tinha acesso, não tinha basicamente acesso a outros bens, a relação econômica que existia realmente nesse ponto porque em certo período de algumas vezes dois anos, anos, três anos, quatro anos ou alguns até anuais, fazia a divisão dos animais, então isso aí dava um poder de compra, vamos dizer, ou de aquisição ou então de acúmulo do patrimônio animal que existia, né, para a família que cuidava do gado, então a perspectiva econômica era que um dia eles poderiam ter sua própria propriedade, mas a questão do poder, esta estava na Casa da Torre, estava no semesiro da casa da Torre.

E qual o papel da Igreja?

A igreja entra como auxiliar, na verdade, dos potentados. A Igreja não teve nos sertões uma presença muito forte além da catequese, pra catequese do padroado, mas ela não tinha, inicialmente, esse poder, por que no princípio, na verdade, quando os jesuítas ainda estavam, até segunda metade do século XVIII, os jesuítas ainda tinham um poder, eles faziam um trabalho localizado, era um trabalho de missão, como eles fizeram em cima na região do Ceará, entre o Ceará e o Piauí tinha um grande trabalho missionário em que eles próprios tinham a sua forma de vida com os indígenas, por que a Casa da Torre não usava trabalho indígena por que as muitas proibições que existiam e pra eles não interessavam, os índios não se adaptaram bem ao cuidado do gado e nem também com a cana-de-açúcar, então os indígenas não foram muito usados para o trabalho escravo. Na cana-de-açúcar usava-se muito o negro africano, mas no trabalho do vaqueiro, no trabalho do gado, eram os mestiços, os caboclos, então, esses daí já eram mais adaptados a isso, tinham uma índole aí, cresciam com essa índole, então não usavam, praticamente, nem trabalho do negro africano na criação do gado, era muito raro.

Mas existiam os negros os negros africanos em algumas fazendas, né?

Existiam!

Eram para trabalho doméstico?

Alguns você pega, por exemplo, nas áreas urbanas, você tinha o trabalho negro, você vai pegar aqui na região, Carolina, tinha! No trabalho urbano, no trabalho doméstico. Tinha alguns poucos em fazendas, isso que eu digo, a proporção era muito pequena. A disparidade em relação, por exemplo você vai pegar a região litorânea do Maranhão, a disparidade é imensa, então você vai ter poucos negros, no trabalho, vamos dizer, além do trabalho doméstico urbano, ou mais específico, vamos dizer. Houve uma tentativa, talvez no comecinho do século XIX, uma tentativa de mandar escravos, negro escravizado do Rio Grande do Sul pra cá, mas eles eram especializados em trabalhos com fazendas, eles já eram especializados no laço, e no finzinho ainda do período colonial, em 1820, por aí, por volta de 1821, veio um grupo do Rio Grande do Sul para treinar escravos do Maranhão para fazer esse trabalho, aprender o trabalho da lida com o gado e o uso de bolandeiras para os animais ou gados que fazia muito no Rio Grande do Sul, mas aí veio o período da independência do Brasil e se desfez

esse projeto que iria fazer fazendas ligadas no Sul do Maranhão, fazendas reais, como fizeram no Piauí, e não deu certo isso, por causa da independência do Brasil se desfez esse projeto. Então a realidade é que a presença do negro africano com a lida com o gado é mínima, há, mas é muito pequena, o que predomina fortemente são os caboclos que se tornam vaqueiros.

Então, pegando pelo que foi dito, a gente pode perceber também uma sociedade de classes. Mas ao mesmo tempo a gente pode perceber que o mais importante era a terra e o gado. Assim para criar o gado seria necessário ter a terra, mas sem o gado a terra não tinha valor, já que o preço era baixo.

A terra era uma área de conquista, a terra era conquista, era a expulsão dos indígenas ou extermínio como aconteceu no Ceará, no Piauí, onde praticamente foram exterminadas todas as tribos indígenas ou afugentadas e tiveram que fugir, fizera-se guerras contra eles. Era a ocupação do território, então a terra não tinha um valor patrimonial, mesmo por que no período colonial tinha que pedir a sesmaria para a Corte. A Casa da Torre, foi dona, praticamente, com documentação da Corte portuguesa de praticamente uma área de duzentos mil quilômetros quadrados, que é considerado na verdade, o maior latifúndio que existiu no mundo, por que era praticamente os sertões, desde a Bahia até o Piauí, pertenciam à Casa da Torre através de seus sesmeiros. Então, porque também o poderio da Casa da Torre contribuiu muito nos momentos de crise de Portugal, por exemplo, como no caso da invasão holandesa, Portugal não tinham exércitos no Brasil, não tinha condições de fazer uma guerra contra os holandeses, expulsar os holandeses, isso aí só aconteceu por causa da Casa da Torre. A Casa da Torre que deu sustentação, tinha um exército de dez mil homens, entre índios e caboclos e foram eles que ajudaram a expulsar os holandeses. Então, isso aí não era de graça, existia aí, por que eles sustentavam com gado, sustentavam com armas, então isso aí eles exigiam em troca disso, existia, cada vez mais, documentação de sesmarias, documentos de terras, conquistas, então eles tinham, por ordem régia, o direito de ocupar e tomar posse de todas as terras conquistadas dos índios. Então, o que ocorre, eles preferiam, na verdade, não usar a mão de obra indígena para esse trabalho, eles preferiam, na verdade dizimar os índios e tomar-lhes as terras. E os índios também, eram resistentes, preferiam não se entregar, lutavam até morrer.

Esses eram os principais conflitos, os conflitos de embate com o indígena, mas os conflitos em relação ao modelo societal, conflitos existentes, que poderiam ser entre uma sociedade patriarcalista, em que se tinha o vaqueiro e os agregados. E os conflitos sociais inerentes a isso, eles existiam?

Muito pouco, por que o seguinte, a índole dos vaqueiros, você não tinha esse embate com os poderosos, existia sim dos negros escravos, como existia, mas é na área da cana, como você teve, por exemplo, o quilombo dos Palmares. O quilombo do Palmares, não é área, na verdade, de criação do gado, é área de cana-de-açúcar. Houve na verdade, foi contribuição dessa categoria dos vaqueiros e dos bandeirantes, principalmente, para exterminar o quilombo dos Palmares. Por exemplo, Domingos Jorge Velho, que comandou o extermínio do quilombo de Palmares, ele era um bandeirante ligado ao sertão, era um sertanejo que pelo que ele fez, dizimou os índios do Piauí, ele foi contratado para destruir o quilombo de Palmares por causa do que ele já tinha feito no Piauí. Então ele foi comandar, na verdade, o ataque contra os negros africanos escravizados, então daí essa luta contra essa categoria dos africanos escravizados, mas essa resistência, inclusive, que houve e já foi, eles os negros, contra os donos de engenho, então não foi basicamente do vaqueiros, então havia fuga, havia quilombagem, nas áreas de cana-de-açúcar, em que o conflito era muito maior, por que os negros escravizados também tinham um processo de resistência. Os indígenas eram diferentes, eles preferiam morrer, eles iam pra luta até a morte, então, por isso, muitas tribos foram dizimadas e exterminadas, deixaram de existir, porque os índios a essa situação de escravização.

Pensando, basicamente, a nível do Maranhão, gostaria que você, pensando o espaço a partir de um mapa, nos descrevesse em que lugares estavam localizados os principais portos que serviram de entreposto comercial, já que o comércio era feito, na época, através dos rios.

Nós temos, pelo Parnaíba, tinha uma ligação, inclusive, com o litoral do Piauí, no Sul do Maranhão, ali, nas proximidades com a região de Balsas, por volta do final do século XVIII, há uma experiência nisso aí com compra de couro, então se montou um posto muito estruturado por um homem muito rico, me parece que ele é de Parnaíba, era a Vila da Parnaíba, então havia um comércio em toda a extensão do rio Parnaíba.

Então o porto era no rio Parnaíba?

Um porto de compras, perto de Balsas. O Paula Ribeiro descreve muito isso. Aí você tem vários portos, vai ter um porto em Uruçuí, isso no Parnaíba, você tem o porto de Floriano, você tem o porto de Teresina e você vai ter o Porto da Vila da Parnaíba. Então ao longo... por que isso faz comércio com o Sul do Maranhão. Então, você vai ter o porto de Balsas, por que na verdade, o de Balsas era para integrar com o de Parnaíba, então o de Balsas, ele vive em função com a possibilidade desse comércio que entra no rio Parnaíba. E esse porto de Balsas ele desemboca em Uruçuí, por que o rio Balsas desemboca no Parnaíba um pouquinho, dois ou três quilômetros acima de Uruçuí. Então você tem nesta parte leste essa rota. Aqui pelo rio Tocantins você tem a rota comercial do Goiás com o Pará atravessando a região tocantina do Maranhão. Então você parte do Porto, no início chamava Porto Real, no período do Brasil colônia, depois, no período do Império, chama-se Porto Imperial e depois da República é o Porto Nacional. Então, ali era o grande centro de partida do comércio do Goiás com o Pará. Isso acontece a partir do século XVIII, a partir do período da criação de gado, que coincidiu quase com o fim do período da mineração. Então você tem: Porto Nacional, que era Porto Real, você tem Carolina, você tem Boa Vista, que é Tocantinópolis, que era outro Porto importante, você não tem ainda Imperatriz, que só no final do século XIX é que entra, com a fundação de Imperatriz e já no começo do século XVIII aí que é fundado Marabá, então Marabá se torna um importante porto, mas você vai ter Alcobaça, Alcobaça já existia desde o século XVIII, até na verdade, eu acho que no final do século XVIII, um importante porto é Alcobaça, que é o de Tucuruí, então você entra na rota para Belém a partir dali, né, pelo Tocantins, já tendo recebido o Araguaia. Então são os portos no Tocantins que fazem o comércio de Goiás com o Pará, por que Belém, propriamente o Pará, não tinha abastecimento de carne, porque o Pará não criava gado, as matas amazônicas, no princípio, ninguém ia criar gado, só se concebia criar gado na região de Cerrado, e como na Amazônia e no Pará não tem Cerrado, eles não tinham condição de criar gado, eles não criavam gado, eram abastecidos com importação. Onde se criava gado para abastecer Belém, era na ilha de Marajó, mas eram ineficientes. Então, principalmente no período da Cabanagem, Belém passava fome, por que não tinha abastecimento, entre os portos, na verdade, havia muitos conflitos e os portos às vezes eram fechados durante longos meses e tal, por causa de conflitos e por isso não tinham condição de abastecimento. Então eles começaram a levar gado do Maranhão a partir da fundação de Imperatriz, da criação de gado dessa região do Grajaú, primeiro da região da Carolina, por que

estava mais próxima do rio Tocantins e da região de Imperatriz, que entrava também os sertões de Grajaú. Então, essa é uma outra rota, a rota de navegação, aí você tinha a rota do Grajaú, a rota que era para ligar com São Luís. Então, desse a primeira navegação da fundação da Chapada, você vai ter o primeiro grande acontecimento da fundação da Chapada, é a navegação para São Luís, que é outra rota, né, então a celebração da ligação para São Luís dar a possibilidade da rota do porto da Chapada que é Grajaú. Aí você vai para a região do Arari, pra a região do rio Pindaré, então você tem uma outra rota ligada aqui ao rio Grajaú e Pindaré. Então você pode identificar aí, três diferentes processos de rotas de navegação que envolve o Sul do Maranhão. Essa do Parnaíba, essa do Tocantins e essa do Grajaú, são três diferentes.

E as estradas que existem hoje, ela têm relação com as picadas que eram usadas pelos criadores de gado em suas rotas comerciais, como por exemplo dos que saíam de Montes Altos à Grajaú em busca do sal?

O sal vinha pelo rio, inclusive esse sal chegava, saindo de Grajaú, ele já chegava muito caro a Carolina, que era o porto que distribuía, inclusive para o Norte de Goiás. Por que o sal que vinha pelo Pará não era um sal de boa qualidade, então não era muito aceito, mas esse sal que era abastecido por Grajaú, que vinha de São Luís, o litoral do Maranhão, ele era levado até Carolina e a partir de Carolina era que se distribuía, ou ia para a região de Balsas, ia para o Norte do Goiás e se distribuía pelo resto do Sul do Maranhão, mas era vindo por navegação. O Sul do Maranhão, basicamente, não tinha estradas, então, você tinha as picadas, inclusive a primeira foi construída por volta de 1864/1865 a partir da povoação de Santa Tereza, que foi uma primeira tentativa de ligar essa região aqui foi uma estrada contratada na década de 60 do século XIX que ia até Monção, era uma estrada para tanger boi, carregar boi até Monção, mas ela logo se fechou, não foi cuidada e não deu muito certo não. Foi feito uma estrada para o rio Capim, que seria para abastecer o Pará, também foi construída, mas foi inviável, era um lugar cheio de muitos problemas, passando em áreas indígenas e muitas áreas de rios, e também não funcionou. A primeira tentativa de levar mil rezes até Belém, até na verdade o rio Capim, de lá iam embarcados para Belém, na verdade de mil, só chegaram menos de duzentos. Então se tornando inviável. Já no final do século XIX o gado da região, ele ia para duas feiras, a feira de Engenho Central em Pindaré-Mirim, então tinha uma grande feira de gado, em que, praticamente, o gado do Sul ia pra lá e a feira de Pombinhas, que se não me engano,

era Itapecuru-Mirim. Então, eram nesses dois lugares que os vaqueiros faziam, e os proprietários levavam os gados para vender. Anualmente se levavam grandes quantidades de gados para essas duas feiras.

Essas estradas pavimentadas que existem hoje não têm relação com as antigas estradas?

Não tem relação, não tem nenhuma relação com as antigas estradas, a não ser pequenos trechos, como por exemplo, Imperatriz para Amarante, que não é exatamente a mesma estrada, mas é a mesma rota.

Adalberto, então a gente vê que é uma sociedade em que o homem ocupa a posição central, já que ele que se ocupa do gado, mas a mulher, a mulher também tinha um papel muito importante, principalmente, pelo fato, de que ela, além de trabalhar na roça, ela cuidava dos filhos, da casa, de tear, de bater o algodão. Diante disso, me fale mais sobre o papel da mulher e sobre a sua vida no sertão.

Não se pode negar que o papel da mulher era um papel secundário no sentido econômico. E sempre foi por que existe essa coisa do homem nordestino, na cultura do nordestino, a presença muito forte do homem, que é o que tem a força, é o patriarca, então isso é muito forte ainda hoje no Nordeste. Então, o papel da mulher cabia o quê? Cuidar dos filhos pequenos, por que depois dos dez, doze anos, ele já está na roça, já está começando na lida. Então o papel da mulher é cuidar dos filhos, dos pequenos animais, a criação da galinha, as vezes até a criação do porco e tudo mais, é o fazer comida, é o tecer a roupa, é essa coisa mais doméstica, ou mais próxima do espaço doméstico. Isso aí já começa a mudar já na virada do século XIX para o século XX é que se vê a presença mais destacadas de mulheres, aí vem para a área da educação, a gente tem registros de mulheres educadoras, a gente já verifica em alguns espaços mulheres, que inclusive tem uma presença maior, não só na questão cultural. Mas existiam casos também de mulheres viúvas que assumiam o papel da dona da fazenda, existiam alguns casos assim. Em Imperatriz, existiram casos no século XIX, como o de Dona Joana Brasileiro, que assumiu esse papel, a gente tem o caso de Carlota Carvalho que ainda em 1880 vai fazer o curso Normal em Belém, saída daqui do sertão de Imperatriz e Grajaú e se torna uma educadora de destaque. Mas isso há um preconceito, a imagem de Carlota Carvalho até hoje ainda sofre por causa disso, por que não é bem visto pelos homens, quer dizer, há uma

maledicência nisso aí. Mas você vai pegar Carolina enquanto espaço urbano, você vai ter muita presença de mulheres em vários setores da cidade, a partir do começo do século XX, você vai ter muita presença feminina em várias áreas, da educação, das artes e tudo mais. Então já começa um processo diferenciado mesmo na área central do Sul do Maranhão, por que Carolina, a gente não pode negar, Carolina é uma sociedade muito conservadora até hoje, apesar de ter a tarja de ter sido grande centro cultural, mas mesmo assim, foi onde surgiram destaques de mulheres no cenário. Balsas também teve alguns casos assim. Então, a gente pode ver, que a conquista das mulheres, no Sul do Maranhão, é menos recente do que no litoral, por que no litoral você vai ter uma Ana Janssen, toda poderosa, no século XIX, tão poderosa como um governador, ou mais do que isso, que determinava, ditava, era a proprietária de todo o sistema de abastecimento d'água de São Luís, então você vai ter gente assim poderosa no litoral, mas nos sertões foi muito mais demorado.

Você tocou em um ponto importante que é a educação. Como que era a dinâmica educacional na época, como que os alunos chegavam até às escolas? O que sei é que iam professores, tanto homens quanto mulheres que elas iam para as fazendas mais importantes. Quem estudava e até quando estudava?

O quê que importava pra os criadores, para os vaqueiros eram as primeiras letras, era aprender a contar, ler e somar. Então, o importantes era saber fazer contas e saber ler, então a maioria das famílias, que normalmente eram famílias de muitos filhos, o quê que faziam, qual era o costume, não existiam escola pública, a presença do Estado não existia nos sertões, então o que ocorre é, as famílias lá nas suas fazendas, os proprietários mais ricos contratavam um professor ou uma professora, que chamavam de mestre escola, por um período de um anos por exemplo, e aí juntavam, os filhos daquele proprietário, daquele senhor mais rico e aquele mestre escola ia por um ano dar uma espécie de curso de escrita e matemática básica. E aí vinha ali para frequentar aquela escola, os jovens das redondezas que das famílias mais próximas da fazenda, os filhos dos agregados, incluíam a vizinhança também. Mas o quê que ocorre, ocorre que daí pra frente ou mesmo nesses casos aqueles filhos que se destacavam, normalmente as famílias selecionavam um, aquele ia estudar fora, ia ser investido nele, na educação dele, só um, normalmente, os outros iriam continuar na lida da roça, na sucessão do criador, do fazendeiro, ia cuidar da lida do gado, da lida da roça.

Normalmente, esse se configurava como o mais importante do que os outros?

Normalmente quando ele voltava, se voltasse, ele iria suceder o pai, por que era o mais sabido, era o que conhecia mais as coisas, tinha uma visão maior, então esse era o que normalmente sucedia o pai no gerenciamento do patrimônio.

Como podemos pensar, hoje, o sertão em decorrência as diversas transformações existentes, já que o sertanejo não é uma figura inerte a tudo isso, devido às transformações do espaço, ele também se transforma.

Eu tenho percebido o seguinte, o espaço ele tem se modificado. Como o espaço, ele se modificou com a agricultura, principalmente a monocultura e a criação do gado não é mais extensiva, é intensiva, cada dia mais com o uso de tecnologias diferenciadas, o espaço do sertanejo está acabando. Eu vejo que não há mais no futuro, esse espaço para a vida sertaneja nesses moldes, eu acho que ele está se extinguindo. A relação, se você pega, principalmente no Piauí, você vai perceber que não existe mais vaqueiros. E era a região de muitos vaqueiros, hoje a maioria usa motocicleta, a forma de criação do gado é diferente, o espaço está se diferenciando. Você vai pegar o Sul do Piauí, principalmente região de Uruçuí, totalmente tomada pela soja, é e todos os espaços do bioma do Cerrado está se acabando para dar espaço à soja, principalmente. A região de Balsas é a mesma coisa, já está completamente tomada. Então não há mais espaço para essa vida do vaqueiro, do criador, esse molde está se acabando. As fazendas que existem são as grandes fazendas com outro modelo de gestão. Então eu prevejo o fim dessa vida sertaneja com esses moldes do início do século XX. Se você pega o Sul do Maranhão, você vai ter a soja, você vai ter um pouco da cana-de-açúcar aqui nessa região limítrofe com a região Sudoeste, na região Sudoeste você tem o eucalipto que se espalha também. Então, as monoculturas estão tomando conta de todo o sertão. Não há mais possibilidade da criação extensiva. A vida contemporânea permite levar a energia, levar a comunicação, levar uma internet. Então, esse modelo de vida isolada que tinha o vaqueiro, que tinha os sertões, ela não tem mais espaço no mundo moderno do século XXI. Então, o que se prevê é, essa civilização construída desde o descobrimento do Brasil até a segunda metade do século XX, ela está desaparecendo e com isso, também, desaparecendo a cultura do sertanejo, ela está sendo esmagada pela massificação cultural, então eu percebo que a cada dia existe menos espaço e existe menos quantitativamente esse tipo de vida.

Diante disso, o sertanejo pode ser considerado uma figura do atraso ou as fazendas em que ainda podemos encontrar resquícios desse modelo de vida, esse sujeito aí presente seria um representante desse modelo histórico?

Eu acho que é um processo civilizatório que com o tempo ele realmente se modifica, ele vai mudando, então eu acho que é um ciclo, esse ciclo, ele está se extinguindo, agora no século XXI. Então, o que a gente tem é porque, isso não muda de um momento pra outro. Há espaços mais resistentes, no sentido de que perdura mais tempo, ainda é possível ver sim, mas a juventude não quer mais ficar nesse tipo de vida. Então a gente encontra nesses povoados mais antigos, mais os idosos, pessoas com mais de 50, 60 anos, mas a juventude você não vai mais encontrar, a juventude quer uma vida urbana, a juventude quer uma vida da comodidade, da comunicação, então eles não se submetem a isso. Quando eles se dedicam à economia rural, seja fazendas, seja outra atividade, eles preferem nos moldes mais modernos da tecnologia. Eles não querem mais essa vida, da dificuldade, da rudeza, eles não querem mais, por isso, mesmo que seja no campo, eles querem uma vida com características urbanas.

Diante de tudo isso, para a gente finalizar, quais os elementos, existentes hoje, que caracterizariam uma cultura sertaneja maranhense vindo desse processo histórico da civilização do couro?

Eu acho que há coisas que dificilmente vão se extinguir, você vai pegar a nossa culinária do Sul do Maranhão, ela vai permanecer em algumas coisas que vem daí, se você pega também, o jeito de ser do sertanejo, que é aquilo que diz o Capistrano, da questão do acolhimento, que também Caio Prado Junior fala nisso, dessa forma de ser uma pessoa acolhedora, da índole de querer ter a honradez, essa coisa que é descrita, inclusive por Dunshee de Abranches, que talvez seja a coisa mais fantástica que as pessoas não perceberam ainda, é a carta que ele escreve para o governador, quando manda ele descobrir o quê que acontece nos sertões, as brigas, as resistências que existem em relação à metrópole, capital, que Dunshee de Abranches, ainda jovem, como 22 anos, ele revela que a questão é a altivez, não existe, como se pensa, que o sertanejo é uma pessoa atrasada culturalmente ou intelectualmente, não é verdade isso. A verdade é que o jeito de ser dele, a altivez, da bravura, a questão da liberdade, essas características aí, que fazem com que ele seja o que ele é. Então, essas são características de uma herança cultural que eu acho que vai permanecer,

ela continua sendo, no Nordeste, uma coisa bem característica, e isso, eu acho que vai continuar sendo. Então, existem traços culturais, existem traços do aspecto da humanidade do Nordestino, da cultura, que não vão deixar de ser.

ANEXO B: Entrevista concedida por João Gomes Bandeira**ENTREVISTA COM JOÃO GOMES BANDEIRA****10 de janeiro de 2017**

Nome completo: João Gomes Bandeira

Lugar de vivência na infância: Fazenda Monte Alegre

Quando nasceu: 1934 no mês de setembro, 26 de setembro

Nos faça um relato de como era a vida no Sertão em meados de 1950

naquele tempo, os pais botavam pra trabalhar desde criancinha, que era para tanger bicho em roça, pra não arrancar os legumes que plantavam, o milho, o arroz, passavam vários dias na roça. Ia bem cedo antes de acabar de clarear e voltava quando já estava escurecendo, se deixasse arrancar, era preciso ter muito cuidado, senão ia pra peia... rrsrs. E assim também, quando era o tempo da colheita, passava muito tempo lá, vigiando os bichos novamente, eram macacos, os periquitos, as curicas, tudo ia comer na roça e não podia deixar comer não. Porque era preciso tá olhando direitinho, tangendo. Eu já fui assim, já meio carrasco, por que o papai arrumou uma espingarda pra mim eu ainda tinha poucos anos, parece-me que eu tinha 08 anos quando eu matei o primeiro macaco de tiro de espingarda. Mas aí, eu sempre matava coisinha, depois eu mais maiorzinho, eu matei um veado, eu tinha 12 anos, eu era meio ativo nesse ponto. Quando um dia mamãe pensou que eu estava por lá, eu tinha fugido para uma espera, lá no Monte alegre mesmo, era num pé de Caraíba, quando foi cedo da noite, ela pensou que eu estava em casa, eu tinha saído sem dizer pra donde ia. Quando escutaram foi um tiro, eu matei um catingueirozim, aí eu já saí rolando com ele, até cheguei em casa, isso com 12 a 13 anos.

A vida era meio trabalhada lá, no tempo que eu era menino, aí sempre tinha umas viagens, que se ia buscar sal todos os anos, tinha dois tempos que ia buscar sal no Grajaú. De 07 a 08 anos eu já ia no meio da carga pra ajudar, aí até que teve uma certa vez que um homem lá no Grajaú, perguntou porque que eu não tinha ido e disseram que é porque eu estava com asma, aí até mandou ensinar um remédio, era o pai do Dr. Danilo, um médico que é geriatra lá de Imperatriz. Aí ele mandou ensinar uns remédios pra mim, com leite de Moreira, com biotônico, eu tirei o leite de Moreira, o papai comprou biotônico pra mim, naquele tempo era muito difícil você andar na cidade, porque era tudo longe e só era de animal, num existia carro, o primeiro carro

que eu vi eu tava com 14 anos, eu vi um carro no Grajaú, foi uma pick-up, eu pensava ser bonito porque o carro que eu conhecia era carro de boi, eu não conhecia outro tipo de carro, eu não conhecia uma bicicleta, num conhecia moto, num conhecia carro, nem o avião. Avião, o primeiro que eu vi, foi passando lá por cima, eu fiquei até com medo, porque eu era meio traquinhozim, peguei um cano de fazer espingarda e assoprei naquele cano, lá na oficina do papai, e era um dia de domingo, aí uma de minhas irmãs disse, eh faz mal e eu lá tava somando pro mal, tornei a soprar, quando dei fé lá escutei a zoadada do avião, aí eu fiquei com medo, fiquei com medo e corri lá pra donde a mãe. Aí cheguei lá na mamãe, contei a estória que tarra zoando uma coisa, lá minhas irmãs chegaram também e disseram que era porque eu tinha assoprado um cano, aí a mamãe escutou a zuada e disse, virgem, é uma zuada muito grande, aí o papai estava lá na varanda mais um outro homem conversando, ela foi e falou que estava aquele zuada e eles disseram... ahh... deve ser um bicho chamado de avião, e saímos lá pra fora e o bichim vinha lá em cima, acolá, aí quando eu enxerguei disse: hãh e é pequenin, não dava para ver mais do que um palmo, assim não. E disseram aí vai gente dentro, mas não cabe, pode ser alto, mas tá pequeno demais, nãh é porque quando tá muito alto a gente pensa que é pequeno, aí foi o primeiro avião que eu vi. A gente era interessante as coisas, porque antigamente era tudo diferente mesmo, aí a primeira bicicleta nós tava lá de junto de uma porteira da casa, quando demo fé lá vem uma coisa alumando e uma pessoa em cima, tava eu a Ana, a Carmelita e enxergamos, mas que bicho é aquele? Nós nunca tinha visto uma bicicleta, aí quando chegou, era um primo nosso que vinha do Porto Franco para ir na casa do pai dele, lá nas Areia.

Quantos anos você tinha quando viu uma bicicleta pela primeira vez?

Eu não lembro, mas ainda era meio novo, por que a Carmelita é mais nova do que eu uns dez anos e ela era bem pequena. Mas eu já tinha, eu acho, que uns 12 anos.

Como era as idas em Grajaú para a compra de sal?

Buscar sal era difícil, era tão difícil que uma vez, o papai mandou eu ir mais uns vaqueiros dele buscar um sal no Grajaú, quando nós saimo, a mamãe arrumava muito frito pra nós levar e carne também e aí nós fomo. Chegamos no Grajaú eu não achei nem um fardo de sal para comprar, era para comprar pra três fazenda que ele tinha, isso era pera pelas eras de 51. Era uma porção de animais que nós tinha levado, nós

era cinco pessoas, eu tinha uns 17 anos, aí quando chegamos em Grajaú não tinha sal, aí foi preciso nós ir em Barra do Corda. Aí quando cheguelmo na Barra do Corda, aí achei três fardos de sal para comprar, era para comprar trinta carga, que era sessenta fardo para passar o ano.

Então era uma vez por anos que vocês iam comprar o sal?

JB: Tinha vez que era uma vez por ano, outras vez eram duas. Mas era para passar até a época que faltasse. Então, não comprei os fardos de sal e acontece que voltamos, chegamos no São Pedro dos Cacetes e arranchemo, aí aluguei um capinzin para botar os cavalos para comer. Chegou um menino e disse que o pai sabia onde tinha um sal para vender, aí fui ver o homem que estava muito doente, naquele tempo não havia médico, havia um padre médico no Grajaú, mas às vezes ele não estava lá, pois vivia para a Itália, passava tempos pra lá. O homem estava deitado numa cama, naqueles tempos as camas não eram como as de agora, era feita de paus encruzados as pontas, amarrados e esticado com embiras para poder botar uma coisa em cima para deitar, tiravam palha de arroz e botavam forrando e com um pano por cima, era grosseiramente, não tinha essas coisas melhor não, não tinha mesmo carro para trazer. Aí naquele tempo já havia algum carro, mas era difícil, havia carro de prefeitura, depois chegou um para Imperatriz e outro para Porto Franco. Imperatriz era pequeninha, só tinha três ruas de comprido no rio que era a Frei Manoel Procópio, a Coronel Manoel Bandeira e a Godofredo Viana, com poucas casas. Então na história do sal, eu falei que agora é preciso ir aonde tem o sal, o homem falou que de lá adonde tinha o sal era quinze léguas, abaixo do Barra do Corda. Aí fomos de novo, voltamos, dormimos numa aldeia, aí sumiu se um burro, aí foi preciso eu pagar para os índios, para que mostrasse aonde tava o burro. Quando cheguelmo lá em Grajaú, a comida estava acabando, por que era para nós ir até Grajaú e fomos mais duas viagens mais, aí eu saí dos acampamentos onde nós tava, quer era no mato, armamos as redes em galhas de paus. Vim no Grajaú comprar umas coisas que mamãe pediu que eu comprasse pra ela e arrumar o de comer, por que ainda faltava uns três dias pra nós chegar. Comprei uns fios para tecer rede que mamãe fazia rede, o fio se chamava fio da fiação, aí fui para um hotelzinho procurar as coisas para comprar pra comer. Quando cheguei lá, o homem perguntou de donde eu era, eu disse, filho de quem? Eu disse: Moisés Bandeira. E ele disse: eu já sei teu nome. Teu nome é João, eu cheguei lá doente e você que cuidou de mim. Aí ele mandou que aprontasse dois

capão, fritar e ajeitar, passar farinha, pra nós trazer pra vim comendo na estrada, aí eu quis pagar, ele me deu mais de comer fora esse, e ele não quis nada de pagamento, disse que estava era começando a pagar o que ele devia.

Aí nós atravessava os rio era puxando animal com as carga, não tinha ponte, naquele tempo não existia ponte lá no rio Grajaú. Não atravessava no tempo de chuva.

Quando nós chegemo tava com dezoite dias que nós tinha saído de animal, era o mesmo que andar no Brasil quase todo, assim de carro, nunca mais nós tinha mandado notícia, não tinha como mandar notícia. A gente sofria demais, não era brincadeira não.

Como era a relação com os pais? Com respeito? Como que era?

O respeito tinha que todo dia, a gente tinha que dar bença na hora que levantava e era louvado seja, não era como nos dias de hoje, as coisas tudo diferente, mas tinha que respeitar muito bem, fazer o que mandava, senão apanhava mesmo. Graças a Deus, mamãe era muito devota, católica, naquele tempo nós não sabia de outras religiões, só sabia da católica, os padres saiam celebrando missa no sertão, todos os anos tinha missa na casa do papai, a mamãe todo dia de domingo ele ia rezar um terço na capelinha e quando era o mês de maio, era o mês todo, vezes lá na capelinha e à noite era em casa mesmo e os filhos era pra tá tudo ao redor, também, ajudando, tinha que ter aquela atenção, não podia dizer que não.

Vocês iam em algum lugar, fora Grajaú? Quer dizer, primeiro quero saber, quando vocês iam em Grajaú, vocês levavam alguma coisa para vender lá?

Levava couro, clina de animal. Tinha vez que a gente levava algum legume também. Mas o legume a gente ia vender era no Porto Franco, Imperatriz, no Clementino. Eu mesmo fazia rocinha, ainda rapaizin, com uns quatorze, quinze anos e colhia o legume, o arroz e depois limpava ele todinho, pisava ele no pilão todinho e levando para vender, botando nas cargas para vender no clementino, levava às vezes uns dois dias de a pé, tangendo a carga.

Onde é o Clementino?

É lá adiante da Santa Maria, da beira da estrada Belém-Brasília , um pouquin.

Então a venda dos legumes era uma vez por ano?

Não, fazia várias vendas, limpava uma quantidade de sacas e levava nas sacas, depois fazia o mesmo e tornava levar para vender.

Nos fale quando que vocês saiam da fazenda, além de Grajaú e vender arroz no Clementino. Aí tinha outro lugar em que vocês iam?

Tinha, no Porto Franco, até em Tocantinópolis, a gente atravessa os rios, nos pentas, que era a forma de um motorzinho que anda ligeiro. Íamos vender legumes. Naquele tempo a gente produzia e não tinha usina, não tinha energia, era só no pilão, não existia energia elétrica nessas cidades nenhuma, só tinha as vez um motorzin. Pisava arroz até para fazer o cuscuz, botava de molho para amolecer mais um pouquin e tornava voltar com ele para o pilão até quando dava no jeito da gente fazer o cuscuz.

E as idas a Montes Altos e Imperatriz?

As idas a Montes Altos e Imperatriz tudo era de animal, as vez a gente passava cinco dias para ir e voltar de Imperatriz, o quando agora já tem vez que eu vou duas vezes por dia de carro.

Como que eram as estradas?

As estradas só eram camizin mesmo de andar de animal cheia de volta, arrudiando morro, arrudiando capão de mato para ficar mais fácil de andar. E a gente ia de animal, até as vezes para vender gado em Imperatriz, tangendo gado, tinha gente que levava para o Engenho Central, mas eu levei muitas vezes para Imperatriz, levava uma vez ou duas e ia mais os outros com outras rezes e levava para vender, por que não tinha açougue.

E gastava quanto tempo de viagem, quando levava o gado?

Demorava mais, porque só queria voltar quando tivesse vendido lá por Imperatriz e não tinha estrada, não tinha nem a Belém-Brasília, não tinha carro pra tá andando.

Onde vocês ficavam hospedados onde?

Ficava na casa de minhas irmãs. Antes nós hospedava na casa do Manoel Rocha, que era muito amigo de meu pai.

E em relação ao estudar, como era?

O estudo era bem pouquin, as vez passava de dois, três meses na escola mesmo no sertão. Estudava de manhã e de tarde, de madrugada pisava arroz para comer, ia buscar lenha para poder cozinhar, por que não tinha gás. Até na cidade era na lenha, nem carvão quase que não sabiam fazer carvão para cozinhar em carvão não, era só na lenha mesmo.

Sobre os alimentos, quais os mais consumidos?

Nós comia mais era mesmo o arroz, arroz até de manhã, ou as vez paçoca, fava, que a gente plantava muita fava, e fazia uns paiol de fava, sem ser dibuiada, fazia assim parecendo um chiqueirozin e forrava ao redor com algumas folha de fonte, que chamavam, aí ia enchendo de fava para ir fazendo as comidas, sempre era mais fava do que feijão.

Tinha muita caça?

Tinha, a gente matava tatu, outras caças, viado mesmo.

E peixe?

Peixe, só mesmo nos riachos e nas grotas. Eu comecei a ver criatório de peixe, eu já era pai de família.

O que era comprado na cidade?

Para a manutenção não vinha, porque até a rapadura e a açúcar o papai produzia, produzia cachaça sertaneja, e eu era acostumado a ajudar a fazer, a gente fazia o tijolo, fazia o mel e botava nuns cochos para botar para fazer o açúcar depois. Nem açúcar não se comprava, o papai era que vendia para muita gente.

E quando adoeciam?

Era preciso tratar mesmo com remédio caseiro por que não existia médico. A primeira vez que eu fui a um médico, tinha um no Grajaú, um médico padre, depois tinha um também no Amarante, não tinha médico para fazer parto em muié, de maneira nenhuma. É tanto que quando a Terezinha (esposa) teve o primeiro filho, eu fui com ela na Imperatriz, só existia um médico lá, aí para consultar, para ver como que tava, mas só consultava mulher grávida um dia por semana e nós não sabia. Quando nós chegamos lá era um dia de quarta-feira de tardinha, nós fomo de animal até na beira da Belém-Brasília, ainda não tinha asfalto não, só tinha assim umas piçarras.

Isso foi em 1960 e pouco?

Foi em 1962 já! De certo que nesse dia não consultava, voltemo para a casa da irmã da Terezinha (Luisa), aí quando foi meio dia eu fui mais outra mulher, eu procurei saber quem conhecia o médico, para eu ver se falava com ele, para ele consultar a muié, aí quando eu falei com ele, contei a história da necessidade, que não podíamos esperar, aí até que ele prometeu que no outro dia atendia. Ele disse como era para fazer, não dar ouvido para o povo, nós não ia para fila não, prometi dar um cigarro de dinheiro para o porteiro para ele ajeitar tudo. Aí o porteiro botou nós numa bancada diferente, aí quando o médico chegou, entrou no consultório, aí já tinha tomado nota do meu nome, chamou nós e o pessoal endoidou dizendo que eu tinha dado dinheiro, mas ele disse que não era para dar ouvido não, porque eu tô vendo que você tá falando a verdade, andar de animal não era fácil mesmo. Aí conforme o prometido eu dei o cigarro de dinheiro para o porteiro, por que eu prometi e quando a gente promete a gente deve cumprir.

Como era desenvolvido o trabalho com a roça e com o gado?

A roça, a gente fazia era de facão e de machado, primeiramente, nem foice não tinha pra brocar. Sempre quando começava o verão, começava a fazer a roça. Pasto, só tinha algum para botar o animal, pra andar e assim mesmo a gente piava os animal nas vargens que existia, que era para poupar mais o capim. E a roça a gente cercava com aqueles paus que a gente tinha derrubado, cortava eles do jeito que era para fazer a cerca, não tinha arame, arame era difícil demais, por que era longe e pra trazer era na carga e não existia quase nem pra gente cercar um quintal, a gente não achava. Aí a gente a gente fazia aquela cerca de madeira, umas partes de varão, outras de galhos, nós fazia uma cerca que nós chamava de caiçara, por que era de vara, a vara se entrançando. Aí plantava o milho, o arroz, mandioca, macaxeira, feijão nos pé de milho, fava também nos pé de milho. Aí carregava de carga pra casa, o milho a gente dobrava abaixo da espiga que ele ficava com a ponta pra baixo e ficava na roça e quebrava só aos redor pra os macaco não quebrarem, e levava pra casa e deixava o restante lá na roça pra ir quebrando mais tarde, pra não dar broca, lá nos pés de milho não dava broca não, só dava broca se quebrasse e amontoasse em casa. Não tinha nem jeito da gente bater o milho, não tinha remédio para se colocar na broca. O

arroz a gente carrega nos cachim mesmo e colocava no paiol, guardava o arroz para depois ir pilando no pilão, era com muita dificuldade que se fazia aquilo.

Como era criado o gado?

O gado era solto no mato, era quase um pra o norte e outro para o sul, mas a gente botava chucalho em muito gado que era facilitar achar, amarrava com uma sola, a gente curtia couro, fazia as sola e a gente fazia as marra de chucai, as vaca ia amojando, tudo a gente colocava um chucai que era para facilitar achar e achar a cria, não existia nem quase nada para curar o bezerro, era uma tal de criulina, tinha o mercúrio também. Dava muitas bicheira, naquele tempo, nos umbigo dos bezerros, na boca, no pé, porque eles coçavam a boca e em algum lugar e criava os bicho. Hoje quase nem existe mais, por que a gente aplica remédio, passa remédio que as moscas não querem, sentar naquele lugar, fazem é morrer, é, então, agora está fácil, mas naquele tempo era difícil. Não existia coisa própria para se evitar as mosca não.

Então, eram os filhos que cuidavam do gado ou tinha vaqueiro?

Tinha os vaqueiros, por que o papai mesmo botava os filhos para ser vaqueiros, mas não era de sorte não, era só mesmo aí na tora como se chama, só para tá olhando fazendo os serviço, mas não era ganhando nada não, era só vaquerando pra o papai mesmo, de graça.

Como era o ganho do vaqueiro?

De quatro cria eles ganhavam uma. Aí quando os filhos já estavam refeitos, com mais de vinte anos, aí ganhava sorte, mas era do mesmo jeito, das quatro, um. Mas era como se diz, uma pra o norte e outra pra o sul. Era uma fazenda que as vezes tinha uns trezentos gado, dava uns vinte a trinta bezerros, era bem pouco. Papai, até mesmo quando ele tinha umas quatro fazenda, dava só a questão de uns cem a cento e vinte bezerros por ano. Nunca dava trinta bezerro por ano, cada uma as fazendas.

E o trabalho do pai?

O papai mesmo, ele concertava sanfona, ele concertava espingarda, rifle. E ele fazia muita coisa de ferro e sempre trabalhava na oficina, toda coisinha que tinha ele concertava. Ajudava a plantar e a colher as roças também. No gado ele não trabalhava, não sabia mexer com gado não. Era só com as coisas em casa e na roça.

Você tem como descrever a casa?

A casa era de palha, parede, umas de adobo, que fazia desses barroos que não são muito liguento e outras eram de taipa. E era tudo grosseiramente, o chão era de barro batido, não tinha cimento, eu não conhecia sequer uma geladeira. Diziam que água no congelador ficava como pedra e eu até que duvidava, por que água ficar assim dura desse jeito!

Dentro da casa, o que tinha?

Tinha giraus feito de pati de um lado para botar as vasilhas e papai tinha sempre um armário, tinha alguma coisa, por que ele sabia fazer, as portas onde nós fomos criados era de madeira, papai sabia fazer, mas a maioria do povo fazia de buriti. Eu quando nasci já tinha aquela capela lá na frente que era para fazer a oração lá onde estão enterrados meus avós paternos.

A função dos rios para o desenvolvimento da vida?

Servia para tomar banho, lavar roupas e para os animais beber, todo dia nós ia dar água para os animais lá no riacho. Tinha muitas cheias, enchia muito e a gente gostava de brincar na água.

Normalmente, quais as distâncias que existiam de uma casa para outra?

Era distante, quando tinha vaqueiro, tinha uma casinha pertinho. Casinha de palha, com paredes de palha e as portinha de buriti. E quando não, casa era numa distância de três quilômetros e outras mais longe, diversos quilômetros.

Quais festas aconteciam?

Tinha sempre no Monte Altos, de senhora Santana, que nós sempre as vez ia. Eu comecei a ir foi no meio da carga ou na garupa de algum animal, tinha a festa do divino, do Santo Reis, os vizinhos tinha veis que festejava, vizinho, mas não era vizinho não, morava um pouco distante. Tiram a divindade e outros tiravam a divindade. O Reis era a noite que saiam, chegavam meia noite cantando, aí cantavam bonito, a divindade saiam com a caixa, cantando, ainda hoje tem alguém que canta.

Qual era o tempo que se começavam a fazer a roça?

Era assim pelo mês de junho, julho, pra queimar em agosto. Aí daí pra adiante já era pra cortar os pau para fazer as cerca, para quando fosse o começo das chuvas começar a plantar, a capinar, plantar, encoivarar, queimava os garranchos que tinha tudo.

Qual era o papel da mulher?

Geralmente era fazer o serviço da cozinha e na roça também, ajudava a colher, ajudava a plantar. E tinha os serviços de fiar, fazer redes, não achava rede para comprar. Eu ainda vesti até uma bermuda de algodão feita de tear. Mas as coisas eram tão diferentes, tudo era grosseiro, bem grosseiro, eu ainda vesti. Essas coisas não achavam para vender, não se achava sequer uma peça de roupa feita pra comprar, de maneira nenhuma não se achava.

A mulher não trabalhava com gado?

Difícilmente, as vezes quando a gente não tava, a muié ira botar as vacas pra o curral, botar os bezerros para mamar.

Como era a passagem de filho para proprietário da fazenda?

Eu saí da casa do papai, aí eu comprei um local, com o dinheiro de uma junta de boi, a terra era bem baratinha pra nós ficar morando depois de casado, por lá foi tudo comprado, não foi herdado, depois que os filho já tava tudo nascidos aí papai passou umas terra pra gente, doou umas terra pra nós.

Sobre as pastagens. Na década de 50, você falou que o gado era tudo criado solto. Quando foi que se começou a plantar capim?

Eu comecei depois que já tinha começado os filho, primeiramente, eu cerquei um pedaço de terra de tabuleiro pra botar alguma coisa dentro, aí já tinha arame, mas com muita dificuldade, não era fácil não. Isso já foi depois da década de 60 até muito, porque nós mudamos para o Canto da Lagoa em 14 de junho de 1961 e não tinha nada lá. Aí depois uns três a quatro anos eu já tava fazendo algum capinzal, mas de roça ainda pequena. E cercava primeiro de madeira, de pau branco e depois é que ia comprando algum rolo de arame pra ir fazendo.

Quais as principais crendices?

Mamãe não queria que tomasse banho na hora que acabasse de comer não porque diz que podia atacar uma tal de congestão que era um tipo de um derrame, porque antigamente não se chamava derrame, se chamava estupor e congestão.

O que significa para você ter construído sua vida no sertão, tendo como economia a criação do gado e o plantio das roças?

Eu sou sertanejo mesmo, legítimo.

O que é para você o sertão?

O sertão é lugar de trabalho.

As dificuldades de locomoção de um lugar pra outro, que era situação de quase isolamento. Então! Era mais na década de 50 e nas décadas seguintes como que isso foi sendo resolvido?

Em 1960 já facilitou mais, já tinha mais transporte, não carecia mais ir buscar aquele sal, já tinha em Imperatriz pra vender, que a gente comprava e pagava pra trazer e foi facilitando tudo. Em 1970 já facilitou muito mais, devido as estradas, as cidades foram crescendo. Aqui, Lajeado não existia nem uma casa, naqueles tempos mais pra trás, acolá pras era de 50 não existia nem uma casa aqui, a primeira pessoa que veio morar, um foi aquele Otávio, pai do Antói. Não existia, Lajeado, nem Sumáuma, nem Ribeirãozin. Estreito também não tinha, era só uma fazendazinha lá no Estreito, não tinha ponte, não tinha nada, passava só de canoa.

Você se lembra do primeiro carro que teve na região?

Foram dois, uma camioneta do Gregório, que carregava gente, geralmente uma vez por semana. E tinha um outro que tinha um caminhão também. Depois outros foram comprando, eu mesmo comprei o primeiro no dia 13 de agosto de 1986. As estradas era tudo meio ruim, os donos das casas é que iam fazendo os pedacin, atolando aqui e acolá.

E hoje, o que que você tem que guarda do tempo passado, de menino, da juventude, dos costumes que aprendeu da vida no sertão?

Que a gente tem que ter as atenções e a gente tem que ter aquela forma de educação pra poder saber que uns tempo era muito difícil e agora tá fácil e é tanto que o povo trabalhava muito, eu fazia roça, depois comecei a fazer roça até grande e tinha tempo

que eu arrumava até vinte pessoas para a colheita do arroz e hoje as coisa estão tudo fácil, quem tem colheita grande sempre tem maquinas e o bastante é uma ou duas pessoas pra trabaiá que já colhe muito legume.

Dos conflitos que houve? Por que que houve? Conflitos de famílias e com indígenas.

Primeiro é porque as pessoas tinham muita ganança com as terras, querendo só os lugar melhor. Depois foi tirado essas terras indígenas, eu mesmo fui tirado os locais que tinha, que fui preciso começar outro local. Mas graças a Deus num tô achando muito ruim não, eu tô bem localizado, num posso nem reclamar.

ANEXO C: Entrevista concedida pela Sra. Maria do Carmo Gomes Maciel e Antônio Maciel**ENTREVISTA COM CARMO GOMES MACIEL E ANTÔNIO MACIEL**

05 de janeiro de 2017

Entrevista dia 05 de janeiro – Maria do Carmo e Antônio Maciel

Nome completo: Maria do Carmo Gomes Maciel

Data de Nascimento: 10 de setembro de 1932

Local de nascimento: fazenda Monte Alegre

Nome dos pais: Moisés Rebelo Bandeira e Rosária Gomes Bandeira

Moradia atual: fazenda Alegria, município de Montes Altos.

Como era a vida dos seus pais?

MC: Meu pai nasceu aqui perto, na fazenda Faveira e a mamãe na fazenda Santa Rita, perto de Montes Altos, não sei como se encontraram, mas ele mudou para Monte Alegre com dez anos de vida, se casaram e foram morar na casa dos pais dele e ficaram lá. Lá em nasci e meus irmãos. A forma de vida era bem diferente dagora porque, além de que, nem energia não tinha e os transporte também só era de cavalo. Não tinha nem moto, nem carro, nem nada e nem estrada também, as estradas eram muito ruim. Trabalhavam de roça, mamãe tecia, teava, a gente aprendeu a fazer rede também. O papai trabalhava na roça e criava gado e sempre tinha vaqueiro pra ajudar com o gado, papai também trabalhava de mecânico, ele era muito inteligente, concertava uma coisa, concertava outra, era espingarda, relógio, sanfona.

E sobre a moradia atual, nos conte sobre quando vieram pra cá?

MC: Nós viemos pra cá em, primero nós moremo aí numa terra que nós já tinha e depois, por que lá era muito ruim o acesso pra viajar e tinha dois riacho que se encontrava e não tinha, naquele tempo, as chuvas eram muitas e enchia o riacho tudo, tinha vez que a gente passava era mês sem sair, isolado. Aí nós compramo aqui e viemo pra cá em setembro de 1984. Aqui é melhor, por que assim mais arejado, tem estrada, não tem que passar riacho. Daqui pra o Montes Altos ficou mais fácil ir, pra o Lajeado ainda tem esse empecilho, que é o riacho, mas sempre tem ponte, ficou melhor.

Nos fale como era desenvolvido o trabalho na infância, nos anos de 1950, 1960 e como era desenvolvido o trabalho na casa, como desde a hora do amanhecer até o fim do dia.

MC: Acender o fogo na lenha, pisar arroz, carregar água da fonte na cabeça, teava, tecia, acordava às cinco horas da manhã, às vezes até cinco. Faia rede pra vender, roupas. O trabalho dos homens eram na roça e os que gostava de mexida de gado, trabalhava também com gado, mas mais era roça mesmo.

O trabalho envolvia alguém mais além da família?

MC: Tinha trabalhador também, que trabalhava, nós trabalhava mais colocava trabalhador também, só que não era assalariado não, trabalhava por empreita.

Como eram produzidas as roças?

AM: Tudo manual, começou brocando de facão, roçava primeiro o mato, depois derrubava de machado, depois queimava aquela roça e ia cortar a madeira toda pra fazer a cerca de madeira, ninguém mexia com cerca de arame não era tudo de madeira. Aí depois foi evoluindo e começamo a arrumar cerca de arame. No começo era só arame farpado, hoje já ninguém quer arame farpado, por que com arame liso é uma cerca bem mais fácil e mais barato.

E quais os alimentos cultivados na roça?

MC: Arroz, feijão, milho, mandioca, algodão, gergelim, fava. Era tanta coisa, logo não tinha essas vendas, que vende essas coisas, tudo a gente produzia.

Qual a principal renda econômica? Era os alimentos cultivados na roça ou o gado?

MC: dependia da pessoa, tinha gente que não tinha gado, só dependia da roça, mas a gente graças a Deus nasceu numa família que já tinha e que a roça era mesmo só pra o consumo. Papai não vendia, nós as vez que plantava feijão e vendia, aquele era pra consumo.

Qual a antiga raça de gado criada e a raça criada agora?

AM: Naquela época era conhecido o gado curraleiro, um gadim comum, depois mudou para o gado gir, depois não gostemo e mudou para o gado nelore. As vez a gente faz

uma mistura, um cruzamento para gado de leite, mas sempre o leite é só pra consumo, não tem muita influência de cruzamento de gado não, porque ele é muito mais ruim de venda.

Quando que o gado passou a ser criado em pastagens feitas?

AM: Em 1950 o gado era criado solto, depois era um tempo preso e outro solto. Agora, uns dez anos, que foi passado a criar só preso. Ai ninguém soltou mais gado. Eu comecei a plantar pasto na década de 50, mas não dava pra criar o gado. Aí viemo fazendo de lá pra cá e ainda hoje, os primeiro capim que eu fiz tá criando o gado. Mudamo pra cá, mudou pra o colônia e agora é o monpassa, braquiarão, maçai e quicuia é o nossos pastos e andropol.

Quais os pequenos animais que são criados hoje?

MC: Aqui só galinha mermo, não cria ovelha, não cria bode, cria cavalo, criava ovelha, mas não tá dando certo mais porque o pessoal estava matando ovelha.

Sobre as construções das casas. Como era construído onde vocês moraram primeiro, em Canto Formoso?

AM: Lá nós comecemo a contruir, primeiro foi com palha, depois passou para ser de taipa, as parede, depois de adobo. Quando mudemo pra cá aí não construimo mais de palha, só a do vaqueiro. a mudança na construção se deu porque mudou o gosto das pessoas e porque já deu pra trazer os material da cidade, porque naquele tempo não tinha transporte, não tinha estrada.

Como era cozinhada os alimentos, o que mudou de 1950 pra cá, principalmente na mudança da utilização da cozinha.

MC: A gente começou cozinhando só na lenha, depois é que comprou o fogão a gás, mas cozinhava na lenha e no gás, dependendo do que fosse fazer. Agora faz muito tempo que não cozinho mais na lenha. As vezes é botado fogo na lenha quando tem uma reunião que não tem um fogão que possa colocar uma panela grande, um tacho, aí usa a lenha.

Frutos do mato usados na alimentação.

MC: Aqui parece que a gente nem acha mais esses frutos. Mas o pessoal de hoje em dia não gosta mais, hoje não gosta nem de chupar cana, porque de primero todo mundo gostava. Antes os menino gostava de coisa do mato, marmelada, maria preta.

Houve tempo em que houve a pesca, que houve peixe nos riachos?

MC: Agora pra nós não tem peixe não, os índios é que bota veneno na água pra matar as coisas e quando não tem quase nem água eles ainda colocam sempre, tingir na água, que aí não serve nem pra beber. Tinha época que se achava peixe, épocas atrás, muito anos a gente pescava, isso em 1960 e pouco tinha muito peixe no riacho e foi diminuindo. Agora quem quiser comer peixe tem que comprar na cidade.

Sobre os remédios caseiros, chás.

MC: Chá de cidreira, tenho duas espécie de cidreira e folha de laranja quando eu sinto moleza eu tomo. De remédio tirado do mato, do cerrado, tem o chá da catingueira, o pessoal sempre toma quando sofre de diarreia, quebra pedra de vereda.

A importância dos rios para a vida.

MC: A importância dos rios é que antes ninguém tinha poço, pegava água era dos rios, lavava roupa, até pra beber a gente trazia de lá. Depois foi feito poço pra poder ficar mais fácil pra pegar água.

Tinha muita enchente nesses riachos e hoje não, não enche mais, os açudes estão poucos, não dar pra encher. As vez até cresce a água, mas não enche pra sobrar.

Vocês ainda fazem cultivo de roça?

MC: Não

Como são feitas as pastagens hoje, já que não se faz mais roças?

AM: faz a roça só pra jogar a semente pra ter o capim. Hoje não se utiliza mais o trabalho braçal, usa-se máquina. E quando é um trabalho braçal, porque não se pode fazer de máquina, é caro demais, pra nós que não tamo mais podendo trabalhar na roça, é preferível comprar, sai mais barato, por que as vez a gente faz uma despesa pra fazer aquela roça e planta, ajeita quem planta e quando é na colheita não acha quem colha, aí fica perdido. Por isso é melhor comprar logo, o saco. O milho, o arroz, o feijão também é comprado.

Nos fale sobre o exercício da religiosidade antes e agora.

MC: mudou, por que o pessoal não estão mais gostando muito, tem gente aí que até reza, mas não juntando gente, só tem as missas, todos os anos o padre vem celebrar, tem anos que são todos os meses, outros não, cada domingo em uma casa. Na época da mamãe, todos os domingo ela rezava na capelinha que meu avô tinha construído. Ele rezava e depois que ele morreu a mamãe ficou rezando, juntava a família toda e rezava as oito horas da manhã, porque era o horário que ele achava que era bom, era com a missa, no dia de domingo. Depois ela ficou mais ruim pra andar e rezava em casa toda noite e aqui a gente reza também, sempre, qualquer hora do dia, com o povo da televisão.

Como eram as festas de quando vocês eram jovens?

MC: Tinha umas rezas de divino, tinha alguém que rezava, a gente participava da reunião. Antes, muito, quando eu era criança, tinha uma cunhada do papai que rezava dia de Senhora Santana e a gente ia na reza lá também. Já tinha festa dançante também, lá em casa a gente não participava não, meus pais não adotavam isso reunião assim.

Nos fale sobre os conflitos com indígenas e com famílias.

MC: Conflito que se fala muito é que demarcaram a terra pra os índios, mas não obrigaram o povo todo sair não. O que vimo aqui e não saimo, nem todo mundo sabe. Eu não digo que não saio, mas é preciso ser mermo puxada de dentro de casa, mas se não for, nós não sai não. Eles não produzem nada. E se Deus é por nós, quem será contra nós. Apesar da idade, nós não amolecemo não, eles andaram por aí pelo serviço (Polícia Federal e Funai), chegaram já o sol pendido e viram as coisas, mas não ficaram sabendo enm o que era nosso, por que não mandemo ninguém mostrar. Eu digo que essa força não foi tirada da gente, Deus é que deu essa força.

AM: saiu quem quis, a gente não quis, eles nunca botaram faca em ninguém para saírem de suas casas. O povo da polícia Federal e da Funai estiveram aqui e nós resistimo aquele dia todim aqui e eles querendo que a gente fosse mostrar as coisas, fazer um levantamento, nós nunca aceitamos e até hoje tamu aqui, graças a Deus. Se for um caso de um pagamento que dê pra gente comprar uma outra coisa pra gente aí tudo bem, do jeito que eles oferecem não adianta vim pra cá com carinha de bons

amigo não que eu não aceito, de jeito nenhum, por que não é possível a gente sair do que foi adquirido pelos nossos pais. Aqui não foi, mas eu já comprei com a produção que trouxe da família, então eu posso dizer que foi adquirido de herança de nossos pais, aí eu pegar e entregar tudo, eles nos deixaram alicerçado, aí entregar tudo pros outros. Eu disse pra eles, aqui nada é nosso, tudo é de Deus, então deixou pra nós se manter e criar nossa família até o fim da vida. Tomar eu não privo, agora eu entregar, não entrego não.

Como eram feitos os deslocamentos no sertão, ou seja, até onde que iam na década de 1950, 1960? De quanto em quanto tempo que saiam da fazenda? Eram mais os homens de que as mulheres?

MC: Pra comprar sal eram só os homem, só se anadava mermo de animal, não tinha outra coisa, pra Montes Altos, pra Imperatriz que a gente ia mais vezes, no tempo de festejo ou fazer alguma compra, mas sempre comprava mermo era em Grajaú. Comprava o tecido que a gente mermo fazia as costura, em Grajaú eram os homens que iam. Quase todo mundo tinha uma máquina, costurava, porque não tinha mermo roupa feita.

AM: É, as coisas eram compradas em Grajaú, ia comprar o sal e comprava mercadoria. Na década de 1970 o acesso era difícil ainda, era mais fácil um pouquin, mas era difícil ainda. Relógio, eram bem pouquinha gente que tinha. Telefone não tinha, celular veio aparecer faz pouco tempo, o primeiro celular que foi instalado aqui faz pouco tempo.

Sobre as viagens para Grajaú, na época da compra do sal, nos conte como eram feitas, os dias que duravam, por onde iam, como eram os caminhos.

AM: Ia daqui para os Altos, ia pra um lugar chamado Sambaíba e lá ia pras casinhas e das casinha é que ia pro Grajaú, passava perto da fazenda Fortaleza, a viagem durava uns três dias, pra ir era mais ligeiro, pra voltar que era uns três dias, porque o animal muito carregado e a viagem era bem mais divagar, aconteceu de ter que ir em Barra do Corda porque em Grajaú não tinha o sal, quando iam até lá, gastavam semana. Quando passava uma semana que não tinham chegado é por que tinham ido pra Barra do Corda, as vez chegava com quinze dias. Demorava até porque até a tropa ficava mais abatida da viagem que era muito longe, e os caminho ficaram muito mais longe porque era muito arrodado, hoje, sempre já se faz a estrada mais reta.

Arrodiava serras, matos, cabeceira de brejo, era pra arrodiar, porque já era pra aproveitar os lugar que já era limpo da natureza. A alimentação na viagem era frito, fritada, paçoca, e sempre ela pra comer só aquilo ali mesmo, fria. E água, carregava era numa cabaça, botava uma cordinha e aí carregava ou na mão ou amarrado na garupa do arreio. A derradeira vez que nós fizemo essa viagem, nós estava no Cachimbeiro, em 1960. Aí passemos a comprar no Montes Altos, vinha os camião, tinha uma estrada aí passava os camião por lá, a estrada era muito ruim e os camião passava a maior parte do tempo era atolado no inverno, a estrada não prestava. A diferença de hoje tá muito grande, recebemo o sal aqui, na porta, sem precisar de ir nem lá, só liga pra o pessoal da loja lá e eles mandam deixar na porta.

Nóis ia na cidade, por exemplo, em Imperatriz era uma vez por ano, quando era pequeno não ia, na adolescência já ia, com tropa de animal, aí levava a carga com a bagagem, frito, arroz, quando era meio dia, chegava pra descansar aí cozinhava uma panela de arroz pra comer com aquele frito. Em 1960 em diante já tinha camião, já aparecia camionete dum moço de Imperatriz que fazia frete pra cá e aí foi evoluindo mais as coisas. Era dois dias de viagem pra ir e pra voltar. Quando já tinha carro pra viajar nós começemo a ir mais.

Na atualidade, já tem muita gente que tem carro, nós vamos mermo mais em Imperatriz por causa de problema de saúde, resolver alguma coisa, se faz compra mais é lá, vamo no Montes Altos também, no Lajeado, pra alguma nicissidade a gente sempre tá indo.

As relações de trabalho hoje

Sempre o da mechida o da gado é contratado pra ganhar sorte, de cinco bezerros, ganha um, da cerca é empregado por peça, no caso, por peça é dez reais que a gente paga pra ele, as vez é a custa dele, as vez é a custa da gente, tem os roços de capim, quando era manual era empregado, roçava de foice, mas hoje tá sendo de trator, coloca veneno pra ir combatendo o mato, as ervas.

Vocês se consideram sertanejos?

MC: De coração

AM: Somo daqueles que só quer ir na cidade só pra fazer alguma compra ou se for pra visitar algum parente.

No geral, o que pode ser falado que mudou no sertão no longo dos anos? O que melhorou e/ou piorou?

AM: É quase toda coisa que mudou pra melhor, tem uma coisa que tá pior, muito, é a irresponsabilidade do povo, a roubalheira dos objetos da gente, some gado, some os animal, é toda coisa que eles acham é roubando os outro, agredindo os outro. Agora mesmo um rapaz que trabalhou pra mim, pegou o dinheiro e foi pra o Montes Altos e um caba tomou o dinheiro dele na estrada, tem essas coisas que tá muito pior de antes. Antes, quando nós viemo pra cá, noite de muito calor, nós dexava a janela aberta, apesar de que tem a estrada que passa bem pertinho aqui, hoje em dia não tem mais coragem de fazer isso. Graças a Deus a gente já tem energia, já tem como esfriar mais um pouco, porque não pode abrir janela. Hoje não se pode confiar em quase ninguém.

ANEXO D: Entrevista concedida por Nescival Ribeiro Rocha**ENTREVISTA COM NESCIVAL RIBEIRO ROCHA**

14 de janeiro de 2017

Nome completo: Nescival Ribeiro Rocha

Data de nascimento: 01/08/1976

Local de nascimento: Sucuriju, município de Montes-Altos

Até quando morou na localidade?

Até completar 04 anos, depois de lá eu fui morar na fazenda São João e residi lá até meus 18 anos.

Quando saiu da casa dos pais?

Saí solteiro ainda, pra trabalhar para o João Bandeira, trabalhar de vaqueiro. Fiquei três anos de vaqueiro lá, aí casei, aí foi que saí de lá. Aí fui trabalhar de vaqueiro na fazenda de outro tio, fiquei por dois anos lá, aí depois fui pra o Itinga e trabalhei por mais um anos e três mês de vaqueiro também, depois voltei pra fazenda de meu tio de novo, fiquei lá por oito mês e depois fui pra minha terra, que comprei

Nos relate como era o lugar que você morava quando criança.

A casa era de palha, parede de palha, outras era feita de adobo, o que a gente comia lá era plantando roça mesmo, colhia fava, feijão, milho, o arroz e a mandioca. Vendia um pouco e o restante era pra comer. Tinha um poquin de gado, sempre teve, muito pouco, mas sempre teve.

Nos fale sobre a vida do pai e da mãe.

A vida deles era viver trabalhando nas roças pra poder tirar o sustento pra criar os filhos e também pra vender pra comprar alguma coisa que precisava, na cidade.

Seu pai, fora a roça dele, ele trabalhava em outro lugar?

Trabalhava. Sempre trabalhava para o João Bandeira, de juquirá. O trabalho na juquirá era braçal, de roço de pasto em que se utilizava a foice, a enxada e a catana. O pagamento era feito por empreita e por diária e nós tudin (os filhos) ajudavam ele nesse serviço. Eu comecei a trabalhar tinha oito anos, roçando, fazendo tudo.

Nos fale sobre o trabalho da mãe

Era cuidar mesmo da casa e dos meninos, que eram muitos. E ia na roça também, sempre ela ficava em casa até perto de meio dia e quando fazia o almoço, quando era tempo de colheita, tempo de serviço mais manero, tudo ela tava junto.

Sobre as criações de animais no quintal.

Sempre criou galinha e porco.

Além do que vocês plantavam, quais outros produtos usados na alimentação e que era comprado na cidade?

Nós comprava o açúcar, o café e sempre lembro que nós fomos criados foi comendo milharina, comprava o fardo, usava para fazer o cuscuz de manhã. A gordura era do porco.

Nos fale sobre o que era retirado do mato (Cerrado), seja pra chá, pra remédio, seja pra comer.

Tinha muito, era o pequi, tinha muita maria preta, nós saía na chapada comendo maria preta. Tinha um morro lá, que lá tinha maria preta, saía todo mundo correndo pra vê quem achava primeiro. Tinha o bacuri, o bacupari, a marmelada, o buriti, buritirana, maracujá de macaco, cajá, tucum, macaúba, anajá, palmito da macaúba, ingá, caju, jatobá, ata do mato, velamin pra fazer o chá pra gripe, açoita cavalo para o fígado, vereda para gripe e problema de diarreia, mangabeira para corte, quando tinha um corte ia no pé de mangabeira tirava as folha e do sumo botava encima, batata de purga para diarreia e pra verme, a mamona que era feito o azeite pra matar os verme dos menino. As madeiras utilizadas eram aroeira, capitão do campo e o meju, madeira enlieirinha para fazer casa, a candeia.

Esses frutos ainda existem na localidade?

Tem, todos ainda têm. A localidade ficou dentro da área indígena, aí não foram mexidos, os buriti é que os pés tem morrido por causa da água que agora tá pouca.

Em relação as roupas que usavam. Onde compravam?

A mãe comprava os pano e ela mesma fazia, aí depois já passou a comprar roupas feitas no Montes-Altos

De quanto em quanto tempo que vocês iam na cidade?

De ano em ano ou de seis em seis meses, no Montes-Altos. Íamos a pé ou de animal, gastava um tempo de umas seis horas a pé. Saía as três horas da madrugada e chegava lá umas nove horas da manhã. Ficava lá até umas duas horas da tarde e voltava. Mas o normal mesmo era ir de animal. Nesse tempo eu tinha de oito até treze ou quatorze anos, isso na década de 1980. Isso porque tinha uma linha que o dono de um caminhão fazia, mas ele deixou, aí tinha que ir de a pé ou de animal mesmo. Nós ia de seis em seis meses. Em imperatriz era mais difícil, a primeira veís que fui lá eu já tinha bem uns dezesseis anos, parece. Não tinha ligação com Imperatriz não. O negócio era com Montes Altos mesmo.

Qual era o percurso que a família fazia?

Os menino só iam na vizinhança mesmo, casa de parentes, uns três quilômetros de distância. O meu pai ia mais longe, também na casa de parentes, ia na sexta e voltava na segunda. Não levava nós, ia sozinho. E a mãe em casa, a mãe nunca foi de sair, só saía se fosse para resolver alguma coisa. Não podia, porque com dez filhos, como que saía?

O que era feito da mandioca?

Fazia a farinha, a tapioca para fazer o beju. A farinha era vendida. Hoje tem muita gente que ainda faz a farinha, na região.

Nos fale sobre como era o manejo das roças. O tempo que era feito a derrubada...

A derrubada era feito manual mesmo, sempre o vei e os filho, entrava pra dentro e fazia. Brocava, derrubava, encoivarava e depois queimava aí que plantava. Colhia os alimentos e depois se plantava o capim, quando não plantava capim, se plantava a roça dois anos no mesmo lugar. Deixava criar o mato, roçava, tornava a queimar e plantava de novo. O arroz nós guardava no paiol. Fazia um girau alto do chão aí carregava o arroz na carga e botava lá. Todos os dias de manhã nós pisava o arroz, ohh tristeza e era cinco horas da manhã, o frio acabava na mesma hora. O feijão era colhido e debulhado, guardado no saco.

Sobre o trabalho de vaqueiro. Como era feito?

Eu trabalhava com gado e nas horas de folga trabalhava na juquira que era pra segurar os bezerros, pra não vender. O ganho era assim, de dezoito bezerro que nascia eu ganhava um, por que eram três vaqueiros. Já quando eu trabalhei no Itinga era um salário, carteira assinada. Na outra fazenda eu ganhava de seis bezerros que nascia eu ganhava um.

Como e quando foi a compra de tua terra?

Quando eu trabalhei na última fazenda eu já tinha a terra. Isso em 2001 e 2002. Eu fui de vez pra minha terra em 2004, mas era outra, de nome Jenipapo. O nome de onde estou é no lote 10, fui em 2012 pra essa. Lá no Jenipapo eu já mexia com mamão e banana, só que não era irrigado. Eu também criava um pouquinho de gado, criava também galinha, porco e sempre vendia galinha, já o porco só pra o consumo. Quando comecei a plantar o mamão e a banana, eu vendia pra um rapaz aqui no Lajeado e ele levava pra São Luís, o mamão a gente sempre vendia pra fora e a banana pra Imperatriz.

Do tempo que você se tornou vaqueiro, você já começou a ir mais na cidade, como Imperatriz?

Tudo passou a ser no Lajeado e quando mudei em 2001 pra o Lote 10 eu passei a mexer com irrigação, plantando a mesma coisa, mas sendo irrigado.

E sobre financiamentos para a produção?

Desde o Jenipapo que eu comecei a mexer com banco, quando eu comprei a terra, aí comecei a mexer com o Pronaf, ainda hoje tenho projeto com o Pronaf.

O que você produz hoje, como é o manejo da terra e que técnicas são utilizadas?

Eu planto o mamão, a banana, a abóbora, o milho e o arroz, o feijão e o inhame. O manejo aqui é diferente, já é na máquina, é toda arada. Agora uso o mesmo espaço de terra para plantio, direto. No inverno eu planto milho e o arroz e no verão eu planto a abóbora e a melancia. Aí eu jogo fertilizante, adubo e uso também o veneno.

Como era o curral, lá quando você morava com o seu pai e o curral na sua propriedade de agora?

O curral de meu pai era de varão, de estaca e agora não, agora já é de madeira cerrada. E lá não era coberto. Os currais de outras fazendas, onde eu trabalhei de vaqueiro, uns não era coberto, mas já era de madeira cerrada. Era coberto de telha brasilit, isso no ano de 1999 a 2000.

Pra onde que vende, hoje, o que você produz?

Hoje eu vendo pra Marabá, pra Teresina, Imperatriz e um pouquinho para Porto Franco. Os camião vão buscar na roça, sempre entrego no sertão, não vendo na cidade.

Fora a roça, você continua trabalhando com gado?

Continuo, agora é criado no pasto, não mexo com confinamento e nem crio solto nas chapadas. Ainda tem algumas pessoas que cria solto, mas aqui não tem como, não tem mais essas áreas, as propriedades agora estão menor e cercadas.

Para onde são teus deslocamentos, hoje?

Lajeado Novo eu vou diariamente. Os outros que mais frequento são Porto Franco e Imperatriz. Nesses lugares eu vou três vezes por mês, em Porto Franco é resolver negócio de banco e em Imperatriz é comprar alguma coisa mais, tudo é lá em Imperatriz. Lá em Imperatriz eu compro os venenos para as pragas. Compro também coisas para a alimentação, na cidade. Compro farinha, milho, a gordura nós não compra, o arroz também não. E compro açúcar, café, coisas de limpeza, fruta eu produzo, leite também é da fazenda.

Em sua concepção, o que mudou de 1980 até os dias de hoje, principalmente em relação à vida?

Minha vida melhorou muito, hoje eu tenho uma estrutura da fazenda, tudo organizado, naquele tempo até mexer com gado dava um trabalho danado e agora não, hoje está tudo estruturado, tem energia elétrica, água encanada, estrada boa, mudou 100%, agora tem telefone, televisão, tem tudo. Hoje eu tenho transporte, tenho carro, tenho moto.

Você acha que a vida está melhor hoje?

Está bem melhor, pra nós mesmo, melhorou demais, nós mudemos 90%. Comecei lá de baixo, fui trabalhando, trabalhando, hoje eu não reclamo de minha vida não, tá muito é boa.

Mas você acha que com todas essas mudanças que falamos, devido à situação de quase isolamento em que viviam as pessoas, onde o sertanejo era tido como atrasado, brabo e rude e onde hoje, e que o sertanejo passa a ter uma vida muito ligada à cidade, energia elétrica, meios de transportes rápidos e comunicação rápida. Você acha que ainda existe o Sertão?

Existe, mas não tem ninguém atrasado não, hoje, até o povo do sertão está mais avançado já, não é igual ao da cidade não, mas todo mundo já tá bem avançado na tecnologia, com tudo.

Para você, o que é ser sertanejo hoje?

Eu me orgulho de ser sertanejo. Sou sertanejo porque ainda vivo no sertão e meu pai me ensinou a trabalhar no sertão, um meio de ganhar o sustento lá no sertão, por isso eu não saí de lá.

O que você aprendeu na sua infância que você guarda/pratica até hoje?

Acordar cedo, às cinco horas da manhã, isso aí foi uma coisa que eu nunca mudei, que foi meu pai que ensinou. Pode ser um dia de domingo, mas no máximo seis horas eu já estou de pé.

ANEXO E: Entrevista concedida por Maria Do Nascimento Barros**ENTREVISTA COM MARIA DO NASCIMENTO BARROS**

15 de janeiro de 2017

Nome completo: Maria do Nascimento Barros

Data de nascimento: 1949

Local de nascimento: Fazenda Piranhas

Nos conte a história da fazenda Piranhas, quando que foi situado, quem que situou.

Foram meus avós, depois meus pais que ficaram aqui, nasceram aqui, casaram e morreram. Fizeram essa casinha aqui que ainda hoje tá, com mais de duzentos anos, era do tempo dos escravos, dos revoltosos, que eram aquelas pessoas que viam tomando tudo. E as pessoas escondia animal, era aquela coisa e disse que as rolinhazinha é que ficavam apagando o rastro dos animais, pra onde tinha sido levado o gado. Essa era história assim dos mais velho. Mas nem sei contar direito, porque a gente esquece.

Nos fale sobre seu pai e sua mãe. Como era a vida deles na fazenda?

Sempre trabalhando na roça, lá na roça, fazia um ranchin, botava lá o primeiro filho que nascia e deixava a casa fechada. Aí plantar na enxada, tudo na enxada.

Como era a criação dos filhos?

Botava professor em casa, era a carta de abc que estudava, aí passava para o primeiro ano, o terceiro e o quarto. A gente estudava até o quarto ano.

Nos fale sobre o trabalho da mulher na roça?

A partir de quando sabia passar o pé numa cova de arroz já ia, eu mesma passei muito o pé em cova de arroz. Pegava aquele tantin e colocava dentro das cova, um ia tampando e outros três, quatro cavando. Na hora de derrubar a mata e queimar era o homem, na hora de plantar a muié tava dentro. E na colheita, com um cofo amarrado na cintura, com as faquinha de ferro encabadim com pau pra não cortar muito as mãos da gente com talo de arroz. Por causa do sol grande, amarrava um pano na cabeça, com uma camisa de manga comprida e calça comprida.

E aqui na lagoa nasce um junco faz esteira pra animal, faz esteira. Aí eu formei um chapéu, aí a gente se ensombreira todin, junco é um matim que nasce no brejo. Começava o trabalho junto com os home, uma hora nós tava metida e de manhã ia cedin.

Como era a labuta com a casa?

Carregar água da fonte, do riacho, panhava água na cabaça, trazia no ombro, na cabeça. Trazia o pedaço de sabão ou sinão deixava lá, na coité ou num casco de cuia. Os afazeres de casa, nós tudo fazia junto, mamãe ia pro Grajaú, nós ficava de conta da cozinha. E toda vida tinha gente hospedando em casa, tinha os trabaiadó, os parente da gente, amigo. Aqui era o ponto de passagem de todo mundo pra o Grajaú de animal e ficava hospedado aqui.

Trabalho artesanal

As casas aqui, as telhas foram feita na olearia, com um barro daqui mesmo. Pote, eu ainda fiz pote, prato de barro, coisa mais importante.

Aspectos do modo de vida

Toda a vida a gente cozinhou com óleo de porco e mais era linguiça que a gente comia. Da tripa do gado, enxia de carne e às vez para não arruinar, guardava ela ssim numa malmita. Cozinhas no fogão de lenha, ainda hoje nós tem o fogão de lenha, acordava cedo, às cinco ou cinco e meia da manhã, dependesse se fosse para ir pro serviço, fazer alguma coisa, aí acordava cedo, buscar água para aguar planta, esses pé de manga. Foi feito umas cacimba tudo acima do riacho, que era pa ficar mais perto, esgotava, fazia os canteiros, planta as cebolas de cabeça, o alho, o tomate, cuentro e a cebola. Hoje nós ainda planta, mas tá mais difícil, não sei por que não tá dando certo. Eu planto cuentro e quando se vê ele se acaba, nasce mesmo divinamente, mas não vai pra frente.

O que era plantado na roça?

Primeiramente a melancia, abóbora, maxixe, quiabo e aí vinha o arroz, o milho, o feijão, a fava, a mandioca, macaxeira, inhame.

Então tudo do consumo da casa era produzido na propriedade?

Era, só era comprado na cidade o açúcar, o querosene, o remédio e o tecido pra fazer a roupa. Quando eu nasci os comércio já tinham tecido, não tinha era roupa feita. Aí minha prima morava em Goiânia e ela lá já comprava roupa feita. Aqui nós fazia, tinha as costureira, fazia o sutiã. E era bem vestido, tinha que ter a anágua. A mulher então tinha que fazer os trabalho de casa, se tinha máquina, era na máquina, senão era mesmo na agulhinha de mão. Nós primeiro tinha máquina de mão, depois que compramo a de pé, quando mamãe nasceu já existia essas de mão. Aí costurava ela nela. Na época havia os teares, nós mesmo aqui não fazia, mas tinha as pessoas de perto que fazia. Primeiro descoraçava o algodão de noite e depois de manhã ia buscar água e depois puxava pra fazer os cordão.

De quanto em quanto tempo vocês iam em Grajaú?

Uma vez no ano. Descansava era aqui mesmo, que tinha menino. Não tinha essa história de pra rua pra ganhar menino. Hoje, a mulher tem a tal de fazer as previsão e tal, tal pra ganhar, já vão pro Grajaú e as vez ainda passa um mês pra lá ainda. Tudo era aqui, vinha a parteira pra pegar, ficava em casa, as vez era longe, buscava de animal, de pé. Eu fiz parto, mas comigo nunca aconteceu de uma mulher morrer de parto, morria muita mulher, minha tia, casada com meu tio, o menino veio atravessado, quando resultou de levar na rede. Ela morreu, não teve como sobreviver.

Nos fale sobre a dormida

Sempre as pessoas usa a rede era de imbirá, as vez fazia as rede de tecido, aí botava uns pano em cima. Aí tinha de réi também, as mulheres que fazia. Também enchia, fazia um sacão grande de pano e enchia de capim de cheiro, enchia os colchões de dormir. A cama era de paus enfiado no chão, maas meu pai tinha uma cabeça muito boa, era carpinteiro. Aí fazia as camas. Meu pai fazia carro de boi. Nós usava carro de boi para carregar madeira, cana. Trator custou a aparecer.

Quando que vocês deixaram de ir em Grajaú de animal?

O primeiro carro que apareceu aqui foi de meu tio, casado com minha tia. Isso nem sei quando. Mas o casamento, eu lembro que meu pai foi de animal, carregando as cargas de burros, os frito, as coisas.

Como é a relação com a cidade, hoje?

Hoje tá pertinho, você vai duas, três vezes por dia. Num instante tá lá, num instante tá aqui. Mas eu não me acostumo na cidade, quando eu chego lá volto na merma hora, no mermo dia. Eu gosto da temperatura daqui, o ar daqui é muito maravilhosos, a água, não tem muriçoca, quando chego na cidade eu fico sufocada no calor.

E sobre a mulher, como que eram feitos os tratamentos, lá pela década de 60 e 70, porque não havia muito o ter que comprar remédio?

Nóis fazia garrafada do mato, tinha pessoa que entendi em Grajaú, das doença. Ai nóis ia de animal e contava aquela história do que tava sentindo. Era pílula contra, quatro mora, carmelano quando tá tossindo. Do mato tinha muita coisa, fava de sucupira, eu mesmo curei um problema de garganta com sucupira. O limão é bom pra dor de barriga, dor de estômago, você espreme o limão e bota um pouquin de água e toma, fica bonzin. Nóis ainda utiliza muito de remédio natural. A flor do caju é bom pra os rins, o quebra-pedra é bom pra os rins, a folha de mamão amarelo quando a comida faz mal. A mangabeira pra gastrite, cipó de escada pra toda dor.

Os pés de frutas plantados

Os frutos plantados tem o coco, a jaca, o abacate, a banana tá ruim pra dar, se acabou. E assim é em todos os lugares, as coisas se acabando. A água do riacho é boa e não secou.

Modo de lidar com a terra

As terras aqui era tudo de família, passando de pai para filho. Mas os novo não querem conservar e venderam e tão desbando, derrubando tudo e eu encima dizendo: olha a cabeceira da água. Aqui nunca teve um desmate desse. Desmatando pra plantar soja, arrancam até a raiz, aí cadê a raiz, cadê a frieza para conservar a água.

ANEXO F: Entrevista concedida pelo Senhor Paulo Rosa de Andrade

ENTREVISTA COM PAULO ROSA DE ANDRADE.

23 de julho de 2017

Mineiro de Paciguara- MG, está em Grajaú desde 1976

Quando você veio para Grajaú?

É o seguinte, eu vim para cá em 76, por motivos que, as terras lá em Minas foram ficando muito caras. Aí aqui as terras eram baratas, na época, então você vendia uma parte delas e aí comprava mais aqui. Isso quando cheguei aqui era roça de toco, o gado, era esse gado que se assim a solta, o curraleiro, não tinha pasto, não era um gado de qualidade, nem pra leite e nem pra carne. Para vender para os frigoríficos não funcionava não, até porque não tinha pasto e não era aquele gado gordo.

E o problema maior aqui foi as estradas, não tinha, tinha essa BR aí, mas os sertões não tinha estrada e a BR não era asfaltada e isso atrasou muito, foi um atraso grande demais, só muito depois a estrada foi pavimentada, em 1998.

O desenvolvimento da zona rural, ele só cresce se tiver tecnologia, era muita mata, muita coisa, uma natureza assim bonita, mas só que não funcionava, igual os índios, morre de fome lá, por que se não produzir, né! E essas lavouras de toco, você faz aquilo, mas sai caro, vai só estragando a madeira, vai jogando aquilo no chão e vai virando as capoeiras, fica pior ainda. E para formar pasto, dificilmente forma pasto na lavoura de toco. Era pastagem pequena, aí o que se sucedeu... eu... nas coisas, às vezes a gente paga um preço pra tudo. Aí começou aqui as lavouras mecanizadas, uso de trator, mas timidamente, porque não tinha estrada para escoar a produção, não tinha estrada pra se chegar nas lavouras, chovia muito, era um problemão. E também não tinha uma indústria, nem nada, então ficava no arroz, no milho, era isso. Aí com o tempo asfaltou a estrada e a coisa mudou, junto com essa estrada asfaltada veio a siderúrgica, que passou a comprar a madeira que antes era desperdiçada, que ia tudo para o fogo. E com essas, que o povo fala que foi uma coisa terrível, que prejudicou muito, mas ajudou muito a região, por que em troca da madeiras eles quebravam, passavam e tiravam a lenha. Aí ficava fácil de fazer a lavoura e também fazer os pastos, que aí você mecanizava.

Eu vim pra cá por causa da agricultura, sou um homem rural, criei gado também, mas não foi lá essas coisas, porque para criar o gado você tem que fazer o pasto e o pasto fica muito caro, então você tem que aproveitar a lavoura pra três ou quatro anos, salvar um pouco daquele dinheiro que você empregou para formar em pasto e até para acabar com o mato também, porque aqui é muito forte a natureza, recompõe rapidamente. Aí com o evento dessas carvoeiras deu muito emprego para o pessoal e alavancou a agricultura, porque eles também fizeram estradas, aonde tinha uma carvoaria eles levavam a estrada e ali por perto já surgiam as lavouras com as

estradas prontas. Então foi um avanço muito grande as carvoarias. Elas não veio para estragar a natureza, no nosso caso, porque já estavam sendo feito queimadas, ela aproveitou dando muito emprego e o que foi até muito classificado como uma coisas assim de escravização, mas quem viu isto e estava aqui, se não fosse esse pessoal a gente tava lá na idade da pedra.

A situação de trabalho era pior, pois não tínhamos as estradas, não tínhamos as lavouras, e o município aqui, para você ter uma ideia de quando eu cheguei, ele era muito grande. E na época o prefeito aqui era muito interessado, ele trabalhou nessa área toda, mas não dava, porque era muito grande, não dava para a prefeitura manter. Mas depois, com a lavoura, já veio as máquinas, já começou a progredir.

As nossas dificuldades aqui foram tremendas, a gente tinha uma terra grande, fez investimento nos bancos e isso não surtiu efeito, porque perdemos lavoura na hora de colher.

Eu plantei arroz, milho, então eu perdi lavoura por falta de colhedeira. Quando a gente saiu de Paciguara já tinha ocorrido mudado, as carvoarias também ajudaram muito lá. O que sucede é que as pessoas falam que acabou com a natureza, e isso é verdade, mas você ver também que os índios estão aí no meio da mata e passa fome se não vier comer aqui. É uma questão de sobrevivência e eu acho que a agricultura não peca muito porque as pessoas desmatam o tamanho certo, o que é de lei, eu pelo menos fiz isso, deixei as áreas de reserva as APPs, fiz aquilo que a lei manda e a maioria dos agricultores fizeram isso. Então hoje a produção está maior porque tem estrada tem como escoar e juntou esse tanto de pessoas que vieram e cresceu a produção, você ver que tem armazém já, onde põem a soja e fazem conexão com Porto Franco. Na verdade, que com a estrada veio a tecnologia e a lavoura não pode ser pouca, pois é uma coisa que, para dar lucro ela precisa ser grande, o investimento é grande, é trator é colhedeira, é plantadeira, para você ter uma lavoura pequenininha não compensa. Então hoje, por exemplo, com essas lavouras aqui, tem um avião que faz esse trabalho de pulverização, ele pulveriza melhor que o trator.

Como era em 1970, como eram as pessoas, como trabalhavam?

Era uma pobreza instalada, porque ninguém trabalhava assim, o gado que o pessoal trabalhava, era solto, o gado, não tinha pasto. Os fazendeiros, donos de terras, tinha aquele gado e tinham os vaqueiros que ficavam ali trabalhando e alguma lavoura de subsistência, que era o arroz. Então era muito sofrida a vida, sem estrada, nós não tínhamos energia, não tínhamos nada aqui. Quando eu cheguei aqui, isso aqui não tinha ainda telefone em 1975, não tinha televisão, sendo que a gente deixou lá até televisão a cores, naquela época. Então a gente enfrentou dificuldade até para comunicação, era um rádio amador aí para falar. A gente almejava crescer e pensava de toda maneira, então teve umas pessoas visionárias na época, que foi o prefeito, que começou a muda um pouco a cara e depois as coisas começaram a acontecer. O Grajaú era muito pequeno, para você ter uma ideia era aquilo lá no centro, para

você comprar uma carne era preciso você pegar fila e carne era de gado magro, eles vendiam o que eles queriam, você tinha que comprar a carne e os ossos também, era na rola, como eles falam, então era difícil. O comércio era extremamente difícil, você não achava nada para você comprar de diferente, era só mesmo o sal, o açúcar, a farinha e então você não tinha opção.

O que de diferente você achou em relação ao modo de vida que você tinha em MG e o modo de vida das pessoas daqui?

Primeiro, a dificuldade foi a seguinte, lá a cidade já era toda asfaltada, também o telefone, a televisão. Então quando chegamos aqui perdemos tudo isso, e a gente via, perdi lavoura, foi uma quebradeira danada. Morei na fazenda por 20 anos e não tinha energia, depois que saí foi que chegou energia lá. E o pessoal era pobre, não tinha como ganhar nada, porque era uma diariazinha, uma coisa, não tinha emprego, hoje não, hoje o Grajaú não tá só em cima do comércio não, tem a prefeitura que emprega muito, tem o gesso, tem a agricultura, tem a pecuária, então são várias as ramificações que emprega.

Isso aqui para você, quando chegou em 75, era um sertão? Isso mudou depois?

Sem dúvida nenhuma.

O que significa o sertão para você?

O sertão eu acho que precisa ter lá suas coisas, você não pode viver lá isolado. Hoje eu não tenho mais isso aqui como um sertão, hoje o Grajaú acredito que mudou muito, a energia tá de canto a canto. Só que esse pessoal, a maioria, migrou para a cidade, não ficou no sertão não, porque aqui, na época, a cidade e o sertão não tinha muita diferença não. E era muita gente lá, mas com as coisas crescer, melhorar os estudos, veio as universidades que não tinha, não tinha nem segundo grau aqui na época. Agora o sertanejo começou a estudar e fica só uma pessoa ou outra lá. As famílias, dificilmente você encontra mais. Mas isso está acontecendo em todo o Brasil, né.

E essas pessoas que moram lá hoje, ainda são sertanejas mesmo ou já estão tão integradas na cidade que já não são mais aqueles sertanejos de 1976?

A diferença é grande, você vai lá no centro lá, tem internet, tem televisão. Essas pessoas estão interligadas, estão sabendo do que estão acontecendo, são bem informadas. De primeiro não, as pessoas não tinham um mínimo de conhecimento, as pessoas não tinham nem noção do que poderia ser as coisas mais simples.

E a forma de trabalhar em 1980, não tinha uma legalização do trabalho. Isso, também, mudou hoje?

Está legalizada em parte, por que tem aquele trabalhador que ele não é efetivo. Porque você precisa de uma pessoa na fazenda, daí você leva a pessoa, faz uma empreita para fazer um serviço. Mas tem aquele que fica lá na fazenda, aquele sim, tem muita gente de carteira assinada obedecendo todos os trâmites da lei.

E sobre o uso da tecnologia, ela chegou no sertão. Então praticamente em todos os lugares é com o uso da máquina?

Além da máquina a tecnologia, tá sendo assim hoje, tá usando as máquinas modernas. Então tem as plantadeiras, tem os armazéns. Tá tudo muito bem estruturado, embora no início ainda.

Para você, qual a função da terra?

É de apego e de produção. Eu nasci na fazenda, embora eu tenha perdido muito, a gente vai sofrendo muito nesse meio, a gente vai ficando meio velhaco. O lucro tá sendo assim tímido ainda, eu arrendei as minhas terras, porque? Eu tenho 170 hectares, é pouco para tocar lavoura, agora estão produzindo soja e milho lá. Então não é essas coisas, agora a terra está melhorando porque todo anos eles estão jogando um adubo lá, no caso mantendo ela limpa para não ematar. Hoje já tá fazendo o plantio direto, porque de primeiro era. O transgênico você aproveita, o veneno é seletivo, não mata o transgênico, nem o milho e nem a soja. Então aquela coisa que gastava com trabalhador, aquela coisa de facão. Agora você tem uma lavoura de 200 hectares, você pega um avião e joga veneno nela todinho, fica só a soja e o milho. Se fosse para tocar com gente... não dava.

O pessoal que tem essa visibilidade são todas de fora ou você conhece alguém da região que trabalhe com tecnologias modernas?

Aqui teve muitos que tocou com a lavoura mecanizada, mas com essa tecnologia, eles já foram saindo de linha, porque é preciso ter uns equipamentos e precisa ter conhecimento mesmo, fazer seleção das sementes. E Embrapa tem ajudado muito nisso aí. Então a tecnologia ela encarece um pouco mais por causa das ferramentas, tem os empréstimos. Hoje, devagar o agricultor está saindo de banco, hoje as firmas já estão financiando com o preço certo. Você vai plantar tantos hectares de soja, daí já te é arrumado a semente, o dinheiro, para você pagar ele com a colheita, já com preço vinculado. Melhor que o banco, porque você já tem o comprador certo é só você entregar. Tá acontecendo isso, tanto na agricultura como na pecuária.

O Grajaú hoje é outra cidade por causa da agricultura. As pessoas que foram desempregadas no campo foram remanejadas para outros setores. Não colhe mais o arroz na mão, mas trabalha nas empresas, nos armazéns.

ANEXO G: Entrevista concedida pelo Everton dos Santos

ENTREVISTA COM EVERTON DOS SANTOS

24 de julho de 2017

Oriundo de Marialva-PR desde 2008

Porque que veio para o Maranhão?

Eu vim por causa porque lá pra mim e para minha família, as terras que a gente tinha lá era pouca e eu queria algo melhor para a minha família. Então a gente vendeu a que tinha lá e já tinha uma pessoa conhecida aqui. Ele vendeu lá. Daí viemos com pouco dinheiro, mas um dinheiro que dava para conseguir um pouco mais de terras do que lá. E as terras daqui são produtivas. Foi o que me trouxe mesmo. Daí produzimos a mesma coisa que lá, só que aqui não faz safrinha.

Você já veio com o objetivo de plantar soja?

De plantar soja. Exatamente!

Quando você veio, tinha muitas terras disponíveis para serem comercializadas?

Quando eu vim tinha muitas terras, muitas terras disponíveis. Naquela época eram baratas. Agora tem muita terra também só que um pouco mais caras, mas ainda tá num preço acessível para quem quiser vim

Como eram as terras, as estradas, o fluxo de pessoas quando você chegou?

Em 2007/2008 quando eu vim pra cá essa rodovia 226 aqui era pouco rodada, tinha pouco movimento, porque a gente tinha uma propriedade na beira da rodovia e a gente via, hoje em dia o fluxo já está bem maior, principalmente caminhões no sentido Teresina e São Luis.

Então, terra boa, terra produtiva, terra argilosa, com pouco de areia, mas com argila boa.

A forma de lidar com as pessoas, o que você achou de mais diferente?

Os costumes das pessoas são todos diferentes dos da gente. Aqui nós vamos se adaptando a elas, não são elas que tem que se adaptar a nós, que a gente que veio de fora, eu, minha mulher, meu pai e meu irmão, a gente tá se adaptando. Hoje em dia já tá tudo beleza, já tenho vários funcionários daqui mesmo de Grajaú.

Qual a diferença que você achou na forma de lidar com a terra. Comparando o PR com o MA?

Lá era um pouco mais fácil, aqui é um pouco mais bruto, mais cansativo. Aqui o período de plantio é um pouco mais curto que o de lá, as chuvas aqui são poucas, são 4 a 5 meses só de chuva, resto é período de seca. Aqui temos que plantar rápido, bem rápido, e lá não, lá o período é um pouco mais longo. Aqui eu começo a plantar início de dezembro e a colheita é início de abril.

E depois da colheita, vocês fazem outro cultivo?

Se conseguirmos colher cedo e ver que se tem previsão de chuva, a gente joga o milho para fazer uma cobertura da terra, só. Safrinha eu acho muito difícil, ou talvez um feijão, porque o período dele é mais curto e não precisa muito de chuva. A terra é sempre é reaproveitada, não toda, porque como eu e minha família planta mil hectares, então vamos supor que a gente consiga fazer uns trezentos a quinhentos hectares de milho, porque é a área que você colhe primeiro, porque no restante já acabou as chuvas, então não adianta você fazer mais nada, aí você deixa ela quieta, deixa ela crua, daí você vai fazendo manutenção de calcário.

Na época de plantio precisa revolver essa terra novamente?

As áreas velhas não, só as novas. A maioria que eu tenho que é tudo velha, eu faço o plantio direto.

Para onde que vai a produção?

Ela é escoada pra Porto Franco, aí de lá, no trem vai para São Luís. Mas agora, abriram um silo, o pessoal também do Paraná e agora a gente deposita no silo e as firmas vem comprar ali, mas não todo mundo.

E sobre o modo de vida. O que você achou diferente de lidar com a terras pelas pessoas daqui?

Aqui eu vi muita dificuldade de mão de obra, você conseguia arrumar pessoas para trabalhar no braçal, mas não com trator, colheitadeira ou plantadeira, era muito difícil, mas aí eu fui adaptando, ensinando. E agora pelo menos uma parte eles já dão conta de fazer.

Você tem a fazenda e sua lógica da fazenda é a produção que é seu meio de vida, que é diferente de muitos sertanejos aqui, que além de criar o gado, mas a lógica é também de lugar de morada. É isso?

Minha lógica é essa, minha terra é situada a 23 km da cidade. Não moro no local, eu e minha família moramos na cidade, mas a minha renda é só de lá.

E o que você acha que mudou alguma coisa na região, desde a época que você chegou?

Aqui evoluiu bastante, desde a pecuária, quanto a agricultura, quanto a cidade também evoluiu. Porque aqui era difícil arrumar peças, não tinha vendedor de químicos e agora, hoje em dia, já tem muita gente rodando a região, já. E fica mais fácil, tanto como peças, quanto maquinários, adubos, químicos.

Você acha que o sertanejo de raiz ainda existe na região?

Existe, cada vez vai diminuindo, mas existe muitos ainda aqui.

Mas seria o caso de a gente tratar a região ainda como um sertão, ou ela não é mais um sertão? Existe o sertanejo, mas não existe o sertão?

De oito a nove anos que estou aqui, vejo que está crescendo bastante, então esse povo vai se apertando, vai se afunilando, então quem conseguir produzir fica na terra, agora que não conseguir, infelizmente vai ter que ir para a cidade. Eu acho que ainda pode chamar de sertão, ainda.

Por que você acha que pode?

Por que a gente ainda ver muitas pessoas que produzem, feijão, milho. Não soja que é uma cultura um pouco diferente, mas o milho e o feijão e outras coisas aí, ainda estão produzindo.

Qual a principal dificuldade hoje e/ou conflito do que possa acontecer, da forma como estão as coisas de roubos e etc.

Medo de mercado interno ou externo não temos medo, segurança de fazenda também não tivemos problemas. Já ouvi falar de áreas que ficam próximas às reservas indígenas, pois os indígenas tacam fogo na roça e notarem que estão sozinhos podem roubar algumas coisinhas. Mas não quer dizer que seja indígena, o branco aproveita da situação.

O maranhense tem uma forma diferente de produzir a terra em relação ao sulistas?

Sim. O povo do Sul tem o costume diferente. E lá o cultivo sempre foi mecanizado e aqui não, aqui era no bruto, no machado, no braço. E o povo sulista tá vendo que a terra daqui é produtiva e estão vindo, estão se enfiando aqui no meio, no Maranhão todo.

Diante de tudo isso, você acha que o maranhense também é obrigado a mudar, por causa do desenvolvimento que chega?

Não, é... o desenvolvimento tá indo para todos os lugares, aí ele tem que se adaptar. Se ele ver que dar conta de sustentar a família, os filhos estão crescendo, precisam estudar. Se não tiver como tirar isso aí da terra para dar para os filhos. Tem que se desfazer da terra pra ir para cidade.